

«Bem-vindo à tua nova
obsessão.»

ERIN KELLY

«Uma estreia brilhante com
pormenores obscuros.»

CAROLINE KEPNES

A MORTE DE UMA LIVREIRA

A stylized illustration on the right side of the cover shows a tall stack of books. A snail is perched on the top book, facing left. On the left side, a glass is tilted, spilling a dark red liquid (like juice or wine) onto the surface below. The liquid is dripping down the front edge of the cover.

«Um *thriller* completamente absorvente.»

ABIGAIL DEAN

A L I C E S L A T E R

BESTSELLER DO THE SUNDAY TIMES

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

«Devuélvete a tus nervi-
chosos»
«Devuélvete a tus nervi-
chosos»

A MORT

DE

UNA

MURDER

«Un thriller completamente descon-
certante»

NICK SPARKS

REVIEWED BY THE NEW YORK TIMES

A MORTE

DE

UMA

LIVREIRA

ALICE SLATER



Ficha Técnica

Título: A Morte de Uma Livreira
Título original: Death of a Bookseller
Autora: Alice Slater

Tradução: Pedro Branco
Revisão: Isabel Garcia

Capa: adaptação de Rui Rosa/Leya sobre ilustração de
ISBN: 9789892359229

Copyright para Portugal: © Gailivro, uma chancela das Edições ASA II
(uma editora do Grupo LeYa)
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

Copyright: © 2023, Alice Slater
Publicado originalmente na Grã-Bretanha, em 2023,
pela Hodder & Stoughton.
Uma empresa da Hachette UK

Copyright para Portugal: © Gailivro, uma chancela das Edições ASA II
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.leya.com
Email: gailivro@gailivro.pt
www.gailivro.pt

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

Ficha Técnica

Prólogo

Setembro de 2019

Roach

Laura

Roach

Laura

Roach

Laura

Roach

Laura

Roach

Laura

Roach

Laura

Roach

Laura

Outubro de 2019

Roach

Laura

Roach

Laura

Roach

Laura

Roach

Laura

Roach

Laura

Roach

Novembro de 2019

Laura

Roach

Laura

Roach

Laura

Roach

Laura

Roach

Laura

Roach

Laura

Roach

Laura

Roach

Dezembro de 2019

Roach

Laura

Roach

Laura

Roach

Laura

Roach

Laura

Roach

Laura

Roach

Laura

Roach

Laura

Roach

Laura

Roach

Laura

Roach

Laura

Roach

Laura

Roach

Laura

Roach

Epílogo: Parte 1

Epílogo: Parte 2

Agradecimentos

Para o meu pai, Nick

«Há uma atração pelo repulsivo.»

David Wilson, *A History of British Serial Killing*

Prólogo

Laura Bunting. O seu nome evocava festas em jardins, Wimbledon e casamentos reais. Era salões de chá pirosos, de espírito intrépido, e bricabraque para venda em salões luminosos da igreja. Era também bancas de tiro ao alvo em feiras, as vendas de bolos e o jogo do adivinha-o-peso-do-raio-do-bolo.

Pele clara, cabelo louro e olhos cor de avelã. Curvilínea, com cerca de um metro e sessenta e cinco de salto raso. Uma série de sinais cor de chocolate no peito, pescoço e braços. Um brinco prateado na narina esquerda, uma cicatriz de um *piercing* cicatrizado no lado direito do lábio inferior. A parte superior dos braços e as barrigas das pernas estavam cobertas de tatuagens desbotadas e *clichés*: uma âncora, uma sereia, uma rosa em flor. Um par de andorinhas em voo, uma em cada ombro, a voar em direção ao seu coração. Um ramo de alfazema no interior do pulso.

Laura, com os seus vestidos *vintage*, as suas boinas, o seu batom carmesim. Os seus cigarros enrolados à mão e o perfume de óleo de rosas que perdurava.

Laura, com a sua poesia.

Laura, com a sua tragédia.

Oh, como o resto da equipa adorava a preciosa Laura. Não havia nada que ela não fizesse, nenhuma secção de que ela não conseguisse dar conta. Negócios? Um prazer. História? Canja. Até os trabalhos mais aborrecidos se transformavam em tarefas fáceis quando Laura os executava: limpava carrinhos, inflacionava os preços das caixas de brinquedos baratos e arrumava os livros mais obscuros.

Transformou a tarefa de aspirar aos domingos de manhã numa valsa rápida e ligeira pelo chão da loja, desligando o aspirador para conversar e rir com os vendedores à medida que ia passando. Parecia que tinha algo a dizer a toda a gente, uma pequena piada ou uma notícia que a fazia pensar neles. Ela encaixava-se tão bem, como se tivesse estado ausente durante muito tempo e a loja estivesse contente por a ter de volta.

Tínhamos uma ligação, embora ela fosse demasiado arrogante para reconhecer. Comigo, limitava-se a rápidos acenos de cabeça, pequenas palavras de lábios cerrados ou um franco olhar de desagrado estampado no rosto. Ignorava as minhas tentativas de criar laços, não se interessava pela

nossa história comum. Na verdade, passava a maior parte dos turnos que fazíamos em conjunto a olhar diretamente através de mim, passando pela caixa sem sequer virar a cabeça na minha direção.

No Natal, Laura Bunting tinha desaparecido. E a culpa era minha.

Setembro de 2019

Roach

As luzes de néon que encimavam a cúpula da Brixton Academy brilhavam como o vômito projetado no filme *O Exorcista*. Passava um pouco das seis e os *normies* já estavam na fila, formando uma artéria espessa que serpenteava ao virar da esquina para a escuridão crescente, passando por contentores industriais a transbordar, pilhas de caixas de cartão esmagadas e poças de mijo que escorriam para a sarjeta.

Magotes de mulheres conversavam enquanto verificavam o batom nos espelhos de bolso e tiravam *selfies* alegres e de olhos vazios. Eram do tipo que sentia um arrepio de excitação quando o verão dava lugar ao outono, quando o Starbucks lançava o seu menu sazonal e era altura de usar cachecóis, *collants* e botas de cabedal. Por estes dias, as *Pumpkin Spice Girls* adoravam *podcasts* sobre *True Crime*. O *True Crime* era *mainstream*, e as PSG adoravam bater palmas a tudo o que fosse bizarro-mas-*mainstream*. *Drag queens*, Halloween, astrologia. Esse tipo de merdas.

As *Murder Girls* tinham uma energia diferente das bandas de metal que eu costumava ver na Brixton Academy, onde o público era mais rude, mais duro. Sentia-me mais à vontade rodeada de casacos de *motard* e botas de combate do que vestidos Zara e *tote bags* publicitários.

Fui para o fim da fila, atrás de duas estudantes, raparigas simples com cabelo comprido e liso, vestidas de forma chique, mas ao género de uma loja de caridade. Uma usava uma camisa de xadrez enorme e uns óculos feios dos anos 80 que me faziam lembrar o Jeffrey Dahmer, enquanto a outra usava uma *t-shirt* preta que dizia «Pergunto-me se os *serial killers* pensam tanto em mim como eu penso neles?», numa caligrafia feminina cor-de-rosa.

– Se falarem no Ted Bundy, eu morro, porra – disse a Óculos Dahmer à outra.

– Já falaram no Ted Bundy, tipo, há dois anos – respondeu a amiga.

– Sim, mas já aconteceu tanta coisa desde então.

Desde *quando* é que tanta coisa tinha acontecido? Arrepiei-me. Ted Bundy fora morto, executado na cadeira elétrica pelo estado da Florida, em 1989. Estes falsos fãs não faziam ideia do que estavam a falar. Fiz um ruído zombeteiro e, assustadas com a interrupção, viraram-se para me olhar. Partilharam o mesmo olhar de desagrado ao verem o meu cabelo roxo, as minhas roupas, toda a minha vibração sombria.

– O que é que foi? – perguntou rapidamente a Óculos Dahmer.

– O Ted Bundy morreu, *tipo*, há trinta anos – expliquei lentamente, como se ela fosse muito estúpida.

Trocaram olhares inquietos e, depois, a Óculos Dahmer disse:

– E então?

– Portanto, realisticamente, que mais poderia ter acontecido a um homem morto? – Estava a ser sarcástica, mas depois ocorreu-me algo. E se tivesse havido um desenvolvimento; um novo ângulo, ou alguma informação nova, e eu não tivesse sabido? Com uma onda de excitação, dei um passo em direção a ela. – Espera, *aconteceu* alguma coisa? Ligaram-no a um caso arquivado?

– Eu estava a falar do filme – disse ela, dando um passo atrás. A amiga dela ficou radiante enquanto eu desanimava.

– Ah, Zac Efron!

– *Exatamente!*

Com o assunto esclarecido, viraram-me as costas e continuaram a sua conversa sobre *Extremamente Perverso, Escandalosamente Cruel e Vil* num volume muito mais baixo. Desejei ter uma amiga comigo, uma parceira no crime para tornar tudo aquilo mais suportável. Murmuraria algo como «Espero que mencionem o Zac Efron!», com uma voz parva de menina e abafáramos o nosso riso maldoso.

Em vez disso, pus os auscultadores para voltar a ouvir o episódio do dia anterior. Normalmente, ouvia cada episódio duas vezes, porque perdia sempre coisas da primeira vez. As *Murder Girls* nunca usavam guião nas suas apresentações, havia sempre uma ponta de espontaneidade, e cada espetáculo ao vivo era único. Só publicavam um episódio ao vivo por digressão, por isso, se não estivéssemos em todos os espetáculos, nunca saberíamos o que tínhamos perdido nos outros. A única forma de apanhar tudo – cada piada e cada anedota, cada história e cada detalhe de cada homicídio – era ir ao maior número de espetáculos possível. Sempre quis segui-las em digressão, talvez apanhá-las em Birmingham ou Manchester, para além de Londres, mas os bilhetes custavam uma fortuna e eu nunca tinha dinheiro para reservar mais do que um de cada vez.

A fila foi avançando à medida que os fãs começavam a entrar no recinto. Quando cheguei à frente, estendi o meu telemóvel ao segurança, com pelo menos 1,90 m de altura e cabeça rapada, que verificou o meu bilhete eletrónico. Uma mulher corpulenta, com um rosto delineado e um rabo-de-cavalo tingido de vermelho, deu-me uma palmadinha. Espreitou para dentro da minha mala, para o caso de eu estar a tentar entrar sorrateiramente com uma garrafa de *Prosecco*, ou qualquer outra porcária básica que os *normies* bebem quando estão a tentar divertir-se.

Antes que eu pudesse pensar em segui-las, as simpatizantes de Bundy desapareceram no meio da multidão. Embora a conversa insípida delas fosse suficiente para fazer o meu cérebro atrofiar, eu gostava de seguir pessoas.

A força consumia-me, como o próprio Bundy afirmava, e dava-me uma razão para andar na sombra de outra pessoa. Às vezes, seguia os clientes pela loja, só para ver quanto tempo conseguia segui-los. Por vezes, seguia estranhos na rua, só para ver o que estavam a fazer, para onde iam. Onde moravam.

Senti-me visivelmente só enquanto atravessava o *hall* de entrada. O ar cheirava a Lush, doce e enjoativo, uma mistura de perfumes e *sprays* corporais, produtos para o cabelo e cremes. Mulheres alegres aglomeravam-se, com minigarrafas de vinho cor-de-rosa e copos de plástico do bar, chamando umas às outras, atirando os braços à volta umas das outras em demonstrações ensaiadas de afeto. Apanhei bocados de conversa enquanto me esgueirava entre os grupos. Falavam de *serial killers* famosos como se fossem amigos, como se fossem *influencers*, como se fossem estrelas *pop*.

– Nilsen? Estou farta dele.

– Toda a gente fez o Manson este ano.

– Se fizerem o Jack, *o Estripador*, juro por Deus que me mato.

– Estamos a precisar de um bom Gein.

Na banca do *merchandising*, um enorme expositor de *t-shirts* tinha atraído o burburinho de fãs, que zumbiam como varejeiras azuis sobre uma campã rasa. Juntei-me à multidão, usei os cotovelos, pisei pés, torci-me por entre amigos e abri o meu caminho até à frente. Saí de lá com duas *t-shirts* das *Murder Girls*, um *pin* de esmalte, um conjunto de postais e um gorro – foi uma boa colheita. O *merchandising* esgota sempre antes do fim do espetáculo. O total foi de mais de setenta libras, mas era um presente de Natal antecipado para mim e, por uma vez, eu tinha dinheiro para gastar. Avancei por entre a multidão até ao auditório, mostrei o meu bilhete eletrónico a uma jovem que estava à porta e indicaram-me o lado direito das bancadas. No bar, parei para comprar duas latas de *Dark Fruits* e procurei o meu lugar, entalada entre duas mulheres que olharam para mim e se afastaram para falar com as amigas. Que se lixem essas cabras. Acomodei-me, abri a minha primeira lata e bebi um gole da sidra doce de frutos silvestres.

As *Murder Girls* subiram ao palco um pouco antes das sete e meia, sob um aplauso arrebatador. Claudia estava linda, de veludo preto justo, e os seus longos caracóis ruivos brilhavam como cobre sob os holofotes. Agitava os dois braços acima da cabeça, e as mangas de balão antiquadas saíam-lhe dos ombros como as de uma viúva vitoriana. Sarah fazia de rebelde com uma *t-shirt* branca de mangas enroladas que deixavam ver as suas tatuagens, calças de ganga amarelas de xadrez e *Doc Martens* sem atacadores, pretas com pespontos amarelos. Fiz uma nota mental para procurar um par de botas iguais no eBay: pretas com pespontos amarelos, devidamente usadas e gastas. A multidão assobiava e gritava, e o barulho ricocheteava pelo velho teatro enquanto as raparigas sorriam e acenavam, piscando os olhos contra as luzes brilhantes do palco.

– *Rock ‘n’ roll* – gritou Sarah, no seu sotaque sulista profundo, estendendo o indicador e o mindinho num sinal irónico de cornos. – Como é

que é, Londres!

O público bateu palmas, assobiou e gritou. As *Murder Girls* absorveram todo aquele amor, deliciaram-se com ele por um momento, e depois instalaram-se para o espetáculo, empoleiradas em bancos altos de cada lado de uma mesa com as suas notas, garrafas de água e cervejas.

Os espetáculos ao vivo começavam sempre da mesma forma: uma conversa descontraída sobre a viagem, anedotas e piadas que refletiam a natureza fraternal da sua ligação. Apenas um pequeno preâmbulo para resumir como estava a correr a digressão, como se os seus fãs não estivessem a seguir todos os seus passos *online*.

– Então, ouçam – disse Sarah, inclinando-se para a frente e falando para o microfone num tom conspiratório. Fez uma pausa para dar efeito, e depois perguntou: – Já todos ouviram falar do Estrangulador de Stow?

A sala irrompeu numa cascata de aplausos e uma emoção de reconhecimento percorreu-me, uma corrente elétrica suficientemente forte para reanimar os mortos. Sentei-me mais direita, inclinei-me para a frente no meu lugar e lutei contra uma vontade desesperada de levantar a mão: *eu, sim; eu, eu já*.

Sarah aproveitou a deixa para seguir com o caso. Enganou-se nalgumas coisas, mas perdoei-lhe, porque ela era de Nova Orleães e não percebia que Londres tinha bairros, em vez de distritos ou alas, e que lhe chamávamos *metropolitano*, e não metro. Também houve alguma confusão sobre Walthamstow Village, que elas pareciam pensar que era uma verdadeira aldeia fora de Londres, em vez de apenas uma parte residencial particularmente pitoresca de Walthamstow.

Mas acertou na essência da história e isso era o mais importante. Contou tudo de forma metódica: estávamos em junho de 2009, e o tempo estava seco e quente. No final do verão, cinco mulheres foram mortas, cada uma delas atacada por um desconhecido, que as estrangulou até à morte com uma ligadura à volta da garganta.

Falaram da vida de cada uma das mulheres mortas e eu remexi-me no meu lugar à espera da parte boa. Quem eram, de onde vinham e como tinham ido parar a Walthamstow Village a altas horas da noite não interessava, todos esses pormenores se confundiam, mas eu fiquei atenta quando descreveram meticulosamente cada morte: unhas partidas, nódoas negras, sinais de luta.

A primeira foi encontrada por uma pessoa a passear o cão, de manhã cedo, no adro da igreja de Saint Mary, deitada como se estivesse a dormir num dos velhos túmulos rachados. A segunda foi encontrada por foliões noturnos, na relva em frente à Ancient House, uma casa com estrutura de madeira construída no século xv. A terceira estava estendida no Church Path que serpenteava por trás da Vestry House; depois, outra foi encontrada no adro da igreja, desta vez encostada ao próprio edifício.

– Podemos fazer uma pausa para falar dos nomes *fantásticos* destes sítios? – interogou Claudia, radiante com o absurdo de tudo aquilo.

– Não são? Por exemplo, Vinegar Alley? – concordou Sarah. – O que é isto, virá dos tempos da peste?

Estava tudo a vir-me à memória – as ruas tranquilas, o martelar dos saltos altos na pedra, o ar denso com a ameaça da chuva de verão enquanto a noite se arrastava no horizonte. Crescemos rapidamente nesse verão. Aos catorze anos, estava a aprender a mover-me no mundo como mulher, a estudar as sombras, a olhar por cima do ombro, a procurar nas ruas estranhos que pudessem estar à espreita atrás de carros estacionados ou escondidos nos arbustos.

– Mulheres vulneráveis, certo? – continuou a Sarah, com uma autoridade fria. – Mulheres que foram abandonadas pela sociedade e pelo Estado, e depois foram desprezadas pela polícia, que não se preocupou o suficiente com as suas mortes para as investigar devidamente. Foram abandonadas por todas as instituições que deveriam preocupar-se com elas.

– Mas tudo mudou – disse Cláudia, com os olhos a brilhar –, quando o Estrangulador de Stow atacou Karina Cordovan.

Karina Cordovan, a última vítima do Estrangulador de Stow, foi encontrada caída na Vinegar Alley, com a ligadura ainda enrolada à volta da garganta. Karina Cordovan não era sem-abrigo, nem alcoólica, nem toxicodependente, nem prostituta. Era uma mulher de negócios local, uma mãe, um membro ativo da comunidade, que tinha saído para uma corrida noturna. A morte de Karina Cordovan marcou o fim dos assassinatos e o início da investigação.

– De repente, toda a gente se apercebeu de que talvez devessem tentar apanhar aquele cabrão antes que ele matasse mais alguém – contou Sarah.

Apresentou uma teoria sobre o que correu mal na investigação: o pararranca, a falta de interesse, a polícia desastrada e o escândalo com as câmaras de vigilância, a confusão sobre se era ou não o mesmo homem por trás dos cinco homicídios. Claudia assumiu o papel de advogada do Diabo, procurando falhas nos argumentos de Sarah. Foi um debate leve, explorado de todos os ângulos, apesar de a conclusão ser óbvia: sabíamos que era Lee Frost, sabíamos que era um agente da polícia, sabíamos que tinha apanhado prisão perpétua pelo assassinio de Karina Cordovan e de três das outras quatro vítimas, que estava a apodrecer atrás das grades na HMP Frankland. Algumas raparigas bateram palmas e aplaudiram como se estivessem a ouvir a história pela primeira vez – uma demonstração franca de ignorância que me envergonhou. Qualquer fã de *True Crime* que se preze conhecia esta história.

– Para mim, resume-se a isto – disse Sarah, com a sua voz conclusiva, lenta, deliberada, imponente. Já tinha passado uma hora? Pousou a garrafa de cerveja vazia em cima da mesa e levantou-se para se dirigir ao público. – Em 2009, uma mulher perdeu a vida e os polícias não fizeram porra nenhuma para encontrar o homem responsável, porque achavam que ela não interessava. E por não terem apanhado o cabrão mais cedo, outra mulher perdeu a vida, e depois uma terceira, e depois uma quarta; e depois, finalmente, uma quinta.

Mais quatro mulheres perderam a vida, mais quatro famílias foram destróçadas.

Algumas vaías e escárnios brotaram da multidão.

– Esse cabrão tem filhos – continuou ela, com os olhos delineados a *kohl* a brilharem e uma pequena ameaça de lágrimas que nunca se romperiam porque, embora fosse apaixonada, a sua convicção era mais forte do que a sua tristeza. – Ele ainda pode vê-los crescer, pode ter Natais e aniversários, e, um dia, até pode ter liberdade para voltar a matar.

Um arrepio de prazer percorreu-me o corpo. Inclinei-me para a frente no meu lugar, pronta para ouvir as palavras finais de cada espetáculo.

– Mas ouve bem, seu monte de merda, seu idiota merdoso – concluiu ela, repetindo agora uma variação do mantra que concluía cada episódio. – Enquanto vivermos e respirarmos, nunca deixaremos de falar do que fizeste. *Nunca* serás livre e *nunca* esqueceremos. – Sarah levantou uma mão no ar, com os dedos a fazerem o sinal dos cornos mais uma vez, e todos respirámos fundo para, coletivamente, gritar as últimas cinco palavras em uníssono – E vamos... encontrar-te... no... *inferno*!

Os aplausos trovejaram através do auditório, uma tempestade deles, um bater de mãos, uma debandada de pés. As mulheres gritavam, as mulheres insultavam, as mulheres berravam, e eu estava lá com elas, também a gritar, a insultar e a berrar, parte da multidão unida pelo momento.

– Somos as *Murder Girls*! – gritou Claudia para o microfone, a sua voz a soar como um sino no meio do barulho. – E vocês foram espetaculares! Adoramo-vos, Londres, obrigada e boa noite!

Os aplausos aumentaram e, quando um grupo de raparigas perto da frente se levantou, juntei-me a elas numa ovação de pé, batendo com as mãos até as palmas ficarem quentes e a arder, batendo com os pés até parecer que todo o auditório ia ruir sob o peso do nosso amor, da nossa paixão, da nossa sede de justiça.

Laura

Preparo um pequeno-almoço saudável para compensar alguns dos exageros da noite passada. Sumo de laranja acabado de espremer, café sem leite. Um ovo escalfado, com metade de um abacate espalhado em pão de fermentação natural, temperado com bastante pimenta preta. Espremo um pouco de lima sobre o abacate e um pouco de molho picante no ovo, porque adoro o ardor do picante.

No duche, aumento a temperatura até a água estar tão quente quanto consigo suportar. O champô violeta protege o acobreado do meu cabelo e o condicionador espesso que cheira a batido de baunilha mantém-no macio. Faço uma esfoliação com um gel de banho tropical e uma luva de banho e, quando saio do chuveiro, o vapor que se liberta da minha pele tem um cheiro doce como um batido, tal como eu gosto. Está frio, mas ainda é cedo para ligar o aquecimento. No ano passado, consegui aguentar-me até ao Natal.

Seco-me e aplico um creme hidratante com aroma a amêndoas nos braços e nas pernas. Imaginando o desenrolar do meu dia, vou escolher com cuidado um conjunto para vestir entre os meus vestidos e saias. Preciso de estar confortável e flexível, mas também elegante. Um *top bardot* às riscas pretas e brancas, que mostra as minhas clavículas, uma saia escarlate, *collants* pretos transparentes, calças verde-floresta e uma boina verde que combina na perfeição com os meus sapatos. Bem vestida, elegante e a combinar. Seco o cabelo, maquillo-me levemente e coloco um pouco de óleo de rosas atrás de cada orelha, para que todos os que eu cumprimentar hoje sintam o aroma quente e acolhedor do amor.

Num *tote bag* tingido, levo tudo o que preciso para um dia fácil e organizado: telemóvel e carregador, carteira, chaves de casa, batom, bálsamo labial, creme para as mãos, isqueiro, tabaco e *Rizla*^[1]. Como estou atualmente a trabalhar num poema, levo também tudo o que preciso para isso: o material base, o meu caderno de poesia, notas *Post-it* e alguns lápis. Para o almoço, escolho uma água gasificada de cereja sem açúcar, produzida localmente, e um *tupperware* de salada *orzo*. Se a Sharona quiser ir almoçar fora, posso sempre deixar a salada no frigorífico para amanhã.

Antes de sair, pressiono a ponta dos dedos na terra da minha mostera^[2], verificando a sua humidade. Parece-me demasiado seca para o meu gosto, por isso encho um borrifador de vidro com água da torneira e borrifo a terra

esfarelada. Aproveito para regar também o resto das plantas que revestem o parapeito da janela. Coisas bonitas e frondosas que filtram o ar e fazem com que a minha cozinha apertada pareça uma pequena estufa luminosa.

Saio cedo, aproveitando ao máximo o sol da manhã enquanto ainda está presente, antes que os miseráveis céus de inverno regressem. Ir a pé para o trabalho é uma boa alternativa. Passeio pelo parque e ouço uma *playlist* retro de *folk* americano e, enquanto Joni Mitchell canta sobre regressar a casa, penso no ritmo dos meus pés no caminho de terra batida, na Patti Smith a caminhar pelas ruas de Nova Iorque, na Joan Didion, em Sacramento, e em como cada passo é mais uma ligação entre mim e o meu bairro, as ruas onde aprendi a andar de bicicleta, onde andei de mãos dadas com a minha mãe, e que, apesar de toda a dor, perda e luto, estou ligada a Walthamstow porque aqui ela ainda existe, um fantasma impresso em cada visão familiar. Ela conhecia estas ruas, estas árvores, estes tijolos, estes pilaretes. Estas pedras de calçada recordam o ressaltado dos seus tênis de corrida. Ainda não consigo passar pela sua antiga loja, apesar de ter mudado de dono três vezes na última década, por isso vou pelo caminho mais longo.

Quando chego ao mercado, paro para enrolar um cigarro, o que me parece muito francês da minha parte, e depois dou uma volta pelas bancas de fruta e legumes, ouvindo os gritos dos vendedores do mercado «Uma libra a taça, uma libra a taça» a marcar os meus passos. As mulheres de *salwar kameez*, com *dupattas* coloridas sobre a cabeça e os ombros, percorrem as bancas que vendem utensílios de cozinha em saldo, perfumes de marca a preço de saldo, joias de prata e resmas de tecido, fitas e rendas. A manhã cheira aos frangos assados que giram lentamente no espeto, com a pele já num tom dourado acastanhado.

As livrarias sempre me fizeram sentir em casa. Quando eu era pequena, havia duas livrarias independentes na rua principal. A minha mãe e eu chamávamos-lhes a «Loja dos Berlindes» e a «Loja dos Adultos». Esta última era uma livraria generalista, especializada em ficção e não ficção para adultos. Era muito bege – paredes cor de pipoca e uma alcatifa clara, cor de biscoito. Tudo o que eu sabia, na altura, era que era aborrecida, cheia de livros para adultos com capas sem graça, e que a «Loja dos Berlindes» era mágica, um tesouro de alegria e cor. Vendia livros e brinquedos para crianças, as paredes estavam pintadas de roxo Cadbury e as estantes de livros eram de um laranja elétrico, do género da paleta de cores usada nos desenhos animados do Nickelodeon.

A «Loja dos Berlindes» era de um homem que eu considerava idoso, devido ao seu cabelo grisalho, sobancelhas compridas e tufos que brotavam de cada narina, mas que provavelmente só tinha quarenta e poucos anos. Usava camisas de tecido largas, do mesmo tipo que o professor *hippie* de música da escola usava, e uma pequena argola de ouro no lóbulo da orelha esquerda. Cheirava sempre a pastilha elástica *Juicy Fruit* e eu gostava dele porque me deixava levar um berlinde do seu expositor com cada livro que eu

comprava. Por muito que gostasse de livros, gostava particularmente do enorme mostruário de berlindes, que era a minha moeda de infância. À medida que a minha biblioteca crescia, também a minha coleção de berlindes aumentava. O meu preferido era totalmente transparente com uma pátina iridescente, como a asa de uma libélula. Ainda o tenho algures, embora pense nele como uma homenagem a *Olho de Gato*, de Margaret Atwood – exatamente o tipo de livro que nunca imaginei que me atraísse em criança. Tal como o queijo azul ou as anchovas, a ficção literária era um gosto de que as crianças precisavam de aprender a gostar.

A Spines Walthamstow fica mesmo no fim do mercado, com a sua mostra cor de vinho, espremida entre uma loja de apostas e um Costa. Quando chego à livraria, paro por um minuto e termino o meu cigarro, olhando para as montras desatualizadas. Para lá do vidro sujo, os livros estão tombados e queimados pelo sol, como se não fossem mudados há algum tempo. Uma mosca morta jaz ao sol.

Quando esta sucursal abriu, no final da década de 90, com a sua enorme variedade e grandes montras cheias de livros com desconto, a «Loja dos Crescidos» não conseguiu competir e fechou em poucos anos. Por fim, a «Loja dos Berlindes» também desapareceu, embora na altura em que fechou as portas, tudo tivesse mudado. Eu era uma pessoa diferente e tinha perdido mais do que o meu interesse pelos berlindes.

[1] Marca francesa de papel para enrolar para fazer cigarro. (N. do T.)

[2] Uma planta da família das aráceas. (N. do T.)

Roach

No caminho para o trabalho, ouvi um *podcast* sobre um *serial killer* indonésio que estrangulava mulheres num ritual místico da sua autoria. Os anfitriões eram um trio de homens barulhentos, que diziam piadas e falavam por cima uns dos outros, à medida que iam contando a história. Enquanto curandeiro espiritual, as mulheres confiavam em Ahmad Suradji. Confiavam nele o suficiente para o seguirem até aos campos de cana-de-açúcar que rodeavam a sua casa e deixarem que ele as enterrasse até à cintura. Aí, estrangulava-as e voltava a enterrá-las com os rostos virados para o local onde dormia, na esperança de poder canalizar a energia delas e reforçar a sua força mágica. Embora o lugar e posição de repouso final fosse deitadas com a cara voltada para cima ou de bruços, imaginei um campo de mulheres mortas esqueléticas ainda enterradas até à cintura, com os crânios virados para ele como flores voltadas para o sol.

Estava frio. Ainda a vibrar com o espetáculo ao vivo, pensei vestir apenas uma das minhas novas *t-shirts* das *Murder Girls*, mas se estava frio na rua, também estaria frio dentro da livraria. Acrescentei uma segunda camada sob a forma de uma camisa preta e preendi um *pin* com a forma de uma faca de talhante ensanguentada na lapela. Pormenores. «Certifica-te sempre de que és recordada pelas razões certas.» Era o que a minha mãe Jackie gostava de dizer quando eu era pequena, embora normalmente o sibilasse como uma admoestação quando eu fazia algo de que ela não gostava à frente dos clientes habituais, como deixar os caracóis escorregarem pelo meu braço nu ou falar com autoridade sobre cólera, peste bubónica ou lepra com os filhos deles. Passei por uma grande fase de obcecação com infeções bacterianas quando era miúda.

Desde sempre que tenho um fraquinho pela morte. Começou com as *Horrible Histories*, livros cheios de podridão e miséria, execuções sangrentas e práticas médicas arcaicas que me encantavam e revoltavam em igual medida. Eram livros de biblioteca muito manuseados e, enquanto os meus colegas pareciam contentes por folheá-los para os trabalhos escolares e esquecê-los quando já tinham o que precisavam, eu sonhava com a força, com sanguessugas e lobotomias. Todas as crianças eram mórbidas, mas eu levava a coisa mais a sério.

Em criança, era muitas vezes posta de parte. Raramente era convidada

para lançar em casa das outras raparigas e elas não me queriam nas suas festas do pijama devido à minha inclinação peculiar. Por outro lado, as festas de aniversário eram um jogo de números para as crianças de sete anos e eu ficava muitas vezes presa em festas de princesas, aos sábados à tarde.

Ficava sempre impressionada com a forte presença das outras crianças nas suas casas. Certificados de natação e trabalhos artísticos colados no frigorífico, com ímanes em forma de ovos estrelados, gelados, letras do alfabeto. Tinham brinquedos espalhados pelo chão, pedacinhos de plástico debaixo dos pés, Barbies e animais de peluche enfiados debaixo do sofá, DVD da Disney empilhados à volta da televisão, impermeáveis amarelos e sandálias de borracha brilhantes e galochas em forma de sapo junto à porta de entrada. Não havia muito espaço em casa, no bar, para sandálias de borracha e alfabetos, e a Jackie não tirava muitas fotografias minhas, nem expunha os meus trabalhos artísticos no nosso frigorífico. Na verdade, tinha tendência para me varrer a mim e aos meus interesses para debaixo do tapete.

Era solitária, mas os livros eram uma boa companhia. Os meus preferidos era a série *Point Horror*, porque queria desesperadamente ser uma adolescente. Pensava que era nessa altura que se começava realmente a viver, e ser uma adolescente americana parecia ter um certo *glamour*. Quando eu era miúda, parecia que tudo o que era bom acontecia na América, como as *cheerleaders*, os livros de curso, os bailes de finalistas, o satanismo e a família Manson. Imaginava-me a passear no centro comercial, no *drive-in*, no ringue de patinagem no gelo, com amigos com nomes como Stacy e Chuck, e um deles seria assassinado, e eu teria encontros com um rapaz de olhos escuros e cintilantes que deixaria mensagens sinistras para eu descobrir através de meios cada vez mais complicados: fotografias com os olhos riscados, ameaças de batom rabiscadas no espelho da casa de banho, um chuveiro armadilhado que borrifava sangue falso.

Enquanto eu caminhava, o sol lutava com nuvens cinzentas e suaves, da cor das cinzas de um crematório. Do outro lado da rua, Abbi vinha na minha direção, de cabeça baixa, enquanto mexia na mala. Ela trabalhava numa agência de viagens e passávamos regularmente uma pela outra a caminho do trabalho. Fazia sempre uma pequena dança de aversão, como se eu tivesse algum interesse em falar com ela sobre o seu namorado sem graça ou os seus planos de férias ou qualquer outra treta normal que ela achava que a tornaria interessante para mim. Chamei-a pelo nome e acenei na mesma, e ela levantou os olhos e fez um aceno desmaiado em troca.

A casa da família da Abbi ficava na mesma rua lateral do *pub* e, quando éramos crianças, os pais dela eram frequentadores habituais, embora agora parecessem preferir um dos estabelecimentos mais gentrificados. Quando os assassinatos começaram a ser noticiados, ficaram preocupados com a segurança da Abbi, e as nossas mães fizeram-nos prometer que voltaríamos para casa juntas. Nas últimas semanas do período de verão, estava finalmente a viver a minha fantasia *Point Horror*: as notícias estavam cheias de mortes, a

vizinhança estava com medo e eu tinha algo que se assemelhava a uma amizade, apesar de a Abbi continuar a ignorar-me na escola e ir muitas vezes para casa sem mim.

A mãe da Abbi ensinou-nos a andar pelo mundo como mulheres, com as chaves das portas presas entre os dedos como garras. O conselho da Jackie foi um pouco mais direto. «Se um homem se aproximar de ti com tudo, dá-lhe um pontapé nos tomates e foge», dizia ela, piscando o olho à mãe da Abbi de uma forma que ela não parecia achar piada.

No entanto, o *modus operandi* do Estrangulador de Stow não incluía raparigas adolescentes e, quando a imprensa lhe deu a alcunha, ele já tinha feito a sua última vítima. Nunca me senti em perigo real, mas a proximidade com o perigo era tão viciante quanto emocionante. Aprendi a estudar os transeuntes, a observar a sua altura, as suas roupas, a cor do seu cabelo, o seu andar. Tudo e mais alguma coisa podia ser relevante quando o próximo corpo aparecesse.

Também estudei a Abbi com o interesse de um detetive. Abbi combinava o seu batom com o tempo: pêssego e rosa florido em dias de sol, castanho caramelo quando estava nublado. As pessoas pareciam gostar dela e, embora eu tivesse pouco interesse em fazer amigos normais, o meu desejo natural de combinar com o que me rodeava obrigava-me a visitar a Boots para encontrar os mesmos tons de pêssego e rosa para usar também nos dias de sol. Ela usava *tops baby-doll* com alças, saias de ganga, *collants* sem pés e sapatilhas de *ballet*, e eu usava *tops baby-doll* com alças, saias de ganga, *collants* sem pés e sapatilhas de *ballet*.

Quando era adolescente, no meio do meu ressentimento em relação aos *normies*, havia um desespero latente para me integrar. Eu tinha uma mala de mão e levava um bálsamo labial que nunca usava e óculos de sol Wayfarer com armação de plástico vermelho que nunca usava. Mas o bronzeado falso, a Jane Norman e as fitas para a cabeça não eram o meu verdadeiro eu. Continuei a seguir a minha paixão pelo homicídio e passei da *Point Horror* para Stephen King, Clive Barker e James Herbert. Passava o meu tempo a pensar na morte como um acontecimento dramático e burlesco que estava completamente desligado da triste realidade da roupa funerária Marks & Spencer e das sandes de bar. Quando as outras raparigas me viam a ler livros sobre mulheres raptadas, assassinadas e desmembradas, odiavam-me por isso. Sabiam que eu era diferente e que os meus vestidos da Primark eram apenas um disfarce, uma fantasia de Halloween. A minha vida começou realmente quando desisti de tentar integrar-me, quando me instalei em mim própria, como um crocodilo que se afunda num pântano.

Quando cheguei à livraria, os apresentadores do *podcast* estavam a rir-se sobre se ainda considerariam a hipótese de passar férias na Indonésia, apesar de o assassino ter sido apanhado e executado há muito tempo.

Entreí e tranquei a porta da loja atrás de mim, desativei o alarme e acendi as luzes para iluminar o chão da loja. Tinha conseguido esquivar-me à responsabilidade de ter chave durante oito anos, e agora estar temporariamente encarregada do conjunto de chaves de Bárbara era uma imposição que me desagradava. Os detentores das chaves estavam de serviço vinte e quatro horas, sete dias por semana, para lidar com o alarme de segurança sempre que este disparava, e disparava muitas vezes. Ratos, vento, chuva, sem-abrigos a mijar contra a porta das traseiras, adolescentes a correr pelo telhado. Havia sempre qualquer coisa. Sempre que a ideia de me promover a detentora de chave fora levantada no passado, eu tinha de fazer merda de alguma forma, para a ideia ser rapidamente abandonada. Deixar uma gaveta da caixa aberta, esquecer-me de ativar um alarme. Nada de grave o suficiente para me despedirem, mas suficientemente grave para a Barbara repensar se eu era ou não de confiança. Sem a Barbara, não tive outra hipótese senão aceitar o conjunto de reserva.

A história oficial era que a Barbara, com os seus dedos esqueléticos, unhas postiças e uma nuvem de cabelo louro frisado, tinha decidido demitir-se do cargo de diretora por «razões de saúde mental». Todos nós sabíamos que não era bem assim, porque ela não se tinha ido embora em silêncio: o diretor regional, Jim, tinha passado mais de quatro horas com ela fechada no escritório, cheio de falinhas mansas e persuadindo-a a aceitar um lugar de cogerente da sucursal de Loughton, ocupando-se dos cartões de felicitações. Um cargo fictício, uma vez que a sucursal de Loughton já tinha um livreiro especializado em produtos afins. Só queriam livrar-se dela porque passava o dia todo no escritório a arranjar as unhas e a conversar ao telefone, o que me convinha, porque, se ela estava fechada no escritório, não me controlava na loja e eu era livre de fazer o que quisesse.

A loja estava vazia, escura e sem graça, e ainda cheirava à chuva forte da semana passada – ao reboco húmido e à carpete com bolor. Havia um monte de pacotes no tapete da entrada, que recolhi e poisei no balcão, e depois subi as escadas para deixar o meu casaco com capuz e a minha mala. Havia uma nota informativa da Noor, que tinha trabalhado no fecho de domingo na noite anterior, encostada à chaleira: um pedido para alguém ir atrás de uma encomenda perdida de um cliente, de um exemplar de *The Journalist and the Murderer*. O meu tipo de cliente. Preparei um café instantâneo e levei-o para a loja, onde me sentei na caixa do rés do chão para abrir o correio enquanto o meu café arrefecia. O pedido do cliente para *The Journalist and the Murderer* não estava lá, mas um livro que eu tinha encomendado tinha chegado. *An A-Z of Serial Killers*.

– Bom dia, bom dia – disse Barry, não tanto para mim, mas para a própria loja, quando fechou a porta atrás de si e passou por mim em direção ao elevador. Usava sempre um corta-vento cor de chocolate e botas de caminhada para ir trabalhar, como se tencionasse caminhar por uma charneca solitária na sua pausa para almoço.

Virei o *An A-Z of Serial Killers* e li o verso. *Não há nada mais chocante ou mais convincente do que aqueles que matam.* Correto. Registei-o no sistema e reservei-o em meu nome.

Percebi que era livreira assim que a vi. Usava uma boina verde, da cor de agulhas de pinheiro frescas, e uma gabardina *camel*, como um detetive privado num filme *noir*. Num dos ombros, as alças sujas de um *tote bag* puído. Estava decorado com uma citação num tipo de letra de máquina de escrever e, embora não conseguisse lê-la bem, sabia o que dizia: *Embora seja pequena, é feroz*, ou *Mais e Mais Curiosa*, ou *Cuidado porque sou destemida e, portanto, poderosa*.

– Olá – disse ela, aproximando-se da caixa registadora com um sorriso largo cheio de dentes brancos e direitos. – Chamo-me Laura.

– Olá.

– Não sei se vos avisaram de que eu vinha... A Sharona já chegou?

Ela tirou o casaco e dobrou-o sobre um braço. Enquanto observava a sua roupa elegante, o chapéu e os sapatos de cores coordenadas e o batom escarlate brilhante, pensei em todas as raparigas normais como ela com quem já tinha trabalhado. Aquelas Pumpkin Spice Girls. As raparigas do centro de jardinagem que enchiam os seus apartamentos de macramé e plantas aéreas. Raparigas que passavam os fins de semana a ler Jane Austen, a fazer *muffins*, a beber *lattes* gelados de bebida de aveia.

– Não sei – respondi, talvez um pouco rispidamente. – Quem é a Sharona?

– A nova GL – esclareceu ela, lançando a sigla para «gerente da livraria» com o tipo de certeza casual que implicava que ela tinha sido livreira durante algum tempo.

Não sei o que ela esperava que eu dissesse, mas o meu silêncio indiferente pareceu desagradar-lhe e o seu sorriso endureceu. Outros pormenores, mais surpreendentes, foram-se revelando: uma cicatriz de um *piercing* labial cicatrizado, uma pontinha de pele tatuada visível sob os *collants* e na parte interior do pulso. Interessante. Perguntei-me se ela era genuinamente alternativa, ou uma *poser*, ou apenas uma ex-gótica que tinha crescido.

– Vou só dar uma vista de olhos – disse ela, afastando-se do balcão para olhar à volta da loja. Desculpa, como é que te chamas?

– Roach – afirmei.

– Rach? De Rachel?

– Não. Roach, como «barata» em inglês.

Ela riu-se enquanto se afastava da caixa registadora, e o cheiro doentio das pétalas de rosa perfumou o ar entre nós.

– Roach, como «barata». Não me vou esquecer disso.

Que simpático da tua parte, pensei.

Eu era a Roach desde que trabalhava na Spines. Quando me tornei livreira, havia outra Brogan na equipa. Um metro e sessenta, cabelo castanho escuro, olhos verdes, corpo esguio, um pequeno sinal debaixo do olho esquerdo, uma tatuagem de uma borboleta no pulso direito. Muitas marcas distintivas.

Começámos no mesmo dia, por isso o resto da equipa decidiu diferenciar-nos usando os nossos apelidos. Isso significava que a outra Brogan era conhecida por «Mackee» pelo seu primeiro – e, tanto quanto sei, único – Natal a vender livros. Foi despedida em janeiro devido à sua propensão para se atrasar e chegar ao trabalho com hálito a vodca e uma ressaca que a deixava dócil e feia e – pelo menos uma vez, mas quem sabe – a vomitar para o cesto dos papéis debaixo da caixa do rés do chão.

Quando a outra Brogan saiu de cena, o resto da equipa não estava interessado em rebatizar-me e eu tinha apenas dezasseis anos, demasiado nova para me afirmar. Às vezes, é assim que as coisas acontecem. Roach não é um apelido particularmente *sexy*, mas eu gosto dele. Prefiro que pensem em mim como uma barata, um bichinho rastejante que pode sobreviver ao apocalipse, do que como uma *normie* aborrecido chamada Brogan.

A equipa desse primeiro Natal foi-se alterando ao longo dos anos; mudaram de casa, foram mandados para lojas diferentes, arranjam outros empregos, arranjam empregos melhores, arranjam escadas para subir, mas o nome manteve-se. E enquanto restavam vestígios de outros membros da equipa que já tinham partido há muito tempo – nomes riscados nos cacifos, fotografias de antigas festas de Natal afixadas no quadro de avisos, artigos esquecidos, como casacos de malha e garrafas de água que não eram reclamados ano após ano, provas esfarrapadas e tubos de creme para as mãos torcidos, *tupperwares* descolorados e caixas de saquetas de chá velhas que cheiravam a pó e a morte – não restava qualquer vestígio da outra Brogan.

Assim que me distraí, dois estranhos entraram na loja: uma esforçada mulher boémia, vestida como se tivesse acabado de sair de Glastonbury, e um homem alto e curvado, de calças de ganga e gorro preto.

A druida deve ser a Sharona, apercebi-me. A substituta da Barbara.

Laura

Abraçamo-nos, e o cheiro dele é agradável, mesmo sem ter tomado duche. Cheira a sono e pele, a roupa de cama numa manhã de domingo. Não consigo deixar de pensar no sabor dele – a cigarros e a algo terroso e herbáceo, como chá verde, como *matcha*, como incenso.

– Não sabia que *ias* estar aqui – sussurro-lhe para o pescoço, como se fosse uma coisa má, uma imposição ou uma terrível desilusão. Eli ri-se enquanto nos afastamos, e eu olho para ele: os seus caracóis escuros desgrenhados numa auréola, desalinhados à volta da cabeça, e tinha ganhado um pouco de peso desde a última vez que o vi. Estava bem. Parecia mais cheio, com as maçãs do rosto mais preenchidas. Tento pensar em quanto tempo passou – pelo menos dois anos.

– Vou para onde quer que a Sharona vá – disse ele.

– Melhores *‘migos*.

– Olá, linda. – Sharona surge e inclina-se para me abraçar. Cheira ao seu perfume familiar, picante e quente, e brilha com o último bronzeado do verão, uma constelação de sardas espalhadas pelas bochechas castanhas-douradas e pela cana do nariz. No verão, vai a festivais de música com a namorada e vem trabalhar com uma única trança de contas entrançada nos caracóis e uma filigrana de hena cor de avelã nos dedos. Eli tem sido o seu braço direito nos últimos anos. Acho que o espírito livre dele a atrai e trabalham bem juntos, baseando-se na confiança e gentileza para fazer o trabalho.

– Meu Deus, sentimos a tua falta – disse ela, afastando-se com um sorriso sincero. – Onde é que tens andado?

– Bloomsbury – respondo. – E tu? Pensava que estavas em Cambridge?

– Não, foi só para a remodelação – afirmou Sharona. – Depois estivemos na Strand para ajudar a preparar o novo período.

– E agora – Eli estende as mãos e olha em volta da loja com ar de espanto irónico –, damos por nós aqui.

Observo as vitrinas monótonas, as prateleiras lascadas, a alcatifa gasta, as mesas desarrumadas com as pernas arranhadas, os marcadores de prateleiras desbotados com recomendações confusas rabiscadas a esferográfica.

– Estão a pensar em fazer uma remodelação? – pergunto.

Sharona faz uma careta e olha por cima do ombro para ver se a livreira

que está atrás da caixa, a rapariga com o nome esquisito, de cabelo roxo desbotado preso num rabo-de-cavalo áspero e pouco lisonjeiro, está a ouvir. Ela está a olhar para nós com uma expressão vazia, completamente desligada.

– Bem, precisa desesperadamente – responde ela, em voz baixa. – Mas não, esta loja não vai ser renovada tão cedo.

A alcatifa era de um vermelho suave, com uma bainha de pó cinzento suficientemente espesso para se poder apanhar aos punhados. Um pedaço junto à caixa registadora estava completamente gasto, como a careca de um homem de meia-idade. O teto estava cheio de velhos ganchos de plástico, alguns dos quais ainda albergavam rolos de fio de *nylon* a balançar como teias de aranha. Restos de velhas decorações de Natal.

– És daqui, certo? – pergunta Eli, enquanto nos dirigimos para o elevador nas traseiras da loja. Consigo sentir os olhos de Roach em nós enquanto desaparecemos nas profundezas da secção infantil. Várias lâmpadas fundiram-se e não foram substituídas. Quanto mais entramos na loja, mais escura e húmida ela se torna, como se estivéssemos a entrar na boca de uma caverna.

– Sim, agora vivo pouco depois de Lloyd Park, mas cresci na Village.

Chegámos ao fundo da secção infantil e Sharona carrega num botão para chamar o elevador. Um barulho sinistro sobe pelo poço, como se tivesse convocado uma criatura das profundezas, um *kraken* mecânico a agitar-se nas entranhas da loja.

– É um bocado assustador – digo eu, quando as portas do elevador se abrem. O cheiro é metálico, lembrando moedas velhas. Dá-me a volta ao estômago, e eu encosto a manga ao nariz e respiro o suave aroma floral das rosas.

– Eu protejo-te – responde Eli, e dá-me um pequeno aperto nos ombros. A Sharona finge engasgar-se enquanto carrega no botão para o segundo andar. As portas fecham-se e o elevador ganha vida.

– Então – digo eu, agora que estamos fora do alcance dos ouvidos. – Qual é a história desta sucursal?

– Fodida – diz Eli.

– Eu não diria *fodida* – diz Sharona, com uma pequena ruga a aparecer entre os olhos enquanto franze a testa.

– Bem, as vendas estão lixadas – responde Eli, enquanto as portas se abrem. Dá um passo para o lado, convidando-me a seguir Sharona para fora do elevador primeiro. – A localização é péssima, ao fundo deste mercado comprido. É demasiado grande para o número de clientes médio e há dois anos que não têm pessoal. São só cinco, incluindo a GL.

– *Cinco*? Numa loja deste tamanho?

– Penso que acham que é suficiente – explica Sharona, abrindo a porta de uma sala surpreendentemente luminosa e espaçosa para o pessoal. Grandes claraboias iluminam três mesas de cafetaria, uma *kitchenette* suja, uma fila de cerca de trinta cacifos e várias estantes desarrumadas. – Mas as lojas desta

divisão estão todas tão espalhadas que, na maior parte das vezes, não é possível, e por isso, ficam contentes com os resultados. Acho que é por isso que os padrões baixaram.

Homens de fato, escondidos no luxo da sede, tinham separado todas as lojas em divisões baseadas não na localização geográfica, mas no orçamento e no tamanho. A estratégia era confusa, um plano concebido por aqueles que conheciam os refrigeradores de água, as salas de reuniões e o PowerPoint, e os seus dias de fazer calendários há muito que ficaram para trás, se é que alguma vez os tiveram. Imaginava a sede como uma espécie de clube de cavalheiros, com painéis de madeira escura e charutos, uísque em copos caros, sombrio com a gravidade masculina de uma sala de guerra.

– Estamos a negociar com o senhorio – diz Sharona, pousando a mala numa das grandes mesas da cafetaria. – É uma unidade enorme e ele vai ter dificuldade em ocupá-la se fecharmos a loja. Se conseguirmos baixar a renda e aumentar as vendas no Natal, a loja pode ser viável durante mais um ano ou dois. Penso que a ideia é reabrir noutra local em Walthamstow. Uma unidade mais pequena num local melhor, como o centro comercial, mas... – Abriu os braços num encolher de ombros exagerado, depois pegou na chaleira para fazer chá.

– É triste, realmente – afirma Eli, indo para outra mesa da cafetaria e enrolando um cigarro. – Tipo, para a comunidade e para os livreiros. Todos eles estão cá desde sempre.

– Bem, havia duas livrarias independentes por aqui antes de esta abrir – lembro, pousando a minha mala e o meu casaco num cadeirão velho e maltratado e pegando nos meus cigarros. – A Spines acabou com elas. É apenas negócio, não é?

– Bem, vejam só a nossa pequena capitalista – declara ele, rindo.

Roach

Os três novos livreiros passaram a manhã a percorrer a loja como se fossem donos do lugar, examinando cada secção com um olhar crítico e tomando notas. Enquanto Barry marcava as entregas e atendia os clientes, seguia os seus progressos com uma expressão ansiosa, de lábios bem apertados.

Ao meio-dia em ponto, deixei-os à vontade e fui almoçar. Na sala dos funcionários, Laura tinha colocado a sua gabardina *camel* e o seu *tote bag* puído no meu cadeirão. Peguei na gabardina entre um dedo e o polegar, ostensivamente para a atirar para o lado e poder sentar-me, mas fui mergulhando a outra mão em cada um dos bolsos. Num deles, havia apenas um isqueiro de plástico roxo e algumas moedas; no outro, um lenço de papel enrolado. Lançando um olhar para a porta da sala dos funcionários, voltei a minha atenção para o *tote bag*. Tinha impressas as palavras «*nolite te bastardes carborundorum*», com uma mancha de tinta azul num dos cantos. Procurei dentro dela, com os ouvidos atentos a quaisquer sons de movimento vindos do corredor. Ela trazia muitos tubos diferentes de hidratantes e outras porcarias, coisas que eu nunca pensaria em trazer comigo. Se as minhas mãos estivessem secas, deixava as palmas estalarem antes de me lembrar de comprar creme para as mãos. Se os meus lábios estavam gretados, arrancava a pele em tiras molhadas e engolia-as, saboreando o sabor metálico do sangue.

Voltei um livro de bolso nas minhas mãos. Com um sobressalto de reconhecimento, apercebi-me de que era um livro que também já tinha lido: *I'll Be Gone in the Dark*, um relato pormenorizado dos crimes do Golden State Killer. Estava bem desgastado, com etiquetas autocolantes a marcar passagens específicas, e frases ocasionalmente sublinhadas levemente a lápis. Perguntei-me qual seria o objetivo dela ao fazer uma leitura tão atenta – algum tipo de investigação, talvez para um ensaio ou um artigo? Talvez tivesse um *podcast*. De qualquer forma, ela estava claramente interessada em *True Crime*. Senti uma afinidade imediata que derreteu o gelo entre nós. Podíamos emprestar livros uma à outra, ir ver as *Murder Girls* juntas. Talvez até enviar *e-mails* com *links* para leituras longas que encontrássemos na Internet sobre raptos, assassinos de crianças, investigações falhadas. A minha avaliação da *Pumpkin Spice* estava claramente errada, e eu tinha a imagem selvagem de nós a fazer viagens ao Kenwood Ladies' Pond, em Hampstead,

para divagar sobre escritores e artistas, comer fatias de tarte de maçã caseira e falar sobre os nossos *serial killers* favoritos.

Servi-me de um pouco do seu creme para as mãos, que me deixou as palmas cobertas de uma película de gordura com um cheiro doce, como creme de manteiga derretido, e depois fanei uma lata de refrigerante caro com sabor a cereja, que enfiei debaixo das pilhas de livros, comunicados de imprensa, sacos de plástico e papelada velha no meu cacifo. Pendurei o *tote bag* no bengaleiro com a gabardine dela e instalei-me no meu cadeirão com um pote de *taramasalata* e um pacote de bolachas. Coloquei *An A-Z of Serial Killers* na minha estante e escolhi outra coisa para ler. Inspirada pela conversa que tivera no evento das *Murder Girls*, decidi-me por *The Stranger Beside Me*.

Assim que me começava a concentrar no assunto, a porta da sala dos colaboradores abriu-se e Laura entrou com um dos novos livreiros a reboque, rindo-se de uma piada privada.

– Ah! Deves ser... – O homem inclinou a cabeça para olhar para o quadro de avisos na parede junto à porta – ... Brogan?

– Roach – chamou Laura, com aquela voz de plástico brilhante. – Como o inseto, certo?

Pensei no exemplar de *I'll Be Gone in the Dark* que ela tinha na mala e retribuí-lhe a atenção com um sorriso hesitante.

– Sou o Eli – apresentou-se ele, tirando uma embalagem de tabaco de enrolar do bolso de trás e deixando-se cair no sofá esfolado a imitar cabedal para enrolar um cigarro. A sua cabeça estava encostada a um *poster* de montra de *Breaking Dawn*, de 2009. Era um dos preferidos de Barbara, e perguntei-me se o seu cabelo por lavar deixaria uma mancha de gordura, como aquelas manchas nebulosas de cera de cabelo nas janelas dos autocarros, causadas por pessoas que se encostam ao vidro.

Laura empoleirou-se numa das mesas e eu fiquei grata quando começaram a falar de trabalho. Eu detestava conversa fiada. Odiava ouvir as pessoas a tagarelar sobre os seus fins de semana, televisão, férias. Pequenas queixas sobre os seus senhorios, os seus namorados e os seus bancos. Detestava partilhar a sala dos colaboradores com estranhos e ter de perceber o que era suposto eu dizer quando me faziam uma pergunta banal como «o que andas a ler agora?» ou «de que tipo de música gostas?», porque a verdade nunca era a resposta certa, matava sempre a conversa.

Laura continuava a usar a sua boina verde floresta e os seus sapatos eram do mesmo tom de verde folha. Este pormenor ficou-me gravado na memória – a boina e os sapatos, exatamente no mesmo tom de verde pinho. Perguntei-me se ela os teria comprado no mesmo sítio ou se teria passado meses à procura. Mais tarde, fiquei a saber que a Laura usava sempre coordenados: uma *clutch* brilhante em cereja combinada com umas sandálias de cunha brilhantes, uma mochila em pele preta mate com uns sapatos escoceses elegantes, uns calções Adidas casuais com um saco de ginástica *vintage*.

No início, achei isto fabricado, mas, anos mais tarde, quando estava em

Nova Orleães para ver as *Murder Girls* gravarem um especial de Halloween ao vivo, senti-me atraída por um par de sapatos de salto alto de cor ametista profunda numa *boutique* gótica cara, porque eram exatamente do mesmo tom que a fita de cabelo que estava a usar. Foi só quando desci a Bourbon Street com os meus sapatos novos, que me magoavam os dedos dos pés, que me apercebi de que o fantasma da Laura tinha atravessado o tempo e condicionado, sem saber, a minha escolha. Ainda a deixava entrar na minha mente, ainda a deixava influenciar-me. Atirei os sapatos para debaixo da cama do Airbnb e ignorei o simpático *e-mail* do proprietário a pedir um endereço para os enviar.

– Ei, Roach, queres um biscoito? – Eli segurava um saco de papel amassado que parecia ter sido usado mais do que uma vez. Lá dentro, havia vários *nuggets* castanhos e granulados que pareciam merda de gato. – São veganos, foi a minha namorada que os fez.

– Não sou vegana – afirmei.

– Bem, então, tu e os meus biscoitos têm menos em comum do que eu pensava – disse ele com o tipo de riso bem-humorado que provavelmente fazia com que as mulheres gostassem dele. – Laura?

Ela fixou um olhar vazio no saco de papel, depois abanou a cabeça com um beicinho. Com uma voz surpreendentemente profunda, nada parecida com a voz brilhante com que tinha falado comigo antes, respondeu:

– Não, estou bem.

Sem se incomodar, Eli deu uma mordida no biscoito. Um músculo do seu maxilar estalou enquanto ele mastigava.

– Então, o que é isso que estás a ler, Roach?

Levantei a capa na direção dele, e ele inclinou a cabeça e sorriu enquanto engolia. Leu cada palavra lentamente:

– *The Stranger Beside Me*. É bom? Do que se trata?

– Hum. Ted Bundy.

Ele continuou com o seu sorriso bem-humorado, por isso decidi elaborar na esperança de chamar a atenção da Laura.

– Era um *serial killer* americano. Matou mais de trinta pessoas antes de ser apanhado, mas não sabemos exatamente quantas, e era famoso por ser muito bonito e carismático, e muitas vezes fingia estar ferido para induzir nas suas vítimas uma falsa sensação de segurança, e negou os seus crimes durante uma década inteira, e fugiu da prisão duas vezes, e acabou por ser condenado à morte na cadeira elétrica e...

Perdi o fôlego quando percebi que Eli estava a rir, mostrando molares salpicados de obturações cinzentas metálicas e uma pasta de biscoito mastigado preso entre os dentes. Ele ergueu a palma da mão em sinal de rendição.

– OK, OK...

– ... às vezes guardava as cabeças – disse eu, terminando o meu pensamento.

– Talvez dê uma vista de olhos – declarou ele calmamente, numa voz que sugeria que não o iria fazer.

– Ei, podemos fumar lá fora?

Ambos nos virámos para olhar para Laura, que apontava pela janela para o terraço, para a mesa de piquenique e para os pombos que bicavam o asfalto.

– Sim – disse eu, desanimada. Pensei que talvez ela pudesse apanhar a minha deixa de conversa e falar sobre Ted Bundy, mas tinha uma expressão estranhamente neutra enquanto olhava fixamente para a janela.

– Fixe – respondeu ela. – Então é para lá que eu vou.

Laura

Fui conhecendo melhor cada livreiro através das suas secções. O Barry deixa um rasto de lama seca à volta de História, e mantém um controlo apertado sobre os seus expositores. Quando a Noor está a trabalhar, há uma linha doce de cerejas pretas e amêndoas na secção de Viagens, onde sonha acordada com oceanos azul-turquesa a banharem praias de areia macias como açúcar e, quando é o seu dia de folga, os seus cartões de recomendação, escritos numa caligrafia cuidada, indicam aos clientes os seus livros de viagens preferidos e os guias de todos os lugares que ela deseja visitar. O nosso reforço temporário de Natal, Kofi, é alto e esguio, com a cabeça rapada, sobranceiras arqueadas e maçãs do rosto elegantes. Prefere a azáfama e o barulho da caixa, só ganhando vida quando tem um público para namoriscar, mas como estudante de literatura inglesa, passa os intervalos a ler solenemente o cânone – Dickens, Austen, Wilde –, ou a olhar para o telemóvel.

Dou muito espaço à Roach. Não sei explicar exatamente porquê. É apenas um sentimento, uma repulsa instintiva. Ela irradia uma aura de carência. Está estampado no seu rosto sempre que falamos: *olha para mim, ouve-me, dá-me atenção, a mim, a mim*. Ela assombra a caixa do primeiro andar, parece passar mais tempo lá do que em qualquer outro sítio, mexendo ocasionalmente na secção de *True Crime*. É demasiado grande para a quantidade de *stock* que tem, com demasiados expositores, e os livros – porcarias estranhas, mal impressas, de editoras obscuras – estão constantemente a cair.

– É ótimo ver algumas caras novas por aqui. – Martin sorri e esfrega as mãos com um prazer sincero. Fala baixo, tem cerca de sessenta anos, cabelo prateado e um ar *hippie* desbotado. Quando fala, estreita os olhos e sorri como se estivesse a espreitar através do fumo, e consigo facilmente imaginá-lo na fila atrás da Sharona para comprar caril de tofu num festival de *world music*.

No entanto, as minhas esperanças de ter um camarada na secção infantil são frustradas no meu terceiro dia na filial de Walthamstow. Ele paira à minha volta como um helicóptero enquanto arrumo a prateleira, monitorizando todos os meus movimentos, criticando e corrigindo gentilmente as minhas escolhas. É resistente à mudança, está habituado a fazer as coisas à sua maneira e parece pensar que estou aqui para aprender com ele e não o contrário.

No seu dia de folga, ataco. Tiro todo o *stock* das prateleiras da secção dos nove aos doze anos e troco a mesa dos clássicos, vazia e desolada, por uma exposição cheia de livros de bolso novos e brilhantes, dispostos numa pirâmide perfeita. Os *buggy books* – pequenos livros de cartão presos a elásticos, perfeitos para pendurar nos carrinhos de bebé e resistentes às mãos ágeis e às bocas molhadas das crianças – estão espalhados por todo o lado, por isso, reúno-os e coloco-os numa caixa de acrílico que encontro no armazém. Há uma vitrina vazia na secção de Educação Infantil, por isso escolho algumas obras de não-ficção bonitas e ilustradas para criar uma exposição educativa apelativa, com cortes transversais de edifícios históricos e dissecações do corpo humano em forma de desenho animado.

Quando volto do almoço no dia seguinte, o Martin já desfez todo o meu trabalho árduo. Voltou a colocar a mesa plana de clássicos infantis, apesar de não haver *stock* para a encher, e trocou a minha exposição brilhante de livros educativos de capa dura por uma seleção aleatória de livros ilustrados. Os *buggy books* não aparecem em lado nenhum, até que encontro a caixa de acrílico enfiada na secção de livros de oferta. As suas escolhas não fazem sentido, nem comercial nem logicamente.

– Eu sei o que os meus clientes querem – insiste ele, apesar de não termos clientes.

Roach

A Laura e eu não nos vimos muito durante essa primeira semana. Para minha grande irritação, fui enviada para a sucursal de Wood Green para cobrir um dia de baixa, e a seguir foi o meu dia de folga, e depois foi o da Laura. Perguntava-me como é que ela passava o seu tempo livre. Imaginava-a a teclear num MacBook, num pequeno café da moda da zona leste de Londres, com a sua cópia anotada de *I'll Be Gone in the Dark* aberta à sua frente enquanto trabalhava. Queria desesperadamente saber que tipo de projeto pervertido necessitava de uma leitura tão atenta daquele livro, mas, quando finalmente nos encontrámos na loja, não consegui arranjar uma forma de falar nisso sem revelar que tinha andado a remexer nas coisas dela.

Enquanto estava na caixa do primeiro andar e a via passar entre as secções, montando expositores e reorganizando as mesas, Eli bateu com uma esferográfica no seu crachá, acordando-me das minhas obscuras cogitações. Tinha-me distraído novamente. Às vezes, era como se um interruptor se ligasse e eu estivesse noutro lugar, nas profundezas das masmorras da minha mente, perdida num pensamento depravado.

– Parece que te falta aí algo – disse Eli, batendo um pouco no seu próprio crachá enquanto olhava para o meu. O dele brilhava com um conjunto completo de oito *pins* dourados. – Há quanto tempo vendes livros?

– Faz oito anos em dezembro – respondi eu.

Ele assobiou de surpresa.

– Uau... Então espera, que idade tinhas quando começaste?

– Dezasseis.

– Deves saber umas coisas, então. – Ele piscou o olho e, para meu supremo embaraço, senti as minhas bochechas aquecerem. – Então, porque é que só tens um *pin*?

Olhei para ele e suspirei como se fosse óbvio. Os *pins* eram uma forma insignificante de reconhecer a perícia dos livreiros. Só *normies* como o Eli ou a Noor é que se preocupavam com eles. A cada secção da loja fora atribuído um ícone, e cada ícone tinha sido transformado num pequeno *pin* dourado que podia ser colocado nos nossos crachás. Havia um pincel para Arte, Fotografia e *Design*, um avião para Viagens, uma lupa para Crime, e assim por diante. Claro que tudo o que isso significava era que os clientes familiarizados com o sistema aprendiam a escrutinar os nossos crachás com os seus olhinhos

pequenos, não confiando realmente numa recomendação a não ser que viesse de um livreiro com a porra do *pin* certo.

Foi exatamente por isso que recusei todas as oportunidades de aumentar a minha contagem de distintivos, apesar de não se poder passar a livreiro especialista sem ter pelo menos seis. O meu crachá teria permanecido um teimoso zero, mas a Barbara disse que não parecia profissional e forçou-me a usar o *pin* da Ficção, um pequeno livro frio e duro, com as páginas a serem agitadas por uma mão fantasmagórica.

Num ato secreto de rebelião, desenhei os meus próprios *pins* baseados em *serial killers*. John Wayne Gacy, com a sua maquilhagem de Pogo, o *Palhaço*, foi a escolha natural para a secção de Humor, embora o tenha pintado com a cara descontente da sua fotografia do registo criminal.

Para a Culinária, o perfil louro e esculpido de Jeffrey Dahmer: sádico, *serial killer*, necrófilo e, claro, canibal. A secção infantil era representada pelos olhos escuros com rímel e pelo volumoso penteado louro cheio de laca da *child-killer* Myra Hindley. Para a História Local, tinha de ser o Estrangulador de Stow.

Fui completando os meus esboços durante as longas horas que passava no solitário balcão de informações, na secção de História, nos dias de folga do Barry, onde utilizava a ligação à Internet para procurar inspiração na Wikipédia e fotografias no Google para reproduzir uma semelhança aceitável. De vez em quando, dava por mim a esmiuçar fóruns há muito abandonados, onde adolescentes entediados e divorciados solitários trocavam factos e gracejos sobre o lado obscuro do mundo ocidental. Mensagens deixadas em 2002, 2003. Dezasseis, dezassete anos depois, e ainda lá estavam, como carrinhos de compras abandonados no fundo de um canal.

A minha obsessão pelo *True Crime* começou na minha adolescência. Lembro-me de ver um documentário noturno do Channel Four sobre pessoas que acreditavam ser vampiros na vida real e andavam por aí com capas e presas de porcelana caras a cometer assassínios. O documentário tinha uma locução solene e reconstituições a preto e branco das partes aborrecidas dos crimes, como quando a rapariga do liceu – uma *normie*, claro –, bonita, casta, de camisola e calças de ganga, com boas notas e um futuro brilhante, entrava no carro do assassino e se percebia que estava em sarilhos.

O documentário não entrava em muitos pormenores, por isso usei o meu computador portátil para procurar os detalhes factuais de cada assassínio, para me certificar de que estava totalmente informada sobre o assunto. Não gosto de me sentir insuficientemente informada sobre as coisas. Fiquei acordada até muito tarde nessa noite, a pesquisar no Google.

– Já agora, sabias que a Laura Bunting escreve poesia? – perguntou Eli, batendo no meu ombro com a sua caneta. Afastei-me um pouco para quebrar a ligação entre nós. – Ela vai fazer uma sessão esta noite, e acho que devias ir. Mesmo que detestes poesia, vai ser divertido.

– Não sei – disse eu. – Tenho de limpar o aquário do meu caracol esta

noite.

Um olhar de surpresa encantada transformou o seu rosto.

– Tens caracóis?

– Tenho um caramujo-gigante-africano chamado *Bleep*.

– *Bleep*! Tão giro. – Ele parecia divertido. – Mas é uma merda. Sei que a poesia não deve ser a tua praia, mas se o teu caracol puder esperar mais uma noite, pago-te uma cerveja? Vai a equipa toda. – Ele fez uma pausa, talvez a reparar no *badge* das *Murder Girls* preso na minha camisa, ou a pensar no meu discurso do início da semana sobre o Ted Bundy. – O trabalho da Laura... bem, pode ser considerado bastante sombrio. Acho que vais gostar, na verdade.

As minhas orelhas levantaram-se quando o ouvi dizer «bastante sombrio» e lembrei-me do exemplar de *I'll Be Gone in the Dark* que ela trazia na mala, todo amachucado e sublinhado, lido até à exaustão. Dennis Nilsen escreveu poesia na prisão. Damien Echols, um dos West Memphis Three, escreveu-a no corredor da morte. Eu adorava a ideia de poesia – adorava a sua confusão fácil, a sua obscuridade, a forma como qualquer pessoa podia juntar palavras e chamar-lhe um poema – mas nunca tinha ido a uma sessão de poesia.

Nesse momento, Eli avistou uma cliente que parecia perdida, com um pedaço de papel agarrado nas mãos enquanto franzia o sobrolho para os cabeçalhos das prateleiras como se estivessem escritos em hieróglifos. Enquanto se dirigia para a ajudar com qualquer merda sem sentido que ela quisesse, olhou-me por cima do ombro.

– Vais alinhar, certo? – questionou ele, com as sobrancelhas levantadas.

Tentei esconder o meu entusiasmo com um casual polegar para cima, mas a minha pele tremia de excitação.

Claro que ia alinhar.

Laura

Uma mulher idosa, de cabelos brancos e costas ligeiramente curvadas, compra *Letters to a Young Poet*. Um homem de bochechas rosadas, covinhas e caracóis loiros, como um querubim crescido, compra *American Psycho*. Uma adolescente com cabelo cor-de-rosa pastel e uma camada saudável de blush sobre a cana do nariz compra *The Fountainhead*.

– Não te zangues – diz Eli, parando para pousar uma pilha gigante de livros sobre a mente, o corpo e o espírito na caixa registadora. Anjos e cristais, cartas de tarô e auras. Fumo e espelhos para cobrir a dor da realidade com um cobertor de conforto de misticismo.

– Não me dês razões para estar zangada – respondi, tirando da pilha um bonito livro de capa dura chamado *Astro Poets* e voltando-o para ler a sinopse.

– Convidei o resto da equipa para esta noite – diz ele com um sorriso malicioso.

Pousei o livro e fiz-lhe uma careta.

– Oh, *não vales nada*.

– Não faças essa cara – diz ele, arrumando a pilha de livros. – Convidei a Sharona, e ela convidou o Martin, e o Martin perguntou se devia mandar uma mensagem ao Barry, e a coisa foi-se tornando uma bola de neve. Estás mesmo zangada?

– Pensei que íamos ser só nós, mais nada.

Ele abre a boca com uma careta, e depois faz uma pausa enquanto procura as palavras certas. Apercebo-me, com uma onda quente de embaraço, que pode ter soado como se eu pensasse que íamos ter um encontro.

– Quer dizer, eu ia convidar a Sharona de qualquer maneira – digo rapidamente, colocando o *Astro Poets* de volta na sua pilha de livros para as prateleiras. – Mas tinhas de convidar a equipa toda?

– Mas não é para caridade? Pensava que a ideia era do género quanto mais, melhor?

– Sim, mas... – Um puxão de inquietação, e depois a imagem de Roach, com os olhos a brilhar enquanto falava de Ted Bundy, calcifica-se na minha mente. – Não sei, mas tudo bem. Só gostava que me tivesses perguntado primeiro.

Encosto-me ao balcão e inspeciono as minhas unhas. O verniz lascou nas

extremidades, deixando uma ilha escarpada de tinta pêssego em cada unha.

– Ah, vais arrasar – diz ele, sério e terno. – Não me odeias, pois não?

Eli cheira a suor recente e *nag champa*, e quando sorri, as suas bochechas fazem covinhas.

– Não te respeito o suficiente para te odiar – respondo, e ele ri-se enquanto desaparece em direção ao elevador.

Uma rapariguinha de gabardina amarela escolhe um livro de cartão com um pato de borracha na capa. Um senhor idoso, com um fato de *tweed* de três peças com nódoas, compra *O Centenário Que Fugiu pela Janela e Desapareceu*. Uma mulher com acessórios acrílicos fúcsia e lábios cor-de-rosa a condizer compra *O Vale das Bonecas*.

Por vezes, as pessoas surpreendem-me, outras não.

Roach

A sessão de poesia era num bar chamado *Nib*. Uma rapariga com cabelo verde encaracolado e uma argola no septo como os touros estava sentada num banco alto junto à porta, com uma prancheta e um balde de plástico roxo para recolha de donativos.

– Olá, pessoal, esta noite a entrada é por donativo – cumprimentou ela, abanando o balde na nossa direção. – Estamos a angariar dinheiro para a *Women's Aid*.

O bar era o tipo de sítio de que os *normies* gostavam, desesperados por recriar o ambiente descuidado e *cool* de uma taberna americana, com um ar negligente cuidadosamente selecionado. As paredes estavam pintadas de um preto surrado e, junto ao bar, tinha alinhados uns bancos de pele artificial rasgados. Um tipo com *dreads* servia as bebidas e abanava a cabeça ao som de uma guitarra pretensiosa qualquer que saía das colunas. Imaginei-o a servir uísques a detetives exaustos e de cara fechada, a beber para esquecer, a beber para se livrarem da última cena de crime brutal, a beber para não levarem os ecos do homicídio para casa, para as suas mulheres.

Umás mesas altas estavam viradas para um palco improvisado, coberto de autocolantes rasgados e *flyers* colados, ladeado por um velho piano e uma mandioca plantada num vaso de terracota. Por insistência de Laura, os livreiros arranjaram uma mesa perto do fundo.

– Caso contrário, fico demasiado consciente do meu público – disse ela, tirando a gabardina *camel* e reservando um lugar ao lado de Eli. – Tenho um melhor desempenho quando me sinto anónima.

Sentei-me no lugar ao lado do de Laura. Tinha passado o dia inteiro a tentar iniciar uma conversa com ela e, embora ela sorrisse sempre educadamente quando eu falava com ela, a distração toldava-lhe o olhar e as suas respostas eram curtas e vagas. Esperava que o ambiente da leitura de poesia a descontraísse e que, finalmente, conseguisse puxar conversa suficiente para ela perceber que tínhamos algo em comum.

Laura afastou-se para cumprimentar um homem alto e magro, com maçãs do rosto marcadas e uma barba desgrenhada, enquanto Sharona foi ao bar e voltou com um balde de metal cheio de garrafas abertas de Budweiser com gelo, que derramava água fria por toda a mesa e pingava o chão.

Eli, Noor e Kofi aceitaram cervejas do balde de Sharona, mas depois de

uma rápida troca de palavras com Barry, Martin pediu licença e regressou do bar com dois *pints* de *bitter*. Eu queria uma *Dark Fruits*, mas os outros ainda não se tinham instalado, e eu não queria correr o risco de perder o meu lugar ao lado da Laura, por isso aceitei a última cerveja do balde.

– Estou só a tentar poupar algum dinheiro – declarou Noor. – Quero fazer uma viagem de mochila às costas em 2020, mas não sei de quanto é que vou precisar.

– Depende de onde queres ir, na verdade – disse Sharona, levantando a sua garrafa de cerveja e limpando a água da base para evitar que pingasse no seu *top*. – Se quiseses ir pelo caminho dos *hippies*, o maior custo é a passagem aérea. Quando lá chegares, tudo é muito barato. A Europa fica mais barata quanto mais para leste fores, e os EUA são basicamente caros em todo o lado. Por outro lado, viajar de mochila às costas para um sítio como a América do Sul...

Continuou a divagar. Noor era pequena e magra, com ombros delicados e pulsos finos. O único cenário em que eu a conseguia imaginar a viajar de mochila às costas era o de uma reportagem sobre pessoas desaparecidas no noticiário da noite.

– Mas parece-me fantástico – afirmou Eli. – Tens de fazer essa merda enquanto ainda és jovem. Não é, Sharona?

– Vai-te foder – disse Sharona com um sorriso largo que revelava a falta de um canino. – Só tenho quarenta, obrigada.

– Ah, estou só a brincar. E, de qualquer forma, nunca se é demasiado velho para viajar – desculpou-se Eli, levando a garrafa de cerveja aos lábios. – Espero ainda andar por aí a descobrir novos lugares quando tiver cem anos.

– Sim, está bem, obrigada por isso – disse Sharona, mas continuava a rir-se e o seu riso era contagiante, e o resto da equipa também se riu à sua custa. Quando as pessoas se riam de mim, eu sentia-o nos meus ossos, doloroso e agudo como uma broca de dentista, mas era algo que Sharona simplesmente ignorava, e até parecia gostar.

O bar estava a encher-se à nossa volta, mas o lugar de Laura continuava visivelmente vazio. Enquanto os livreiros continuavam a sua conversa sem sentido, observei-a a esvoaçar pela sala, um colibri a recolher o néctar da atenção das pessoas que conhecia. Trazia consigo algo-com-Cola e um pequeno volume cor-de-rosa de páginas agrafadas e, quando o homem alto com a barba desgrehada ligou o microfone, ela virou-se para o palco e bateu palmas sem derramar uma gota da sua bebida.

Laura foi a primeira a ler. Quando o anfitrião anunciou o seu nome, ouviram-se aplausos educados. Ela subiu ao palco e tomou o seu lugar em frente ao microfone, sem olhar para os colegas. Eli levantou a garrafa de cerveja em saudação silenciosa, mas ela estava a folhear o seu pequeno livro cor-de-rosa e não lhe prestou atenção.

– Olá! Chamo-me Laura e sou uma escritora e poetisa local. – Usava a sua voz de cliente: alegre, brilhante e calorosa. – Esta noite vou ler-vos alguns

found poems. Só para vos explicar o que isso significa... Pego em excertos de prosa de narrativas de *True Crime* para criar poesia comemorativa sobre as vidas das mulheres que são tantas vezes esquecidas quando falamos de crimes violentos. Alguns são um pouco mais sombrios do que outros, por isso, considerem isto um aviso prévio.

Agora, já tinha a minha atenção.

– Este chama-se «It Was Now 5 a.m.» – disse ela, e depois começou a ler. Parecia que estava a recuperar de uma constipação e falou para o microfone com uma voz rouca e xaroposa que atraíu a atenção da sala. O público ficou em silêncio enquanto ela declamava, apenas o barulho ocasional de cubos de gelo, quando alguém bebia um pouco, e o bater periódico da gaveta da caixa registadora. Os livreiros estavam todos cativados, à exceção de Eli. Embora parecesse estar a ouvir, tinha a cabeça baixa enquanto arranhava com a unha do polegar o rótulo de papel molhado da sua garrafa de cerveja, com uma expressão grave no rosto. Era o único livreiro que não estava a olhar para ela.

No início, achei a sua poesia um pouco aborrecida – era só céus cor-de-rosa e amanheceres pálidos –, mas quanto mais ela lia, mais me sentia atraída pelo seu mundo sombrio. Se o seu objetivo era retirar a violência das narrativas de *True Crime*, o resultado foi o oposto. Entre descrições do tempo e de mulheres a fazer coisas normais: pendurar roupa no estendal, devolver cassetes de vídeo, deixar as crianças na escola, consegui sentir o sangue derramado a ferver por baixo de tudo, a ameaça constante de assassinio, os flashes ocasionais de frieza, de ameaça. Ao remover a violência, só conseguia pensar nela. O que é que aconteceu a estas mulheres? Quando é que o quotidiano das suas vidas se tornou extraordinário com um último – e fatal – encontro casual? Escutei atentamente as pistas que poderiam indicar o período de tempo ou o local, quaisquer migalhas que me pudessem levar aos assassinos nas entrelinhas.

Quando ela terminou, a sala começou a aplaudir. Pousei a minha bebida e bati com as palmas das mãos uma na outra com tanta força quanto possível. Ela acenou com a cabeça – um breve movimento de cabeça que se assemelhava a uma vénia –, pegou na sua bebida sobre o piano e saiu rapidamente do palco em direção à nossa mesa. Preparei-me para a cumprimentar, já à procura das palavras certas para exprimir o quanto a sua poesia se tinha entranhado na minha pele. Queria perguntar que livros tinham inspirado cada poema, descobrir que assassinos os faziam vibrar. Este era o nosso momento de nos relacionarmos.

No entanto, Laura não parecia pensar assim. Passou por mim, ignorou-me, e foi ter com Eli. Ele segurava um cigarro enrolado e algo-com-Cola – nada de cerveja do povo para a Laura –, como um espectador a cumprimentar um corredor de maratona na linha de chegada.

– Dá-me – sorriu ela, pegando no cigarro com uma mão e na bebida com a outra. Quando o anfitrião começou a apresentar o poeta seguinte,

Sharoninha inclinou-se para a frente e deu uma palmadinha no antebraço de Laura.

– Muito bem – murmurou ela em voz baixa. – Foi épico, amiga. Arrasaste.

– Obrigada – Laura sussurrou, com um sorriso presunçoso nos lábios, e então olhou para Eli e ele assentiu. Enquanto caminhavam juntos para a rua, fiquei espantada com o facto de a multidão se ter simplesmente separado e os ter deixado passar. Imaginei que ela seria inundada por admiradores: outros poetas desejosos de a felicitar, talvez até um agente de poesia (se tal coisa existisse – deve existir, raciocinei) à espera de lhe entregar um cartão, ou um editor pronto a oferecer-lhe um contrato para um livro naquele preciso momento. Só podia supor que todos os outros, como eu, estavam atordoados em silêncio, com as palavras dela ainda a ricocheteiar nas suas cabeças. Dei por mim a desejar ser fumadora, para poder segui-los até à zona de fumadores e ninguém estranhar.

No palco, um poeta élfico, de *chinos* e casaco com o fecho aberto, ajustava o microfone como se nada de extraordinário tivesse acontecido.

– Este é sobre o meu medo das igrejas – disse.

Dirigi-me ao bar e pedi um *pint* de *Dark Fruits*. Com o copo na mão, senti-me corajosa. Num impulso, passei diretamente pelos meus colegas e levei o meu copo efervescente lá para fora, para encontrar Laura. Quem precisa de um maço de cigarros para apanhar ar fresco? Parecia imperativo falar com ela naquele momento, enquanto a minha cabeça ainda estava a mil e o meu coração a martelar. Se eu tentasse articular esse sentimento mais tarde, na loja, não seria a mesma coisa. Pareceria forçado, e ela poderia pensar que eu estava apenas a ser simpática, educada. Ela afastar-me-ia, ignorar-me-ia. Precisava que ela soubesse que eu também sabia algumas coisas, que tinha crescido à sombra de um *serial killer*, que compreendia o poder da violência.

O jardim estava a fervilhar, o ar estava envolto em nuvens de fumo de *vape* que cheirava a pastilha elástica e gomas. Vi o brilho do cabelo louro de Laura no meio da multidão, algures no canto mais afastado do pátio. Estava empoleirada na mesa de um dos bancos redondos de piquenique, com os pés no assento, e não parecia importar-se que a madeira estivesse manchada de escuro com a chuva do início da noite, mesmo que devesse estar a infiltrar-se através do tecido fino da sua saia. Ela estava a rir-se de algo que Eli tinha dito, a rir-se mesmo, com um cigarro enrolado apagado entre os dedos.

– Não posso simplesmente ir-me embora, isso ia parecer uma merda. – Ela riu-se, encantada consigo mesma, e depois levantou o queixo e fixou-o com um sorriso malicioso. – Receio que estejas preso aqui. Tens lume?

Este parecia ser o meu momento. Dei um passo em frente e fui abruptamente empurrada por um *normie* que passava. Um gole de Strongbow correu pela frente do meu casaco, uma mancha pegajosa escurecendo a ganga preta.

– Oh, olá, Roach. – Eli olhou para cima e dirigiu-me um sorriso educado

enquanto tirava um isqueiro do bolso das calças. – O que podemos fazer por ti?

Engoli um sentimento crescente de embaraço. Ele pensou que eu queria alguma coisa, que tinha sido enviada para transmitir uma mensagem ou fazer uma pergunta, tal como se estivéssemos na livraria e eu estivesse a interromper uma conversa sobre a frente da loja. Pestanejei e decidi ignorá-lo.

– Só queria dizer – disse eu à Laura – que foi incrível. Tipo, mesmo incrível.

– Oh, obrigada! – Ela falou com um tom brilhante e impessoal e inclinou-se para a frente enquanto Eli acendia o isqueiro. A chama continuou a tremer até que, com uma pequena careta de irritação, ela pegou no isqueiro e terminou o trabalho sozinha. Ambos olharam para mim, e eu mudei o meu peso de um pé para o outro.

– Então, hum, lê... lê muito sobre *True Crime*?

Ela soprou o fumo educadamente pelo canto da boca e desviou o olhar como se estivesse a pensar.

– Não muito – disse ela. – Só para a poesia, na verdade.

– Em que livros se baseiam os teus poemas? – perguntei, bebendo um gole da minha sidra. – Pensei que talvez um deles fosse sobre Richard Ramirez, mas...

Pode ter sido devido a uma forte rajada de vento, mas pareceu-me vê-la encolher-se.

– Não escrevo poesia sobre assassinos – disse ela com uma fungadela, sacudindo uma pequena quantidade de cinza da ponta do cigarro. – Escrevo poesia para homenagear as suas vítimas.

– Era isso que eu queria dizer – esclareci eu rapidamente, mas o passo em falso tinha claramente azedado o seu humor, a sua expressão tinha-se transformado em algo mais duro, mais cruel. Mudei de rumo. – De qualquer modo, gostava de ler mais. Tens alguma edição?

– Sim, publiquei uma série de poemas num panfleto a quatro mãos há alguns anos – afirmou ela. – Há uma pequena mesa junto ao bengaleiro que vende *fanzines* e outras coisas. Tinham um monte deles no início da noite.

– Mas é capaz de esgotar – disse Eli, com um aceno de cabeça. – Devias comprar um agora, antes que esgotem todos.

– Está bem, ótimo. – Cerrei os dentes e dei um passo atrás. – Vou buscar um agora, então.

– Ótimo – respondeu Laura. Chupou o cigarro e falou através do fumo. – Obrigada por teres vindo, Roach.

– Vemo-nos lá dentro? – quis saber, e ela levantou-me o polegar a custo, trocando um olhar breve, mas incisivo, com Eli. Quando me virei para sair, o sino da sua gargalhada acompanhou a minha retirada e as minhas bochechas arderam.

Abri caminho por entre o matagal de *posers* e as suas nuvens de ar com sabor a *kombucha*. A banca de *merchandising* era uma mesa de cavalete,

cheia de *zines* feitos à mão em papel colorido, *pins* e panfletos, e *flyers* de círculos de poesia, protestos e grupos de ajuda mútua. Atrás da mesa, estava uma mulher da minha idade, com tranças azul-elétrico. Estava a tricotar qualquer coisa em *mohair* lilás, mas, quando me aproximei, tinha as duas agulhas numa mão e a outra estava a mexer no telemóvel.

– Tens a edição da Laura Bunting? – perguntei, examinando a mesa.

Ela levantou o olhar do telemóvel e fixou-me com um olhar vazio e desinteressado.

– Quem?

– A primeira poetisa, Laura Bunting? Ela disse que tinha livros à venda.

– Oh, essa – disse ela. Pôs o tricô de lado e começou a remexer nas pilhas de *zines* fotocopiadas e panfletos impressos a baixo custo. – Tens de ir procurando. Não tenho a certeza de como são todos.

Passámos em revista a sua mercadoria num silêncio de companheirismo, até que ela o encontrou escondido debaixo de uma coleção de ensaios sobre sandes pré-embaladas de supermercado. Chamava-se *their inconsequential moments were beautiful* – sem maiúsculas, muito animado e *cool* – e a capa mostrava o desenho de uma mulher sem rosto, com a cabeça inclinada para uma janela de guilhotina. Havia várias capas de cor doce para escolher – violeta de Parma, limão *sherbet*, laranja *fondant*. Folheei-as e escolhi uma capa cor-de-rosa para combinar com o exemplar da Laura. Paguei-o com uma moeda de duas libras e voltei para o meu lugar para ler.

– Ah, isso é o livro da Laura? – interrogou Sharona, inclinando-se para a frente para ver o que eu tinha na mão. – Posso dar uma olhadela rápida?

– Não – retorqui, agarrando-o com mais força.

O trabalho de Laura levou-me a cidades e subúrbios, praias e trilhos de mochila às costas. Eu estava determinada a desvendar o mistério de cada poema, como se fosse um *puzzle* ou um jogo, mas ela tinha cuidadosamente eliminado nomes de lugares e indicadores temporais. O sol escaldante podia estar a bater nas ruas de Los Angeles, Chicago, Boston ou em qualquer outro lugar. As mulheres podiam estar a fazer compras, a conduzir ou a passear nos anos 70, 80 ou 90. A chuva podia estar a bater nas janelas de Edimburgo, Manchester ou Londres. Era impossível dizer. Ela era uma provocadora. Não pude deixar de imaginar como o seu trabalho seria melhor se ela tivesse a coragem de contar a história e deixasse de se preocupar com as partes aborrecidas.

Outro poeta subiu ao palco para ler, e depois outro.

Laura e Eli voltaram para dentro, trazendo o frio com eles. Eli sentou-se ao meu lado e Laura ocupou o seu lugar anterior, ao lado de Sharona. Mal me mexi. Quando terminei o último poema da compilação de Laura, olhei para cima e fiquei espantada por me encontrar exatamente onde tinha estado o tempo todo, no mesmo lugar, no mesmo bar, na mesma noite, rodeado pelas mesmas pessoas. Foi como atravessar um sonho e aterrar de novo na realidade.

Voltei à primeira página e li tudo de novo, decidida a passar os factos a pente fino mais uma vez, a ver se alguma coisa me dizia algo, alguma frase ou expressão ou linha que me pudesse dar uma pista sobre o demónio que tinha construído a narrativa que Laura estava a contornar com tanto cuidado. Estava absorta, completamente à deriva na maré da sua poesia, flutuando num mar de palavras, imagens e ideias que se transformavam em diferentes assassinos na minha mente, tão indefesa e insignificante como um pedaço de madeira à deriva a rolar nas ondas que ela própria criava.

Laura

Estou a beber *amaretto* e *Diet Cokes* que, na verdade, não posso pagar, mas também não consigo resistir. São doces, fortes e bebíveis, e estou a despachá-los demasiado depressa, e, de quando em vez, o espaço vai-me parecendo desfocado. Com um brilho perverso de sarilhos nos olhos, Eli sugeriu que saíssemos disfarçadamente depois da minha leitura, e embora eu tivesse rido, a própria sugestão deixou-me excitada.

A Roach está a fazer um grande alarido para ler o meu velho livro e o seu entusiasmo é embaraçoso. Não consigo perceber o que é que alguém como ela vê nele. Parece o tipo de rapariga que fica a observar o rescaldo de um acidente de viação, sedenta de um vislumbre de sangue. A minha poesia não é escrita para pessoas como ela.

Sento-me a beber os restos da minha bebida e observo as reações de cada um dos meus colegas à poesia. Barry parece educadamente indiferente, enquanto bebe a sua *bitter*, enviando ocasionalmente mensagens de texto num velho Nokia que segura à distância de um braço enquanto escreve, franzindo o sobrolho para dar sentido às letras no ecrã. Noor tem os dois cotovelos em cima da mesa, o queixo apoiado nas mãos, enquanto olha para o palco com um olhar vidrado, talvez imaginando as praias com palmeiras de Koh Samui. Sharona, cujos gostos são mais literários do que os dos outros, observa os poetas com concentração desmedida, inclinando-se ocasionalmente para sussurrar um sincero «horrível» ou «incrível» ao meu ouvido.

O meu copo está outra vez vazio. Barry e Martin estão a fazer as suas próprias rodadas e os seus *pints* estão frescos e cheios até à borda. Os restantes livreiros estão a comprar, à vez, baldes de gelo de cerveja barata por dez libras, mas o balde atual contém apenas gelo derretido e eles estão a beber lentamente, com as garrafas cheias até três quartos. Não quero que ninguém veja o ritmo a que estou a beber os meus *amarettos*, mas também não quero ficar sentada com um copo vazio, por isso deslizo do meu lugar e arrasto-me até ao bar.

– Posso oferecer-te uma bebida?

Roach. O seu hálito quente cheira a podre, como amoras e cáries, e eu viro a cabeça para o lado.

– Não é preciso, eu peço – digo eu, mas ela chama o *barman* e pede um *pint* de *Dark Fruits* e depois viram-se os dois para mim. Que se lixe. Peço um

amaretto duplo e uma *Diet Coke*.

– Acabei de ler o teu livro – diz ela, como se não tivesse passado a última hora a apontá-lo na minha direção, tentando desesperadamente chamar a minha atenção.

– Muito obrigada – respondo, com um sorriso forçado.

Ela está a olhar para mim como se me quisesse comer, uma energia nervosa emana dela. Levanto o pescoço para ver o que o *barman* está a fazer com as nossas bebidas e vejo-o partilhar uma gargalhada com um dos outros poetas, com o meu copo de *amaretto* vazio na mão, como se tivesse todo o tempo do mundo.

– Gosto muito de *True Crime* – diz ela.

– Ah, sim?

– Gostaria muito de saber de onde vem a tua inspiração.

– Olha, acho que não estás a perceber, se estás interessada em casar os poemas com os casos que os inspiraram – digo eu, explicando a ideologia adjacente. – Estou a recontextualizar um trabalho que lucra com a violência sobre as mulheres. Por isso, se vos dissesse qual é o material de origem, saberiam o contexto e isso mudaria a forma como entendem o trabalho. – Roach pisca-me o olho com uma expressão confusa no rosto, com a boca aberta. – Se eu disser quem são as vítimas, estraga o objetivo do que estou a fazer, porque assim saberemos quem são os perpetradores.

– Adoro *serial killers* – declara ela, e eu penso *é claro que sim*, com um intenso arrepio de aversão. Não me digno a responder a isso, mas ela continua. – Só quero mesmo saber.

– Eu sei – respondo. – E lamento, mas não te vou dizer.

O *barman* coloca as bebidas à nossa frente e eu pego na minha com um rápido e frio obrigado.

Os outros livreiros vão saindo, um de cada vez. Barry é o primeiro a sair, mesmo a meio de uma leitura. Bebe o último gole da sua bebida, levanta-se, veste o casaco e sai com um aceno brusco. O Martin vai logo a seguir, com um aperto rápido no meu ombro, e depois o Kofi e a Noor atiram-me beijos e vão-se embora também. Sharona dá a noite por terminada assim que acabámos de aplaudir o último poeta. Mas eu quero outra bebida e o Eli está contente por poder voltar ao bar.

– Devíamos ir comer *falafel* depois disto – digo eu, enquanto ele coloca outro *amaretto* à minha frente. – Há um restaurante ótimo de *falafel* aqui perto.

– Podemos comer *falafel* – diz ele gentilmente, pousando um *pint* de sidra roxa à frente de Roach. Roach! Porque é que a Roach ainda está aqui? Cabelo roxo, fino e oleoso, a condizer com o roxo do seu *pint*, e com as espinhas brancas agrupadas à volta das suas narinas. Um emplastro da pior espécie.

Pego na minha bebida e concentro-me em Eli. A nossa conversa gira em torno de livreiros que conhecemos, livros que lemos, livrarias onde trabalhamos, e não deixa espaço para Roach manobrar entre nós. Ela senta-se e ouve, sem nada a acrescentar. É cruel e mesquinho, mas estou bêbada e ressentida com a sua presença, um peso morto entre mim e Eli.

A campanha toca para os últimos pedidos. Eu quero outro, mas o Eli já está a vestir o casaco.

– Amanhã é dia de trabalho – diz ele.

– Estou pronta para outra – diz Roach, com uma voz esperançosa.

– Mas é a minha rodada! – digo ao Eli, e ele ri-se e afunda-me a boina na cabeça. – Não sejas tão mimada.

– Laura, estou pronta para outra – diz Roach novamente, mais alto desta vez, mas eu finjo que estou a mexer na minha mala, como se não a tivesse ouvido.

Lá fora, a Lua está enorme, como uma barriga de grávida pendurada pesadamente no céu. Eli e eu pomos os cigarros na boca, revezamo-nos com o isqueiro. Está perro e o vento é forte, mas finalmente acende-se uma chama.

– Vá lá, Eli, mais uma – digo, travando a primeira passa de fumo por um segundo, apreciando o ardor nos meus pulmões. – Não sejas parvo, já não bebemos juntos há *séculos*.

– Acabámos de tomar umas dez bebidas juntos – diz ele, com uma gargalhada. O fumo sai dos seus lábios e o potencial do resto da noite abre-se na minha mente. Mais uma ou duas bebidas, uma *pitta* de *falafel* e batatas fritas quentes e salgadas, e depois voltar para a minha casa para uma bebida.

– O Mother Black Cap está aberto até às duas à sexta-feira – diz Roach. – São só três libras por *pint*.

– Três libras por *pint*? – O interesse cintila na cara de Eli. – Isso é bom, onde é que fica o Mother Black...

– Ugh, *esse* sítio – escarneço, batendo no meu cigarro. – É uma porcaria. Preferia morrer de sede.

A mão de Roach fechou-se à volta do meu panfleto, e o papel foi esmagado no interior do seu punho cerrado, enquanto os nós dos seus dedos esbranquiçavam. O seu olhar endureceu de desagrado quando o encontrei.

– Onde é que vives, Roach? – pergunta Eli, com um pequeno sorriso que me diz que estou perigosamente perto de conseguir o que quero.

– Fraser Road – diz ela, apontando para Walthamstow Village.

– Ah, então não é longe de mim – diz ele. – Mas é melhor certificar-me de que esta chega bem a casa. Ficas bem sozinha, certo?

– Oh, sim – diz ela, desanimada, e eu pergunto-me se ela gosta dele.

– Vai com cuidado – diz ele, com um aceno alegre.

– Até à vista – digo eu e, virando-me, começo a andar distanciando-nos o mais rapidamente possível, deixando-a fazer o seu próprio caminho para casa.

Enquanto Eli e eu subimos a Hoe Street, os faróis traseiros dos carros

que passam misturam-se e a noite parece brilhante e jovem.

– Não achas que aquilo foi um bocado mau? – pergunta ele, olhando para mim.

– Oh, vai-te foder – digo eu. – Não vou ao Mother Black Cap. Aquele sítio é uma pocilga, acredita em mim. Ninguém vai lá.

Passamos por um sem-abrigo a comer asas de frango de uma caixa de cartão, com um *Staffi* branco enrolado num cobertor sujo a dormir no seu colo. Eli faz uma pausa para tirar uma moeda do bolso e deixa-a cair no copo imundo do Starbucks do homem. O cão olha para cima e arreganha os dentes da forma peculiar que os *Staffies* fazem. *Eu também devia dar algum dinheiro ao homem*, penso eu, mas não tenho trocos no bolso do casaco, e antes de conseguir encontrar a minha carteira, o momento já passou e estamos a caminhar novamente.

– Não sabia que vivias por aqui – digo a Eli, metendo as mãos nos bolsos para as aquecer.

– Sim, acabámos de nos mudar para um apartamento na Village – responde ele, contornando uma pequena multidão reunida na paragem de autocarro.

– Nós.

– Não.

– O que é?

– Não sejas cabra.

– *Estou* a ser cabra?

Fico a ferver por dentro, e caminhamos em silêncio durante algum tempo. Surgem umas sombras e homens ocupam espaço no passeio, fumando, cuspidando e tropeçando, chamando uns pelos outros. Uma mulher de vestido vermelho e saltos altos passa por nós na direção oposta, e eu encolho-me quando o inevitável assobio de lobo irrompe da multidão de homens. A buzina de um carro toca, os apupos ouvem-se por cima do ruído de um autocarro que passa. Viro-me e observo as suas costas em retirada, sacudindo a sensação de que ela não está segura, de que nenhuma de nós está segura. A noite aperta, já não é acolhedora.

– Vamos beber mais um copo – digo eu. – Vá. Até te levo ao raio do maldito Mother Cap, se estás assim tão desesperado para conhecer.

– Não tenho a certeza de que seja uma boa ideia – diz ele.

– Ainda nem sequer é *meia-noite*.

– A Lydia está à minha espera – diz ele, e eu penso *ah*. O meu estômago revolve-se e um sabor a amêndoas sobe-me ao fundo da garganta. Dizem que o cianeto sabe a amêndoas.

– Sempre pensei que nos íamos dar bem se saíssemos juntos.

Eli suspira e esfrega os olhos.

– Não se trata disso, Lau.

– O que é que queres dizer?

– Ela só fica um pouco ciumenta.

– Ciumenta? De *mim*? – Lydia teve uma coleção de contos publicada há alguns anos por uma grande editora, e depois viajou pela Europa durante três meses «a pesquisar para um romance», o que se pareceu muito com documentar cada *latte* e pastelaria no Instagram. O Eli foi ter com ela a Roma e percorreram Itália juntos. Eu estava convencida de que ele ia pedi-la em casamento, tinha-me preparado para isso, mas não o fez. Ele só aparecia no fundo das fotos dela, com as maçãs do rosto a preto e branco, a beber café expresso e a fumar cigarros *duty-free* sem parar, de Ray-Bans escuros.

– Sabes porquê – diz Eli, franzindo as sobrancelhas. – Nós temos... sabes, passado ou o que quer que seja.

– Uma asneira de bêbedos não é passado – digo eu, ignorando a onda de vergonha que advém de falar tão abertamente sobre essa noite. – Dificilmente é uma anedota. Coisas antigas. O tempo de ontem. Somos apenas amigos, certo?

A minha convicção não resiste ao escrutínio, mas estou apoiada pela confiança de mil *amarettos*. Foi há anos, uns meses antes de ele conhecer a Lydia. Lágrimas, o sabor do *gin*, as mãos dele em cima de mim, e depois uma parede branca de amnésia induzida pelo álcool. Às vezes, depois de algumas doses a mais, era como se o meu cérebro deixasse de registar memórias. Não havia mais nada para além do fantasma da recordação, uma vaga impressão de sentimentos residuais e uma sensação avassaladora de desgraça.

– Claro que somos amigos – diz ele. As luzes da rua lançam um brilho quente sobre nós, e ele parece doce e angelical e eu podia beijá-lo, podia mesmo. – Só acho que a Lydia não está com pressa em serem melhores amigas. Mas isso não quer dizer que não possamos caminhar. Ela confia em mim, só está... um pouco ciumenta. É só isso.

– Podemos caminhar – concordo eu, e caminhamos a par e passo, e a noite é fresca, e sinto que posso relaxar com Eli ao meu lado. – Devíamos caminhar. Vamos caminhar, sim?

Roach

Walthamstow estava cheia de *normies*. Os bares à volta da estação estavam cheios de bêbedos e falhados, todos aperaltados para uma noite de bebida de merda e más companhias. Passei por entre um grupo de raparigas com hálito de sambuca à espera de táxis para a cidade, empurrando com os ombros, lutando contra a corrente.

Laura e Eli caminhavam lentamente, porque Laura estava bêbeda e Eli estava feliz por a satisfazer. Pararam para enrolar mais cigarros, e eu parei para ver, e depois pareceu-me bem seguir o rasto do seu fumo a dissipar-se. Eu tinha uma vaga ideia de que Laura morava do outro lado do Lloyd Park, mas esta parecia ser uma boa oportunidade para descobrir mais. Será que ela ainda vivia em casa dos pais, ou talvez num apartamento partilhado, cheio de noitadas e gargalhadas, com um grupo de raparigas à sua espera, a beber vinho e a partilhar uma piza de *takeaway* em pijama? Ou num acolhedor apartamento em Warner, um pequeno refúgio partilhado com um amante apaixonado? Também estava curiosa para ver se me tinham despachado com a intenção de continuar a noite sem mim. Isso já tinha acontecido mais do que uma vez, em saídas depois do trabalho.

Pararam para falar com um sem-abrigo, depois passaram pelo Mirth, depois pelo Rose and Crown, e parecia que estavam mesmo a ir para casa. Ela virou à esquerda na Ruby Road, mas, para minha surpresa, viraram à direita quando chegaram ao Lloyd Park e caminharam ao longo do seu perímetro até voltarem a encontrar a estrada principal. Foi um desvio sem sentido – podiam ter seguido a curva da estrada principal e acabado no mesmo sítio. Teria sido mais rápido. Perguntei-me se ela não se teria esquecido de que o parque estava fechado a esta hora, mas isso parecia improvável.

Pararam quando chegaram ao The Bell, e eu aproveitei um semáforo verde para atravessar a rua e evitar ultrapassá-los. O bar ainda estava aberto, com luzes de discoteca a piscar e música *pop* a tocar, e pensei que talvez Laura estivesse a tentar tomar uma bebida, mas Eli abanava a cabeça, persuadindo-a a continuar. Se tinhas tanta sede, Laura, porque é que não quiseste beber mais um copo comigo?

Fingi esperar na paragem de autocarro para os deixar ganhar terreno e depois atravessei a estrada vazia para poder continuar a perseguição a uma distância segura. Por fim, viraram numa rua residencial tranquila, e Laura

parou em frente a um apartamento em Warner, mesmo à beira do parque.

– Eu fico aqui – disse ela por cima do ombro, com a voz a ecoar no ar calmo da noite. Escondi-me atrás de uma carrinha branca do outro lado da rua e vi-a mexer nas chaves; depois, abriu a porta e virou-se para Eli e disse algo que se perdeu no veludo da noite e, para meu grande interesse, ele seguiu-a para dentro.

O caminho do jardim era feito de betão rachado, com pedaços escuros de musgo nas fendas. As janelas de sacada tinham as cortinas corridas e a luz apagada. Tudo parecia tão vulgar, tão decepcionantemente vulgar, que me perguntei se alguma vez o voltaria a encontrar. Peguei no meu telemóvel e tomei nota da morada, para o caso de vir a precisar dela.

Uma fresta entre as cortinas tremia com uma luz bruxuleante. Deixei a segurança do meu esconderijo atrás da carrinha branca e esgueirei-me para o jardim da frente para ver melhor. Por baixo da janela de sacada, havia um canteiro de flores vazio, onde se encontrava apenas uma planta grande e de aspeto morto. Arranquei os ramos para criar espaço e os meus pés afundaram-se na terra húmida quando espreitei lá para dentro. Ela estava descalça, segurando uma caixa de fósforos compridos de cozinha. Grandes velas votivas queimavam na lareira e ela acendia meia dúzia de *tea lights* alinhadas sobre a cornija da lareira. O corpo da chaminé era ladeado por estantes, mas os títulos dos livros estavam muito sombrios e indiscerníveis de onde eu estava, do outro lado do vidro.

Eli apareceu na porta da sala de estar com uma garrafa de vinho e dois copos. Deixou-se cair num sofá castanho e abriu a tampa de rosca; depois, serviu dois copos de vinho cor de mijo. Isto era como ver televisão, um pequeno documentário que se desenrolava especialmente para mim. Ela aceitou um copo e acendeu um cigarro de uma vela alta de cor creme, e eu podia tê-los observado toda a noite através daquela pequena abertura na cortina, podia ter assistido a qualquer sedução que ela tivesse em mente, mas uma tosse aguda mesmo atrás de mim fez-me saltar. Virei-me para me deparar com um homem com um capuz da Nike e calções de futebol, com a cara e as pernas a escorrerem suor.

– Está bem? – disse ele com uma careta, com o peito a subir e a descer enquanto lutava para recuperar o fôlego.

– Acho que o meu namorado me anda a trair – respondi, e depois mantive o olhar dele, fixei-o, até ele se virar e retomar a sua corrida noturna. Olhou para trás uma, duas vezes, e depois desapareceu ao virar da esquina.

Laura

Vinho, música, luz suave de velas. As sombras saltam e Eli ri-se com facilidade, fumando cigarros, ficando exuberante, a conversa flui como o fumo do tabaco que se desprende das nossas línguas e, enquanto representamos este espetáculo de amizade, a memória dos seus lábios e dos seus olhares prolongados continua e o pensamento de que tudo pode acontecer prevalece.

– Gosto da tua casa – diz ele. – É a tua cara.

O seu tornozelo esquerdo equilibra-se no joelho direito, com um braço encostado às costas do sofá. Cabelo escuro e despenteado como Robert Mapplethorpe, como Jim Morrison. Contas de madeira à volta dos pulsos, um cordão de couro à volta do pescoço.

– O que é que *isso* quer dizer?

Ele expira e passa uma mão pelos caracóis.

– Adequa-se simplesmente a ti. Um bocado desencontrada e criativa. Mas deve ser solitário. Viver sozinha. E não sei como consegues pagar.

– Alugo esta casa desde... os meus vinte e um anos? – digo eu. – O meu senhorio vive na Austrália e está-se nas tintas para isso. Acho que ainda não lhe ocorreu que me podia cobrar *muito* mais agora.

– Sorte. – Ele pega na garrafa e enche os nossos copos.

Na universidade, a nossa casa de estudantes era cacofónica, cheia de música, risos e noitadas, uma porta giratória de amigos e colegas de turma, namorados e namoradas, amantes e estranhos que se sentiam em casa à mesa da cozinha, no nosso sofá, nas camas das outras raparigas. O fluxo constante de pessoas pelo espaço dava-me cabo dos nervos e a imprevisibilidade de tudo aquilo deixava-me ansiosa, incapaz de dormir sem medicação que me deixasse inconsciente. É melhor para a minha saúde mental viver sozinha, mesmo num lugar como este, com a sua humidade e bolor perpétuos, mas se o meu senhorio alguma vez decidir vender este apartamento ou olhar com mais atenção para o mercado de arrendamento em Walthamstow, estarei em apuros. Não há maneira de conseguir pagar o preço atual de um T1 com o salário de livreiro. Esta linha de pensamento leva-me a lugares escuros e vulneráveis, por isso respiro fundo e engulo um vinho que sabe a pêssegos maduros e a um toque adstringente de tanino.

– Então, estás a trabalhar em algo novo? – pergunta ele.

– Estou apenas a ler, a tentar decidir sobre o que quero escrever a seguir. Comecei a trabalhar noutro *found poem*, mas a história é um pouco... demasiado para mim. É muito violenta, e... – Faço uma pausa para organizar os meus pensamentos. Estou a pensar na minha mãe, e dou por mim a pensar no que Eli se lembra da noite em que nos beijámos. Sempre tive esta sensação vergonhosa de que falámos sobre a minha mãe nessa noite, mas os pormenores não ficaram gravados e nunca encontrei a forma correta de perguntar.

– Não sei. Talvez tenha acabado o projeto da *found poetry* – digo eu. – Talvez deva confiar nos meus instintos e deixar tudo para trás. Que se lixe a poesia, e tudo isso.

Eli levanta o seu copo.

– Sim, que se lixe a poesia – diz ele, e eu levanto o meu e juntamo-los.

– O que escreverias em vez disso? – pergunta ele. Lá fora, o grito selvagem de uma raposa urbana.

A minha mãe, penso eu. Escreveria sobre a minha mãe.

– Uma história de amor – respondo.

Roach

No caminho para casa, parei numa loja de esquina que está aberta toda a noite e comprei um pepino para o *Bleep* e um par de *Dark Fruits* para beber quando chegasse a casa. Na caixa registadora, com um encolher de ombros despreocupado, pedi um maço de Pall Malls, daqueles que vinham com uma bolinha no filtro que se podia apertar para mudar o sabor do cigarro de simples para mentol. Laura, Eli e Sharona fumavam tabaco de enrolar, mas eu não tinha muita confiança na minha capacidade de enrolar. Tinha de andar antes de poder correr.

As luzes estavam baixas no interior do Mother Black Cap, que zumbia com as piadas noturnas, as discussões mesquinhas e os corações melancólicos dos bêbados, dos falhados e dos estudantes que preferiam a cerveja barata e as noitadas. O bar cheirava a desinfetante e as palavras de Laura rolavam na minha cabeça como um berlinde solto. *É uma pocilga*. Ridículo. Ela devia estar a pensar noutro bar.

Ela não parecia assim tão exigente quando tinha uma bebida na mão. A Jackie estava sentada no bar com uma *vodka soda*, toda enfeitada com um *top* brilhante e maquilhagem completa. Estava a dar conversa de chacha a um dos clientes habituais, um patético de meia-idade que se aproximava da porta. Quando me viu, interrompeu-se a meio da frase.

– Voltaste tarde – disse ela, agarrando-me pelo braço e beijando-me a face com lábios gordurosos com batom. Estava a usar demasiado perfume, uma forte pancada de *Obsession*, de Calvin Klein bateu-me na cara. – Estava a dizer aqui ao Dave...

– É Frank, na verdade, e eu...

O homem parecia tímido, como um cão envergonhado que tinha cagado na carpete e sabia que estava em sarilhos, mas a Jackie continuou, com uma história longa sobre a filha da sua cabeleireira. Manteve o braço à volta da minha cintura o tempo todo, prendendo-me no lugar.

– De qualquer forma, ela acabou por receber o depósito de volta – concluiu, agitando os cubos de gelo no copo com a mão livre.

– Bem, boa noite – disse eu, tentando libertar-me da sua mão, e ela piscou-me o olho como se se tivesse esquecido de que eu estava ali. O cliente, Frank, viu a sua oportunidade e fugiu para a porta com um apressado «boa noite».

– Onde estiveste, então? – perguntou ela, voltando toda a sua atenção para mim. Tinha um brilho suspeito no olhar, como se estivesse a antecipar uma mentira.

– Só fui sair – respondi, libertando-me do seu aperto.

– Num encontro?

– Uma coisa de trabalho.

– Uma coisa de trabalho? Que coisa de trabalho?

– Foram só uns copos – afirmei, esgueirando-me para trás do balcão, em direção à escada, antes que ela me pudesse prender numa conversa a sério.

– Copos? Onde? Não me digas que foste ao Rose and Crown?

Subi as escadas a correr, deixando-a pendurada. Era preciso ser rápido com a Jackie. Tinha de me manter à distância e ter uma conversa curta e concisa, com o mínimo de informação possível.

Viver por cima de um *pub* tinha as suas vantagens, mas conduziu-me a uma infância solitária. Nunca havia ninguém para me dar banho ou para me deitar, porque a Jackie trabalhava vinte e quatro horas por dia para manter o bar a funcionar.

Mesmo quando não estava a fazer um turno, podia ser encontrada no bar a escolher a música, a interromper conversas, a contar histórias, a chatear o pessoal. O bar era o seu palco e ela era a personagem principal, a dramaturga e a encenadora, tudo num só.

Eu aparecia no bar a horas estranhas, desalinhada, com geleia seca à volta da boca, o pescoço sujo, o cabelo despenteado, um cheiro a roupa por lavar, um pequeno animal enfiado em *leggings* e *t-shirts* que nunca me ficavam bem porque eu não tinha a constituição que as raparigas deviam ter. Eu era grande para a minha idade, alta, com ombros largos e pequenas ostras no lugar de peitos que me faziam sentir constrangida. A Jackie fazia sempre um grande alarido quando eu aparecia, dava-me pacotes de batatas fritas com sal e vinagre e copos de Coca-Cola *post-mix*, e eu enfiava-me num canto e lia *Arrepios* e *Histórias Horríveis* até o dia se transformar em noite e eu ser mandada de volta para cima. Por vezes, ela passava-me uma flanela na cara e no pescoço como se fosse uma reflexão tardia, alisava-me o cabelo com as mãos, punha-me uma bandolete almofadada na cabeça, numa tentativa de me fazer parecer completa. Pensei que talvez fosse eu o problema. Ela queria uma menina, mas acabou por me ter a mim. Faltava sempre qualquer coisa, um buraco no meu coração que eu preenchia com assassinio, morte e putrefação.

A salvo no meu quarto, abri uma *Dark Fruits* e pratiquei fumar à janela do meu quarto, um caixilho estilhaçado com finos espigões de metal a toda a volta, para evitar que os pombos que se empoleiravam no telhado cagassem por toda a frente do bar. À noite, os pombos arrulhavam uns com os outros, uma sinfonia suave e infernal. Uma vez, ouvi alguém chamar aos Pall Malls «cigarros de virgens», mas o mentol aliviava a tensão, suavizava o sabor a queimado para uma menta química fresca, como escovar os dentes no inferno.

Peguei no meu telemóvel e fui às redes sociais da Laura para saber mais

sobre ela – como se vestia fora do trabalho, se gostava de publicar fotografias das suas refeições ou do tempo, se gostava de *selfies* insípidas. Mas não: todo o seu *feed* era apenas um catálogo de livros de bolso com diferentes cenários: uma parede de tijolo pintada de azul casca de ovo, um campo de relva, a areia grossa de uma praia. Aborrecido.

Bleep olhava, desinteressado do meu novo hábito de fumar. Escorregava contra o vidro do seu viveiro, uma testemunha silenciosa, o seu corpo brilhante da cor de uma pera *Conference* madura. Enfie um dedo no seu aquário e acariciei a sua concha lisa, castanha-chocolate marmoreada de branco. A maioria das pessoas não se lembra de caracóis quando pensa em animais de estimação amorosos, mas eu sempre retirei uma sensação de calma da sua presença tímida e dócil. O brilho quente de uma lâmpada de calor num viveiro de caracóis era a minha luz noturna em criança e os caracóis eram a minha fonte de conforto mais fiável. O meu primeiro caracol-gigante-africano chamava-se *Slimer*. Um dos clientes habituais queria livrar-se dele e, assim que soube que ele estava livre para uma boa casa, decidi tornar-me uma mãe de caracóis.

– Um maldito caracol – disse Jackie, revirando os olhos. – Porque é que ela não pode querer um *hamster* ou um gatinho ou qualquer coisa normal?

Não gostava de *hamsters* nem de gatinhos. O que eu queria mesmo era uma cobra, mas quem pede não pode escolher e um caracol-gigante-africano acabou por ser igualmente bom. O *Slimer* viveu até à idade madura de nove anos, antes de acabar no lado errado da relva, por assim dizer. Depois do *Slimer*, veio o *Bleep*. O *Bleep* ainda estava forte. Vivia uma vida modesta com uma dieta de uvas, pepino e folhas de alface, com uma colherada ocasional de cálcio em pó para manter a sua carapaça forte. Precisava que o seu aquário fosse limpo semanalmente, e eu tinha muito prazer em esmagar as bolsas dos seus ovos perolados sob o peso de um copo de vidro. Para além disso, era só uma limpeza regular durante todo o dia, todos os dias, e vivíamos em harmonia lado a lado.

Enquanto bebia sidra entre tragos, comecei a gostar do contraste entre o fumado e o doce, o quente e o frio, o seco e o húmido, o morto e o vivo. Senti-me tonta. Pus-me a ouvir um *podcast* sobre homicídios para me acalmar, e fiquei a ver os autocarros noturnos da cidade a passar, arrotando de vez em quando um grupo de bêbados cambaleantes, *normies* a caminho de casa, depois de uma noite em Shoreditch ou Dalston. Despreocupados, descuidados, com *kebabs*, malas de mão e até os saltos altos nas mãos, com os pés descalços no pavimento salpicado de cuspo, como se as ruas escuras da cidade fossem apenas uma extensão das suas cozinhas e nada de terrível lhes pudesse acontecer ali.

A poesia de Laura andava à volta da minha cabeça, a forma como o vulgar podia tão facilmente tornar-se extraordinário, a forma como nunca sabíamos o que nos esperava na próxima esquina. Fumava e via o mundo passar por baixo de mim, e nada de extraordinário acontecia a ninguém do

lado de fora da minha janela. Perguntei-me o que faria se algo acontecesse. A minha arma de eleição seria o meu telefone, para pedir ajuda, a nossa maior faca de cozinha, num ato de justiça vigilante, ou o meu silêncio? Faria alguma coisa, ou ficaria sentada a ver tudo acontecer por baixo de mim, um espectador com um lugar na primeira fila?

Laura

A sessão de poesia paira sobre mim, a ansiedade de mais uma noite de bebedeira a ensombrar o meu dia de folga. Acordo com os detritos bacanais da noite anterior: o cinzeiro fedorento, a garrafa de vinho vazia, um rasto de pacotes de batatas fritas, um frasco de húmus raspado com um dedo bêbado. Arrepio-me por ter exagerado, por ser convencida demais, muito óbvia, envergonhada com a lembrança de Eli a encurtar o nosso abraço de despedida enquanto saía pela porta.

Com uma forte dor de cabeça, arrasto-me até à casa de banho para lavar os dentes e a cara. Algo no tapete capta a luz junto à porta das traseiras – um laço cintilante. Parece um colar caído, ou uma bobina de fio prateado, mas quando olho mais de perto apercebo-me de que é um rasto de muco de lesma ou caracol. Horrorizada, procuro em vão o culpado, mas não encontro nenhum invertebrado na casa de banho ou na cozinha. Limpo a sujidade com um pedaço de papel de cozinha, mas enquanto ando por ali, a regar as plantas e a arrumar tudo, continuo à espera de sentir o esmagamento da lesma debaixo do meu pé descalço e fico nervosa toda a manhã.

Quando acabo de limpar, preparo uma chávena de chá e enrosco-me no sofá com os meus livros, mas a sensação é horrível e não consigo concentrar-me na leitura. Um mal-estar apodera-se de mim, e apercebo-me de que é porque os meus pensamentos estão sempre a voltar à minha conversa com a Roach no bar. Adoro *serial killers*. Estremeço ao lembrar-me do seu hálito quente e apodrecido, da sua proximidade desconfortável, da sua atenção fixa. Ela estava praticamente a salivar. Já conheci pessoas como ela. O tipo de pessoas que têm um *serial killer* preferido, que compram artigos sobre *True Crime* e veem documentários sobre a morte ao jantar, que visitam locais onde aconteceram coisas terríveis como se fossem à Disneylândia: Chernobyl. Alcatraz. Fukushima.

Vasculhar histórias de assassínio, violência, luto e perda pode ser angustiante, mas criar novas narrativas era uma sensação de poder, como se estivesse a fazer algo com a minha dor, a dizer algo com a minha raiva, a marcar uma posição. Agora, parece-me que estou a ser ignorada. Talvez seja diferente para alguém como Roach na plateia, que está a gostar do filme pelas razões erradas.

A poesia costumava vir até mim como a chuva de verão – longas secas,

e depois uma tempestade de inspiração que durava uma, duas semanas, uma chuva de palavras que enchia caderno após caderno até não sobrar nada, e voltar o céu limpo durante mais um mês.

Cadernos, tantos cadernos, cheios de poesia e prosa, notas e registos diários. Quando tenho dinheiro, compro Moleskines de capa dura para ter o poder de Hemingway, e quando não tenho, opto por cadernos escolares baratos com os seus ecos de escola secundária. Adoro a atração de uma página limpa, fresca e intocada, como uma cama de hotel, um manto de neve intocada, um prato vazio à espera de ser enchido. Preocupo-me com o que fazer com todos eles, com todos os cadernos que já enchi. Parecem importantes e estúpidos. Significativos e embaraçosos. Perto da minha casa há um mural vermelho e branco impressionante que cita William Morris: *não tenhas nada em tua casa que não saibas ser útil ou que não acredites ser bonito*. Não consigo perceber onde é que os meus velhos cadernos e diários se situam nesse espectro particular, e preocupa-me deixar um legado de lixo para os meus futuros filhos lidarem depois da minha morte.

Quando alguém morre, tudo se torna sagrado. Cartões de felicitações marcados com a sua letra, o seu cachecol de inverno, os seus cosméticos meio usados. Tudo. Não sei ao certo quem é que arrumou as coisas da minha mãe quando ela morreu, ou o que é que lhes aconteceu. É tudo um pouco confuso – eu só tinha dezasseis anos, era mesmo uma criança –, mas acho que a minha avó deve ter tratado de tudo. O meu pai não mexeu um dedo.

Estavam divorciados há muito tempo, separados desde que eu era bebé. Não havia espaço para mim e para a minha dor na sua nova família. A sua segunda mulher, Margot, tinha um gosto dispendioso e eu não me encaixava no seu mundo de Waitrose, férias caras e educação privada. Tudo o que eu recebia do meu pai era o seu apelido *kitsch* e os ocasionais jantares tensos no Natal e nos aniversários, durante os quais ele alegremente rejeitava a venda de livros como uma carreira legítima e, em vez disso, tentava forçar-me a conseguir a sua ideia de «um emprego a sério».

A minha mãe ficou reduzida a uma pequena caixa de madeira com bugigangas e recordações que a minha avó tinha guardado para mim. Um batom Revlon coral. Um pedaço de ametista num cordão preto que eu não suportava usar, com medo de o perder. Uma lista de compras, talvez para um bolo – *ovos, leite, farinha, baunilha* –, escrita a caneta azul. Um postal de aniversário, de mim para ela – um rabisco de flores a lápis de cor azul e cor-de-rosa numa cartolina verde. Algumas peças de bijutaria: contas de plástico vermelhas, pulseiras de prata, pérolas falsas. Uma escova de cabelo Mason Pearson, de plástico preto, com cerdas de javali assentes numa base de borracha vermelha, que foi uma prenda de aniversário dos seus pais. A única coisa que me lembro de ter guardado para mim foi uma bela *monstera*. Tomei especial cuidado com ela, aprendi a propagar os seus caules e a criar bebés a partir de estacas para manter vivo o espírito da planta muito depois de a planta mãe ter morrido.

Durante algum tempo, lamentei as coisas que perdi. Os seus frascos de perfume de vidro, os seus vestidos, as suas bugigangas. Lamentei a sua biblioteca. Ela adorava livros – lembro-me de uma grande prateleira de livros de bolso na minha casa de infância –, mas os adolescentes não se interessam por coisas de adultos e nunca me lembrei de lhe pedir nenhum para guardar. Pergunto-me se ela dobrava os cantos e partia as lombadas como eu, ou se era exigente, se os mantinha impecáveis.

Encontrei uma fotografia minha em criança, rechonchuda e feliz, com marcas de punhos elásticos à volta dos cotovelos e dos joelhos. Tenho um elefante azul de peluche na mão e estou em frente a uma estante de livros.

Quem tirou a fotografia era um fotógrafo desleixado, porque os livros estavam focados e eu não, e embora tenha sido uma desilusão na altura, valorizo a fotografia porque é uma janela para a biblioteca da minha mãe. Durante algum tempo, colecionei aqueles livros, os que eu conseguia ver. Jilly Cooper e Jackie Collins, Jacqueline Susann, Shirley Conran. Li *Riders*, *Lucky*, *Vale das Bonecas*, *Lace*, e depois a minha atenção diminuiu e descobri o primeiro vislumbre do meu próprio gosto: Sylvia Plath, J.D. Salinger, Stephen Chbosky, Jeffrey Eugenides. Desviei-me para narrativas sobre adolescentes desamparados, jovens que se encontram, jovens que se perdem.

Nunca cheguei a ler o resto dos livros da minha mãe, mas a amargura de perder a sua biblioteca desvaneceu-se quando compreendi o verdadeiro poder da leitura. Não são os livros físicos, os livros como artefactos, como objetos, que realmente importam. As páginas que a minha mãe tocou, virou, dobrou, leu, não têm a mesma reverência que o seu cachecol de inverno, a sua caligrafia. Os livros em si não têm mais significado do que as ruas por onde ela andou, as canecas onde bebeu, os lençóis onde dormiu. São as palavras que têm poder. Algures entre a tinta impressa em cada página e a minha compreensão do conteúdo, existe uma planície por onde a mente da minha mãe também vagueou, e essa paisagem existe em cada edição, quer tenha sido ou não tocada pela mão da minha mãe. É esse o poder da leitura.

Depois disso, comecei a sentir-me muito menos criteriosa em relação aos livros.

Agora, dobro as páginas, dobro as capas, meto-as na minha mala, cubro-as de impressões digitais gordurosas, de café, de vinho, de água do banho. Perco-os, empresto-os, dou-os. Não é que eu queira ser descuidada, mas a reverência que tenho pelos livros só se estende às palavras na página, à magia entre as linhas. Acho que é por isso que sou uma livreira tão boa. Estou a vender coisas, artefactos, objetos, sim. Mas não é só isso. Também vendo magia.

As ressacas deixam-me sempre oca, excessivamente analítica e ansiosa, mas um dia de lamentação, um longo duche quente e uma noite cedo é tudo o que preciso para lavar todos os pensamentos persistentes da leitura de poesia,

de ter ficado demasiado bêbeda, de ter estado demasiado com o Eli. Quando saio para o trabalho na manhã seguinte, o céu é de um azul otimista com uma promessa fria de outubro no ar.

Do outro lado da estrada, uma mulher com chinelos de pele de carneiro cor-de-rosa e um casaco de malha cinzento deixa cair um saco do lixo no seu contentor de lixo com rodas. Um gato gordo e ruivo observa-a debaixo de uma carrinha branca e, quando ela se vira para a porta da frente, ele atravessa o portão e entra em casa, miando para o pequeno-almoço.

Pequeno-almoço. Dói-me o estômago e lembro-me do *tupperware* de salada de feijão preto que deixei na bancada da cozinha. Quando me volto para a porta da frente, remexendo no meu *tote bag* à procura das chaves da porta, reparo que a *fúcsia* por baixo da janela da minha sala de estar está dobrada e partida, com os caules de outono adormecidos tortos onde foram partidos.

Engulo uma onda crescente de pânico. Por baixo da planta partida, há o contorno perfeito de duas botas pressionadas no solo sob a janela da minha sala de estar, como se alguém tivesse estado sobre a terra e me tivesse espreitado através do vidro.

Outubro de 2019

Roach

Nos dias que se seguiram à sessão de poesia da Laura, senti uma mudança sísmica entre nós. Apesar da sua atitude desdenhosa em relação a mim no final da noite, algo tinha mudado. O universo tinha-se agitado, as estrelas tinham-se alinhado e dois espíritos afins tinham-se cruzado.

Releio as suas palavras como uma oração, como um salmo, como uma carta de um amante em guerra. Acordei com as suas palavras na cabeça, tomei duche com elas na cabeça, sequei-me, vesti-me, fui para o trabalho com elas na cabeça. Fazia tudo normalmente, mas não era a mesma coisa porque estava a ver o mundo através da lente da Laura. A promessa de violência estava em todo o lado, o ar cantava com ela.

No entanto, a Laura não se apercebeu da nossa nova ligação. Trabalhar com ela era assim: onde quer que estivesse na loja, emitia um fluxo constante de conversa e perguntas sem sentido, uma série de disparates dirigidos a qualquer livreiro ou cliente que estivesse mais próximo – embora nunca me desse atenção. Ouvia-a na Ficção (já leu *As Virgens Suicidas*? já leu *O Meu Ano de Repouso e de Relaxamento*? já leu *A História Secreta*?); nos JA (já leu *Junk*? já leu *À Procura de Alaska*? já leu *Zeros & Cruzes*?); na Poesia (já leu *Ariel*? já leu *Let Them Eat Chaos*? já leu *Night Sky with Exit Wounds*?); nas Biografias (já leu *The Outrun*? já leu *Estou Viva, Estou Viva, Estou Viva*? já leu *Sei Porque Canta o Pássaro na Gaiola*?); nas Novelas Gráficas (já leu *Maus*? já leu *Fun Home*? já leu *Mundo Fantasma*?).

Se a resposta fosse sim, encostava o livro ao peito e suspirava de prazer, e se a resposta fosse não, encostava o livro ao peito e suspirava de dor. Segurava-o junto ao coração, fechava os olhos e inclinava o queixo, e o olhar no seu rosto era o de uma mulher apaixonada, ou de coração partido, ou as duas coisas ao mesmo tempo. Laura estava apaixonada pelas próprias páginas, pela tinta, pela cola, de todos os livros de bolso baratos produzidos em massa que já tinha lido. Ela ansiava por eles, embalava-os como se fossem crianças preciosas, como se fossem bebês.

No entanto, quando se tratava de mim, a história era diferente. Ela não falava comigo a não ser que fosse necessário. Era educada quando eu falava com ela, mas nunca metia conversa comigo da mesma forma que fazia com o resto da equipa, e evitava o meu olhar na loja como se eu fosse um cliente irritante que ela não queria atender. Tentei de tudo para captar a sua atenção –

vesti as minhas *t-shirts* das *Murder Girls* para o trabalho, virei *their inconsequential moments were beautiful* para ela na sala dos funcionários e, sempre que dava por mim a ler *The Stranger Beside Me* na sua presença, embarcava numa *performance* teatral de suspiros e gargalhadas para despertar o seu interesse. Em troca, ela não me dava nada, e comecei a perguntar-me se seria pessoal.

Por exemplo, ela gostava de jogar jogos no chão da loja quando estava tudo calmo. Jogos para quebrar o gelo, como os livros da ilha deserta ou o *Would You Rather*. Uma tarde, pediu a cada um dos colaboradores que se descrevesse em apenas cinco palavras.

– Mas isso só te diz o que *eu* penso de mim, não como eu sou na realidade – disse Eli, enunciando as suas palavras, batendo-lhe no ombro com um pincel.

– E não é isso, por si só, bastante revelador? – respondeu ela, com os olhos a brilhar de prazer.

– OK, eu sou... calmo, gentil... pacífico... filosófico e... curioso.

– Curiosa também é um dos meus! – respondeu Laura, tolamente. – Sou curiosa, arrumada... bem, quase sempre arrumada, aventureira, elegante e criativa.

Estive ali o tempo todo, mas ela não me perguntou como é que eu me descreveria e passei o resto do meu turno a pensar porquê. O que é que eu te fiz, Laura? Porque é que eu era tão desinteressante para ti, se a curiosidade era uma parte tão fundamental da tua personalidade?

Se a Laura se tivesse dignado a virar a cabeça e me pedisse para me descrever em cinco palavras, provavelmente também teria escolhido curiosa. Adorava fazer pesquisas e ler ficção, e sempre fui elogiada por isso na escola, embora não tanto pelas minhas ilustrações, que se inclinavam para um grau de realismo sangrento que deixava os meus colegas inquietos e os meus professores preocupados.

Mórbido, macabro, lúgubre, tétrico, horrível. Eram palavras que Jackie gostava de me chamar, mas na verdade eram sinónimos. Talvez «criativa» fosse mais apropriado. A minha mente era capaz de conjurar pensamentos sombrios, e eu sempre tive o dom de transformar os meus pensamentos mais sombrios em poesia ou desenhos.

Começou quando me apercebi de que havia muitas maneiras diferentes de morrer. Como o cancro e as doenças cardíacas e os aneurismas cerebrais, claro, e os acidentes de automóvel e os incêndios domésticos e o afogamento. Mas depois há todas as outras formas, as formas em que nem sequer pensamos porque estamos demasiado ocupados a comer couves e a ver se temos caroços no peito. Como ser esmagado pela queda de uma parede, ou engolido por um poço, ou picado até à morte por abelhas. Já pensaram nisso? Eu pensei.

Quando a maior parte dos *normies* ouve falar de um acontecimento estranho, como um nevoeiro repentino que provoca um acidente na

autoestrada ou a avaria de uma montanha-russa, pensa em pensamentos tristes pelos mortos, sobre o azar que tiveram, sobre o facto de estarem no sítio errado à hora errada. Talvez prometam deixar de fumar ou começar a ir de bicicleta para o trabalho, reservar aquele cruzeiro ou telefonar mais vezes aos pais. Estas são as formas clichés com que devemos sonhar em melhorar a nossa vida. Mas essa nova apreciação da vida não dura muito tempo. Em breve, voltarão a fumar quando estiverem chateados e a evitar as chamadas da mãe quando estão de ressaca.

Ninguém pensa que vai morrer num acidente anormal porque são muito raros. É por isso que se chamam acidentes «estranhos» e não se juntam a todos os acidentes normais – cair de escadas, ser atropelado por autocarros. No entanto, comecei a pensar que se calculássemos quantos acidentes «estranhos» ocorrem por ano, provavelmente teríamos mais probabilidades de morrer num deles do que pensávamos. E o mesmo se passa com os *serial killers*. Parece raro, mas deve acontecer a toda a hora. Só não ouvimos falar deles a não ser que seja uma boa história.

Era uma noite calma com um tempo terrível, o tipo de tempo que mantinha as pessoas dentro de casa e deixava o bar vazio. Sentei-me junto às máquinas de fruta com um *pint* de sidra, um bloco de notas novinho em folha e o livro da Laura, *their inconsequential moments were beautiful*. Tinha de admitir que livro era um pouco exagerado. Era mais uma *fanzine* caseira do que um panfleto, preso com agrafos malfeitos, provavelmente feito pela própria Laura, sozinha no seu quarto. Só de pensar nisso, doía-me, embora não soubesse se por pena ou por irritação.

O meu exemplar estava estragado, amarrotado, com os cantos dobrados, a tinta da capa borrada e manchada pelos meus dedos. Alisei-o contra a mesa cheia de riscos com a palma da minha mão, e alisei-o.

A chuva transformou as janelas em estática. Jackie ligou a grande televisão usada para transmissões desportivas e foi passando os canais até encontrar uma compilação do *EastEnders* para ver com as legendas ativadas, como um filme mudo. Um par de clientes habituais sentaram-se no bar com *pints* de Guinness, partilhando um pacote de amendoins e falando num murmúrio baixo.

Apetecia-me escrever qualquer coisa, mas não tinha nada de especial para dizer. Com uma caneta preta, sublinhei os três primeiros versos do primeiro poema que ouvira Laura ler no Nib.

*São cinco da manhã e o amanhecer,
um amanhecer quente e ardente,
está lentamente a iluminar um céu triste e tranquilo.*

Copiei as linhas para o meu caderno e gostei da sensação da caneta ao

rolar na página. Gostei do aspeto das palavras. Limpas e permanentes, uma tatuagem. Decidi copiar tudo, o poema inteiro, como um exercício.

A poesia foi a minha expressão artística de eleição durante bastante tempo. Começou quando eu era uma *Columbina*^[3], embora tudo isso pertença a uma versão diferente de mim, um rascunho anterior que ocorreu algures entre a versão feminina de mim mesma, a versão que andava com uma mala de mão, e a cretina que sou hoje.

Fui atraída para uma comunidade *online* de raparigas que seguiam atiradores em escolas como estrelas de *rock*. É lixado, eu sei, mas o coração é um caçador solitário. Estas raparigas escreviam poesia, publicavam desenhos dos atiradores e partilhavam fantasias impossíveis com todo o amor e dedicação de fãs com olhos de estrela. Foi aí que encontrei a minha voz de poeta. Escrevi poesia inspirada no rapaz triste e tímido com a franja loura e curta e a espingarda de cano duplo de calibre 12. Costumava usar uma luva preta sem dedos na minha mão esquerda para mostrar a minha afinidade com Dylan; uma homenagem privada que não significava nada para o transeunte comum, mas tudo para mim.

Não tinha um poeta preferido, não lia muita poesia. Achava que isso não importava – não era preciso ler poesia para ser poeta. Não sei se cheguei a ler uma coleção inteira do princípio ao fim, de capa a capa. Isso também não importava. Não é preciso ler *Gray's Anatomy* para pegar numa lâmina de barbear e cortar-se, fazer sangrar. A poesia era uma libertação, uma expressão saudável e terapêutica.

Quando cheguei ao final da adolescência, reconheci que a comunidade de Columbine era muito mais politicamente odiosa do que eu pensava e deixei de me sentir confiante de que sabia onde acabava a misantropia irónica e começava o fascismo sincero. Os adolescentes angustiados que publicavam as suas *selfies* com ângulos altos e muito editadas, todas com franjas *emo* sobre *eyeliner* grosso e nojento e mangas compridas às riscas a cobrir cicatrizes de autoflagelação, estavam a transformar-se em jovens adultos que posavam para fotografias com pistolas e facas de caça, que vestiam *t-shirts* da NATURAL SELECTION e WRATH e trocavam a poesia por referências nazis crípticas. Aquilo estava a arrastar-me na direção errada, e eu recuei.

A Jackie tinha ficado aliviada.

«Ninguém quer ir ao *pub* local e ver a maldita máfia de gabardina», dissera ela.

– Fazem-no em todos os *rock pubs* de Camden – disse um dos clientes habituais.

– Mas eu não estou a tentar gerir um maldito *rock pub* em Camden, pois não? – respondeu Jackie, com as mãos nas ancas, o que era um pouco ridículo vindo dela, uma vez que adorava falar sobre ter sido amiga do Shane MacGowan e da Spider Stacy no Devonshire Arms, nos anos 80.

Depois de Columbine, pareceu-me correto mudar para algo mais justo, para me arrepender, e comecei a interessar-me pelos West Memphis Three.

Continuei a escrever poesia, mas os meus interesses manifestaram-se em torno de Damien Echols. Era lindo, com o seu longo cabelo escuro e olhos cheios de alma. Pensava que a minha atração por Damien me faria parecer uma pessoa melhor, porque ele não era um assassino: de facto, estudei cuidadosamente o caso e fiquei convencida da sua inocência. Escrevi o tipo de poesia que imaginava que ele escrevia na sua cela: espiritual e folclórica, mágica, paciente e sábia, cheia de feitiços e encantamentos, inspirada na natureza e na morte. Preenchi cadernos com versos de forma livre sobre Deus e o diabo, catolicismo e satanismo, embora não soubesse nada sobre nenhuma dessas coisas. Usava óculos de sol pretos a toda a hora e uma *t-shirt* feita em casa com «Free the West Memphis Three».

Acabei de copiar o poema de Laura e li-o. Queria desesperadamente saber em que livro é que a Laura tinha «encontrado» os seus versos. Algo na repetição do tempo quente fez-me pensar na Califórnia. *Helter Skelter*, talvez? Seria Charles Manson que espreitava entre as linhas de Laura e o seu alegre bando de seguidores assassinos? Ou *A Sangue Frio*, talvez? Estaria Truman Capote a pensar em Holcomb, Kansas, quando escreveu linhas tão delicadas de prosa sobre amanheceres quentes e fogosos e céus tristes e tranquilos?

Eu tinha de saber. Era impossível que Laura tivesse ido buscar a sua prosa a um livro que eu própria não tivesse lido, e eu estava desesperada por ligar os pontos, por reler essas obras através dos olhos de Laura. Sonhava em perguntar-lhe novamente, sonhava que ela fosse recetiva à pergunta, que finalmente se abrisse. Talvez eu pudesse recomendar alguns títulos, talvez ela ficasse satisfeita. Parecia que a única forma de obter uma resposta seria se, de alguma forma, conseguisse entrar em casa dela, dar uma vista de olhos às suas estantes e descobrir por mim própria, mas isso era tão provável como ela simplesmente dizer-me.

– Então, o que é isso que tens aí? – perguntou Jackie, pegando no meu copo de *pint* vazio e esticando o pescoço para espreitar o meu caderno.

O batom cor-de-rosa tinha-se espalhado pela boca, desvanecido no centro do lábio inferior, e ela tinha pequenos borrões de rímel no canto de cada olho.

– Só um bocado de poesia – disse eu, cobrindo o meu diário com a mão.

– Poesia? – inquiriu ela. – Cristo. O que tu precisas é de sair um pouco, conhecer alguém. Quando eu tinha a tua idade, tinha um homem diferente pendurado em mim todas as noites da semana.

Falava de como passara a sua juventude selvagem a beber Pernod e a usar minissaias pretas em concertos *punk*. Nas suas histórias, ela tinha sempre a língua mais afiada, era sempre a última a rir, tinha sempre uma pequena ligação a uma celebridade importante, cujos pormenores variavam consoante a quantidade de álcool que tinha bebido, o público e o estado de espírito em que se encontrava. Uma vez, afirmou ter beijado um jovem David Bowie, e mais tarde negou qualquer conhecimento do assunto.

– Não quero conhecer ninguém. – Tentei dizê-lo com uma indiferença

descontraída e alegre, mas saiu como um lamento fraco e infantil. *Não quero.*

[3] Fã dos autores do Massacre de Columbine, a 20 de abril de 1999, na Columbine High School, em Columbine, nos Estados Unidos. Eric Harris e Dylan Klebold, alunos da escola, mataram 12 alunos e um professor e feriram 21 pessoas, tendo-se suicidado de seguida. (*N. do T.*)

Laura

Reporto à polícia as pegadas do lado de fora da janela da minha sala. A mulher com quem falo alinha, dá-me um número de referência do crime e diz-me para manter a porta da frente trancada, mas noto que não está particularmente preocupada e, quando desligo, estou demasiado agitada para ler ou escrever.

Tenho estado a trabalhar num poema. É sobre mulheres e os seus parceiros, assassinados por um agente da polícia que invadiu as suas casas a meio da noite. *Nunca* gosto de ler estas narrativas, mas dificilmente consigo passar por esta. É demasiado para mim, demasiado próximo de casa. Passo os olhos pelo livro para encontrar o que procuro – descrições das mulheres tal como elas eram: as suas rotinas, os seus bairros, o tempo –, mas sempre que pego no livro, sou assombrada pela imagem de um estranho a espreitar pela janela da minha sala e sinto-me tonta, enjoada, e tenho de o pousar.

Pelo menos o trabalho mantém-me ocupada. Uma enorme quantidade de livros de educação infantil chegou mesmo antes do fim do semestre: livros de exercícios baratos e brilhantes para raciocínio verbal, matemática, compreensão, ciências. Etiquetei-os todos com autocolantes *Compre Um e Leve Outro* para a férias de outubro. Mas quando chegou a semana, foi um desastre total. Ventos ferozes e chuva torrencial colam as folhas caídas nos passeios e obrigam todos os clientes, exceto os mais assíduos, a retirarem-se para o centro comercial, deixando o mercado como um terreno baldio de solitários de cabeça baixa, caminhando com determinação.

Estamos com excesso de pessoal. Sharona, habituada ao ritmo acelerado das vendas no centro de Londres, previa uma semana atarefada, cheia de compradores de Natal antecipados, pais prepotentes a abastecerem-se de livros escolares e famílias a fazer compras para o dia. Em vez disso, as horas passam sem clientes à vista e nós andamos pela loja vazia, à procura de biscoitos para nos ocuparmos.

Quando as férias acabam, eu, obedientemente, tiro a etiqueta de todos os livros de exercícios não vendidos. As minhas unhas ficam presas na cola teimosa, enfraquecem, partem e descascam. Demora horas, e há uma futilidade, como no trabalho de Sísifo, em retirar etiquetas livros que me tinham levado horas etiquetar, mas fico contente por ter algo para fazer.

Os olhos da Roach brilham sobre mim enquanto eu dou o meu melhor

para a ignorar. Ela parece estar sempre à beira de me dizer alguma coisa, mas, felizmente, tem tendência para perder a coragem. Em vez disso, traz todos os dias para o trabalho a sua cópia do meu livro, e eu vejo com embaraço as páginas ficarem cada vez mais gastas e desgastadas à medida que ela o relê até à exaustão. Mesmo quando tenho um momento só para mim, consigo sentir o seu cheiro estranhamente doce e rançoso na sala dos funcionários, nas minhas pausas. Mesmo quando ela não está lá, a sala regurgita uma memória dela, como se ela fosse um fantasma cozido nas fundações da loja.

A Sharona fecha-se no escritório, a tratar de décadas de papelada mal tratada. É estranho vê-la tão pouco; normalmente, é uma chefe muito ativa, o tipo de gerente de livraria que prefere dar o exemplo na loja. Sai de vez em quando para fumar e fazer chá, com uma expressão de resignação cansada da batalha no rosto. Sempre que entro no escritório empoeirado para ir buscar trocos para as caixas ou oferecer-lhe uma bebida, o cheiro a incenso de cigarros e óleos essenciais de Sharona faz-me pensar nas bancas de anéis de prata e bugigangas do mercado de Camden.

– Isto não é bom – diz ela, acenando com a cabeça para as pilhas de papéis amarelados e recibos enrolados. – Talvez precisemos de chamar o Jim, para fazer uma auditoria completa.

Por vezes, entre a papelada interminável e a arrumação, ocorrem-me versos de poesia ou fragmentos de prosa, que rabisco em tiras de papel de carta em branco e enfio nos bolsos. Apesar de ainda estar a lutar para voltar a concentrar-me no projeto de *found poetry*, estou determinada a não me deixar descarrilar criativamente. Nos meus dias de folga, quando lavo a roupa, encontro estes pequenos pedaços de papel marcados com palavras sem sentido, a sua inspiração, o seu contexto, o seu significado, perdidos para sempre.

– O que é que aconteceu a «que se lixe a poesia»? – diz Eli, apanhando-me a rabiscar atrás da caixa.

– Digo muitas coisas que não quero dizer depois de uma bebida – respondo, com os olhos colados ao pedaço de papel que tenho na mão. Perdi a linha de pensamento, por isso escrevo uma lista aleatória de fruta para disfarçar o quanto ele é uma distração para mim. *Maçã, pêssego, melancia, ruibarbo, pera.*

– Bem, tenho um presente para ti – diz ele, todo contente consigo mesmo. Tem as mãos atrás das costas e está a sorrir. – Fecha os olhos e estende as mãos.

Obedeço com um risinho nervoso, meio à espera de uma aranha ou de uma lesma, como numa brincadeira de recreio, mas, em vez disso, ele coloca um livro encadernado em tecido nas minhas mãos estendidas. Abro os olhos e vejo um diário de criança, um caderno lilás de capa dura, protegido por um pequeno cadeado em forma de coração.

– Encontrei-o por acaso num saco de lixo. Provavelmente, são coisas que foram retiradas do último inventário. Não tem código de barras nem nada,

mas ainda tem a chave, por isso... queres? Pensei que podias usá-lo para escrever a tua história de amor.

– Obrigada. – Saiu como um sussurro rouco porque a minha boca ficou completamente seca. Viro o livro nas minhas mãos. A capa está quente do toque das mãos dele. – Quando eu era pequena – digo, pondo uma voz mais definida e menos séria –, queria tanto um destes, apesar de ter uns nove anos e não ter segredos nenhuns.

Ele dirige-me sorriso indulgente.

– Os miúdos adoram a ideia de segredos, não é?

– Continuo a gostar.

O piso da loja está completamente morto, por isso, encorajada pelo presente, dou um passo em frente e envolvo-o num abraço de agradecimento.

– É bom ter a banda outra vez junta, não é? – diz ele, afastando-se.

– Equipa de sonho – respondo, batendo com um autocolante no ombro dele. Perdeu a aderência, enrola-se sobre si próprio e depois caiu no tapete entre nós.

É um daqueles serões lindíssimos, o sol de outubro é dourado e está quase a pôr-se. No exterior da loja, Eli e Sharona dizem piadas e enrolam cigarros. Amanhã, ambos vão fazer o turno da noite e há um espírito de malandrice no ar.

– Copos hoje à noite? – diz Eli. – Pensámos em ir ver aquele *pub* de gatos em Walthamstow Village, o Nags Head?

– Não posso – digo, com um ardor de arrependimento. – Tenho uma coisa esta noite.

– De certeza que não podes vir só para uma bebida rápida? – Sharona roda a chave na fechadura e puxa o puxador da porta para verificar se está bem fechada.

– Não posso mesmo – respondo.

– Laura Bunting a recusar uma bebida? – Eli sorri, esticando-se para puxar as persianas rígidas. – Chamamos um exorcista?

– Ha ha.

– Para que lado vais? – pergunta-me a Sharona, acendendo um cigarro e franzindo os olhos por causa do fumo.

– Vou mandar uma mensagem aos meus amigos para saber onde estão. Não esperem por mim; vão vocês à frente.

Aceno-lhes e vejo-os subir o mercado em direção à Village. Quando as suas costas se perdem na azáfama e no ruído dos vendedores que arrumam as suas coisas para terminar o dia, sigo os seus passos. Penso no serão descontraído e fácil que os espera: rosé frio, piza bem quente e uma boa conversa de mexericos enquanto o dia dá lugar à noite. Como são fumadores, vão encontrar uma mesa no jardim, debaixo de um dos candeeiros aquecidos, e os gatos vão enfiar-se entre as pernas das cadeiras e implorar por restos, e o

ar vai cheirar a alho e orégãos vindos da cozinha.

Em contraste, o salão comunitário está frio e tresanda a desinfetante, o cheiro da minha adolescência, das esquadras da polícia e dos gabinetes de ligação familiar, das salas de espera e das sessões de terapia de grupo. A Hannah e a Charity falam em voz baixa, adicionando açúcar e leite UHT às chávenas de café instantâneo, enquanto o Des arruma as últimas cadeiras num círculo irregular. Há um par de caras novas e alguns semirregulares cujos nomes não me lembro. As pessoas entram e saem. Por vezes, despedem-se, mas muitas vezes deixam de aparecer. Por vezes, voltam, mas, na maior parte das vezes, não.

Uma mulher corpulenta, de cabelos grisalhos rebeldes e olhos puxados, limpa o nariz com um lenço, e um homem de caracóis prateados apertados e ombros curvados roda um boné nas mãos. Deixo cair a minha mala e o meu casaco numa cadeira e ofereço-lhes bebidas. As pessoas novas são muitas vezes um pouco reservadas e nem sempre gostam de se servir. A mulher, talvez um pouco abalada com a situação, diz não, obrigada, mas o homem diz sim a um chá com leite e açúcar. Ao aceitar a chávena de papel da minha mão estendida, dá-me uma palmadinha desajeitada no braço e apresenta-se como John, num suave sotaque das Caraíbas. Os seus olhos já estão a brilhar de tristeza. Dou-lhe um pequeno aperto no ombro.

Sirvo-me de uma chávena de chá que não quero particularmente. O calor da chávena é reconfortante entre as palmas das minhas mãos e dá-me algo para fazer para me distrair da falta de nicotina que já está a apoderar-se de mim.

– Então, vamos começar, está bem? – diz Des, esfregando as mãos como se estivéssemos prestes a fazer algo divertido, como acender um churrasco ou ver um filme. Bebo o meu chá e desejo que fosse vinho enquanto ouço a mulher de cabelo grisalho frisado apresentar-se.

– Já lá vão vinte anos – diz ela, limpando as lágrimas dos olhos antes que elas tenham hipótese de cair. – Ela continua a ser a primeira coisa em que penso de manhã e a última à noite. Falo com ela. Sonho com ela. Ela era o meu mundo e, sem ela, eu... – A sua frágil compostura dissolve-se e ela aperta o lenço sobre a cara. – Parece que toda a gente seguiu em frente, mas eu não... Não vejo como o posso fazer.

Sinto-me completamente desligada do momento, como se estivesse a ver a conversa a desenrolar-se do outro lado de um ecrã de televisão. A tristeza, a dor, a conversa amena, a falta de esperança. Já vi tudo isto antes, uma vez por semana, durante os últimos cinco anos ou mais.

– Pode ser muito difícil – diz Des com a voz sombria de um cangalheiro, com o rosto grave de compaixão. – As outras pessoas podem achar difícil de compreender.

– É um tipo diferente de perda – diz Charity, acenando com a cabeça. – E se a conversa ajuda, não há necessidade de parar. Falo com a minha filha todos os dias, como se ela ainda estivesse comigo.

John inclina-se para a frente e diz umas palavras que não consigo apanhar, palavras de conforto que são só para a Charity. Ela fecha os olhos, com os lábios apertados, acena com a cabeça e pega na mão dele num momento terno de compreensão mútua.

A minha mãe não está ainda comigo. Mas veio ter comigo uma vez, quando eu tinha dezasseis anos, logo depois de tudo ter acontecido. Estava perdida, presa na memória dos seus últimos momentos. Não me reconheceu – ou talvez não me conseguisse ver enquanto corria, talvez estivéssemos sintonizadas em canais diferentes. Eu estava presa atrás de um vidro enquanto a via correr, as solas dos seus ténis a baterem no pavimento. Lábios coralinos, rosto a brilhar de suor, sempre tão bem arranjada. Uma fita de sangue escorria-lhe da linha do cabelo, e a pele à volta do pescoço estava inflamada, inchada, manchada com um nó de contusões. Uma luz fina e leitosa dos candeeiros de rua, as estradas vazias. Não era a sensação dos sonhos – meio recordados e distorcidos com a lógica dos sonhos. Parecia real. Quando pestanejei, ainda conseguia sentir o cheiro dela – um leve fio de suor, terra fresca e *Shalimar*, que me prendia ao sonho. Aquele cheiro persistente era uma prenda da minha mãe para mim. Um presente, uma lembrança, uma lição. Há um véu que paira entre os vivos e os mortos, e os sonhadores têm o poder de o puxar para trás e olhar para além da terra dos vivos, nem que seja por um segundo.

– Às vezes, é reconfortante pensar que ela ainda está comigo. – diz Charity ao grupo, com os seus dedos a brincar com um pequeno crucifixo de ouro pendurado numa corrente à volta do seu pescoço. – Mas, às vezes, não é, porque ela ainda devia estar aqui. O seu assassinio testou a minha fé mais do que qualquer outra coisa, antes ou depois.

Hannah fala da sua irmã, assassinada por um namorado abusivo, e depois outra mulher fala da sua mãe, assassinada pelo pai. Cada uma de nós tem uma história diferente para contar, mas todas partilhamos o mesmo fardo terrível.

À medida que vou entrando e saindo da conversa, tento lembrar-me da última vez que falei sobre a minha mãe. Não partilho a sua história com muita frequência. Quando aconteceu, não precisei de o fazer: toda a gente sabia. Na escola, as salas de aula ficavam silenciosas quando eu entrava e as mesas de almoço ficavam mais calmas quando eu me sentava. Um rasto de sussurros frenéticos seguia-me para onde quer que eu fosse. Até os professores falavam comigo de forma diferente, olhavam-me com olhos que refletiam a nuvem de tristeza que pairava sobre mim. Sentia-me contaminada, manchada de dor.

Na universidade, o anonimato foi uma lufada de ar fresco. Todos os meus amigos sabiam que a minha mãe tinha falecido – *falecido* era o termo certo para usar, porque soava tão gentil, tão natural, tão passivo –, mas eu mantinha os pormenores exatos obscuros. Isso não exigiu muito esforço da minha parte. Os jovens não se sentem à vontade com a morte. Não sabem o que podem dizer e não sabem se podem fazer perguntas, por isso nem sequer

falam nisso.

A minha mente vagueia até Roach. Ela é do género de bisbilhotar. Cabelo por lavar, cara de rato. *Adoro serial killers*. Ela faria perguntas gráficas com uma curiosidade descarada, não tenho dúvidas disso. Pergunto-me se ela já foi confrontada com a realidade da morte. Pergunto-me se ela alguma vez conheceu a dor crua e sem filtros de pessoas como a Hannah, a Charity e o John.

Nunca me senti à vontade para partilhar as circunstâncias exatas da morte da minha mãe com o grupo, apesar de ter partilhado mais aqui do que com qualquer outra pessoa – tirando o Eli, talvez, mas é difícil ter a certeza. Olho à volta da sala, para toda a tristeza, para os rostos carregados, para os ombros descaídos. Se eu não posso ser honesta aqui, porque é que me dou ao trabalho de vir? Respiro fundo, já decidida, e quando há um intervalo natural na conversa, limpo a garganta.

– Olá a todos, chamo-me Laura. Venho a este grupo de vez em quando, há cerca de cinco anos. Sou sempre a bebé da sala. – Uma gargalhada nervosa escapa-me dos lábios e o Des faz um sorriso triste com a minha pequena piada. – Perdi a minha mãe há dez anos.

Engulo uma chávena de chá para ganhar algum tempo enquanto penso como dizer o que quero dizer a seguir. A Hannah aproxima-se e aperta-me o ombro com uma mão pequena e pálida. Ela aperta os lábios, e a pele delicada nos cantos dos seus olhos contrai-se em finas rugas enquanto ela me oferece um meio sorriso encorajador.

– Apercebi-me de que já não me sinto tão confortável a falar dela como antes. Todos nós temos as nossas histórias, mas a minha é um pouco diferente. Ela foi morta por um estranho, como muitos de vós sabem.

Des acena lentamente com a cabeça, com uma expressão solene, enquanto puxa suavemente por um caracol da sua barba branca.

– Mas acho que nunca partilhei este pormenor antes...

O grupo está em silêncio, a postos para uma nova informação.

Aprendi cedo que partilhar este pormenor em particular levava muitas vezes a perguntas indesejadas, mesmo num grupo de apoio como este, por isso tenho tendência a manter a história vaga. São tão poucas as pessoas que sabem, que parece quase tabu dizê-lo em voz alta. Respiro fundo.

– O homem que a matou era um *serial killer*.

Deixo cair o meu olhar para a chávena de chá agitado que tenho nas mãos. Há uma mudança no círculo, os outros inclinam-se para a frente, sentam-se mais direitos, ouvem com um novo interesse, e fico ressentida pelo seu inevitável interesse. Des inclina respeitosamente a cabeça, com uma mão enrolada na outra, e apercebo-me de que, ao longo dos anos, ele pode ter reunido informação suficiente para reconstituir a história sozinho.

– Foi um caso bastante mediático e... Detesto o facto de o meu trauma estar ligado a esta história horrível e de não poder falar de um sem falar do outro. Detesto que o nome dela fique para sempre associado ao homem que a

matou e detesto que o mundo só se lembre dela como um capítulo da história da vida dele.

Segue-se um longo silêncio e pergunto-me qual deles estará em pulgas para fazer a pergunta inevitável: *Mas qual deles? Quem era o serial killer?*

A Hannah aperta-me a mão.

– Nem consigo imaginar.

Um coro de consolação eleva-se do grupo. Ao acenar com a cabeça e aceitar as suas novas condolências, já me apercebo de um ligeiro arrependimento. Afinal, as palavras ditas não podem ser desditas.

– É importante continuar a falar sobre ela – diz-me Des, com as sobrançelas franzidas numa expressão pensativa. Ele olha à volta do círculo e depois continua a falar para o grupo mais alargado: – E só quero acrescentar que enquanto estiverem aqui connosco nesta sala, são livres de partilhar o pouco ou o muito que quiserem. Neste grupo, nunca pedimos pormenores. Nunca nos vamos intrometer. É seguro falar livremente ou não falar de todo. Depende completamente de vós.

Des olha para mim e faz-me um pequeno gesto com o polegar levantado, com as sobrançelas franzidas como se estivesse a fazer-me uma pergunta. Eu respondo com um pequeno aceno de cabeça e ele volta a concentrar a sua atenção na Hannah, que continua onde ele parou. A conversa prossegue e eu afasto-me enquanto penso em todas as formas como a minha autopreservação deu lugar ao secretismo. Preciso de encontrar um equilíbrio saudável entre honrar a vida dela e, ao mesmo tempo, abrir-me e falar autenticamente sobre a natureza da sua morte. Neste momento, a única altura em que falo dela fora do grupo de apoio é quando estou de rastos, e tudo vem ao de cima numa torrente de melancolia de que me arrependo mais tarde.

Através da janela, a luz dourada de um candeeiro de rua bate nas folhas mortas das árvores que ladeiam a rua. A ansiedade enrola-se na minha barriga. Não sei o que estava à espera, mas é como se, em vez de mais informações, o grupo não tivesse outra opção senão ignorar a minha revelação. É compreensível, suponho. A verdade é que os *serial killers* são raros, e mesmo num grupo de apoio como este – um grupo feito à medida daqueles que perderam entes queridos às mãos de outros –, nunca ninguém tem uma história como a minha.

Quando saio ao fim da tarde, o Sol já se pôs e as sombras já se fazem sentir. Uma raposa esgueira-se para o adro da igreja, com o seu pelo vermelho a dar lugar à sarna, e o ar outonal transporta o suave zumbido de uma conversa, algumas notas de *jazz* ligeiro e gargalhadas do *pub* do outro lado da rua.

– Então, vais-te embora? – pergunta Des, fechando a porta da frente do centro. Ele era sempre gentil, da mesma forma que alguns homens usam *aftershave*. Eu forço um pequeno sorriso triste.

- Se calhar, vou para casa – respondo.
- Olha, hoje estiveste muito bem – diz ele. – Nunca é fácil abrir-se e... bem, continua assim. Estiveste muito bem.
- Obrigada, Des.
- Até à próxima?
- Até à próxima. *Ciao*.

Quando Des desaparece na noite, pego no meu telemóvel para ver as horas e vejo uma mensagem de Eli. Enviou-me uma foto das bebidas deles, um par de *pints* sob as luzes cor-de-rosa do *beer garden*, com a cauda de um gato a entrar no enquadramento. Tinha prometido a mim própria que iria diretamente para casa depois do grupo – estava a alimentar uma fantasia de pijama, um copo de vinho, uma reconfortante tigela de massa, e depois sentar-me com o diário lilás para escrever alguma coisa, qualquer coisa –, mas o desejo de escrever está a desaparecer rapidamente. Sinto a atração do bar, penso na Sharon e no Eli a bebericar as suas bebidas e a fumar os seus cigarros, rodeados de calor e risos, e depois lembro-me das pegadas insidiosas deixadas por um anónimo no solo do lado de fora da janela da minha sala de estar e isso fecha o ciclo. Ainda não posso ir para casa; não estou pronta para ficar sozinha. A atração de um bom momento acena-me.

Roach

Laura estava a entranhar-se na loja com a determinação teimosa de uma carraça e, embora continuasse a tratar-me com uma indiferença fria, as constantes chamadas de atenção para a sua presença tornavam impossível que eu a ignorasse em troca. Um casaco de malha grossa, da cor de sangue velho, apareceu num dos armários debaixo da caixa do rés do chão. Uma garrafa de água de metal, um bálsamo labial de pêssego e um tubo de creme para as mãos de clementina que eu gostava de usar quando ela não estava por perto, apesar de deixar marcas de dedos gordurosas no ecrã da caixa.

Numa quarta-feira chuvosa, cheguei para almoçar e encontrei-a a sentir-se em casa na sala dos funcionários, enroscada como um gato dócil no sofá estragado. Tinha descalçado os sapatos – sabrinhas cor de framboesa que combinavam com o casaco de malha – e usava um pequeno caderno lilás como secretária improvisada. Esperava que estivesse a escrever poesia, mas, para minha imensa desilusão, vi um leque de cartões de recomendação espalhados à sua volta. O seu almoço estava equilibrado no braço do sofá, uma caixa *tupperware* de salada que enchia a sala com o cheiro acídulo e forte do vinagre. Ela olhou para cima quando ouviu os meus passos.

– Ei, sabes onde posso encontrar outro marcador? Este está um bocado seco. – A sua voz era brilhante e quebradiça, e não tinha os tons quentes de camaradagem que usava com os outros livreiros. Parecia-se mais com a alegria forçada que ela usava para encantar os clientes.

– Não sei – disse eu, enfiando a chave no meu cacifo. – Mas há uma caneca com esferográficas no escritório.

– É suposto usarmos marcador preto para os cartões de recomendação. Salta mais à vista contra o branco e fica muito mais bonito se estiverem todos iguais.

– Usamos qualquer coisa.

– Eu sei – respondeu ela, com uma ponta de irritação. – Mas é suposto usarmos um marcador preto.

Na verdade, estava contente por a Laura estar ali. Sentei-me na minha cadeira preferida e tirei o meu almoço do saco – uma sandes de queijo embrulhada em folha de alumínio e a lata de água com gás de cereja que tinha tirado do saco dela há umas semanas. Tinha-a mantido na minha mesa de cabeceira, uma sentinela solitária a vigiar o meu maço de Pall Malls, mas algo

no ar tinha mudado nesse dia e eu decidira que era o momento certo: ia bebê-la, e agora a sorte tinha chegado, e a Laura estava lá para testemunhar. Era perfeito. Abri a lata e bebi um longo e ruidoso gole. Esperava que soubesse a *Dark Fruits*, escuro e enjoativo, como a podridão sumarenta das cerejas do fim do verão, mas, em vez disso, tinha o travo amargo da água com gás e apenas um leve traço de frutos silvestres.

– Oooh, onde é que arranjaste isso? – perguntou ela, mordendo o isco. Fiquei radiante quando ela se inclinou para a frente e apontou para a lata na minha mão.

Pela primeira vez na minha presença, um olhar de curiosidade sincera e animada cruzou o seu rosto. – *Adoro* essas coisas, mas tenho sempre de encomendá-las pela Internet.

– A minha mercearia vende – improvisei, agarrando com as duas mãos uma potencial ligação. – Eu trago-te uma.

– Oh, não, não te preocupes – disse ela rapidamente. – Não precisas de fazer isso.

– Não é nada de especial – respondi, satisfeita comigo própria. Perguntei-me quanto é que esta merda custava (parecia ser de luxo) e se podia encomendá-la *online* por lata ou se teria de me comprometer com uma caixa inteira. E se ela estivesse à espera de uma amanhã? Teria de inventar uma desculpa.

Laura pegou no garfo e enfiou-o na salada, espetando uma garfada cheia de folhas molhadas. Cada dentada da minha sanduíche parecia densa, presa na minha garganta, pesada no fundo do meu estômago. Ansiava pela leveza dos almoços da Laura. Ia perguntar-lhe sobre as suas saladas, para manter a conversa, mas quando passei um dedo pelas lombadas dos meus livros para encontrar *The Stranger Beside Me*, ela interrompeu o meu pensamento com uma pergunta.

– São tudo reservas? – perguntou ela, acenando com a cabeça para a minha estante.

– Alguns. Por exemplo, uma editora enviou-me este recentemente – respondi, puxando a lombada de *An A-Z of Serial Killers* para lhe mostrar um canto da capa. – Mas a maior parte destes está apenas em reserva.

Tinha cerca de trinta livros reservados em meu nome. Guardava-os todos na sala dos colaboradores e lia-os à vontade. É um bom sistema: Não tinha de os pagar se nunca saíssem da loja.

Ela estreitou os olhos, como um gato a observar um pássaro, e depois voltou a prestar atenção aos seus cartões de recomendação sem mais comentários.

– Podes levar algum emprestado, se quiseres – disse eu, tentando manter este novo espírito de amizade. – Há aqui coisas muito boas.

– Obrigada – agradeceu ela, com a cabeça baixa, enquanto retomava a escrita.

Certamente seria o momento em que ela perceberia que estávamos na

mesma página, que tínhamos muito em comum. Ambas escrevíamos poesia, adorávamos *True Crime*. Até bebíamos a mesma marca *hipster* de água com gás. Não éramos umas fãs de Bundy como as PSG na gravação das *Murder Girls* – éramos apaixonadas, mas também informadas. Educadas. Sabíamos do que falávamos.

– Já leste *Desaparecer na Escuridão*? – tentei de novo.

– Não leio mesmo esse tipo de coisas – afirmou ela, tapando o marcador seco e recusando-se a olhar para mim.

– Mas, e a tua poesia? – continuei a insistir.

Ela olhou para cima, com o lábio curvado numa careta.

– E a minha poesia? – Ela passou-se, e eu estremeci. Parecia que qualquer ligação que eu tivesse criado com a água com gás se estava a desvanecer quando ela olhou para mim com uma expressão de genuína antipatia. Ela expirou bruscamente e começou a juntar os seus cartões de recomendação numa pilha organizada.

Onde é que eu tinha errado? Era impossível saber. Laura era inconstante e o seu humor mudava como o tempo. Num minuto, estava no palco a apresentar a sua poesia para uma sala cheia de estranhos; no outro, era demasiado pessoal para discutir com uma colega, alguém que via todos os dias.

– Vou fumar um cigarro – murmurou, calçando os sapatos e vestindo o casaco. Com isso, desapareceu pela porta das traseiras e subiu para o telhado.

Qualquer que fosse a força que me tivesse inspirado a trazer a água com gás para o trabalho naquele dia, tinha-me desiludido por não me ter incentivado a trazer também os meus cigarros. Se eu tivesse trazido os meus cigarros, teria tido uma razão legítima para sair e juntar-me a ela, suavizar as coisas, manter a conversa. Os fumadores eram sempre muito íntimos. Suponho que havia um limite para os cigarros que os fumadores podiam partilhar uns com os outros antes de desenvolverem uma afinidade natural.

Enquanto ela estava fora de vista, fiz uma investigação rápida e espreitei por baixo da tampa do seu *tupperware*. Pareciam ovos de caracol e bolor de folhas, folhagem húmida que tinha murchado sob o cheiro adstringente do vinagre. Tirei uma fotografia com o meu telemóvel e depois voltei a minha atenção para o caderno roxo pálido por baixo da pilha de cartões de recomendação. Não o reconheci das inspeções anteriores ao conteúdo do seu saco. Talvez fosse novo. Os segredos sórdidos que continha estavam protegidos por um pequeno cadeado em forma de coração.

Irritada com a audácia de ter um diário trancado na sua idade avançada, reorganizei rapidamente o caderno lilás e os cartões de recomendação tal como estavam e voltei para a minha cadeira. Tentei perder-me na Seattle de Bundy, onde as raparigas universitárias desapareciam a um ritmo de uma por mês ou mais, um carrossel interminável de jovens de cabelo comprido e escuro, mas a minha mente não parava de voltar ao diário lilás.

Bebi outro gole da preciosa água com gás da Laura e engoli-o. Sabia

mesmo a merda.

Depois do trabalho, fui ao Tesco. Examinando os pacotes de plástico em forma de almofada de folhas de salada, não conseguia perceber que planta é que a Laura tinha usado para fazer o seu almoço – seriam espinafres, agrião ou rúcula? Pareciam todas iguais, e eu não conseguia decidir qual era a correta. Não comia em restaurantes de luxo, não via programas de culinária. Os meus conhecimentos sobre comida limitavam-se a interpretar as instruções de cozedura na parte de trás das caixas de pizzas congeladas. Mostrei a minha fotografia a uma rapariga que estava a repor bananas e ela olhou para mim como se eu fosse um extraterrestre.

– Ah, as saladas estão mesmo atrás de si – disse ela, sem querer envolver-se demasiado.

– Cheirava um pouco a vinagre – afirmei.

– Molhos para salada, corredor seis – respondeu ela, voltando-se para as suas bananas.

No final, escolhi um saco de salada *bistro* e um pimento laranja. Não havia nenhum funcionário no corredor seis, mas encontrei os vinagres e escolhi uma garrafa de vinagre de malte que parecia Coca-Cola sem gás, porque foi a única que reconheci. Não consegui perceber o que eram os ovos de caracol, por isso escolhi um pacote de arroz amarelo para micro-ondas com o sabor «legumes dourados». Não me lembrei de nenhum legume que fosse dourado.

Na manhã seguinte, acordei tarde e não tive um segundo para pensar em fazer a porra de uma salada. Acordei tarde na manhã seguinte, e na outra, e assim por diante, até que a salada *bistro* ficou verde-escura e viscosa no saco e a pele esticada do pimento ficou mole e mudou de cor.

Prometi a mim própria pedir dicas à Laura – o que eram os ovos de caracol? que vinagres preferia para os seus molhos? –, mas, da próxima vez que estivemos juntas na sala dos empregados e lhe ofereci uma lata da sua preciosa água com gás de cereja que tinha encontrado no elegante Spar da Village, ela não me deu mais do que um obrigado entre dentes, seguido de um silêncio gélido. Desapareci atrás de *The Stranger Beside Me*, com as bochechas a arder de humilhação. Era evidente que ela só queria saber de receber, receber, receber, e os meus esforços para criar uma ligação com ela foram em vão.

Laura era uma boneca *matrioska*, tinha tantas caras. Via-a a gingar pela loja, arrumando pilhas de livros e os livros perdidos, mudando de máscara para se adaptar ao seu público. Com a Noor e a Sharona, era uma irmã, uma confidente, uma amiga. Com Barry e Martin, uma colega, uma colaboradora. Com Kofi, uma mentora, uma instrutora. Com Eli, uma concubina, uma namoradeira. Com os clientes, um anjo. E comigo? Uma folha de papel em branco. Uma estátua de mármore. Uma parede de tijolo.

Laura

Nas minhas pausas para almoço, em vez de trabalhar na minha poesia, preencho as páginas do diário lilás com recortes, notas e memórias sobre a minha mãe. Escrevo pouco e muitas vezes, sempre que o espírito dela me move. Escrevo sobre a forma como ela adorava o outono, como o primeiro fim de semana de chuvisco no final de agosto era a sua deixa para encher a nossa casa com cobertores aconchegantes e velas para dar as boas-vindas aos meses mais frios. Escrevo sobre o cheiro quente da canela no ar quando ela fazia bolos de maçã, *flapjacks* e pão de banana. A sua predileção por alfazema. Lembro-me das suas mãos, da forma como a pele era vermelha e rachada entre os dedos por causa de um eczema. Tomo nota de todas as coisas que ela me ensinou: manter sempre o verniz das unhas no frigorífico, cuidar bem dos sapatos, usar protetor solar todos os dias, dar livros de presente, comprar flores para mim própria.

É mais um dia mortalmente calmo na loja, por isso, quando a minha escrita se esgota, uso o telefone do escritório para telefonar para o rés do chão e dizer à Noor que vou passar o resto do meu turno a limpar a sala dos colaboradores.

Duas claraboias enchem a sala com o sol do final de outubro. O balcão da cozinha está sujo, semeado com mil colheres de chá manchadas de café, coberto de migalhas, grãos de café e grânulos de açúcar derramado. Um saco do lixo cheio demais expele sacos de McDonald's amassados, embalagens de comida e latas de bebidas gasificadas no chão, incluindo várias latas esmagadas de Stokey Cherry Seltzer. Lembro-me da lata que a Roach me deu, apresentada com o entusiasmo sincero de um gato a oferecer um rato morto ao dono. Por alguma razão, toda a situação fez-me desistir da bebida, e a lata permanece intocada no meu cacifo.

Ponho música no telemóvel, arregajo as mangas e remexo nos armários, recolhendo alimentos. Um frasco empoeirado de *spray* de limpeza multiusos, um rolo de papel azul, um triste pano cinzento, verniz para móveis. Uso um quadrado de rolo azul seco para empurrar as migalhas da bancada da cozinha para o caixote do lixo; depois, amarro o saco do lixo rançoso e coloco-o junto à porta. Pulverizo os balcões e esfrego os salpicos sépia de chá e café com o pano cinzento até ficarem brilhantes.

Telefone lá para baixo, para o Eli, que devia estar a tratar do armazém

para que ficasse limpo e arrumado para o Natal.

– Estou na sala dos empregados. Podes trazer-me alguns sacos vazios?

– Entendido – diz ele, e desliga.

Deito fora todos os chás de ervas fora de prazo e recolho as garrafas de molho de soja, piri-piri, *Marmite*^[4] e mel, e coloco-as numa prateleira. Junto pilhas de *tupperwares* danificados e sem correspondência, muitos deles manchados de cor de laranja ou deformados por demasiadas passagens pelo micro-ondas. Não imagino que alguém dê pela falta deles se eu os deitar para o caixote do lixo, mas preciso de manter toda a gente feliz, por isso uso um dos novos marcadores que encomendei para a loja para escrever uma nota – *Tupperwares não reclamados serão reciclados na sexta-feira! Com amor, Laura xox* – e empilho tudo numa das mesas do refeitório.

O frigorífico é horrível, um túmulo fedorento de comida podre. Verifico as datas de validade e deito fora tudo o que já não serve para consumo humano; depois, coloco um segundo *post-it* na porta do frigorífico: *O frigorífico vai ser esvaziado na sexta-feira, por favor etiquete os seus alimentos; tudo o resto vai para o caixote do lixo! Com amor, Laura xox*.

Passo o aspirador no tapete e depois tiro o acessório principal para poder enfiar a boca fina do aspirador nas fendas do sofá e da poltrona. Varro cada uma das casas de banho, deitando lixívia nos autoclismos incrustados de calcário. Escrevo um último *post-it* e colo-o no horário semanal: *Por favor, etiquetem o vosso cacifo! Todos os cacifos não reclamados serão esvaziados na sexta-feira! Com amor, Laura xox*.

Eli aparece com um carrinho de sacos de plástico azuis, daqueles em que recebemos as entregas de livros, e eu convenco-o a ajudar-me a enchê-los com todas as reservas não lidas da loja.

– Só se eu puder ser o DJ – diz ele, acenando com a cabeça para o meu telemóvel. Ele troca Fleetwood Mac por Nick Cave, e eu elogio o seu gosto, apesar de a música ser má, fria e violenta, e eu não gostar particularmente dela.

As consignações são um dos melhores benefícios da venda de livros, e a prazer de uma rapariga é o veneno de outra, por isso vale sempre a pena vasculhar o *stock* de outra loja à procura de joias não reclamadas. Os editores enviam-nos livros em massa: grandes caixas de exemplares para nos abrir o apetite para o novo ano, e belos exemplares acabados embrulhados em papel de seda, atados com fita de cetim sintético, e embalados com postais e marcadores de livros e crachás, moedas de chocolate, biscoitos embalados individualmente, pequenas miniaturas de álcool, tudo para tentar conquistar-nos, para nos cortejar, para nos fazer apaixonar.

Como livreira, aprendemos rapidamente os gostos dos nossos colegas porque só falamos de livros, da loja e dos clientes. E gosto de fazer perguntas. Sharona é estritamente literária e, com pouco tempo e energia para se dedicar à leitura, tende a preferir os vencedores do Booker Prize, livros experimentais de editoras independentes e publicações sobre tradução. Eli é mais filosófico,

atraído pela ficção experimental e pelo existencialismo, mas lê devagar: Camus, Sartre, Brautigan, um livro de bolso de cento e cinquenta páginas no bolso de trás durante semanas a fio, até a capa amolecer e as páginas ficarem sujas. É possível saber muito sobre uma equipa com base nos exemplares que deixam por ler.

Eli e eu trabalhamos juntos num silêncio confortável, separando as consignações das reservas, removendo comunicados de imprensa velhos e frágeis à medida que avançamos, verificando os livros em busca de quaisquer sinais de danos. De vez em quando, ele para para cantar um verso ou dois, uma atuação rápida que eu gosto de pensar que é para meu benefício.

– Oh, olha – chamo a atenção, apontando para a prateleira da Roach. – Se tiveres um saco a mais, queres levar também todos aqueles *True Crime* para baixo?

– Ah – diz ele, olhando para as prateleiras. – São da Roach. Talvez eu lhe peça para as levar para casa.

– Mas ela não os pagou.

– Hã?

– Ela encomenda-os e deixa-os reservados.

Ele afasta o cabelo para trás com uma careta.

– Bem, devíamos dar-lhe a oportunidade de os comprar antes de os colocarmos na loja, certo?

Há cerca de trinta livros de bolso na sua vil prateleira, com títulos como *Talking with Serial Killers* e *The Murder Room* e *Forty Years of Murder* e *Britain's Most Notorious Serial Killers* e *Serial Killers of Britain and Ireland*. Reconheço alguns. Um ou dois dos títulos mais literários eram livros que eu tinha usado para o meu projeto de *found poetry*.

– Não, vamos devolvê-los à secção. Consigo praticamente *sentir* a sua energia negativa – afirmo.

– Mas é um bocado mau – diz ele, evitando o meu olhar enquanto levanta os sacos pesados de volta para o carrinho.

– Bem, vou deixar o que ela está a ler. Principalmente porque está num estado um pouco mau. Mas mesmo assim, limpei toda a sala dos funcionários de cima a baixo. Ela devia *agradecer-me*.

– Está bem – concorda ele. – Mas podes arrumá-los.

– OK.

– Não estou aqui para fazer o teu trabalho sujo – diz ele, com um brilho de malícia no olhar.

– Eu disse OK.

– Um cigarro rápido antes de levar isto para baixo?

– ‘Pétáculo.

Sentamo-nos na mesa de piquenique, com os pés nos bancos, e olhamos para a cidade enevoada ao longe. O The Shard capta o sol, reflete o azul pastel do céu. Está frio, mas não me importo.

Eli faz uma pequena batida nos joelhos, com o cigarro pendurado no

canto da boca. Às vezes, acho que ele se esquece de si próprio, perde-se na sua cabeça, e às vezes acho que é uma indiferença performativa. Gosto destes pequenos momentos entre nós, estes pequenos momentos de silêncio confortável. É uma intimidade estranha. Conhecemos as pessoas de forma diferente quando trabalhamos juntos, especialmente no comércio. Mesmo nas lojas mais movimentadas, há períodos vazios. Manhãs longas e sossegadas, sem nada para fazer a não ser passar o tempo com conversas fúteis. Passamos o dia todo juntos, todos os dias, tropeçando uns nos outros, trocando histórias, contando piadas, e depois saímos juntos várias noites por semana só porque sim.

Mas estou a pensar nas palavras dele. *Um bocado mau*. Será mau? Não consigo decidir.

– Se ela tiver algum problema, pode apresentá-lo à Sharona – digo eu, retomando o ponto em que ficámos. – Ou pode simplesmente ir para o *carvalho*. Não é nada de especial.

– *Carvalho* – diz ele, rindo-se enquanto expira. Aperta a beata do cigarro até a ponta cair. Eu dou uma última passa e depois faço o mesmo, e ele apaga as nossas beatas. – Agora és demasiado educada para dizer «caralho»?

– Força do hábito – respondo, saltando do banco e esticando-me. – Gostava que alguém me fizesse estalar todos os ossos das costas como se fossem plástico-bolha.

– Isso parece um ato de violência.

Eli dirige-se à porta da sala dos funcionários e abre-a para eu passar primeiro. Enquanto ele leva os sacos de livros, eu volto ao trabalho. Troco Nick Cave por Taylor Swift, limpo as estantes vazias com papel azul e verniz para móveis e organizo os restantes exemplares de 2019-20 nas prateleiras, por ordem cronológica de lançamento, de outubro até à primavera do próximo ano. Quando termino, o Sol já se pôs e só falta uma tarefa na minha lista.

No primeiro andar, um velhote de boné, com os sacos das compras aos pés, dorme numa das cadeiras junto ao elevador, com o queixo no peito. Um trio de colegas animadas com *frappés* derretidos e leitosos ocupam o sofá da secção de Viagens, para grande aborrecimento de uma mulher de casaco vermelho que tenta folhear em paz os *Lonely Planet* e os *Rough Guide*.

Eli empilhou os livros da Roach junto da caixa registadora. Introduzo alguns ISBN no sistema e a minha resolução endurece quando vejo que tinha razão: ela criou uma biblioteca pessoal às custas da loja e não pagou por nenhum.

As livrarias são oceanos e as secções são como as marés: crescem e diminuem, crescem e diminuem. Depende da estação, do que está a vender e das novas tendências que estão a surgir.

Scandi noir. *JA distópico*. Livros de *Colorir para adultos*. *Hygge*. Basta um *best-seller* para dar início a um *tsunami* de imitações, mas quando se pensa que a onda veio para ficar, as vendas começam a diminuir e a livraria respira e contrai-se e engole o *stock* que não vendeu, reabsorve-o de volta para

a secção principal, de volta para Crime ou JA ou Artesanato, e nós reorganizamos tudo para preencher a lacuna até que a próxima tendência ganhe força.

Um bom livreiro consegue sentir quando as marés estão a mudar, quando as vendas começam a diminuir. Um mau livreiro não se adapta à mudança, agarra-se a essas vendas em declínio em vez de abraçar a próxima grande novidade. Um livreiro muito mau privilegia o seu gosto pessoal em detrimento do sentido comercial. A Roach parece-me ser esse tipo de livreiro, com a sua triste seleção de porcarias escabrosas e sórdidas. Arrumo os livros dela rapidamente, verificando se há sinais de desgaste ou anotações em cada um, embora não consiga imaginar que tipo de notas a depravada Roach veria com bons olhos inscrever em qualquer um destes livros.

Entre os livros habituais sobre Jack, *o Estripador*, os cartéis de droga e anomalias literárias como *A Sangue Frio* e *The Fact of a Body*, há uma dúzia de *paperbacks* de aspeto reles de uma autora chamada Cynthia de la Roche. Todos eles parecem ser sobre crimes violentos em Londres e, com um sentimento de aflição, tiro da prateleira um título chamado *Murders of East London*.

Capa brilhante, papel barato. Quase parece uma edição de autor, mas, regra geral, não temos em *stock* títulos desses. Verifico o índice e, de facto, lá está ele: o homem que matou a minha mãe. Está bem representado, com uma secção inteira sobre a sua família, a sua infância, a sua vida antes dos seus crimes. Muito apreciado, um pouco solitário durante a infância. Era reservado. Um pilar da comunidade, um homem da lei. De certeza.

Cynthia de la Roche descreve metodicamente a morte de cada mulher: onde esteve, para onde ia, o que trazia vestido, o que transportava, o que a autópsia conseguiu reunir sobre as suas últimas horas na Terra. Biografias inteiras reduzidas à forma como passaram as suas últimas noites, ao conteúdo das suas malas de mão, ao conteúdo dos seus estômagos. Não me surpreende ver a vida da minha mãe reduzida às suas últimas horas, à sua morte e às consequências, mas dói e odeio-me por olhar. *O corpo de Karina Cordovan, de quarenta e três anos, uma mãe de Walthamstow, foi encontrado morto por estrangulamento em Vinegar Alley por...*

Engulo uma onda de tristeza, fecho o livro e volto a pô-lo na prateleira. Não é a primeira vez que encontro o nome da minha mãe na imprensa. Mas é sempre assim – um pequeno parágrafo, uma breve menção. Normalmente, acabam por esgotar, e ainda bem. A verdade é que, no grande esquema das coisas, provavelmente não é uma história muito interessante para pessoas como Roach, pessoas que apreciam os pormenores mais escabrosos. Quando penso na longevidade de alguns desses casos, os famosos com um ar de mistério ou um elemento de dúvida razoável, as histórias que são escolhidas, que acabam por ser transformadas em filmes e *podcasts* e programas de televisão, ficcionadas e recontadas e re-imaginadas, fico grata. As hipóteses de Roach estar interessada no assassino da minha mãe são baixas. Não é muito,

mas é algo pelo qual devo estar grata.

^[4] Uma pasta para untar torradas muito usada no RU. (*N. do T.*)

Roach

A Sharona mandou-me para Ilford para fazer um turno numa sexta-feira – uma temporária chorosa tinha-se trancado fora de casa e deixado a banheira a correr, e precisava de esperar por um serralheiro de emergência, segundo ela. Era uma desculpa elaborada, mas eu respeitava as suas tretas. Mandavam-me muitas vezes cobrir turnos porque era dispensável, tinha experiência e ia sem problemas. As sucursais de Essex tinham secções decentes de *True Crime*, embora tendessem mais para o carcerário: memórias de prisão, *gangsters* do East End, traficantes de droga, e havia sempre um expositor com uma pilha de *Mr. Nice*.

A loja estava morta e o turno arrastava-se, dolorosamente lento. Fiquei na caixa o dia todo a procurar livros na Amazon, a ler as páginas da Wikipedia de filmes de terror que já tinha visto e a atender mais famílias que compravam guias de estudo baratos para as provas de aferição do que qualquer outra coisa.

No caminho para casa, os comboios estavam atrasados. Alguém morrera na linha em Romford. As minhas orelhas ficaram alerta com isso. Se alguém estava morto, eu estava atenta. Enfie as mãos nos bolsos e bati com os pés para manter o sangue a circular. O ar frio cheirava a doce e a podre, com o odor rastejante da marijuana. Estiquei o pescoço para procurar o culpado. A plataforma estava silenciosa – era demasiado cedo para o fluxo constante de festeiros que se dirigiam a Londres todas as sextas-feiras à noite, com o seu cheiro adstringente a *aftershave*, Lynx e bronzado falso a impregnar as carruagens.

A meio da plataforma, avistei um metaleiro a fumar um charro, com a respiração densa. Ele olhou-me de relance e eu fixei o seu olhar. Era baixo, com cerca de 1,70 m, pele pálida e cabelo escuro ondulado que se desfazia em nuvens logo a seguir às omoplatas. Esperava que ele se afastasse, mas, em vez disso, desceu a plataforma na minha direção e ofereceu-me o charro.

Parecia um cigarro, mas o papel estava manchado de um amarelo mais escuro.

– Não – disse eu, abanando a cabeça. – Tudo bem.

Ele encolheu os ombros e depois ficou ali, a fumar ao meu lado em silêncio, como se fôssemos amigos. Eu não sabia se devia afastar-me ou apresentar-me ou o quê, por isso fiquei ali parada e ele ficou ali parado.

Impasse.

De perto, tinha as maçãs do rosto altas, os dentes salientes e os olhos escuros de Richard Ramirez, o *serial killer* que aterrorizou Los Angeles, na década de 1980. Casaco de cabedal esfarrapado, uma coleção de *badges* manchados de ferrugem presos nas lapelas. Reconheci alguns dos nomes de bandas, como Slayer, Cradle of Filth e Megadeth. Outras eram um completo mistério, porém, os seus nomes eram como encantamentos sombrios: Dimmu Borgir, Belphegor, Gorgoroth. Gostava de poder tirar uma fotografia e procurá-los *online* mais tarde.

– Parece o Richard Ramirez – declarei.

– Ah, sim?

– Sim.

– Engraçado, porque me chamo Richard.

– A sério?

– Não. – Ele riu-se. – Sou o Sam.

Dois podiam jogar este jogo.

– Sou a Brodie – disse eu, tentando algo novo. A Laura tinha mil caras diferentes consoante a sua disposição, por isso, porque é que eu não podia ser outra pessoa, para variar?

– Como o Brody Dalle?

– Não, eu escrevo-o de forma diferente – afirmei, deixando a minha boca assumir o comando. De onde é que isto veio? A minha capacidade de dizer merdas com perspicácia espantava-me. Endireitei-me um pouco mais, e puxei os ombros para trás.

Sam puxou o cabelo para trás da orelha esquerda.

– É uma porcaria isto dos comboios.

– Sim.

– Uma vez – disse ele, chupando o charro e semicerrando os olhos contra um fio de fumo –, alguém saltou para debaixo de um comboio e a linha ficou sem funcionar durante toda a tarde.

– É muito tempo.

– Sim. É porque têm muito para limpar. – Ele fez uma careta, e o nó da sua maçã de Adão balançou enquanto ele engolia. – Pode demorar horas porque eles têm de... tu sabes.

– Têm de fazer *o quê?* – perguntei, lambendo os lábios.

– É duro – disse ele, olhando para os carris ao longe.

– Conta-me.

– Queres mesmo saber?

Acenei com a cabeça. As palmas das minhas mãos estavam suadas e limpei-as sub-repticiamente nas minhas calças de ganga.

– Espera, vou matar isto. – Ele apertou o charro entre os lábios e deu uma passa profunda que fez a ponta brilhar luminosamente.

Com um estalido do alto-falante, um anúncio ecoou pela plataforma silenciosa: o serviço tinha sido suspenso «indefinidamente devido a um

incidente com um passageiro» e, numa voz pesarosa, um maquinista recomendou que procurássemos uma rota alternativa para Londres.

Sam atirou o seu charro gasto para os carris.

– Queres vir beber um copo e eu conto-te tudo ou quê?

Segui-o até um bar na rua principal, com mobília escura envernizada e um cheiro a bar a sério: bebida envelhecida, óleo quente de uma fritadeira bem usada, produtos de limpeza comerciais. Era o tipo de sítio que se empenhava a sério durante o Campeonato do Mundo, que tinha sempre uma festa do dia de São Jorge, uma caixa de papoilas à venda no bar assim que podiam.

Não tinham *Dark Fruits*, por isso pedimos *pints* de sidra e um licor de groselha negra, que ele pagou em dinheiro. Um monte de notas sujas.

Estava frio, mas sentámo-nos no jardim para que ele pudesse fumar continuamente. Peguei nos meus Pall Malls e acendi um, e ele não disse nada. Não sei o que esperava – uma acusação de fraude, talvez, ou um reconhecimento de que não sabia segurar corretamente um cigarro.

Acontece que o pai de Sam era gestor de tráfego de comboios e, por isso, ele cresceu a ouvir as histórias do pai sobre aquilo a que ele chamava «one-unders».

– É assim que lhes chamam – sorriu.

Cair debaixo de um comboio que se aproxima foi sempre de grande interesse para mim. Estava viciada na violência, na confusão, no sangue. Quando era adolescente, havia uma lenda urbana sobre um *serial killer* que empurrava as mulheres para debaixo dos comboios e, apesar de saber que não era verdade – era um fantasma, formado pelo vento que batia nos túneis, pela tensão dos corpos amontoados na plataforma –, pensava ver alguém cair nos carris sempre que viajava.

O Sam perguntou o que eu fazia e eu disse que trabalhava numa livraria e ele acenou com a cabeça em sinal de aprovação.

– É um bom trabalho – disse ele. – Gosto disso.

– Gostas de livros? – perguntei.

– Não, nem por isso. Li o primeiro *A Guerra dos Tronos* e a biografia dos Mötley Crüe. É muito boa, devias lê-la. E gosto de um pouco de *True Crime*.

– Eu também – afirmei, com um pequeno botão de interesse a despontar. – Adoro *serial killers*.

– Qual é o teu assassino preferido? – perguntou ele, e eu falei-lhe dos West Memphis Three e ele falou-me de H. H. Holmes, e por fim falou-se do Estrangulador de Stow, e ele ficou entusiasmado porque também se lembrava do Estrangulador de Stow.

– Era uma loucura. Lembro-me de que o meu pai comprou à minha mãe luvas de boxe, apesar de estar tudo a milhas de distância. Ela ficou doida. *O que é que eu vou fazer com elas?* – Ele riu-se com a recordação, e eu gostei da facilidade com que ele se ria. Engoliu o último gole da sua cerveja e

apontou para o meu copo vazio. – Outro, Brodie?

– Está bem – disse eu.

Ficámos na rua até o céu ficar negro e o frio no ar me entorpecer as pontas dos dedos dos pés, fazendo-me correr o nariz. Ele trocou os *pints* de sidra por Jack Daniel's e Coca-Cola, e eu também troquei por Jack Daniel's e Coca-Cola, e o uísque aqueceu-me o âmagô, alimentou um fogo na minha barriga que a noite gelada não conseguia tocar. Quando esgotámos a conversa sobre *serial killers*, passámos aos filmes de terror, e concordámos que quanto mais sangrento e criativo fosse o cenário, melhor.

Por fim, quando a mesa estava cheia de copos vazios e o cinzeiro entre nós estava a transbordar de beatas esmagadas, ele verificou o estado dos comboios no seu telemóvel e disse que a linha estava novamente operacional.

– Será que alguma vez vamos descobrir o que aconteceu? – perguntei. – Se a pessoa morreu?

– Não vais – disse ele. – Mas posso perguntar ao meu pai. Se me deres o teu número, posso dizer-te o que descobrir.

Escrevi o meu número no telemóvel dele e lembrei-me no último minuto de o guardar como Brodie em vez de Brogan. Ele ligou-me logo a seguir para que eu pudesse guardar o número dele também. Guardei-o como Sam Ramirez.

Saímos do bar e o álcool fez-me sentir ousada e instável. Virei-me para a estação de comboios, mas ele ficou para trás.

– Eu, eh... Eu vivo naquela direção – disse ele, apontando na direção oposta.

– Se vives aqui perto, porque é que estavas à espera de um comboio há pouco?

– Bem, eu ia a um concerto em Camden.

– Então, porque é que não apanhaste o autocarro para Stratford e apanhavas o metro a partir daí?

– Porque me pareceste fixe – respondeu ele, e depois senti os seus dentes a morder-me os lábios enquanto nos juntávamos num beijo escorregadio que foi quase excessivo.

Ele tinha um sabor delicioso, como cinza doce.

Laura

Os rastros de lesmas continuam a aparecer em espiral no chão da minha cozinha de um dia para o outro, tão misteriosos como os círculos nas plantações. Li um artigo que diz que é preciso criar uma barreira, colocando moedas de um cêntimo na soleira da porta das traseiras, para as manter afastadas. A bruxaria do ritual agrada-me e troco uma moeda de libra por um saco de moedas no trabalho para colocar uma linha protetora de moedas na parte inferior da ombreira da porta. Uma hora depois, encontro uma lesma amarela pálida a arrastar-se pelo soalho.

Tinha enviado um *e-mail* ao meu senhorio há muito tempo e, após algumas semanas de silêncio, ele finalmente responde com uma oferta para enviar o irmão para dar uma vista de olhos. Aparece um homem rechonchudo, com cabelo grisalho e uma cara simpática, numa pequena carrinha branca.

– Importa-se que eu pergunte quanto está a pagar ao meu irmão por esta casa? – diz ele, olhando para cada divisão com grande interesse. – Deve valer uns trocos, hoje em dia.

– Oh – digo eu, procurando uma maneira de me safar desta. – Eu... bem, o meu pai é que paga, na verdade. Por isso, não sei.

Ele estreita os olhos, mas não insiste. Em vez disso, põe-se de joelhos e espreita por baixo do lava-loiça da cozinha e à volta dos canos da casa de banho, mas também não consegue descobrir por onde é que as lesmas entram.

– Assim que uma entra, todas a seguem – diz ele, levantando-se e limpando as mãos às calças de ganga. – É preciso limpar o muco imediatamente, para impedir que apareçam mais.

Enquanto o tenho ali, conto-lhe sobre as pegadas que encontrei à janela da minha sala e pergunto-lhe se há alguma coisa que ele possa fazer para reforçar as minhas fechaduras. Ele fala longamente sobre um assalto local de que ouviu falar no bar e eu ouço-o num estado de pânico quase catatónico, com as mãos a agarrar o telemóvel até os nós dos dedos ficarem brancos. A minha casa é o meu santuário, o sítio onde me sinto mais segura. A ideia de alguém entrar na minha casa, invadir o meu espaço, tocar nas minhas coisas, talvez até esperar por mim nas sombras, é suficiente para inspirar um ataque de pânico total. Respiro fundo e comedidamente.

– Televisões, computadores portáteis, até os carregadores. Levou tudo – diz ele amigavelmente, alheio ao meu estado de ansiedade. Oferece-se para

prender uma corrente à minha porta da frente e, quando regressa da loja de ferragens, tem uma folha de plástico fosco para fixar nos vidros inferiores da janela da sala.

– Isto vai impedi-los de voltarem a espreitar – diz ele. – Ponha a corrente à noite e tranque sempre a porta duas vezes quando sair. Eles andam à procura de um alvo fácil, por isso dificulte-lhes a vida, sim?

Nos meus dias de folga, mantenho a corrente na porta da frente e vejo *vlogs* sobre estilos de vida enquanto limpo. Eli sempre odiou o meu vício em *vlogs* sobre estilo de vida – mulheres de pele aveludada com anéis luminosos, que bebem *matcha lattes* num ano e *lattes* de carvão ativado no ano seguinte. Falam todas a mesma língua, estas mulheres que ganham os seus milhões com tutoriais rápidos de batom e visitas guiadas às suas coleções de maquilhagem, às suas compras em lojas de segunda mão, inventários detalhados do conteúdo das suas bolsas e dos seus frigoríficos. Publicam fotografias a anunciar aulas *online*, *kits* de branqueamento dentário e gomas com vitaminas que prometem fazer o cabelo crescer mais depressa e mais grosso, tudo marcado com o omnipresente *#ad*. O seu mundo cuidadosamente posicionado e triplamente protegido é um bálsamo para mim, um ruído branco enquanto dobro *t-shirts*, penduro vestidos, engraxo sapatos.

Quando Eli repara no vídeo em pausa no ecrã do meu portátil, não demora a comentar.

– Tretas narcisistas e autoeditadas. Nada é real. Não posso acreditar que acredites nessa treta – diz ele. – É apenas a próxima geração de publicidade, disfarçada de entretenimento. Estás a ver anúncios por diversão.

Estamos sentados a uma velha mesa de jardim na cozinha do meu apartamento, a beber cervejas, e ele está a meio de me enrolar um cigarro, porque eu sempre fumei cigarros previamente enrolados e detestava enrolar os meus, e ele lembra-se disso em mim, apesar de eu já fumar Amber Leaf há algum tempo. A mesa, de um bonito azul-claro com cadeiras a condizer, está manchada de ferrugem onde a tinta começou a ganhar bolhas e a descascar.

– Essas personalidades da Internet, esses *influencers* – Faz uma pausa no processo de enrolamento para fazer um gesto rápido de aspas com uma mão, para mostrar que não leva a palavra a sério –, fazem-nos sentir mal, por isso compramos as suas porcarias para nos sentirmos melhor, para que eles possam pagar mais batons e *peelings* faciais para nos fazer sentir pior. É uma história tão antiga como o tempo.

– Não creio que estejam a tentar fazer com que as pessoas se sintam mal intencionalmente – digo eu, aceitando o cigarro enrolado. – Estão apenas a tentar fazer com que se sintam bem. É... sabes como é. *O jogo da fama* ou o que quer que seja. – Faço o gesto de aspas à volta das palavras «jogo da fama» para lhe mostrar que também não levo nada daquilo a sério.

– Mas é tudo muito bem organizado! – Ele ri-se, exasperado, enquanto

lambe a cola de um segundo cigarro.

– Olha – digo eu. – Depois de me teres enviado uma mensagem esta tarde, dobrei a roupa que esteve no estendal toda a semana, lavei a louça e guardei o frasco de café e a manteiga de amendoim.

– E então?

– Então... não será isso também uma forma de autoedição? Não seria mais real toda a porcaria, a roupa suja e a manteiga de amendoim?

– Não, isso é ser adulto – responde ele, tirando um pedaço de tabaco do lábio inferior.

Levanto-me e uso uma colher de pau para bater no trinco da janela por cima do lava-loiça da cozinha e abrir a janela. O céu está coberto de nuvens cor de framboesa à medida que o Sol se põe, e a cortina de fumo entre nós enrola-se na noite.

– Queres outra cerveja? – pergunto, abanando a minha garrafa vazia para ele.

– Mais uma – diz ele. – Depois tenho de me ir embora. A Lydia deve estar a perguntar-se onde é que eu estou.

– Então, manda-lhe uma mensagem – digo eu, fechando o frigorífico com a anca e abrindo as tampas de mais duas cervejas artesanais. Tinha ido até à loja de cervejas da moda em Hoe Street para abastecer o meu frigorífico com o tipo de cerveja que sei que ele gosta de beber. De alguma forma, tinha-me enganado. Escolhi sabores novos que me agradaram em vez de escolher com base na cervejaria ou no lúpulo. *Crème brûlée porters* e IPAs de laranja sanguínea e algo que diz saber a cerejas e chocolate preto, mas que sabe apenas a cerveja e continua a não o impressionar.

– Então, como estás a achar a nova loja, agora que a poeira assentou? – pergunta ele, virando a garrafa para trás e engolindo. – Tipo, mesmo *a sério*.

– É tão calma – digo eu. – Sinto falta de estar convenientemente ocupada, sabes? E a equipa parece muito determinada.

– A Noor é fixe – diz ele pensativo, com os olhos postos na janela enquanto pensa. – Consigo vê-la numa sucursal mais moderna. Shoreditch, talvez. O mesmo se passa com o Kofi, se ele se concentrar mais na venda direta.

– E a Roach? – digo eu, com um sorriso maroto.

Ele retribui o meu sorriso com uma gargalhada, apontando um dedo acusador na minha direção.

– Isso parece-me uma pergunta com rasteira. Qual é a tua opinião?

Faço uma pausa e bebo um gole de cerveja. Eli tem uma veia piedosa que torna difícil criticar irracionalmente os outros à sua frente, mas pondero a realidade da Roach e decido que é provavelmente uma aposta segura assumir que ele vai simpatizar comigo.

– Sinceramente? Más vibrações.

– Ela parece um pouco solitária – diz ele, deixando cair cinzas no frasco de Gü que uso como cinzeiro.

– Ela faz-me sentir muito desconfortável, para ser sincera.

Eli franze o sobrolho e parece tão sério na sua preocupação que me derreto um pouco.

– Como assim?

– Bem, toda aquela coisa de *serial killers* incomoda-me. Gostar de *True Crime* não substitui uma personalidade.

– Sim, eu percebo – diz ele. Inclina-se para trás na cadeira, com um rosto inescrutável. Vem-me à memória beber *gin* da garrafa, a tônica há muito acabada, e um beijo botânico e cítrico, salgado de mágoa. Abro a boca para falar, mas depois penso melhor. À medida que a tarde se transforma em noite, bebemos o resto das cervejas e fumamos mais do meu tabaco, e é como nos velhos tempos.

Quando chega a altura de se ir embora, põe os braços à volta da minha cintura e dá-me um longo e sincero abraço. Respiro o cheiro nostálgico do seu sabão.

– Agora que vivo aqui perto, devíamos fazer isto mais vezes – diz ele, afastando-se suavemente. – A sério. Senti mesmo a tua falta, miúda.

– Como um buraco na cabeça – digo eu, abrindo a porta da frente e pondo-me de lado.

– Até amanhã – diz ele, saindo para a noite.

– Mais um dia no paraíso, certo?

Assim que fecho a porta, coloco a corrente no sítio. A casa parece fria e vazia sem ele. Abro a garrafa de vinho branco barato que tinha escondido na gaveta dos legumes e faço as contas a quanto me custaram as cervejas artesanais e quanto do meu tabaco Eli fumou e, por cima de um vídeo do YouTube de uma mulher a testar um *blush* de setenta e cinco dólares – «OK, pessoal, vamos ao Trader Joe's e vai haver novidades!» –, tento calcular quanto dinheiro me resta até ao dia de pagamento.

Roach

O homem do outro lado do balcão cheirava a *Flame Grilled Steak* da McCoy's e Red Bull. A mistura xaroposa e carnuda fez-me pensar em podridão, em cadáveres inchados num dia quente de verão. Ele estava a olhar para o livro do mês – um livro de memórias literárias sobre o luto e provas de vinhos.

Tocou na capa para chamar a minha atenção.

– Então, é sobre o quê?

Eu estava a folhear uma longa leitura sobre *one-unders* para estar pronta a discutir o assunto outra vez, se o Sam me convidasse para outro encontro, por isso suspirei pesadamente, para realçar o inconveniente da interrupção.

– É sobre um tipo que faz uma viagem, mas é uma viagem emocional e também uma viagem física.

Ele continuou a estudar a capa em silêncio, coçando a barba com as unhas roídas, e eu voltei a minha atenção para o ecrã do computador à minha frente.

– Sim? – disse ele após alguns segundos, cético. – Vale alguma coisa?

– É o melhor livro que já li – disse eu, sem olhar para cima.

– Está só a supor – declarou, com uma careta. – Aposto que lhe pagam uma comissão.

– Recebo o mesmo, quer comprem ou não.

– Só diz isso da boca para fora – continuou ele, tirando o telemóvel do bolso. Estava a ficar agitado, batendo no telemóvel com dedos rígidos.

A Noor estava a arrumar a frente da loja, mas reparei que tinha as mãos pousadas na prateleira à sua frente, com a cabeça inclinada para um lado como se estivesse a ouvir.

– *E* é mais barato no vosso *site*. – Inclinou o telemóvel na minha direção para que eu pudesse ver o ecrã manchado. – Porquê?

– Não sei – retorqui. – Porque sim.

– Temos ofertas diferentes *online* e na loja – esclareceu Noor, numa voz suave de vendedora, dirigindo um olhar apreensivo na minha direção. – É mais barato *online*, mas na loja é grátis com outro livro com o autocolante correspondente.

– Isso é uma grande treta – respondeu-lhe o homem. – E se eu não quiser dois livros? E se eu só quiser *este* livro? – Espetou o livro de bolso com o seu

dedo indicador, que deixou uma marca perfeita na capa mate. Se eu fosse um investigador de cenas de crime e suspeitasse dele, seria a prova perfeita para o apanhar.

– Então, encomende-o *online* – disse eu, voltando a concentrar-me no meu artigo sobre *one-unders*.

– Certo, chame o seu responsável. – Ficou com os braços cruzados sobre o peito, como um segurança à porta de um clube noturno, e estava a ficar cada vez mais vermelho.

– De momento, não há nenhum disponível – respondi.

– És uma cabra de merda – cuspiu ele, virando-se para a porta. Saiu sem comprar o estúpido livro de vinhos do pai morto.

– Porque é que fizeste isso? – sibilou Noor. Ela parecia abalada pela discussão e as suas mãos tremiam de adrenalina. – É suposto equivalermos o preço.

– Ele não ia comprar – declarei. – Só queria discutir.

Ela desapareceu nas profundezas da loja para recuperar o fôlego, deixando-me com a minha pesquisa. Discutir com os clientes fazia parte de um dia de trabalho. Ela não duraria muito se não ganhasse uma carapaça mais resistente.

Eli passou para trás do balcão com uma caixa nova de papel para a registadora e vários pacotes de sacos de papel. Tinha uma mancha cinzenta de sujidade na frente da camisa.

– Olá, Roach, queria falar contigo – disse ele, empilhando a sua carga no balcão. – Fizemos uma pequena limpeza na sala do pessoal. A Sharona não quer que guardemos lá nenhum *stock*, por isso... bem, voltámos a colocar a maior parte dos teus livros na secção. Todas as reservas ainda lá estão, e eu escondi algumas no armário das encomendas dos clientes, mas a Sharona está a pedir para limparmos isso também.

– *O quê?* – ofeguei, com uma onda de indignação a queimar-me a garganta.

– Não podemos ter *stock* na sala do pessoal, Roach. Sabes isso. Tudo tem de estar na loja ou no armário de encomendas dos clientes.

Uma rajada de vento soprou através das portas e fez com que as capas dos livros de bolso da frente da loja esvoaçassem como as asas de pássaros em terra.

– Está bem, então vou colocá-los todos no armário de encomendas dos clientes – disse eu.

Ele franziu o sobrolho e depois abanou a cabeça.

– Não – negou ele –, isso não vai resultar. São demasiados. A Sharona quer que o armário de encomendas dos clientes esteja limpo e pronto para o Natal. Podes pagá-los e guardá-los na sala dos empregados, ou têm de ir para a loja para serem vendidos. Não podes ter as duas coisas.

– Mas eu não os posso pagá-los todos ao mesmo tempo!

– Bem, se se venderem, pode encomendá-los novamente quando os

puderes pagar.

– Mas alguns deles demoraram meses a chegar – implorei. – Alguns vieram da América e outros vieram de editoras muito obscuras.

– Ei – disse ele, levantando as mãos em sinal de rendição enquanto se afastava da caixa registradora. – Não mates o mensageiro. A Laura arrumou-os, só estou a avisar.

Laura.

Olhei para as suas costas enquanto ele desaparecia nas entranhas da loja. A nossa antiga gerente, Barbara, nunca se tinha importado com as minhas encomendas. Mal punha os pés na sala dos empregados.

A tarde arrastava-se e eu continuava em lume brando. Atendi uma família que queria comprar livros de exercícios, mas que mudou de ideias quando se apercebeu de que os saldos de meio do ano tinham acabado e deixou a pilha toda na caixa. Não me quis dar ao trabalho de os pôr na prateleira, por isso enfiei-os num carrinho de livros infantis. Deixei a menina Laura Bunting tratar deles, já que ela gostava tanto de limpar a merda dos outros.

Laura

É um daqueles raros e belos turnos em que estamos apenas Eli, Sharona e eu no fecho, e quase podemos fingir que estamos noutro lugar.

– Mal posso esperar por uma bebida – diz Eli.

– Ainda nos falta uma hora – respondo.

– Uma hora? – Ele deixa cair a cabeça no meu ombro e geme. – Mata-me.

Deixei-o descansar um pouco, com o rosto quente contra o ombro da minha camisa, e depois afastei-o.

No fim do dia, Eli imprime os relatórios de caixa e junta os movimentos para os guardar no cofre, e eu vou à casa de banho preparar-me. Aplico um batom framboesa mate nos meus lábios, e desboto-o até ficar um pouco rosa. São os meus lábios, mas melhores. Não tenho mais nada comigo, por isso passo a mesma cor nas pontas dos dedos e esbato um traço pôr do Sol nas maçãs do rosto. O efeito é agradável – pareço exuberante, pós-coito, com lábios acabados de morder, acabados de beijar. Olho-me no espelho, afagando o cabelo com as duas mãos, e a rapariga no espelho faz beicinho.

Esta noite era suposto estar noutro lugar. Penso na terapia de grupo, nas suas expressões de dor mascarando a curiosidade quando falei da minha mãe na semana passada. Des, e o seu rosto bondoso, orgulhoso de mim por dizer a verdade sobre ela. Uma incerteza profunda dissolve-se no sabor daquele primeiro gole de vinho. Que se lixe. Dou uma última vista de olhos a mim mesma antes de sair da casa de banho. Não devo a ninguém o meu tempo, o meu coração ou a minha alma. Ou os meus segredos. Além disso, apetece-me uma bebida.

Vamos a um bar tranquilo na rua principal, do tipo que faz parte de uma cadeia, mas finge que não, e Sharona pede uma garrafa de vinho tinto da casa e pacotes de batatas fritas e amendoins torrados, que abrimos para que fiquem espalhados na mesa entre nós. Bebemos rapidamente, deixando que o vinho encorpado faça a sua magia, fluindo nas nossas veias e soltando-nos.

Sempre que a Sharona vem tomar uma bebida, a conversa gira à volta da loja, da empresa, das vendas, dos clientes. Às vezes, é bom, e outras não. Por vezes, é exatamente o que eu preciso para desabafar, e a Sharona é uma

excelente ouvinte e uma fornecedora fiável de mexericos sumarentos da empresa, mas esta noite não estou com disposição para falar de trabalho. Quero desligar-me e avançar, partilhar piadas e existir para além do meu número de funcionário.

Deixo-os falar durante algum tempo, contente por beber o meu vinho e observar as pessoas, meio a ouvir a conversa deles. Do outro lado do bar, uma mulher de meia-idade com um *top* de lantejoulas prateadas bebe um *gin* tónico, ou talvez um *vodka soda*, sozinha. Sem telemóvel, sem livro. Só ela, a sua bebida e os seus pensamentos. Admiro isso.

– Ela é engraçada – diz Sharona, com um carinho meloso na sua voz.

– Ela é engraçada – diz Eli. – Não a consigo perceber.

Dou atenção à conversa deles, pensando, por um momento, que estão a falar da mulher com o *top* de lantejoulas.

– Hã?

– Roach – diz Eli.

– *Ugh*.

Sharona levanta as sobranceiras, com um sorriso interrogativo nos lábios.

– É a pior livreira com quem já trabalhei – explico. – No outro dia, um cliente pediu o *Walden* e ela não fazia ideia do que estava a falar. Acho que ela pensou que *Walden* era o nome do autor.

– Toda a gente tem lacunas nos seus conhecimentos – diz Sharona, com uma voz suave e justa. – Tu também não nasceste com a pronúncia correta de Goethe na ponta da língua.

– Nasci sim – digo eu, e ela atira a cabeça para trás e ri-se.

– Está bem, *talvez* tu sim – responde ela. – Mas eu não, de certeza.

– Sim, mas ela foi livreira durante *toda* a sua vida adulta.

Sharona termina o seu vinho e distribui o resto da garrafa igualmente pelos nossos três copos.

– Mas ela gosta de ti – diz com um sorriso malicioso, fazendo deslizar o meu copo na minha direção.

– Ela é um monstro. – A frase sai um pouco mais aguda do que eu pretendia, e Sharona levanta as sobranceiras novamente, desta vez numa demonstração silenciosa de surpresa.

Do outro lado da sala, uma jovem mulher com uma franja fibrosa como um código de barras guincha quando um empregado coloca uma pequena taça de batatas fritas à sua frente com o floreado de um empregado de um restaurante com estrela Michelin. O meu estômago aperta-se à volta de um ronco.

– O que achas de *True Crime*, enquanto género? – pergunta Sharona com um ar pensativo, e eu pergunto-me se ela sabe da minha mãe ou se está apenas a fazer conversa.

– Como feminista, não gosto – digo eu. – Não gosto da ideia de os homens lucrarem com o abuso, a tortura e o assassinio de mulheres.

– Percebo isso – responde ela, rodando o copo nas mãos.

– Mas as mulheres também escrevem sobre *True Crime* – diz Eli num tom cauteloso, evitando o meu olhar. Em vez disso, agita a sua bebida e observa o vinho, o seu vermelho rico, a manchar o interior do copo. Parece que quer discordar de mim, mas sabe que precisa de ter cuidado.

– E garantidamente, leem-no – brinca Sharona.

– Pergunto-me o que é que isso significa. Porque é que as mulheres são atraídas por estas narrativas superviolentas? – diz Eli, entrando no debate.

– Oh, *yeah!* – Sharona ri-se e levanta um dedo acusador na direção dele.

– Pensavas que as miúdas só gostavam de livros sobre póneis?

– Oh, vai-te foder. Tu sabes o que quero dizer. – E atira-lhe um amendoim.

Engulo um pouco de vinho e debato-me com o meu ponto de vista. A Sharona tem razão, claro: as mulheres leem *True Crime*, escrevem sobre isso e produzem *podcasts* e documentários sobre o assunto. *Eu* leio e escrevo sobre isso. Mas é diferente. O meu ponto de vista original parece um pouco frouxo, mas o nó duro da aversão a Roach mantém-se no meu coração, e não estou preparada para ceder.

– Penso que muitas mulheres são atraídas pelo *True Crime* porque lhes dizem diretamente respeito – digo eu. – É como uma forma de autopreservação e uma maneira de sentir empatia pelas vítimas.

– Mas há mais homens assassinados do que mulheres por ano, no Reino Unido – diz Eli, inclinando-se para a frente, com o rosto numa máscara de intensidade que sugere que está ansioso por resolver isto, mas sabe que está a patinar em gelo fino, sabe que não pode ganhar esta ronda, porque eu tenho o trunfo da experiência na manga e ele não.

– Tretas – diz Sharona. – Isso só pode ser treta.

– Juro – diz ele, pegando no telemóvel. – Olha, aqui está um relatório de...

– Pareces um ativista dos direitos dos homens – respondo. – Nunca te ouvi falar de taxas de homicídio.

– Eh, calma, não é nada disso – diz ele, levantando as duas mãos em sinal de rendição. – Só acho que é mais complicado do que homens lucrarem com a violência contra as mulheres. *My Favorite Murder*, *RedHanded*... todos esses *podcasts* foram criados por mulheres.

– E aquele programa da Netflix, *Making a Murderer*? Não era também uma mulher? – diz Sharona, pegando no casaco. – É interessante. Não precisamos de ter as respostas para fazer as perguntas. Seja como for, vou-me pôr a andar. Não se metam em sarilhos, vocês os dois.

Ela veste o casaco e diz boa-noite, mas ainda só são nove e a noite é uma criança. Ainda me sinto um pouco irritada com Eli, mas, com a partida de Sharona, a conversa prossegue e nós acalmamo-nos. Eli pede uma segunda garrafa de vinho tinto da casa e, quando chega a minha vez, sou dominada por um sentimento de generosidade e ofereço-nos uma garrafa de *Prosecco*

gelado, que não posso pagar. Quando o *barman* faz os últimos pedidos, às onze, a noite abre-se como um clarão.

Descemos a rua até outro bar que fecha à meia-noite, e Eli pede uma rodada de rum com especiarias e Coca-Cola; depois, eu peço uma rodada de rum com especiarias e Coca-Cola, e depois vamos para o Goose, que fecha à uma, e Eli pede *pints* de sidra frutada e *shots* da cor de ranho dos desenhos animado, que cheiram a doces cozidos aromatizados com maçã, e ele esquece-se de si mesmo e coloca a mão na minha coxa e depois tira-a, envergonhado.

– Acho que devia pedir-te desculpa – diz ele, com as palavras carregadas de álcool. – Não devia ter insistido na história do *True Crime* há bocado.

– Tudo bem – digo rapidamente. – Não importa.

– Importa sim – diz ele, e coloca a mão na minha coxa novamente e desta vez fica lá enquanto mantemos contacto visual. Os seus olhos estão vítreos e sérios, e eu engulo. *Por favor, não o faças*, penso eu. *Por favor, não a metas nisto*.

– Eli...

Ele pestaneja, de lábios entreabertos, e depois quebra o feitiço retirando a mão e pegando no copo para o esvaziar.

– Seja o que for, vamos tomar outra bebida – diz ele. – Aquele bar que detestas, o Mother Black Cap, não está aberto até às duas?

Peço desculpa e vou à casa de banho. Na privacidade de uma casa de banho, choro até vomitar. O meu vomitado é gasificado e roxo como Vimto. Eu bebi Vimto? Não. *Dark Fruits*, é a sidra *Dark Fruits*, aquela de que a Roach gosta. Roach – ela está cá? Foi ela que me pagou isto? Puxo o autoclismo, baixo a tampa e sento-me no assento da sanita para limpar a cara. Batem à porta e uma rapariga grita:

– Estás bem, querida?

E outra pessoa diz:

– Acho que ela está maldisposta.

Roach, era a voz da Roach?

Uma onda de pânico intenso invade-me quando me apercebo de que não estou em segurança. Preciso de sair. Reservo um táxi, esquecendo-me ou não me importando que estou apenas a quinze minutos a pé do meu apartamento. Fecho um olho para conseguir ver as letras desfocadas no ecrã do meu telemóvel, mas elas mudam e oscilam dentro e fora de foco. Acho que consegui, mas posso estar a ir para qualquer lado. *Tudo bem*, penso eu. Qualquer sítio serve.

Eli apanha-me a cambalear para fora do bar, arrastando o meu casaco pela carpete pegajosa. Segue-me até ao carro que me espera na esquina.

– Ei, o que se passa? – diz ele, com os olhos esbugalhados, os lábios molhados, um bêbedo de aspeto rude. – Posso ir também?

– Não – respondo, fechando a porta enquanto o condutor se afasta da berma. As luzes de Walthamstow lampejam pela janela enquanto o taxista me leva para casa.

Não é que eu não queira dormir com ele, e não é por causa da Lydia, mas por causa disto: Nunca quero que as noites acabem – vou sempre sugerir outro bar, vou sempre saber onde ir a seguir, o que fica aberto até mais tarde, qual o próximo passo a dar, para nos aproximar do amanhecer –, mas preciso de acordar sozinha no meu apartamento. Nada de pessoas a dormir no meu sofá, nada de presenças estranhas na minha cama. Nada de *post-mortems*, nada de pequenos-almoços embaraçosos. Se acordar sozinha, posso pôr um ponto final em tudo e começar de novo, como se nunca tivesse acontecido.

Acordo com a noite anterior a pairar sobre mim, uma nuvem sinistra. Uma cabeça pesada, uma dor de cabeça que me divide a cabeça ao meio. Refaço os meus passos, e assinalo os apagões, examino a ansiedade que persiste. Terei feito alguma coisa errada, alguma coisa má? Disse algo que não devia, beijei alguém, fiz asneira?

Verifico o meu telemóvel. Ainda é cedo; tenho algum tempo antes de ter de me pôr a caminho. Tenho à minha espera uma mensagem cheia de erros de digitação de Eli: *Obrigado pela despedida tão agradável, 'miga!* A mensagem indica as duas e meia da manhã.

Respondo agora: *Ainda estás zangado?*

E ele responde imediatamente: *Não! Não estou zangado, nunca estou zangado. Se calhar foi melhor ficarmos por ali, senão acabava no teu sofá haha.*

Ambos sabemos que não terias acabado no sofá, escrevo, depois apago, volto a escrever e depois apago.

Roach

Sam, o metaleiro que parecia um Richard Ramirez branco, gostava de mandar mensagens e, desde o nosso encontro, enviava-me mensagens quase todos os dias. Com ele, eu era a Brodie, e vestia uma pele diferente. Brodie era uma escritora, e era tagarela, simpática e divertida, e fazia muitas perguntas, e ele parecia gostar da atenção porque também fazia muitas. *Qual é o teu filme de terror preferido? Qual é a tua banda de death metal preferida? Qual é o teu método de execução preferido?*

Se tivesses de te descrever em apenas cinco palavras, o que escolherias?
Mandeí-lhe uma mensagem, uma noite.

Vi-o escrever durante algum tempo e depois, finalmente:

mórbido

não sei que mais

mórbido. metal. sidra. cigarros. jäger.

Era amor.

Convidou-me para ir lá a casa numa sexta-feira à noite e, pela primeira vez, passei o meu turno a pensar noutra coisa que não a morte. Perguntei-me se ele faria o jantar. Se acenderia velas. Perguntei-me se iríamos ver um filme de terror e se ele colocaria um braço à volta dos meus ombros, ou se iríamos diretamente para a cama e foderíamos como animais. Projetei na minha mente uma série de cenários pornográficos cada vez mais improváveis, enquanto passava pela caixa as compras de clientes intercambiáveis e indiferentes.

Depois do trabalho, corri para casa para alimentar o *Bleep* com algumas uvas e para humedecer as paredes de vidro do seu viveiro. Ele parecia bem – um pouco retraído, talvez, mas quando se tratava de afeto, os caracóis ofereciam um retorno limitado do investimento.

Com o *Bleep* saciado, transformei-me na Brodie, com uma enorme *t-shirt* dos Metallica, apertada com um cinto por cima de *leggings* de veludo preto e as minhas Doc Martens em segunda mão – pretas com pespontos amarelos, tal como a Sarah das *Murder Girls*. A Brodie usava lápis de olhos preto esborratado à volta dos olhos e rímel suficiente para transformar as pestanas em pernas de aranha. Pendurei um monte de correntes prateadas ao pescoço e pus anéis de prata baratos – um pentagrama, uma lua e um caixão – nos dedos. Mas o meu cabelo não ficava bem à Brodie. O roxo tinha-se desvanecido num cor-de-rosa irregular e, mais cedo ou mais tarde, ia ter de

lidar com isso. Escolheria um tom Brogan ou um tom Brodie? A Brogan escolheria ametista ou verde-musgo, mas talvez a Brodie se desviasse. Talvez ela o tingsse de preto azeviche? Não me conseguia decidir.

Lá em baixo, a noite estava a aquecer. As luzes estavam baixas e o aquecimento estava no máximo, cozendo os bêbedos na sua pele. A Jackie estava na *jukebox*, a bebericar uma bebida de vodka enquanto escolhia as músicas para começar a noite. Ela sabia de cor os números de todas as suas canções favoritas e eu via os seus dedos rápidos a tocar no teclado durante alguns segundos: 401, 402, 409, 509, 611. The Stranglers, The Clash, Killing Joke. Parecia pequena sob a luz brilhante da *jukebox*, vestida com uma *t-shirt cold-shoulder* e calças de ganga desbotadas.

– Então para onde é que te estás a esgueirar? – quis ela saber, apanhando-me quando eu tentava passar por ela para chegar à porta lateral. Virou-se para um cliente habitual do bar. – Ela está sempre a sair às escondidas – disse-lhe, e depois a mim: – Não vais a outro bar, pois não? Não é ao Duke?

– Não.

– Não é ao Coach and Horses? – perguntou ela, com os olhos semicerrados em fendas de suspeita, e depois a sua boca abriu-se. – Meu Deus, diz-me que não vais ao maldito Lord Raglan.

A Jackie tinha-se zangado com todos os concorrentes de Walthamstow, era ferozmente territorial e só esperava de mim total solidariedade. A maioria dos *pubs* estava proibida.

– Não vou. Só vou... sair – disse eu com um pequeno encolher de ombros, o que me pareceu uma coisa muito Brodie.

– Sair? Como assim, *sair*? – inquiriu ela. Olhou-me de cima a baixo, observando a minha maquilhagem, a minha roupa, as minhas botas. – Onde é que é a *saída* se não é um bar?

– Apenas *sair* – confirmei, sacrificando alguma da minha frieza de Brodie para choramingar.

– Ela tem um namorado – disse o cliente habitual, bebendo um gole da sua *bitter*. Imaginei-me a desfazer o copo na cara dele e a rasgar-lhe a pele.

– Não tens, pois não? – perguntou Jackie, com uma mão na anca, sedenta de pormenores. Eu calei-me, desconfiada do seu interesse. Se lhe desse uma ponta de informação, ela transformá-la-ia numa longa conversa e atrasar-me-ia.

Em vez disso, vesti o meu casaco com capuz e saí sem lhe dar resposta. Deixá-la ficar a pensar.

O colega de casa do Sam tinha a pior pele que eu já tinha visto. O seu rosto estava vermelho e inchado com acne cística, e as suas bochechas estavam marcadas com cicatrizes profundas azuis-arroxeadas. Os seus lábios estavam rachados e a escamar e o seu queixo e papada estavam cobertos por

uma fina mancha de barba por fazer, onde parecia demasiado doloroso fazer a barba.

– Brodie, certo? – disse ele, afastando-se para me deixar entrar. O corredor deles era sujo e cheirava a erva e bolor. Estava coberto com publicidade, jornais locais, *flyers* de *takeaway* e folhas de outono petrificadas. Passei por cima da confusão, com cuidado para não aumentar a tapeçaria de pegadas que cobria a camada superior de envelopes.

– Sim.

– Bem me parecia. O Sam está só a cagar – disse ele com um resfolgar.

– Oh – disse eu. – Certo.

Segui-o até à sala de estar. Papel de parede de aparas de madeira, cortinas meio fechadas. Latas de cerveja vazias, camisolas abandonadas e pilhas de jogos da PlayStation e DVD de terror estavam espalhados por um tapete cheio de migalhas, tampas de canetas, fitas para o cabelo, Rizla perdidas, tampas de garrafas, meias desemparelhadas. O companheiro caiu num sofá minúsculo e pegou num comando para retomar uma espécie de jogo de tiro aos *zombies* num grande ecrã de televisão.

– Oh, olá! – Sam apareceu à porta, sorrindo e limpando as mãos molhadas na sua *t-shirt*. O seu cabelo estava preso num rabo-de-cavalo molhado e parecia ter acabado de tomar banho. – Não te ouvi entrar.

– Eu disse-lhe que estavas a cagar – disse o colega de casa, satisfeito com a sua própria grosseria.

– Obrigado, pá. Na verdade, estava a tomar um duche, o que recomendo que experimentes um dia destes.

– Ah, sim? Que tal se eu experimentar a tua mãe um dia destes? – respondeu o colega, com um toque frenético no seu comando. Uma mancha de sangue pixelizada inundava o ecrã, e eu não sabia se isso significava que ele estava a ganhar ou a perder.

– Queres uma bebida? – perguntou Sam, virando-se para mim. – Tenho sidra ou Jack Daniel's.

– Sidra parece-me bem – disse eu.

– Johnno?

– Aceito, obrigada, bacano.

Ele desapareceu para ir buscar as bebidas e, sem saber o que fazer comigo, fiquei ali a fingir que estava interessada nas filas de jogos de vídeo na estante junto ao sofá. Todos eles tinham nomes de filmes de terror maus.

– Senta-te, se quiseres – disse Sam, entregando-me uma lata de *Dark Fruits*. *Dark Fruits*. Um sinal, uma mensagem do universo.

Sentei-me num cadeirão robusto e agarrei na minha lata com as duas mãos. Sam sentou-se no sofá ao lado de Johnno. Todos bebemos e vimos o sangue gerado por computador a salpicar o ecrã. Eu estava sempre a olhar de relance para Sam, perguntando-me se seria sempre assim. Uma noite inteira disto. Ele era tão bonito, com o seu nariz forte e maçãs do rosto altas, os seus olhos escuros fixos na televisão, que nem sequer me importei. Havia algo

estranhamente reconfortante em ver alguém jogar um videogame violento. Era como ver um filme, mas não era preciso prestar atenção nem saber quem era quem. Entrei numa espécie de transe. Gostava de não ter de pensar no que estava a ver.

Quando acabei a minha lata, olhei para o Sam, e desta vez ele reparou no meu olhar. Inclinou a cabeça para a porta da sala de estar com as sobancelhas levantadas. Acenei com a cabeça e, quando ele se levantou, segui-o.

As paredes do seu quarto estavam nuas e a maior parte da sua roupa parecia estar no chão, criando um espesso tapete preto de tecido misturado. A cama estava coberta com lençóis de cetim preto por lavar. Eu gostava do seu cheiro, podre e suado.

Antes que a porta do quarto se fechasse, ele estava em cima de mim, beijando-me com os lábios duros e secos, a sua língua forçando um monte de cuspido doce e aromatizado a frutos silvestres na minha boca. Foi mais bruto do que da última vez. Mais esfomeado. Uma mão agarrava os meus seios, amassando e apertando a minha carne, enquanto a outra puxava urgentemente a minha roupa. Os lençóis dele pareciam frescos e luxuosos sob a minha pele nua, como o forro de um caixão.

– És mesmo perversa, não és? – grunhiu ele, abrindo-me as pernas e penetrando-me sem preservativo. Arfei com a dor aguda. Perguntei-me se deveria dizer alguma coisa, mas decidi que poderia ser considerada virgem se parasse com as coisas agora. – Gostas de coisas *kinky*?

– Sim – improvisei. Nunca tinha pensado nisso antes, mas pareceu-me o tipo de coisa certa para dizer no momento.

– Eu sabia, sua puta de merda. – Ele começou a penetrar-me com mais força, esmagando-me contra os lençóis da cama. Tudo me doía. – Sua cona doentia, sua puta suja e esfarrapada... – O seu rosto mudou para uma expressão de dor extrema, e depois veio-se dentro de mim, uma súbita e quente descarga, uma e outra vez. Depois, relaxou, deixando cair todo o peso do seu corpo em cima de mim, de tal forma que era doloroso respirar. Tudo aquilo tinha durado menos de um minuto.

– Esfarrapada? – disse eu, e ele desatou a rir.

– Desculpa, estava só a divagar. – Ele saiu de cima de mim e levantou-se. – Estás bem, certo?

– Sim.

– Vieste-te?

– Sim.

– Brutal.

Vestiu umas calças de ganga pretas e um casaco com capuz e saiu do quarto. O som da água a correr – ou possivelmente do mijo a bater na sanita – ecoou pelo quarto. Enquanto ele estava na casa de banho, vesti as cuecas e o *soutien*, a *t-shirt* dos Metallica, as *leggings* de veludo, uma meia presa na perna, a outra perdida na sopa de tecido debaixo dos pés. Calcei as botas de qualquer maneira, e o couro frio parecia áspero e desconfortável contra o meu

pé descalço.

Sam regressou com duas latas de *Dark Fruits*, com o rabo-de-cavalo desfeito.

– Já te vestiste – comentou ele, desapontado.

– Tenho de ir daqui a pouco – esclareci.

– Não vais ficar cá?

– Não. Trabalho amanhã.

Aceitei uma lata da sua mão estendida e voltámos para a sala de estar, onde o Johnno continuava a disparar sobre os mortos-vivos, com os seus cadáveres podres a balançar e em espasmos a cada bala. Entre as minhas pernas, senti uma vaga sensação de picada e depois um inesperado fluxo de calor. Pedi licença e entrei na casa de banho para me limpar. A sanita estava cheia de merda e o chão de vinil branco estava salpicado de gotas de mijó e de pequenas vírgulas pretas de cabelo encaracolado. Não havia nenhum rolo de papel higiénico à vista, por isso tirei as cuecas, limpei-me com elas e atirei-as para o caixote do lixo.

De volta à sala de estar, ajeitei o rabo-de-cavalo e bebi o resto da minha *Dark Fruits*.

– Tenho de ir andando – disse eu. Na televisão, um *zombie* gemeu e o Johnno disparou um tiro diretamente para a sua cara putrefacta. O sangue pixelizado fez a sala brilhar a vermelho hemoglobina.

Sam seguiu-me até à porta da frente e beijou-me castamente nos lábios, como se esses mesmos lábios não tivessem acabado de me chamar *cabra suja e esfarrapada*.

– Queres que te leve à estação?

– Tenho cara de maricas? – perguntei, saindo para a noite com um aceno por cima do ombro. Ele riu-se e bateu com a porta atrás de mim.

Os animais não sentem repulsa pelo seu próprio fedor, pelo fedor dos seus próprios ninhos, e eu gostava do fedor do suor e do sémen do Sam que untava a minha pele. No autocarro para casa, ouvi o som pesado de «Night Prowler», dos AC/DC, e pensei em Bon Scott, morto no banco de trás de um carro, à porta de uma casa em East Dulwich, e depois o autocarro parou na minha paragem e esqueci-me dele outra vez.

De manhã, na minha hora de almoço, fui à Boots comprar a pílula do dia seguinte e uma caixa de Durex. Tinha nódoas negras em sítios estranhos e sensíveis ao toque.

Laura

Enquanto estou na loja, sonho com todas as coisas que poderia estar a fazer se estivesse em casa. Limpar a casa, ler a pilha de livros por ler ao pé da minha cama, continuar a trabalhar no poema que comecei em setembro. Mas quando os meus dias de folga chegam, desperdiço-os na cama com o meu telemóvel, a fazer *scroll* e *scroll* e *scroll* e a perseguir a namorada do Eli.

Tinha planeado começar a escrever algo em que andava a pensar há algum tempo, algo sobre a minha mãe, mas tudo parece pastoso, o meu corpo é um grande peso que tenho de arrastar pelo apartamento. Nunca tenho energia quando tenho tempo, e nunca tenho tempo quando tenho energia. Nos meus dias de folga, a inspiração abandona-me e não escrevo nada. O meu diário lilás fica intocado durante semanas, símbolo da minha incapacidade de dedicar algum tempo à escrita.

Em vez disso, quando não estou a fazer o raio do *scrolling*, deito-me na cama e experimento todos os tons de batom que tenho. Tiro fotografias de mim própria para ter uma ideia melhor do que falta na minha coleção. Por exemplo, tenho várias rosas mate, mas não tenho rosas transparentes, e três tons de frutos silvestres diferentes que parecem quase idênticos nos tubos, mas um fica muito mais vermelho do que os outros, outro é mais arroxeadado e um tem um tom de tijolo.

A minha mãe adorava o seu batom. Usava o mesmo coral transparente todos os dias para ir trabalhar, mas tinha uma coleção inteira para ocasiões especiais. Era florista de profissão, mas a loja era especializada em plantas de interior. Suculentas e catos, fetos e *monstera*s. Adorava jardinar, e por isso as suas mãos cheiravam muitas vezes a terra, mas o cheiro do batom Revlon é o que realmente me traz a sua memória.

Abri um tubo do meu vermelho papoila característico e cheirei-o. Penso em escrever qualquer coisa sobre a minha mãe e o batom, talvez um poema que junte batom e nostalgia, mas em vez disso vejo um vídeo sobre a história da moda gótica, narrado por uma rapariga gótica que se posicionou como especialista ao ver o vídeo cuidadosamente pesquisado de outra pessoa e ao filmar a sua reação às várias interpretações da subcultura na rua. O seu rosto, com a sua dramática pele branca, sobranceiras exageradas e delineador líquido Siouxsie, é estranhamente estático e a sua voz estranhamente flácida, e eu acho a sua presença sólida e imóvel tão reconfortante que adormeço e

perco o resto da minha tarde a sonhar com o batom preto mate perfeito.

Estava escuro quando acordei, e havia uma pequena lesma amarela a deslizar pelo chão da cozinha, lambuzado de luar. Dou um grito e ando à volta dela em pânico, antes de me recompor e tirar um tubo de papel higiénico do caixote da reciclagem. Apanho-a e atiro-a pela janela da casa de banho e, depois, de joelhos, tento seguir o caminho do muco até à origem do arrombamento, mas ele desaparece debaixo do frigorífico e a tarefa revela-se impossível.

Quando recupera do choque, Eli acha encantador o facto de eu nunca ter ouvido o *Dark Side of the Moon*.

– Pareces um bebé recém-nascido – diz ele, entregando-me dois copos de um armário de cozinha. – Não tens nem um bocadinho de curiosidade sobre o mundo que te rodeia?

– Oh, vai-te foder.

Ele ri enquanto eu deito uma medida generosa de rum com especiarias em cada copo. A Coca-Cola está à temperatura ambiente e ele não tem gelo no seu congelador supercongelado. Encontro uma cuvette de cubos de gelo, encho-a com água da torneira e coloco-a na gaveta de cima do congelador para mais tarde.

– Não te vais importar com o gelo mais tarde – diz ele, pegando na sua bebida e passando para a sala de estar. Está iluminada com o brilho acolhedor das luzes de fadas.

A casa dele é um grande apartamento boémio em Walthamstow Village, repleto de velas de luxo, livros de arte caros e plantas que pendem do teto em vasos de cerâmica. Já vi muitas fotografias do espaço na conta de Instagram da Lydia, mas estar lá dentro é uma história diferente.

Tiro uma almofada do sofá e acomodo-me no chão em frente à mesa do café, enquanto ele tira um disco cor de alcaçuz da sua capa de cartão bem gasto e põe a agulha no disco.

Estala e balança e depois é um pouco decepcionante porque não acontece nada de especial. Eli pega numa almofada e senta-se ao meu lado no chão, e quando ele pega no tabaco, a sala enche-se com o bater de um coração, o tique-taque de um metrónomo, o toque de um relógio, um riso maníaco e depois a canção quebra numa onda suave de som.

– Acho que devíamos esperar até estarmos pedrados para ouvir isto – diz Eli, lambendo a cola de uma Rizla, enrolando-a com um movimento rápido dos dedos e passando-me o cigarro. – Mas quando me apetece ouvir este disco, tenho literalmente de o ouvir. Não consigo não o ouvir. É como uma compulsão, sou incapaz de resistir.

Acendo o meu cigarro com a chama de uma vela Diptyque e sopro fumo azedo no ar entre nós. Respira.

– Para de lhe chamar disco – digo eu.

– Mas é um disco.

– Chama-lhe apenas um álbum, seu punheteiro pretensioso.

As velas tremeluzem nos seus frascos de compota. O quarto cheira a roupa lavada, a erva velha e a cera a derreter. Ele fecha os olhos, pernas cruzadas, mãos soltas no colo. Penso no seu corpo por baixo da roupa, nos fragmentos que vi, e em como às vezes é a coisa mais desejável que consigo imaginar, e outras vezes está apenas lá, pele e cabelo escuro e o contorno ténue de ossos e vasos sanguíneos.

– Lau... – diz ele, abrindo os olhos. E toca-me no tornozelo com um dedo do pé. As meias dele são cinzentas e estão desbotadas devido a demasiadas voltas na máquina de lavar, o que parece ridículo porque não consigo imaginar nem ele nem a Lydia a lavar meias.

– O que é?

– Vejo que não estás a ouvir. Ouve esta parte – diz ele. – Ouve com atenção. Quero mesmo que isto seja especial. – Demoro um segundo a perceber que ele não está a falar da noite, ou da proximidade dos nossos corpos, mas da minha experiência a ouvir o *Dark Side of the Moon*.

Quero saber onde está Lydia, mas não quero quebrar o feitiço trazendo-a para o momento, apesar de estar no seu espaço e ela estar em todo o lado – nos sapatos junto à porta (botas de cabedal preto Jeff Campbell), nas fotografias em cima da lareira (Lydia e Eli em Florença, Lydia e um grupo de raparigas a segurar canecas numa cervejaria, Lydia a posar com um escritor que reconheço vagamente, mas não consigo identificar), nos livros nas prateleiras (romances de meados do século, escritos por mulheres com cabelo cuidado e roupas marcantes).

Ele roda o botão do volume e a música aumenta até encher a sala. Uma suave melodia de piano, e depois a voz de uma mulher com alma, um lamento que bate e quebra contra o refrão crescente.

Eli tem lágrimas nos olhos. Está dominado pelo seu próprio momento. Começa a contar-me uma história sobre a mulher que grita durante toda a faixa, mas eu não consigo relacionar o que ele diz com a canção que acabámos de ouvir, porque eu não estava na sala, estava noutro lugar: Estava na memória daquele momento, depois do Lounge Bar, quando ele despiu a *t-shirt* e me deu para que a minha blusa de seda não se estragasse com a chuva. Coloquei a palma da mão no seu peito, por cima da tatuagem de um pássaro azul, e senti o bater do músculo por baixo do seu esterno.

– Não é a melhor canção que já ouviste? – sussurra ele.

– Sim – digo eu.

O telemóvel dele toca e ele pega nele e eu penso: este é outro momento a que voltarei para o resto da minha vida. Tudo isto: as velas aburguesadas e o disco horrível que vou passar a amar. A sua presença sólida, e os pormenores que inevitavelmente me esquecerei de recordar: o corte das suas calças de ganga (largas, lavadas), a largura das suas mãos (surpreendentemente pequenas, dedos finos), o ritmo estúpido do seu sotaque pedrado (baixo,

lento), o seu gosto por música e filmes e livros (previsível, pseudointelectual, machista, melancólico).

– Vá lá, tu és uma poetisa. Não te toca?

Respiro fundo e começo a enrolar um cigarro para me distrair.

– Não sou grande poetisa – respondo.

– O quê? *Claro que és* – diz ele, inclinando-se para trás com uma expressão de surpresa no rosto. – És tão talentosa, e o teu trabalho é realmente... bem, ele realmente entra na pele das pessoas. – Ri-se. – Olha para a Roach, ela não se cansa dele.

– Bem, exatamente – digo eu. Um longo suspiro escapa-me dos lábios. – Sei que isto pode parecer estúpido, mas... Na verdade, a Roach fez-me questionar a minha poesia.

– Como é que raio a Roach te fez questionar a tua poesia? – pergunta ele, sentando-se um pouco mais direito e quase, mas não totalmente, rindo.

– Eu avisei-te que podia parecer estúpido – afirmo, observando a chama da vela a tremeluzir. – É só porque... ela parece gostar muito, e está sempre a perguntar-me sobre o meu processo e as minhas influências...

– Bem, isso até é porreiro, não é?

– Não. – Abano a cabeça e envolvo os braços à volta das pernas, com o cigarro ainda preso entre os dedos indicador e médio. – É uma sensação... desagradável.

– Desagradável?

– Sei que parece mau – digo eu. – Mas o objetivo da minha poesia era homenagear as pessoas que são muitas vezes esquecidas pelas narrativas de *True Crime*, e depois tenho esta louca por *True Crime* em cima dela, desesperada por saber quem são os assassinos, como se fosse um *puzzle* divertido para montar.

Finalmente acendo o cigarro, dou uma passa e deixo-o repousar no cinzeiro. Um fio de fumo rola para o teto como um rasto de incenso.

– Não falhaste – diz ele, pousando uma mão reconfortante no meu braço.

– Só porque uma esquisita não percebe o que está em causa, não quer dizer que o ponto esteja completamente perdido.

– Não é só isso – respondo. – Sinto que ela anda à minha volta. Está sempre ali, sempre a observar-me, sempre a tentar chamar a minha atenção. Toda esta história de *True Crime* está a desgastar-me. Pagava uma fortuna para nunca mais ouvir as palavras *serial killer*.

Fez-se silêncio.

– Laura, posso fazer-te uma pergunta? Sobre a tua mãe? – Eli fala suavemente, o seu rosto é uma imagem de preocupação gentil, e o meu coração afunda-se porque só há uma pergunta a fazer.

– Sim – digo eu. – Foi um homem chamado Lee Frost.

Ele estremece.

– Oh, Deus, desculpa... não, eu sei disso. Tu disseste-me isso. Quer dizer, não é isso; eu só ia perguntar se alguma vez escreveste alguma coisa

sobre ela?

Pestanejo e coloco a minha mão no chão entre nós.

– Eli...

O telemóvel toca e ele olha para o ecrã.

– É o meu *dealer*. Ele não vai passar por aqui, precisa que eu vá ter com ele.

– Claro, vamos – digo eu, sacudindo os restos de tabaco do meu colo e preparando-me para me levantar.

– Não precisas de vir comigo – diz ele, calçando um par de ténis húmidos. – Já é tarde. E não podes mesmo parar de ouvir este disco. Já é suficientemente mau que eu tenha de parar de ouvir este disco. Não precisamos de sofrer os dois.

– Só vai ficar em pausa – digo eu, procurando os meus sapatos. – Uma pausa de trinta minutos, para digerir tudo o que ouvi até agora.

Ele abana a cabeça, contando as notas na carteira.

– Foda-se, não. Eu volto já. Confia em mim, vai valer a pena. Desfruta do ambiente, deixa que ele te modifique a disposição. Talvez te inspire! – E bate com a porta atrás de si.

Sozinha no apartamento de Eli, fumo o resto do meu cigarro, sirvo-me de outro rum. O lado B termina e o ar é preenchido com o interminável e comichoso estalar e crepitar da agulha a rodar e a rodar. Desligo o gira-discos, mas sinto-me intensamente incomodada com a situação. As malditas velas dele são de alta qualidade e pretensiosas, e o estúpido poster do Jack Kerouac irrita-me porque sei que ele nunca leu *Pela Estrada Fora*, e a guitarra dele está empoeirada porque ele não a toca nem a guarda.

Os meus olhos são atraídos para o corredor escuro e penso, que se lixe. Sigo os meus pés, recusando-me a pensar demasiado no que estou a fazer. No quarto dele, o edredão é grosso, branco e amarrotado. Enfio as mãos nele, sinto os lençóis luxuosos, o peso do edredão. A cama é ladeada por mesinhas de cabeceira de meados do século, e eu sento-me do lado da Lydia e toco nas coisas dela: um exemplar de *Bad Behaviour*, de Mary Gaitskill, um prato de vidro verde com brincos, um frasco de perfume Jo Malone, um cesto de vime com cosméticos *millennial* rosa e brancos – maquilhagem cara e pouco discreta para mulheres que não precisam de a usar. Experimento um anel de ouro, roubo um pouco de perfume, passo um pouco de batom cor-de-rosa na cor «Cake».

Um estremecimento de autoaversão. Que raio de merda se passa comigo?

Sinto-me vil, com nojo de mim própria. Quando Eli voltar para o apartamento, vai enrolar um charro e perguntar o que é que eu achei do disco, e eu não vou ter nada de significativo para dizer. A verdade é que eu mal ouvi uma única nota porque estava tão preocupada em pensar em coisas inteligentes para dizer que provariam que eu tinha ouvido o disco.

Encontro o meu outro sapato debaixo do sofá, visto o casaco e faço uma

saída à francesa. Quando estou a meio do caminho para casa, mando-lhe uma mensagem de texto sobre me sentir uma merda e ignoro as suas chamadas. Em casa, ponho a corrente na porta e fecho as cortinas. Uma noite densa e escura. Uma sirene, raposas a ganir, as vogais soltas de um bêbado a cantar «Don't Look Back in Anger». Tarde, é tarde, e tão escuro. Odeio o escuro, odeio a noite. É espessa e pesada e enjoativa e sufocante. A minha boca sabe ao batom da Lydia.

As pegadas do lado de fora da janela da minha sala há muito que foram levadas pelo tempo, mas continuo a pensar nelas com frequência. Terão eles regressado? Terão alguma vez tentado entrar? Estaria eu em segurança?

Roach

No Dia das Bruxas, normalmente gostava de filmes de terror de rajada – um a seguir ao outro, quanto mais sangrento, quanto mais horrível, melhor –, mas o Sam era mais uma criatura social. Insistia para que saíssemos para beber em Camden, onde homens com máscaras de Halloween rondavam a multidão, farejando demónios em vestidos pretos, e os cantos sombrios dos bares de *rock* estavam cheios de cópulas e de agressividade em ebulição, à espera de serem concretizados de uma forma ou de outra ao som da bateria frenética e do *reverb* estridente das guitarras.

Da nossa mesa preferida no The Black Heart, ouvimos a música e observámos os *normies* que passavam, brincando aos disfarces. Ao nosso lado, uma rapariga com um vestido de veludo vermelho beijava um vampiro, o batom dela manchava-lhe o queixo como se fosse sangue, as presas de plástico dele estavam esquecidas ao lado da cerveja. O Sam apanhou-me a olhar para eles, pôs-me um braço à volta do ombro e beijou-me desleixadamente no canto da boca; eu virei-me para ele e beijei-o de volta, encantada por estar incluída na carnificina da noite. O couro do seu casaco era frio e duro, e ele encostou o rosto à curva quente do meu pescoço. Cheirava a exterior, a ar fresco, a cigarros e a cerveja azeda.

– Queres que te estrangule? – sussurrou ele, com o hálito quente no meu ouvido.

– Tipo, agora? – interoguei, afastando a cabeça dele para o poder olhar nos olhos e avaliar a seriedade da sua ofensa. Ele riu-se afetuosamente da minha resposta e puxou-me para trás.

– Tipo, enquanto fodemos – disse ele, levantando a voz por cima da música.

– Talvez – menti, bebendo um gole de sidra. O frio da sidra fazia-me doer os molares.

– Alguma vez alinharias num *ménage à trois*? – perguntou ele.

Pensei no assunto. As minhas opções pareciam limitadas. Na mesa ao lado, o casal que se beijava parecia estar a desaparecer um no outro, só cuspo, lábios vermelhos e mãos que se apalpavam. Eram atraentes, mas não conseguia imaginá-los a pedirem-me para me juntar a eles.

Tentei imaginar uma alternativa viável, mas o sexo continuava a parecer-me algo que pertencia a outras pessoas. Imaginei o colega de casa do

Sam, o John, com os seus dentes tortos e bochechas marcadas, depois o Eli com o seu hálito a cigarro, e depois a Laura. Óleo de rosas, pele cor de pêssego, o bocejo húmido de uma vagina aberta. Eu não sentia absolutamente nada, nenhum sussurro de excitação. Mas a ambivalência não era o que Sam estava à procura nesta conversa, por isso sorri.

– Sim – disse eu, e ele sorriu, inclinou-se e beijou-me outra vez. Ele gostava deste tipo de perguntas, como se fôssemos pessoas super excêntricas que tinham sexo selvagem e aventureiro em vez dos nossos sessenta segundos de rotina de cio rápido e seco.

Depois do bar, o Sam estava com vontade de um pouco de violência. De volta a casa dele, arrastámos o edredão acetinado para o sofá da sala. Ele trouxe-nos sidras, meia garrafa de Jäger e um saco de Doritos de queijo, enquanto eu me enfiava debaixo do cobertor como uma larva a escavar um cadáver.

– Queres um pouco desagradável ou muito nojento? – perguntou ele, voltando a colocar um DVD perdido na caixa.

– Algo verdadeiramente repugnante – respondi, sentando-me com o meu caderno para ler. Mas algo que já tenha visto antes, para não ter de o ver como deve ser.

Pôs *Martyrs*, o *remake* americano do filme francês, porque nenhum de nós gostava de filmes que tivéssemos de ler, a não ser que estivéssemos mesmo com vontade. O Sam balançou-se dos joelhos para as ancas e levantou-se, depois instalou-se no sofá e abriu o Jäger. Um cheiro a boticário encheu a sala enquanto ele dava três grandes goles, e depois ouviu-se um forte assobio quando ele abriu uma sidra.

Folheei o meu bloco de notas, passando em revista a estranha mistura das palavras de Laura e das minhas. No meu cansaço, na minha embriaguez, as nossas palavras confundiram-se até eu não saber onde ela acabava e eu começava. Os nossos estilos eram perfeitos. Era estranho como ela conseguia captar na página exatamente o eu queria escrever, e como eu conseguia pegar no ponto onde ela tinha parado para criar algo novo, algo mais redondo e mais completo. Eu tinha estômago para escrever sobre as partes que ela não se atrevia a abordar: violência, crueldade, dor.

– Alguma vez te falei da Laura? – perguntei. Sem levantar os olhos do telemóvel, ofereceu-me a garrafa. Peguei nela e segurei-a no colo.

– Não sei. Está à altura?

– É uma rapariga do trabalho. Temos tanto em comum, mas ela odeia-me. É tão injusto. – O peso da injustiça doía-me na garganta, mas não era muito Brodie da minha parte choramingar. O polegar indiferente de Sam rolou ritmicamente sobre o ecrã de vidro do telemóvel.

– Bem, ela parece ser uma cabra – afirmou ele, fazendo *scroll*.

– Ela é uma cabra – respondi. Assim era melhor, assim era mais Brodie.

– Ela é uma snobe convencida – continuei. – Pensa que é melhor do que eu. Temos tanto em comum, montes e montes, mas ela está-se nas tintas.

Passados alguns segundos, o Sam virou-se para mim.

– Matamo-la?

Ele esticou-se para a garrafa de Jäger, eu dei um trago farmacêutico e entreguei-lha.

– Está bem – bufou, limpando a boca. – Vamos a isso.

Concentrei-me no filme durante algum tempo, depois peguei no meu telemóvel e naveguei durante algum tempo. *Brunch, Prosecco*, pôr do Sol. Bebês, aniversários, férias. Tudo era aborrecido. Era como se todos os outros estivessem a viver uma aproximação da mesma vida, partilhando fotografias intermináveis dos mesmos *cocktails* e dos mesmos ovos escalfados e dos mesmos livros da moda, o mesmo pôr do Sol cor de pêssego repostado mil vezes.

– Como é que o devemos fazer? – perguntou ele, com os lábios molhados de licor.

– Empurramo-la para debaixo de um comboio em sentido contrário e dizemos a toda a gente que ela caiu.

– Doentio.

No ecrã, um insidioso teatro de brutalidade desenrolou-se em tempo real, até que o corpo foi finalmente, fatalmente, purificado e a alma da rapariga morta ficou livre para ascender. O sangue, os gritos. Eu assisti com uma indiferença total. Já tinha visto isso antes.

– Ou podíamos cortar-lhe a garganta – disse o Sam. – Fazê-lo corretamente.

Uma pancada na cabeça. Um acidente de barco. Uma aparente intoxicação alimentar. Enquanto pensava nas várias formas de matar a Laura, fui à Internet. Era dia de pagamento e dei por mim num *site* de moda normal. Era o tipo de sítio onde a Laura faria compras e, com certeza, tinham boinas em *stock*. Encomendei uma boina preta, uns sapatos pretos a condizer e um frasco de óleo essencial de rosas para usar como perfume.

– Eram agora cinco da manhã – afirmou Sam, com uma voz teatral. Virei-me de surpresa e vi que ele tinha o meu caderno aberto, lendo uma página ao acaso com um sorriso diabólico na cara.

– Ei! – Sentei-me e tentei tirar-lho, mas ele inclinou-se o mais longe possível de mim sem perturbar a lata de sidra que estava equilibrada no sofá entre as suas coxas.

– *E o amanhecer, um calor...*

– Para com isso, devolve-mo!

– ... *madrugada de fogo...*

Levantei-me e agarrei o caderno da sua mão estendida. Lutámos até ele o largar com um pequeno riso.

– Está bem, acalma-te – declarou ele, voltando a instalar-se no sofá. Depois de uma pausa, deu-me uma pancada com o pé. – Só me estou a

divertir. Lê-me qualquer coisa.

– Não – disse eu, envergonhada, alisando a capa dobrada com a palma da minha mão.

– Porquê? Achas que não vou conseguir entender?

– Não é isso.

– Achas que não sou suficientemente inteligente.

– Cala-te, não é isso.

– Vá, deixa de ser chata e lê-me qualquer coisa.

– Não está terminado – justifiquei. – É tudo um trabalho em curso.

Ele inclinou-se para a frente com uma expressão dura no rosto, e eu recuei, subitamente assustada com a centelha de ódio nos seus olhos escuros.

– Porque é que estás aqui então?

– É Halloween – respondi em voz baixa, confusa.

– Sim, mas porque é que estás aqui se nem sequer gostas de mim o suficiente para me leres alguma coisa?

Senti-me relaxar enquanto ele se ria e bebia da garrafa de Jäger verde-escuro que tinha nas mãos. Ele gostava de brincar assim, como se a ideia de eu não gostar dele fosse impensável.

Abri o diário.

– Vou ler-te uma coisa, e depois podemos esquecer isto?

– Sim – disse ele, satisfeito consigo próprio.

Li-lhe a minha peça preferida da Laura, a mais sombria, a que eu tinha embelezado com sangue explícito, e quando acabei de ler, o Sam estava a olhar para mim como se me quisesse comer viva.

– Escreveste isso?

– Sim. – Fechei o caderno e voltei a aconchegar-me no sofá.

– Foda-se – disse ele, com os lábios molhados. – Foda-se, Brodie. Isso é tão negro. Está negro como o caralho.

– Desculpa – pedi com um arrepio de embaraço a aquecer-me as faces.

– Não, eu adorei – disse ele, levantando-se e puxando-me para ele. – Adorei – disse ele, levando-me para o seu quarto, espalhando-me sobre os seus lençóis de cetim. – Adorei – disse ele, enfiando as mãos por baixo da minha *t-shirt* dos Napalm Death.

– Amo-te – sussurrei, enquanto ele punha as mãos à volta da minha garganta.

Só quando saí para o trabalho, na manhã seguinte, é que me apercebi de que tinha deixado o meu caderno no sofá, esquecido no momento.

Novembro de 2019

Laura

Novembro começa com uma dor de cabeça aguda e um bafo de sambuca que me deixa com náuseas no estômago. Tinha passado o Dia das Bruxas com a minha amiga Maggie, uma livreira da sucursal de Bloomsbury, num bar decorado com morcegos de plástico e gambiarras com luzes em forma de abóbora. Com um vestido de Elvira escandalosamente decotado, bebi *shots* letais chamados *Black Jacks* e dancei ao som de música pirosa de Halloween até deixar de ser capaz de reter nova informação. Acho que a Maggie me reservou um táxi, mas o final da noite está muito difuso.

É o tipo de ressaca que só pode ser curada com uma piza *takeaway* e um daqueles filmes de Natal sacarinos e piegas em que uma rapariga cidadina e atrevida regressa à sua cidade natal e se apaixona por um local carismático e misterioso. A suave previsibilidade de tudo isto acalma-me.

O Natal sempre foi a minha época preferida do ano. Quando eu era pequena, a época festiva era um turbilhão. A minha mãe trabalhava muitas horas na loja e, embora estivesse num estado de exaustão constante, trazia para casa estrelas-de-natal de folhas aveludadas, ramos de azevinho e visco, uma verdadeira coroa de flores para a porta da frente, para que a casa cheirasse a agulhas de pinheiro frescas. À noite, comíamos massa com *pesto* e víamos filmes de Natal pirosos debaixo de luzes cintilantes, com chocolate quente, doce e suave, cravejado de *marshmallows* e uma pitada quente de canela.

Quando ela morreu, pensei que já era demasiado crescida para gostar do Natal, demasiado crescida para o chocolate quente e a nostalgia da infância. Era uma adolescente que dormia até tarde e tentava esconder a minha alegria a todo o momento. Quem me dera poder entrar por uma porta para a manhã de Natal quando era criança e viver tudo de novo, uma última vez.

Com o diário lilás aberto no braço do sofá, escrevo tudo isto, todos os seus momentos bonitos e inconsequentes e, enquanto escrevo, uma ideia começa a tomar forma. Gosto da ideia de escrever sobre a minha mãe, um livro de memórias que celebre a sua vida em vez de ruminar sobre a sua morte, mas sei o suficiente sobre publicação para saber que as duas coisas têm de andar de mãos dadas. Ninguém quer ler sobre a sua vida quando a sua morte é muito mais interessante, penso eu com amargura.

Mas e se fosse algo mais – um livro de memórias de luto e uma

polêmica sobre *True Crime*? Podia escrever as duas narrativas lado a lado – a história da minha mãe e a história do caso, eventualmente entrelaçando-as até uma sangrar para a outra. Bato com a caneta nos dentes. Uma coisa é escrever sobre a vida dela; outra bem diferente é escrever sobre a sua morte, e não sei se tenho forças para o fazer.

O Natal é transformador: o vinho é transformado com especiarias, a manteiga com um pouco de *brandy*, o sumo de laranja com champanhe. Temos de transformar a loja num país das maravilhas de inverno e, assim que outubro dá lugar a novembro, Eli e eu começamos a longa e laboriosa tarefa de o fazermos nós próprios. Passamos uma manhã inteira no armazém a ouvir *Songs for Christmas*, de Sufjan Stevens, e a enfiar cuidadosamente flocos de neve de cartão em fio de *nylon*. Penduramo-los no teto da loja, onde andam à deriva num nevão de papel, girando suavemente no seu fio. Penduramos gambiarras brancas cintilantes de janela a janela, e pingentes de gelo de cartão pendem dos topos das janelas.

As montras continuam a ser dominadas por guias de estudo e cadernetas de autocolantes de meio período, mas isso não é suficiente para a época festiva. As montras de Natal têm de ser opulentas e convidativas, uma cornucópia de tesouros para tentar os transeuntes a entrar e a gastar o seu dinheiro suado connosco. Reúno brinquedos e livros, escolho novos títulos de autores conhecidos para construir uma montra apelativa. O Martin segue-me pela loja, fazendo comentários sobre a minha seleção, até que finalmente fica agitado com uma pilha de títulos de nível médio escritos por celebridades e deixa-os num carrinho no armazém.

– Mas são *bestsellers* – argumento eu, pegando neles novamente. – Vendemos uns dez por dia.

– Então, se vendem de qualquer maneira, não *precisam* de estar na montra de Natal – diz ele, triunfante. – Não preferes apoiar os autores que escrevem os seus próprios livros?

– Mas não se trata do que *nós* queremos – respondo, perdendo a paciência. – É sobre o que os nossos clientes querem.

– Eles só querem este lixo porque é o que lhes estás a dizer para quererem – responde ele.

– Mas... os miúdos também gostam. E as montras de Natal são só de *bestsellers*. Tu *sabes* disso, Martin.

– Vendo livros há mais tempo do que tu estás viva. – As suas bochechas estão coradas, e ele aponta um dedo zangado na minha direção. – Não me digas o que eu sei.

– Não grites comigo – digo eu, com um pequeno sentimento de vergonha a arder-me na barriga.

Ele vai-se embora, e eu encho a montra com pilhas e pilhas de livros de Natal *bestsellers*, os autores cujos livros são escritos por fantasmas e que

vendem aos montes, desde que se lembre aos clientes que eles existem. Quando termino, estou com o rosto vermelho e a suar, e os meus músculos doem-me de tanto me inclinar, esticar e contorcer para fechar uma montra apertada com livros cuidadosamente equilibrados, mas parece incrível.

Chamo o Eli e a Sharona para admirarem o meu trabalho árduo e, para minha surpresa, o Martin segue-os a contragosto. Saímos todos para o frio. Já está escuro e a choviscar. A luz dourada entra pelas janelas e ilumina o pavimento molhado. Parece um postal.

– Excelente trabalho. – A Sharona põe um braço à volta dos meus ombros e dá-me um pequeno aperto.

– Perfeito – diz Eli, acenando com a cabeça. Segura uma pistola de preços, e roda-a à volta do dedo indicador como se fosse uma pistola.

– Está bem – funga o Martin. Ele volta para o calor da loja, e a Sharona segue-o, sorrindo para mim e revirando os olhos à custa dele.

– Copos hoje à noite? – pergunta Eli.

– Alguma vez pensaste que tudo o que fazemos é beber e trabalhar? – digo eu, torcendo o nariz. Estou cansada, a minha cabeça está pesada e dói-me a cara de tanto sorrir. Mas não é por isso que estou a hesitar, não mesmo. Hoje é noite de grupo, e eu tinha prometido a mim própria que ia, porque amanhã é um dia doloroso no meu calendário e dava-me jeito o apoio emocional. Penso naquele salão comunitário frio, com o seu café instantâneo miserável e cartazes para vendas de tralha e vacinas contra a gripe, e depois penso numa noite divertida com o Eli ao meu lado, com cervejas baratas, piadas parvas e bons momentos.

– Qual é o problema de beber e trabalhar? – diz Eli com um sorriso.

O Martin e a Sharona terminam mais cedo e, olhando para as nuvens carregadas, decidem ir-se embora para fugir à chuva. Quando Eli e eu acabamos de fechar a loja, os chuveiros transformaram-se num aguaceiro que batia nas montras.

O vento açoitava-me o cabelo e tenho de encostar a palma da mão à cabeça para manter a boina no sítio. Em poucos minutos, fico encharcada. As roupas encharcadas agarram-se aos ossos e a água penetra nos meus sapatos, que roçam nos calcanhares. A chuva londrina cai rápida e limpa, mas mistura-se com a escória que cobre tudo, a poluição e a sujidade que se espalha pelos edifícios de tijolo, pelas estradas, pelos carros.

Sigo Eli até ao fundo do mercado, onde uma mancha escarlata e dourada de néon ilumina a noite. Uma lanterna vermelha de plástico está pendurada na porta, e letras douradas dizem HAPPY VALLEY numa caligrafia pretensiosa.

– Vais levar-me a jantar primeiro? – brinco eu.

– Oh, sim – diz Eli, rindo-se. – Um jantarzinho acolhedor para dois, que se lixem todos os outros. Não, este sítio vende grandes latas de cerveja por uma libra.

– E então?

– Então, somos feitos de dinheiro? Além disso, é o sítio mais feliz de Walthamstow!

Uma campainha alegre toca quando ele abre a porta do restaurante e me deixa entrar primeiro. O ar quente cheira a óleo de sésamo tostado e a carne assada. As minhas glândulas salivares ressentem-se e o meu estômago revolve-se de fome.

Uma empregada solitária está parada no balcão, a encher garrafas de molho de soja. O seu cabelo é uma cortina escura que se abre para revelar um rosto suave que se inclina para nós ao som da campainha.

– Dois? – diz ela, fazendo um sinal de paz accidental e pegando num par de menus de plástico de grandes dimensões.

– Não, os nossos amigos estão lá atrás – diz Eli, oferecendo-lhe um sorriso com covinhas. Ela responde ao seu calor com um sorriso hesitante e acena-nos para entrarmos. Ele passeia com confiança pelo restaurante vazio, sabe exatamente para onde ir, balançando as ancas entre as cadeiras vazias como se já o tivesse feito milhares de vezes.

Os livreiros estão reunidos à volta de uma grande mesa circular coberta com uma toalha branca, por baixo de um televisor de ecrã plano.

Está a dar um jogo de futebol americano nas cores escuras do aparelho mal ajustado, solene no seu silêncio. As luzes estão baixas e a mesa está cheia de latas de cerveja, cestos de hóstias de camarão, pratos de rolinhos primavera e pequenos pires de molho de laranja.

A Roach está lá, carrancuda, toda de preto, entre o Kofi e o Barry. As suas raízes gordurosas captam a luz, e os seus olhos escuros e o seu cabelo rosa-púrpura, que está cheio de óleo, fazem-na parecer um escaravelho. Escolho um lugar o mais longe possível dela. Eli desliza para o lugar ao lado dela, do outro lado da mesa.

– Esta cerveja faz-me lembrar Pequim – diz Sharona, levando o resto da lata à boca. Ela chama a atenção da empregada e pede outra rodada para a mesa.

– Fala-me de Pequim! – Noor suspira, aquecendo as mãos numa chávena de chá verde em faiança salpicada. Pego num rolinho primavera e dou uma dentada feliz. Está frio e perdeu a crocância, mas é delicioso.

Kofi vira-se para mim e suspira com o ar de alguém cuja paciência para histórias de viagens está a começar a esgotar-se.

– Graças a Deus que estás aqui – diz ele, aproximando-se e batendo com a sua lata na minha. – Tem sido como uma maldita reunião editorial do Lonely Planet.

Rio e enfio a segunda metade do meu rolinho primavera na boca.

– Mas é melhor do que estar no trabalho – diz ele. – Hoje fui trabalhar cedo e pensei, meu Deus, será que alguém aparece e me mata simplesmente? Levem-me para o armazém e acabem com o meu sofrimento.

– Não gostas de vender livros? – pergunto, e a minha voz tem um tom

áspero.

– Não, oh meu Deus, *adoro* – diz ele, apressando-se a disfarçar a sua indiscrição. – Desculpa, sim. Claro que adoro. E gostaria muito mais, se não fossem os clientes. – Ele ri-se, mas eu mantenho a minha impavidez.

– Os clientes mantêm-nos num emprego – digo eu. Ele lança-me um olhar azedo e volta a concentrar-se em Noor, Sharona e Eli. A empregada reaparece com latas verde-esmeralda de Tsingtao. Bebo um longo gole de cerveja para empurrar o meu rolinho primavera e acabo por beber metade de uma só vez. Peço outra antes de a empregada acabar de distribuir cervejas ao resto da equipa. Quando volto o meu olhar para a mesa, Eli está a olhar para mim.

– Foi rápido – diz ele, com um aceno de cabeça para a minha lata.

– Sou uma rapariga com sede – respondo, mas ele não parece divertido.

Mas não importa. É o tipo de noite em que as bebidas não param de chegar e ninguém se preocupa com a conta. A Sharona tenta manter as coisas na linha, pedindo acompanhamentos para absorver a bebida – pequenos pratos de hóstias de camarão, *wontons* que nos beijam os lábios com óleo –, mas o álcool acumula-se dentro de mim até eu ficar a brilhar com ele.

Por volta das nove, quando a chuva abranda, Eli, Sharona e eu vamos à banca de jornais comprar mais cigarros.

Walthamstow é um borrão de candeeiros de rua a tingir o céu de amarelo e carros a acelerar por entre poças de água. Sinto-me leve e ágil, borbulhante e divertida, engraçada e brilhante. Acho que esta foi a decisão correta. É melhor do que passar outra noite a beber chá e a pensar na dor dos outros, num salão comunitário frio.

– Ouçam – diz Sharona, gesticulando para Eli e para mim com o seu cigarro enquanto caminhamos. – Apetece-vos ir para Brighton no Ano Novo?

– Em viagem? – pergunto eu. Pisco os olhos com força, mas tudo no mundo à minha volta está em duplicado.

– Não, em trabalho – diz ela, com um riso doce. – Só por umas semanas. Estão a fazer uma remodelação e pediram-me para reunir uma equipa de topo para a supervisionar.

– Sabes que estou pronto – diz Eli, com o cigarro pendurado no canto da boca. Ele levanta a mão e a Sharona responde-lhe batendo com a sua mão na dele.

– Laura? – diz ela, e olham para mim.

– Não consigo deslocar-me de Walthamstow para Brighton todos os dias – digo eu, desiludida. Sempre adorei o litoral.

Quando eu era pequena, a minha mãe costumava levar-me a Brighton em viagens de um dia. Comíamos batatas fritas e procurávamos pedras bonitas no meio do cascalho. Adorava o velho salão de jogos, com os seus espetáculos de marionetas mecânicas e cabines de adivinhação, adorava o cais com as suas diversões, *donuts* e doces.

– Oh, não te preocupes com isso – diz Sharona com um gesto

desdenhoso da mão. – A Spines cobre as despesas enquanto mudar a remodelação. Ou talvez arranjemos um hotel, se a deslocação for demasiada. De qualquer forma, só vamos lá estar duas semanas.

Quando voltamos ao Happy Valley, Eli deixa cair a ponta do seu cigarro enrolado no pavimento húmido e pisa-o para apagar a beata.

– Por favor, diz que vais – diz ele com um sorriso, abrindo a porta do restaurante e mantendo-a entreaberta.

– Eu vou – digo eu, com uma onda de excitação, enquanto sigo a Sharona de volta para o calor do restaurante.

– Estás bêbada? – pergunta ele.

– Não – respondo, enquanto a sala gira suavemente.

Vou diretamente à casa de banho para vomitar. Os fios de rebentos de feijão ficam-me na garganta, e eu lavo a bÍlis da boca com água da torneira e volto para o meu lugar como se nada tivesse acontecido. O crime perfeito.

Roach está hipnotizada por Eli enquanto ele fala sobre a política das prateleiras. Eu conheço este discurso, já o ouvi milhares de vezes, mas a Roach está à beira da cadeira, completamente extasiada. Ela quer foder com ele, acho eu. Deixo-a tentar. Pego num rolinho primavera mole e enfio-o na boca.

– A arrumação é um ato político – diz Eli, concentrando-se em enrolar um cigarro que se afunila daquela forma reveladora que os fumadores de marijuana enrolam quando já beberam uns copos. – Separa-se a Ficção em subsecções, para a Ficção LGBT e assim por diante, ou mantém-se tudo junto na Ficção Geral? E o *The Handmaid's Tale*? Vai para Ficção ou Ficção Científica?

– Quer dizer, é distópico – diz Kofi, incerto, respondendo às perguntas retóricas como um rufião.

– Não há qualquer elemento de ficção científica em *The Handmaid's Tale* – interrompe Barry com a sua voz nasalada. – Tudo o que lá está aconteceu de facto. A verdadeira questão é: onde é que se guarda a trilogia *Oryx e Crake*? Guardam-na separadamente do resto da obra de Atwood, ou mantêm-na toda junta?

– Não podes pôr nos dois sítios? – pergunta Kofi.

Eli põe o cigarro atrás da orelha e brinca com o isqueiro entre as palmas das mãos, acenando com a cabeça pensativamente.

– Mas onde é que isto acaba? Mantêm em *stock* vários exemplares de todos os livros que podem estar em mais do que uma secção? Dois exemplares de *Beloved*? Dois exemplares de *O Alquimista*, dois exemplares de *1984*, dois exemplares de... Não sei, pá, dois exemplares de *Em Parte Incerta*? Duplicam tudo, todos os títulos de todos os géneros, porque também vão todos para Ficção?

– Bem, com a Toni Morrison, sim – diz Sharona. – Coloca-se a Toni Morrison em tantos sítios quanto humanamente possível.

– Estamos a desviar-nos da minha questão inicial. As prateleiras são

políticas – diz Eli, com uma mão enfática a bater na mesa. – Pensem nisso. E os livros sobre o Holocausto? Onde é que os guardam? Noor?

A Sharona levanta um dedo enquanto engole um bocado de cerveja.

– Isto é bom, quero ouvir isto.

Noor parece pensativa enquanto mexe num brinco, uma lágrima de prata que lhe pende do lóbulos.

– Bem... colocam-se com a Segunda Guerra Mundial.

– Barry? – diz Eli. – Como nosso perito residente em História, o que é que dizes a isto?

– Podia ser – diz Barry, suavemente, com uma pausa que implica que Noor não está necessariamente errada. – O problema é que as vítimas do Holocausto não foram vítimas de uma ação militar. O contexto do Holocausto é anterior ao início da Segunda Guerra Mundial e muitas escolas de pensamento tratam-no como uma coisa completamente diferente.

O resto da mesa fica em silêncio enquanto cada livreiro espera que outro faça a próxima sugestão.

– Hum... e que tal se for em História Judaica? – diz Noor, torcendo o nariz como se já soubesse que é a resposta errada. Todos os livreiros mais experientes suspiram ou abanam a cabeça e ela tapa a cara com as mãos, fingindo embaraço.

– Pensa nisto – diz Eli. – Queres guardar os teus livros sobre os nazis ao lado dos teus livros sobre a história da cozinha judaica? É totalmente inapropriado. Os clientes queixar-se-iam.

– Bem, de todo o modo, os livros sobre a história da cozinha judaica iriam para a secção de Literatura Gastronómica – diz Barry.

– Além disso, temos de ter em atenção os livros sobre outros grupos que foram perseguidos durante o Holocausto – diz Sharona.

– História da Alemanha, então – diz Kofi, encolhendo os ombros.

– Auschwitz foi na Polónia – diz Barry, com a voz grave. – Nem tudo aconteceu na Alemanha.

Pego na minha lata de Tsingtao e bebo um longo trago morno até ficar vazia. Inclino o pescoço para a empregada e todos se viram lentamente para mim.

– Onde é que os arrumarias, Sra. Laura Bunting? – pergunta Eli. – A sério. Fora de brincadeiras. Sei que sabes a resposta.

– Bem, o Holocausto não pode ser encaixado numa única secção – digo eu. – É demasiado grande, demasiado vasto, demasiado abrangente. Tem de ir para a sua própria secção de História Geral, independentemente do número de livros que se tenha, independentemente do tamanho da loja. E o mesmo deveria acontecer com os livros sobre o colonialismo e a escravatura. Colocá-los numa secção de um país ou de um continente resultará inevitavelmente no apagamento de outro, e isso é uma escolha política.

– Exatamente – diz Eli. – Exatamente. *É uma escolha política.* O local onde se escolhe arrumar um livro cria um contexto, quer se pretenda ou não.

– É por isso que acho que não devemos ter uma secção de *True Crime* – digo eu, mantendo a estabilidade no meio da discussão agitada, entrando no meu ritmo. – É nojento ver memórias literárias sinceras nas prateleiras, ao lado de toda essa merda exploradora e *voyeurista*.

Sharon acena com a cabeça e diz:

– Sim, exatamente.

– Não é merda nenhuma – diz Roach rapidamente, com uma voz perigosa. Ela está a agarrar a lata de cerveja com as duas mãos, e a pressão no metal da lata é evidente sob os seus dedos.

– Oh, por favor – digo eu, batendo no ar. Estou bêbeda. As palavras saem da minha boca como algas secas espalhadas pela toalha da mesa. – São homens a lucrar com a violência contra as mulheres.

– Mulheres brancas – diz Noor rapidamente. – Nunca escrevem *bestsellers* sobre mulheres mulatas ou negras.

– Desculpa – digo eu, colocando uma mão sobre a mesa no espaço que nos separa. – Tens toda a razão. É que eu fico um bocado sensível com estas coisas. – E depois, sem querer, sinto a Tsingtao a apoderar-se de mim e uma onda de palavras sai-me da boca: – A minha mãe foi assassinada quando eu era adolescente.

Há uma pausa de choque. *Isto é bom*, penso eu. Estou a ser aberta. Noto um olhar entre a Sharon e o Eli, como se ela estivesse a olhar para ele à procura de confirmação. Ele pestaneja para ela e depois baixa o olhar, e então ela estende a mão e aperta-me o antebraço.

– Coitadinha – sussurra ela, com a empatia estampada na cara.

– Lamento imenso – diz Noor, mordendo o lábio inferior e com um ar desconfortável.

Roach inclina-se para a frente. O seu semblante dá-me a volta ao estômago. Parece esfomeada e esperançosa, como um cão que acabou de ouvir o ruído de um saco de guloseimas.

– O que é que aconteceu? – pergunta ela, sem conseguir disfarçar o tom de entusiasmo na sua voz.

– Bem, eu não quero falar sobre isso – digo, cortando o assunto pela raiz. – Estava só a dizer.

– Sim, claro – diz a Sharon, esfregando-me o braço e pegando na sua lata de cerveja. – Mudemos de assunto; vamos beber outra rodada.

Ela senta-se e acena com a mão para chamar a atenção da empregada, com as pulseiras de prata a fazer barulho. Eli olha para mim e gesticula com a boca «Estás bem?» e eu aceno com a cabeça.

A conversa prossegue, a mesa contrai-se e relaxa, mas os olhos de Roach fixam-se em mim e a curiosidade dela arrepiava-me a parte anterior do meu pescoço. Eu bebo cervejas e ignoro-a, bebendo para atenuar o embaraço da minha explosão, até que a empregada nos expulsa e somos atirados para a rua molhada. Está um frio de rachar, e a Lua está a nascer acima de nós.

Depois de saírem, os outros livreiros parecem sentir a sede da noite a

crescer dentro deles. Eu também quero outra bebida, mas gostava que a Roach se fosse embora, que fosse para casa. Consigo sentir os olhos dela em mim, e o arrependimento enrola-se no meu estômago. Desta vez, a sensação é diferente, nada como a desconfortável, mas catártica divulgação no meu grupo de apoio. O meu ressentimento em relação a Roach ferve e eu caminho rapidamente à frente dos outros, de cabeça baixa enquanto fumo.

Roach

Estava empolgada enquanto andávamos de um bar para o outro. A mãe da Laura, assassinada! Esta era uma informação valiosa. Perguntava-me quando. Perguntava-me como. Perguntava-me quem. Quem o teria feito, qual seria a história? Talvez eu já a conhecesse. A ideia fez-me vibrar. Não tinha planeado ficar na rua durante muito mais tempo, mas não me ia afastar de Laura enquanto ela se sentisse tão confessional.

Estava frio e o ar estava húmido, por isso – timidamente – peguei na minha mala e coloquei a minha nova boina. Era a primeira vez que a usava à frente dos outros livreiros e demorei um pouco a pô-la na cabeça sem um espelho. Perguntei-me se alguém iria reparar ou comentar, mas – à exceção de Laura, que ia à frente – todos se tinham juntado e eu estava a caminhar sozinha na parte de trás do grupo. A proximidade de Laura com o homicídio fazia todo o sentido para mim.

Por mais brilhante que fosse o seu sorriso e por mais alto que fosse o seu riso, por mais perfeito que fosse o seu batom e por mais cheio que fosse o seu copo de vinho, pairava sobre ela uma nuvem negra, uma nuvem que só eu conseguia ver. A grande questão girava à volta da minha cabeça, as possibilidades desenrolavam-se: que demónio negro tinha levado a sua mãe e mudado o rumo da sua vida para sempre?

É nojento, tinha dito ela, *ver memórias literárias sinceras nas prateleiras ao lado de toda essa merda exploradora e voyeurista*. Todos olharam para mim, e eu tentei pensar em algo para dizer, algo cortante, algo que articulasse exatamente a razão pela qual o *True Crime* era importante. O caminho para compreender a condição humana estava repleto de sangue e entranhas, era perseguido por *serial killers*, sádicos e atiradores em massa, e estava cheio de histórias perturbadoras, histórias de violência e morte, de negligência e abuso. Se quiséssemos realmente melhorar enquanto sociedade, tínhamos de estar preparados para lidar com as partes desagradáveis, bem como com as partes simpáticas. A vida não pode ser sempre um conto de fadas, Laura. O homem mau nem sempre pode ser apanhado. Mas depois ela falou da mãe e, de repente, tudo fez sentido. Evitar o meu olhar, desviar-se das minhas perguntas, resistir à minha amizade. Laura era uma boneca *matrioska*, sim, e no seu âmago havia uma obsessão por assassínio, uma obsessão pela morte. Mas, ao contrário de mim, ela não conseguia admiti-lo.

Laura

No *winebar*, começamos em força com duas garrafas para a mesa, que a Sharona paga. É divertido, todos juntos. Tento manter-me no presente e concentrar-me no vinho no meu copo, nos risos à minha volta.

Até o Martin está de bom humor. Ele oferece-me um pequeno cálice de vinho do Porto que sabe a chocolate, cerejas pretas e especiarias – um ramo de oliveira, talvez, para compensar a nossa pequena discussão de há pouco. Ele conhece bem o vinho do Porto, inclina o copo e fala-me das diferentes camadas de sabor, e eu fico feliz por estar ali, no momento, a apreciar a minha bebida e a sentir que faço parte de alguma coisa.

– Então, qual é a tua história, Martin? – pergunto-lhe. As minhas palavras têm um ligeiro toque de provocação, mas sem parecerem críticas. – Tens tanto jeito com crianças... tens alguma? És casado?

– Não, nada de filhos. Estou com o Frank há vinte anos. Tentei dar aulas e, depois, abri a minha própria livraria aqui perto. Mas fechou nos anos 2000. Primeiro a Spines, depois a Amazon. Não consegui competir.

Pastilha elástica Juicy Fruit, uma pequena argola de ouro na orelha.

– Eras o dono da loja dos berlines? – interrogo, com uma expressão de surpresa.

– É assim que te lembras dela? – pergunta ele com um sorriso triste.

– Foi assim que a conheci – conto. – Havia duas livrarias, certo? A tua e outra?

– Sim, havia a minha, e depois havia também a Clements' Books. Eu concentrava-me nos livros infantis, e eles nos livros para adultos.

– A tua loja era mágica para mim – confesso. – Adorava-a. Acho que foi por isso que me tornei livreira. Quero recriar essa sensação para os mais pequenos, esse entusiasmo de entrar numa livraria. De facto, ainda tenho alguns dos meus berlines.

– Bem, pelo menos um de nós que os tenha – diz ele com uma gargalhada e, depois de uma pausa, dá-me uma palmadinha nas costas. – Obrigado por dizeres isso. Não imaginas o que significa para mim.

Acabo o meu vinho do Porto, depois começo a explorar os tintos. A janela está rodeada de plantas penduradas, o vidro está a escorrer de condensação e a nossa mesa está molhada de bebidas derramadas. Tento chegar ao meu copo, julgo mal a distância e entorno vinho tinto por todo o

lado.

– Talvez já tenhas bebido o suficiente – diz Eli, com um ar sério, enquanto pega no meu copo, endireita-o e coloca a mão sobre ele, enquanto Kofi serve toda a gente.

– Estou bem – declaro, enquanto o chão se inclina sob os meus pés.

– Outro copo! – exclama Kofi, acidentalmente derramando vinho sobre os dedos abertos de Eli. A confusão adora companhia, e as tentativas pouco convictas de Eli para manter a ordem são anuladas pelo desejo coletivo de continuar.

– Estás bêbada, amiga – diz Eli, numa voz calma destinada apenas a mim. Os seus olhos estão a brilhar.

– E tu és o Eli – afirmo, batendo-lhe no nariz com um dedo impreciso, imitando o seu hábito.

– E amanhã tu ainda estarás bêbada e eu ainda serei o Eli – responde ele.

– Não, espera...

– Amanhã serei a Laura – digo eu.

– E eu vou...

– ... estar na minha cama? – concluo, inclinando-me para ele e rindo. – Estou a brincar, só a brincar. Não te passes.

Eli parece desconfortável, mas quando Kofi volta a encher o meu copo, não diz uma palavra.

Roach

O *winebar* era demasiado bom para Strongbow, por isso não tinham *Dark Fruits*. Serviram-me uma garrafa de sidra artesanal, e completaram-na com um licor artesanal de groselha preta e sabugueiro e cobraram-me sete libras pelo prazer. Tinha um sabor a frutos silvestres, uma espécie de maçãs podres.

A conversa cresceu à minha volta e eu vi a Laura engolir vinho, copo após copo, a sua palidez a rosar, o seu cabelo a frisar numa auréola dourada na humidade do bar. Tornou-se exagerada à medida que bebia, a sua voz mais alta e mais ousada, e ria-se com mais força e durante mais tempo. Pontuava as suas palavras com gestos amplos com as mãos que derrubavam bebidas e chocavam com estranhos.

Virei-me para Eli.

– Então, sabes o que aconteceu à mãe da Laura?

Ele pareceu revoltado, o seu rosto era uma máscara mortal de surpresa.

– Miúda, não me podes perguntar isso.

– Mas sabes?

– Ela não gosta de falar sobre isso, e tu não devias perguntar, caramba.

– Se ela não gosta de falar sobre isso, porque é que tocou no assunto?

Ele não tinha uma resposta para isso, abanou apenas a cabeça e virou-se para falar com outra pessoa.

Não vi razão para não fazer uma pesquisa rápida ali naquele momento. Digitei *Bunting homicídio Londres* no Google, mas não apareceu nada. Tentei *homicídio de Laura Bunting* e *homicídio da mãe de Bunting*, mas não encontrei nada. Talvez não tenha acontecido em Londres. Tentei *Bunting homicídio Inglaterra* e depois apenas *Bunting vítima de homicídio*. Talvez ela estivesse a mentir, talvez não tivesse acontecido. Pareceu-me pouco provável.

Quando os fumadores se levantaram ao mesmo tempo, daquela forma silenciosa com que os fumadores se juntam sempre, com a sua necessidade de nicotina em sincronia, eu segui-os com o meu maço de Pall Malls.

Na zona de fumadores em frente, um maço de mentol era um caminho para a ligação, uma armadilha para a conversa. Eli, Kofi e Laura estavam sentados num muro baixo de tijolo, rindo e brincando, passando um isqueiro entre eles, mas Sharona ficou para trás, olhando para os meus cigarros.

– São aqueles que têm uma pequena...? – perguntou, fazendo um

movimento de beliscar com o dedo indicador e o polegar. Parecia mais pequena do lado de fora da loja, pequena nas suas calças de pescador tailandês e o seu capuz de lã preto. Acenei com a cabeça e ofereci-lhe.

– Há anos que não fumo um de mentol – disse ela, tirando um do maço e colocando-o entre os lábios. Foi a minha deixa para lhe oferecer um isqueiro. Fumar era uma dança e eu tinha finalmente aprendido a coreografia graças ao facto de fumar regularmente com o Sam. Ela inclinou-se para a frente para acender o cigarro e, depois, fechou os olhos e expirou lentamente, como se tivesse estado a sustentar a respiração durante muito tempo. Inclinou a cabeça para trás, esticando os músculos do pescoço.

– Juro que me doem todos os ossos do corpo – comentou ela. – E ainda só estamos em novembro.

Do outro lado do pátio, um copo partiu-se, e houve uma erupção de aplausos do trio empoleirado na parede. Ao longe, um cão ladrrou.

– Sabes o que aconteceu à mãe da Laura? – perguntei.

A Sharona parou de se esticar suavemente e lançou-me um olhar de reprovação.

– Isso não é bom – disse ela. – Não me podes perguntar isso.

– Estou apenas curiosa – disse eu. – A curiosidade não é crime.

– Acho que sabes que estás a pisar o risco. – Ela expeliu um pulmão cheio de fumo, fechando a boca e soprando-o por cima do ombro.

– Ei, Sharona – Eli chamou do outro lado do pátio. – Vem cá um segundo!

– Não perguntes isso a mais ninguém, está bem? – sibilou ela por cima do ombro, numa atitude de repreensão que me fez lembrar a Jackie. – E Cristo, promete-me que não vais perguntar à Laura.

Segui-a em direção a Eli, Laura e Kofi.

– Oh, por amor de Deus – murmurou Laura, demasiado bêbeda para esconder o seu desdém ao ver-me aproximar.

– Vamos jogar *Eu Nunca* – disse Eli quando nos aproximámos deles. – Jogam?

– De maneira nenhuma! – Sharona riu e deu uma passa forte no cigarro, depois atirou-o, só meio fumado, para os arbustos. – Obrigado pelo mentol, Roach. Fico a dever-te um.

Enquanto a Sharona regressava ao bar, acendi outro cigarro – o meu passe para os bastidores, caso alguém se perguntasse porque é que eu estava ali.

– Desde quando é que ela fuma? – questionou Laura sem se dirigir a ninguém em particular.

– Certo, *Eu Nunca* – disse Eli, batendo palmas. – Roach, topas?

– Não sei – hesitei. – Nunca joguei antes.

– Toda a gente no raio do planeta já jogou *Eu Nunca* – declarou Laura. – Não andaste na universidade?

– Não – disse eu.

Laura revirou os olhos e inclinou-se para a frente, com os cotovelos nos joelhos e a cabeça apoiada nas mãos.

– O *Eu Nunca* – lamuriou-se ela. – É só uma desculpa para enganar as mulheres e fazê-las falar de sexo.

– Bem, não tenho culpa que só tenhas brincado com pervertidos de Oxbridge – afirmou Eli.

– Sabes que não andei em Oxbridge – respondeu ela.

– Ah não, era Durham, certo?

– Vai-te *foder*.

– Muito bem, querido, começa tu – disse Kofi a Eli, que tinha as pernas bem cruzadas no joelho.

– Eu nunca... mergulhei nu – respondeu Eli.

– Estão a ver? – interrogou Laura, triunfante. – Sexo!

– Nudez não é sexo, e sexo não é nudez – disse Eli. – És tão reprimida.

Ninguém bebeu, então Eli teve de engolir um dedo de vinho tinto. Ele estremeceu e levantou o copo.

– Este vinho não é bom.

Kofi foi a seguir.

– Eu nunca... fiz sexo no trabalho.

Laura gritou.

– Isso *é* sobre sexo.

– Isso *tem* a ver com sexo – concordou Eli.

– *Eu* nunca disse que tinha um problema com sexo – disse Kofi, encolhendo os seus ombros com um sorriso malicioso. E depois Eli riu-se e, com um ar envergonhado, bebeu uma golada da sua bebida.

– Fizeste sexo numa loja? – disse Laura, incrédula. – Com quem?

– Não te inquietes – disse ele.

– Que loja?!

– Não te preocupes! Isso não faz parte do jogo.

Era a minha vez. Bebi um gole da minha bebida e apaguei o cigarro para ganhar tempo, mas só conseguia pensar na morte.

Nunca fui passear o meu cão numa charneca solitária e ventosa e tropecei em restos humanos. Nunca vi uma mala suspeita e descobri um cadáver dentro dela. Nunca senti um cheiro estranho a emanar do cano de esgoto do meu vizinho, que se revelou ser carne humana a apodrecer. Nunca perdi a minha mãe num homicídio.

– Nunca fiz sexo com um estranho – disse eu.

– Oh, por amor de Deus – suspirou Laura.

Primeiro o Kofi, depois o Eli e, por fim, rindo-se de si própria, a Laura, todos levaram os copos aos lábios e beberam.

– Tens de ser penalizada – disse Eli. – Porque todos nós bebemos.

– Qual é a minha penalização?

– *Shots*! Tens de pagar *shots* para todos nós! – exclamou Laura. – *Shots de chartreuse*.

– Mas é a tua vez – disse Kofi a Laura. – Tens de ser tu a seguir, para completar a ronda.

– Eu nunca... li *Ulisses* – disse ela, triunfante, com a sua gargalhada a ressoar pelo pátio vazio. – Veem? Nem tudo tem de ser sempre sobre sexo.

– Mas ninguém bebeu – notou Eli. – Porque ninguém leu o *Ulisses*. Por isso, também tens de ser penalizada.

– Qual é a minha penalização? Nem todos podemos comprar *shots*.

– Veremos – respondeu ele, batendo-lhe no nariz com um dedo e fazendo-a guinchar como um porco preso.

– Eu pago os *shots* – disse eu.

Lá dentro, o bar estava cheio e havia uma multidão de *normies* na fila para as bebidas. Quando chegou a minha vez, comprei quatro *shots* de *chartreuse* – um licor verde-claro que cheirava a ervas, como salva e baunilha –, mas, quando me virei para o bar, vi que os outros tinham entrado e tomado os seus lugares à volta da mesa. Parecia que o jogo tinha acabado.

Sentei-me ao lado de Noor, que estava a conversar com Martin, Barry e Sharona, que pareciam todos contentes por me ignorar. Bebi um dos *shots* e ofereci outro a Noor, que franziu o nariz e virou costas.

O *chartreuse* continuou esquecido à minha frente. Tinham custado mais de quatro libras cada um. Laura inclinou a cabeça para trás, emborcou o copo de vinho e um rasto de sangue cor-de-rosa correu-lhe do canto da boca até ao queixo, uma mancha vampírica que ela limpou com as costas da mão.

O ambiente no bar mudou à medida que o relógio se aproximava da meia-noite. Os livreiros ainda estavam com força, mas as luzes estavam acesas e a mulher atrás do balcão empilhava copos, limpava as mesas, recolhia os individuais plásticos do balcão para entrarem na máquina de lavar louça.

– Vamos ao Victoria, que está aberto até às três – disse Noor.

– Vou-me embora – declarou Sharona.

– Eu também – afirmou Barry, e Martin concordou.

– Mother Black Cap? – disse Kofi, e Noor virou-se para ele para defender o seu bar de eleição.

– Queres que te leve a casa? – perguntou Eli baixinho para Laura. Os olhos dela estavam meio fechados, os cotovelos na mesa, o rosto apoiado nas mãos, distorcendo as bochechas.

– Acho que a Laura consegue ir sozinha para casa – disse Sharona, vestindo o casaco, olhou para Eli e depois desviou o olhar.

– Não consegue mesmo – disse Eli, com um olhar de preocupação dirigido a Laura.

– Não moro longe – disse eu. – Posso levá-la a casa.

– Não preciso que me levem a casa – respondeu Laura, mas a frase saiu de uma forma que disse à sala que ela precisava mesmo que a acompanhassem a casa.

– É muito simpático da tua parte, Roach – disse Sharona, embora

estivesse a franzir o sobrolho, claramente dividida sobre o melhor curso de ação. Eli fixou o olhar nela por uns momentos e, então, finalmente, com um pequeno encolher de ombros, desviou o olhar.

Laura

Uma caminhada fria. Um céu pesado e coberto de nuvens. Uma lua leitosa e mal-amanhada, uma lua da cor de maçapão. Os candeeiros de rua e os faróis aureolados de nevoeiro. As janelas das salas de estar energizadas de azul, com o brilho acolhedor da televisão a altas horas da noite. Rebentam fogos-de-artifício. Estalam. Noite de Guy Fawkes, o céu cheio de estrelas.

Eli olha para mim, sincero e com os olhos arregalados.

– Tens a certeza de que não queres que te leve a casa?

– *Tens a certeza de que não queres que te leve a casa?* – respondo-lhe numa melopeia mal cantada, peço-lhe um cigarro, deixo-o cair, encolho os ombros. Que se dane.

– Tudo bem – diz ele, partindo em direção a Walthamstow Village.

– Ótimo – digo eu, tropeçando um pouco no pavimento.

A Sharona abandona-nos na estação, depois a Noor e o Kofi seguem em direção ao Goose, e finalmente o Barry e o Martin viram à direita, e eu viro à esquerda na Hoe Street.

– Vamos tomar outra bebida?

Roach. Roach, a seguir-me. Ela está a usar a minha boina? Tento tirá-la e ela recua, com uma mão na cabeça para a manter no lugar. O seu cheiro é doentio e familiar, como o das rosas murcham, quando os pés estão num vaso com água há demasiado tempo.

– *Vamos tomar outra bebida?* – papagueio eu. – Meu Deus, porque é que sequer estás aqui?

– Já é tarde – diz ela. – Vou só acompanhar-te a casa.

– Não *preciso* que me acompanhem a casa.

Um fluxo de luz brilhante. Um ciclista passa em velocidade, e quase me apanha o braço. Ele grita qualquer coisa e eu grito de volta, chamo-lhe chibo, conas, assassino sobre rodas. Cambaleio de surpresa, e o chão corre ao meu encontro quando perco o equilíbrio e caio.

Roach

Um cheiro pungente a rosas e a suor fresco subia-lhe das axilas quando ela se pôs de pé. Caminhou lentamente, como uma sonâmbula, arrastando os dedos ao longo dos tijolos, parando para olhar para o telemóvel ou apanhar folhas das sebes que ladeavam a rua, ou mesmo só para se orientar, pestanejando como se tivesse acordado de um sono profundo e se encontrasse num local inesperado, uma princesa adormecida num conto de fadas.

– Cresceste por aqui? – perguntei, mas ela não parecia estar a processar novas informações, apenas suspirava como se tudo fosse um grande incómodo.

Perguntei-me se não devíamos entrar num dos muitos estabelecimentos com licença de venda de bebidas alcoólicas a altas horas da noite e comprar algo para bebermos quando chegássemos a casa da Laura. Por muito bêbeda que estivesse, parecia ter sempre espaço para uma bebida a mais. Uma garrafa de *Prosecco* gelado, um pacote de quatro *Dark Fruits*, ou talvez uma garrafa de *bourbon*? Decidi que Jack Daniel's seria o ideal. Na minha mente, já nos estávamos a acomodar. Laura estava a descalçar os sapatos, a acender incenso e velas, a escolher uma lista de reprodução para ouvirmos no telemóvel. Eu ia diretamente para a cozinha, enchia dois copos com gelo. Sentávamo-nos no sofá e desabafávamos. Ela falava-me da mãe, de toda a história deplorável, e eu dizia qualquer coisa como: «E aquele cabrão até pode ser livre de voltar a matar um dia.» Diria também: «Enquanto vivermos e respirarmos, nunca deixaremos de falar sobre o que ele fez. Ele nunca será livre e nós *nunca* esqueceremos, e...»

Nesse momento, o pé de Laura bateu com força no pavimento. Pensei que ela tinha tropeçado outra vez, desajeitada e descoordenada com todo o vinho, mas quando levantou o pé, vi a concha esmagada e a mancha amarela e mucosa de um caracol morto, assassinado sob o passo rancoroso de Laura.

– Cabrãozinho – disse ela, inexplicavelmente, para o caracol desfeito. – Seu cabrãozinho.

Fiquei a olhar para a cena do crime em silêncio, e ela continuou sem mim. Com as suas inibições diminuídas, a verdadeira profundidade da crueldade de Laura revelou-se. Sob a luz da rua, a sua saia cor de laranja brilhava como uma chama. *Ela é o diabo*, pensei, olhando uma última vez para os fragmentos de caracol que escorriam.

– Eu fico aqui – disse ela, virando para o caminho escuro do seu jardim e caminhando em direção à porta azul-marinho da frente. Ela enfiou a chave na fechadura e eu fiquei a pairar, com a respiração suspensa em antecipação, enquanto ela abria a porta da frente. O ar da sala cheirava a fúnebre, a pó, a flores secas e a fósforos usados.

Laura tropeçou e caiu no corredor.

– *Ups!* – disse ela alegremente. Eu estava prestes a perguntar-lhe se podia entrar, talvez tomar mais uma bebida, mas antes que pudesse abrir a boca novamente, ela disse um indiferente «Então, adeus!» e bateu-me com a porta na cara.

As chaves dela pendiam da fechadura e antes que eu pudesse processar o peso da minha decisão, estavam na minha mão. Fui espreitar pela janela da sala, mas, para meu grande aborrecimento, ela tinha instalado uma espécie de revestimento mate sobre o vidro – presumivelmente para evitar espreitadelas. *Que presunção incrível*, pensei.

Ajeitei a boina, acendi um cigarro e fumei-o enquanto caminhava para casa. Tinha um vago plano de largar as chaves dela algures por despeito – um caixote do lixo ou um contentor, um esgoto, um sítio irrecuperável, só para a incomodar, mas gostei de saber que as tinha. Senti que tinha marcado um ponto em relação a ela e decidi ficar com elas durante algum tempo.

Eu nunca li, porra. Nunca li a porra de *As Virgens Suicidas*, Laura. Nunca li a porra de *O Meu Ano de Repouso e de Relaxamento*, nunca li a porra de *A História Secreta*, nunca li a porra de *Junk*, nunca li a porra de *À Procura de Alaska*, nunca li a porra de *Zeros e Cruzes*, nunca li *Ariel*, nunca li a porra de *Let Them Eat Chaos*, nunca li a porra de *Night Sky with Exit Wounds*, nunca li a porra de *The Outrun*, nunca li a porra de *Estou Viva, Estou Viva, Estou Viva*, nunca li a porra de *Sei Porque Canta o Pássaro na Gaiola*, nunca li a porra de *Maus*, nunca li a porra de *Fun Home* nunca li a porra de *Mundo Fantasma*, Laura; nunca fiz uma tatuagem, nunca beijei Eli, nem usei batom no trabalho, nem li a minha poesia numa noite de microfone aberto. Nunca fui amada, acarinhada, celebrada, como tu, Laura. Nunca tive tudo o que sempre quis, num piscar de olhos, um chapéu que combinava perfeitamente com os meus sapatos.

Quando cheguei a casa, deitei-me na cama e pesquisei no Google mulheres assassinadas em Londres, especulando sobre qual delas poderia ter sido a mãe de Laura. As possibilidades eram limitadas, mas, ao mesmo tempo, pareciam infinitas. Afinal, eu não sabia ao certo onde Laura tinha crescido e, além disso, mesmo que tivesse crescido em Walthamstow, a mãe podia não ter sido assassinada na zona onde vivia. Pode não ter sido assassinada em Londres.

Pode não ter sido morta em Inglaterra. E, claro, «mãe» podia significar madrasta, ou mãe adotiva, ou mãe biológica afastada, o que podia ter impacto

no facto de partilharem ou não o mesmo apelido, serem parecidas ou viverem no mesmo local. Com as informações de que dispunha, era impossível tirar conclusões. Não podia excluir ninguém. Se queria chegar ao fundo da questão, precisava de mais informações e, se Laura não estava disposta a dar-las, eu teria de as arranjar.

Adormeci e sonhei com todas as possibilidades, com charnecas solitárias e terrenos áridos, com lagos espelhados e com as profundezas turvas de canais não dragados.

Laura

Na cama, sozinha e bêbeda, tão bêbeda que viajo pelo mundo com a Lydia. Começo por fazer a digressão pela Europa. Pastéis de nata em Lisboa e livrarias em Paris, uma tigela de azeitonas *gordal* em Barcelona, uma montanha de cadeados em forma de coração em Florença. E depois, continuo. Olho para *currywurst* vegano em Berlim, na primavera de 2016, e para *flutes* de champanhe a tilintar no topo da Torre Eiffel, no inverno de 2015. Olho para um *brunch* num hotel em Edimburgo, no verão de 2014, e vejo o pôr do Sol sobre a ponte Golden Gate, na primavera anterior. Olho para as águas leitosas da Lagoa Azul, em 2013, e para o topo cremoso de uma Guinness de Dublin, em 2012, e para os *cocktails* cheios de filtros nas praias tailandesas em 2011, e para o *Mardi Gras* em Nova Orleães, em 2010, onde ela se ria com fios e fios de contas de plástico à volta do pescoço. Depois, carrego acidentalmente no botão «gosto» em forma de coração e, embora não o faça imediatamente, as minhas bochechas ficam vermelhas e sei que fiz merda.

Acordo cedo, muito antes do despertador, com o som do choro do bebé da vizinha, um choro de angústia, audaz e gutural. Deito-me na cama e fico a olhar para o teto. A vergonha apodera-se de mim enquanto pedaços da noite anterior flutuam à superfície da minha ressaca. Os *flirts* com Eli, entornar as bebidas. *E tu vais... estar na minha cama?* Tudo parece abafado, enevoadado e nebuloso. Péssimo.

As cortinas do quarto estão abertas – esqueci-me de as fechar ontem à noite, e sinto-me mal, mal do estômago, com a ideia de estar tão exposta. Exposta. A minha mãe foi assassinada quando eu era adolescente. O meu estômago revolve-se com a recordação das minhas palavras, de Roach inclinada sobre a mesa, tão transparentemente desesperada pelos pormenores.

É mais uma manhã clara e luminosa, o céu está riscado com cicatrizes de aviões que passam. Imagino que estou num deles, a caminho de Nova Iorque ou Tóquio ou Bali, e a ideia de viajar leva-me à Lydia, e aos meus estúpidos polegares. Ela pode ver a notificação, amaldiçoar-me ao Eli. Rir-se de mim. Mas também pode não ter importância. Ela pode não se importar de todo.

Uma coleção de copos de vinho vazios e frascos de compota alinham-se no parapeito da janela, gravados com impressões digitais e manchados com

diferentes tons de batom. Um batom diferente para cada dia da semana. *A minha mãe foi assassinada quando eu era adolescente.*

Fecho os olhos, e encolho o rosto contra uma crescente onda de tristeza. Hoje é dia seis de novembro. Um trinco interno abre-se algures dentro de mim e os meus olhos transbordam de lágrimas. Deitada de costas, olhando para o rendilhado de bolor que se estende da janela como uma sombra, deixo-me quebrar. Choro porque o bolor que brota de todos os cantos da minha casa tem a qualidade mosqueada da pele morta. Choro porque quando respiro fundo, os meus pulmões se empurram contra a caixa torácica como se não tivessem espaço suficiente para manobrar, todo o espaço livre está cheio de fumo. Choro porque o chão da minha cozinha vai estar cheio de rastos de uma infestação de lesmas que não consigo controlar, e a minha prateleira de legumes tresanda a mijo de rato, e ainda vou ter de lavar aquelas cenouras velhas e comê-las. Choro porque não consigo fazer nada melhor.

A minha mãe foi assassinada quando eu era adolescente. Choro pela minha mãe. Choro porque ela devia estar a fazer quarenta anos e, em vez disso, é apenas uma impressão, um eco, uma linha na história de outra pessoa. E, como o resto dos mortos, está a ser submergida pelas marés do tempo, e cada dia que passa é um dia mais longe do último, e ela já morreu há dez anos. Choro porque acabarei por passar mais tempo nesta Terra sem ela do que com ela, e um dia serei mais velha do que ela. Choro porque acabaremos todos mortos, apenas uma série de recordações tão devastadoras, tão dolorosas, tão ternas como uma ferida aberta, que quase não se falará de nós, e depois as pessoas que se lembram de nós morrerão também, e assim por diante, e assim por diante, até não restar nada de nós.

No chão, em cima de uma pilha de livros, está o diário lilás que Eli me deu há umas semanas. Não consigo dar-me ao trabalho de procurar as chaves de casa para abrir o estúpido cadeado. Isto faz-me rir alto, um som selvagem e incongruente. Que obstáculo estúpido para ter de ultrapassar. Enfio-o debaixo da almofada e, decidida a não me deixar descarrilar, uso a aplicação de notas do meu telemóvel para escrever tudo, encho três páginas com metáforas emocionais e divagantes sobre marcas, marés e feridas abertas, e o ato de escrever é como uma camada fresca de aloé vera sobre uma queimadura solar.

Quando os meus polegares ficam doridos e não tenho mais nada em mim, limpo a cara ao edredão. Estou calma, concentrada. Com a mente fresca, saio da cama e apanho os copos vazios no parapeito da janela. Lavo-me, faço umas torradas com manteiga e canela e depois tomo um duche, lavando a minha tristeza. Escolho um vestido azul profundo, uns *collants* pretos grossos e calço uns sapatos azuis a condizer. Maquilho a cara para esconder a pele pálida da ressaca, passo perfume de rosas nas clavículas e sinto-me pronta para ir trabalhar, pronta para mais um dia de sorrisos brilhantes, gargalhadas forçadas e um serviço ao cliente absolutamente impecável.

Não tenho tempo para fazer o almoço, mas isso não importa. Procuro na minha mala tudo o que preciso: telemóvel, bateria quase morta porque me

esqueci de o pôr a carregar e carregador. Bolsa, garrafa de água – não tenho tempo para a encher, vou ter de me lembrar de a encher no trabalho –, batom, creme para as mãos. Isqueiro, quase sem gás. Experimento acendê-lo e a chama gagueja e morre. Um pacote vazio de Rizla. Tabaco, quase vazio, e uma boina azul profundo. Volto a mexer na mala, remexo nas minhas coisas, mas não: não encontro as chaves da porta, não estão lá, nem no bolso do casaco. Tento pensar no vestido que usei ontem – será que tinha bolsos? Pouco provável.

Estou dentro do apartamento, por isso elas devem estar cá dentro comigo; caso contrário, como é que teria entrado? Procuro debaixo do sofá, apalpo entre as almofadas, verifico todos os sítios estranhos e invulgares onde uma bêbeda descuidada poderia largar as chaves, como dentro do frigorífico, entre os meus cosméticos na casa de banho, na fruteira. Tento reconstituir os meus passos, mas o final da noite é um pouco confuso. Será que alguém me acompanhou a casa? Tenho uma memória vaga e confusa. Terá sido o Eli? Terá sido a *Roach*? Não consigo pensar. Estou atrasada, a ficar stressada, a perder a calma. Não consigo encarar a despesa de um serralheiro, não consigo suportar a ideia de ligar ao meu pai e perguntar se me pode emprestar algum dinheiro.

– Se não consegues viver sozinha, não vivas sozinha – diria ele.

Por fim, tenho de desistir e virar o conteúdo da minha gaveta de tralha da cozinha sobre o chão para vasculhar entre as cartas de jogar espalhadas, as saquetas de *ketchup* e de tempero de *ramen*, os paus de incenso e os isqueiros gastos. Vasculho as tralhas até encontrar o conjunto de chaves suplente, preso a um lustroso porta-chaves com um olho de tigre. Sempre quis dá-las a um vizinho em caso de emergência, mas os meus vizinhos eram uma porta giratória de estranhos e nunca me tinha dado ao trabalho de me apresentar a nenhum deles.

Quando chego ao trabalho, estou apenas uns minutos atrasada. Fecho-me na casa de banho e ajoelho-me sobre os azulejos frios, com a cabeça pendurada sobre a sanita toda salpicada de merda. O meu estômago entra em convulsão e regurgito a boca cheia de bílis amarga que se espalha pela água, espessa como muco. No espelho, os meus olhos estão raiados de vermelho. Salpico a cara com água fria e enxugo-a com aquelas toalhas de papel verdes que cheiram a escola. Um pouco de batom e estou pronta para enfrentar o dia.

Na sala dos colaboradores, Eli está sentado numa das mesas do refeitório, à minha espera.

Roach

Era o meu dia de folga e ouvi um *podcast* sobre noivas do corredor da morte enquanto passeava pelo parque. Um pequeno *spaniel* agitado, vestido de cor-de-rosa, e um rafeiro de pernas arqueadas, corriam atrás um do outro na relva lamacentas, conseguindo ocasionalmente introduzir o nariz no reto um do outro. Os seus donos conversavam à distância no caminho estalado e coberto de folhas. Sempre me imaginei como uma noiva do corredor da morte. Aparecia vestida de renda preta, casaco de cabedal e óculos de sol. Gostava da ideia de escrever a um *serial killer* na prisão, estabelecer uma amizade, descobrir o que o fazia vibrar. Mas era difícil encontrar *serial killers* porreiros a que escrever no Reino Unido. Faltava-lhes o *glamour* dos demónios californianos dos anos 70, os sorrisos irónicos e os acenos sarcásticos à imprensa, a arrogância de estrelas de *rock*, a indiferença dolorosamente fria em relação a tudo. Havia imensos deles nos anos 70. Era como o sonho americano satânico: raparigas de ombros nus pediam boleia e subiam alegremente para os carros de estranhos, donas de casa deixavam as portas das traseiras destrancadas, dormiam com as janelas bem abertas e convidativas. Mas isso foi nessa altura. A idade de ouro dos *serial killers* tinha acabado e as hipóteses de eu encontrar um para casar eram escassas.

O Sam, com os seus traços esculpidos semelhante a Ramirez, teria de servir. Richard Ramirez casou-se no corredor da morte, tinha *groupies*. Apareciam no tribunal todos os dias durante o julgamento, mandavam-lhe cartas, mostravam as cuecas e os seus seios nus, enviavam fotografias eróticas de si próprias e detalhavam as suas fantasias mais privadas e mórbidas para seu prazer. Mas ele não queria nada disso. A sua noiva não era como as outras *groupies*. Ela era uma *normie*, uma cristã atraída pela ideia de salvar a sua alma. Usava renda branca no dia do casamento e divorciou-se dele quando as provas de ADN o ligaram a algo que era demasiado para o seu estômago forte digerir. Pensei muito nisso. Era quase como ter honra entre ladrões. Todos nós tínhamos um limite, suponho.

As chaves de Laura eram frias e leves na palma da minha mão. Ela tinha duas chaves de porta normais presas a um porta-chaves de quartzo rosa, juntamente com uma chave do tamanho de uma unha do polegar. Eram apenas chaves normais, mas as portas que podiam abrir! Uma porta de entrada para a mente de Laura, para o seu passado, para o seu presente. O seu eu interior, o

seu santuário, a sua história. A história da sua mãe. Ela era impenetrável, mas eu tinha encontrado uma entrada. Senti-me entusiasmada enquanto caminhava para o meu destino.

Ia entrar, dar uma vista de olhos e deixar as chaves num sítio estúpido, mas plausível, como entre as almofadas do sofá ou debaixo do frigorífico. Ela nunca saberia que eu lá tinha estado. Um crime perfeito, sem vítimas.

Quando cheguei à casa de Laura, bati à porta como medida de precaução, mas a janela da sala estava escura e eu sabia que ela estava a trabalhar nesse dia, porque na noite anterior, no bar de vinhos, Eli tinha-lhe perguntado se ela ia ou não trabalhar de ressaca. Um arrepio de prazer percorreu-me o corpo quando enfiei a Chubb na fechadura e senti o mecanismo funcionar. A porta dela suspirou de alívio quando entrei, como se a porta estivesse à espera de que eu voltasse para casa.

Enquanto percorria cada divisão, senti-me desiludida. Era um T1 com uma sala de estar pobre, uma *kitchenette* e uma casa de banho pequena com uma banheira rachada. Ela mantinha tudo limpo e arrumado, mas havia um leve e enjoativo cheiro a mofo no ar. Na sala de estar, tinha quatro estantes baratas cheias de livros de bolso. Os livros estavam organizados por ordem alfabética, segundo o apelido do autor. Não pude deixar de me rir. Podia tirar-se a rapariga da livraria... Passei os olhos pelas prateleiras, filas e filas de merdas *normie*, livros de bolso de editoras *mainstream*, todos *bestsellers*, todos previsíveis e familiares, o ocasional romance de uma rapariga fixe ou uma coleção de contos *indie*. Aborrecido. Quaisquer que tenham sido os livros de *True Crime* de onde Laura tenha tirado – roubado – as suas palavras, é evidente que não os guardou.

Não podia deixar-me distrair. O que eu realmente queria encontrar era um esconderijo de diários antigos, uma caixa de recordações, um livro de recortes. Qualquer coisa que me pudesse dar pistas suficientes para começar a minha investigação.

Abandonando as estantes, entrei no seu quarto. A cama estava feita e as cortinas abertas, revelando um jardim coberto de vegetação. Podia vê-la a levantar-se de madrugada e a fazer a cama como uma pequena criada de quarto. O quarto cheirava a lençóis limpos e a cosméticos, mas por baixo do cheiro *a pó de flores*, havia novamente aquele fio azedo de bolor, mais forte do que em qualquer outro sítio do apartamento. Deu-me a volta ao estômago, e tive de abrir a janela para não me engasgar.

A desilusão impregnava o ar à minha volta. Deitei-me na cama da Laura, só para me deitar e não sentir nada. Os seus lençóis cheiravam a lençóis. Aborrecidos. Amaciador de roupa que se desvanecia na pele. Não tinha ficado tão bêbada como a Laura na noite anterior, mas o cansaço da noite estava a apanhar-me. Ali, adormeci.

Laura

Eli faz-me um café, enrola-nos dois cigarros e levamo-los para o terraço. Embrulhados nos nossos casacos de inverno, fumamos e olhamos para a cidade envolta num leve nevoeiro matinal. O ar está um pouco frio e uma coluna de vapor sai do meu copo em direção ao céu. Dou uma passa no cigarro e engulo um novo impulso para vomitar.

– Não estás com muito bom aspeto – diz ele.

– Não me sinto muito bem.

Uma formação perfeita em «V» de gansos sobrevoa o céu. Vemos-los desaparecerem ao longe, e eu mantenho os olhos no horizonte. Algures lá em baixo, um acordeonista começa a tocar uma melodia melancólica.

– Estiveste maldispota?

Fecho os olhos e aceno com a cabeça, inspiro profundamente o ar fresco que entra pelo nariz e sai pela boca. O sabor a álcool rançoso agita-se na parte de trás da minha garganta e eu pressiono uma mão nos meus lábios para controlar a onda crescente de náuseas.

– Olha, não podes estar na loja neste estado.

Uma lágrima fina desce-me pela face e eu limpo-a.

– Hoje é o aniversário da minha mãe – digo com tristeza. Há uma pausa, e depois, em vez de banalidades, ele aproxima-se e pega na minha mão. Baixei a cabeça para o seu ombro e ficámos assim durante um minuto, em silêncio, apenas a fumar e a exalar um hálito espesso de inverno.

– Hoje estamos cinco – diz ele, numa voz suave. – Vou falar com a Sharona, mas acho que não precisamos de ti. Talvez ela te deixe ir para casa. Toma um banho, come umas torradas, vê um filme. Tira um dia de folga. Volta amanhã, a dançar.

– Achas?

– Claro.

– Obrigada – digo eu, limpando sub-repticiamente o nariz com os dedos da minha mão livre. – Não deixarei que volte a acontecer.

– Acredito nisso quando o vir – diz ele com um sorriso afetuoso, soltando a minha outra mão.

Está frio mas é refrescante, e a inesperada folga desenrola-se à minha

frente. Começo a caminhar para casa, pensando na atração de pijamas lavados e na oportunidade de dormir sobre as brasas moribundas da minha ressaca, mas a atração do pavimento sabe bem sob os meus pés, distrai-me da minha ressaca, por isso continuo a andar. Tudo vai ficar bem se continuar a andar.

Em vez de voltar para casa, para uma tarde longa e solitária no meu apartamento triste e vazio, apanho um autocarro para Leytonstone. Apesar de estar de ressaca, o ritmo do autocarro que serpenteia pelo bairro frondoso faz-me esquecer a ansiedade que me revolve o estômago.

Vou dar um passeio pelo bairro, e sabe bem fazer algo por mim própria. O meu passeio leva-me até à ponte ferroviária e, do viaduto engaiolado, Londres brilha, com os arranha-céus da cidade apenas visíveis na linha do horizonte.

Depois, atravesso um bairro social onde sou recebida por vários gatos rechonchudos que gostam de festas no queixo, depois passo por uma grande rotunda relvada e contorno o cemitério católico, onde as gralhas bicam a terra e as sepulturas com marcas de buracos se inclinam em ângulos alegres. Acabo numa rua repleta de pequenas lojas: vários cafés, uma florista, uma charcutaria italiana, um bar de vinhos, uma livraria e uma padaria. Talvez pare para comer qualquer coisa. Uma lata de refrigerante de sabugueiro, um *muffin* de chocolate, um pouco de gipsófila, ou apenas uma passagem pela pequena livraria local para ver se têm alguma coisa interessante em *stock*.

É um dia calmo, um dia de sol, o tipo de tempo que me faz lembrar a primavera, apesar de ainda estarmos no lado errado do Natal. Faz-me sentir que os dias bons estão a chegar, que o inverno vai ser rápido e fácil e que o verão já está pacientemente à espera da sua vez de brilhar. Caminho lentamente, apreciando a paleta rica das folhas que caem. Sinto-me mesmo melhor.

A livraria cheira a café expresso fresco. Servem *lattes* de leite de aveia e *snacks* veganos, e as prateleiras estão cheias de livros *indie* e *fanzines* – muita coisa *underground*, pequenas tiragens de editoras independentes, bem como os títulos mais esotéricos das *Big Five*. Há pequenos cestos de tecido cheios de crachás e emblemas políticos junto à caixa.

Deambulo, observando os cartazes, replaneando mentalmente a loja: arrumaria as prateleiras de *fanzines* e mudaria de lugar os folhetos para que os clientes não se confundissem entre o que podem levar de graça e o que têm de pagar. Renovaria as mesas, encomendaria um pouco mais de *stock* para que parecessem mais cheias, tornaria tudo mais apelativo. A ficção está dividida em demasiados subgéneros, alguns dos quais têm apenas um ou dois títulos. É uma parvoíce. Eu alfabetizaria toda a secção e, assim, perderia a agitação de todas aquelas prateleiras desnecessárias. Toda a loja ficaria um pouco mais arrumada e seria mais fácil para os clientes encontrarem títulos específicos. Isso também resolveria o problema de onde colocar os livros que se enquadram em várias categorias – *O Corpo Dela e Outras Partes*, de Carmen Maria Machado, poderia ficar confortavelmente no M, em vez de ficar

dividido entre Contos, Ficção *Queer* e Terror. Mas, por outro lado, seria uma loja diferente se estivesse organizada por ordem alfabética. Talvez toda a sinalética e as subsecções complicadas façam parte do seu encanto.

The Red Parts, de Maggie Nelson, um livro de memórias profundamente pessoal sobre o assassinio da tia da autora e o subsequente julgamento trinta e cinco anos depois, está na prateleira ao lado de exemplares de *Bluets* e *Argonautas*. Isso agrada-me. Gosto do facto de estar junto dos outros trabalhos dela; de ser, antes de mais, dela. A sua história, a sua escrita, a sua tia, o seu trauma. Não tenho um exemplar de *Bluets*, por isso levo-o para a caixa num ato de solidariedade imprudente para com a livraria, mesmo que isso signifique pagar o dobro do que custaria se o comprasse no trabalho.

– Não pude deixar de reparar numa coisa – digo eu à pessoa que está atrás da caixa. *Têm* as bochechas redondas, cabelo curto e descolorido e um crachá de esmalte «they/them» preso no bolso da camisa. – Não têm uma secção de *True Crime*, mas vendem-nos.

– Pois – responde o livreiro, digitalizando o exemplar de *Bluets* e colocando-o num saco de papel com o logótipo da loja. – Sim, alguns. Não muitos. Como secção, não se enquadra muito bem na nossa ética.

– Como assim? – pergunto, tocando com o meu cartão no leitor, que faz um pequeno sinal sonoro.

Eles coçam a cabeça e semicerram os olhos, à procura das palavras certas.

– Acho que é só porque... é sobretudo sobre violência contra as mulheres? Tende a ser escrito por homens? E é, hum, um trabalho bastante antissexo, na maior parte das vezes. E, tipo, nós somos um coletivo antiprisional, por isso não temos em *stock* trabalhos que sejam explicitamente pró-polícia ou abertamente pró-punição capital.

Eles tocam num *pin* «ACAB» na lapela, e eu reparo nas unhas roídas com verniz azul lascado.

– Temos uma secção inteira sobre a abolição da polícia, na verdade. Mas, hum, podemos encomendar qualquer coisa para si. Tipo, não há problema, nós também não acreditamos em ser guardiões da literatura. Tipo, está tudo aí se quiser, só tem de pedir.

– Está tudo bem – digo eu, aceitando o saco de papel da sua mão estendida. – Não quero, concordo plenamente.

A minha náusea dissipou-se, e eu levo o meu novo livro para um dos cafés ao fundo da rua e peço um *rose latte* e um *muffin* de chocolate branco e arando. Num lugar à janela, bebo a espuma rosa borbulhante, mordisco o meu *muffin* e leio o livro, e embora ainda me sinta frágil, já não sinto pena de mim própria.

Lá fora, uma criança desenha formas de oito numa bonita bicicleta amarela. Uma mulher passeia um cãozinho gordo com cara de saco de papel amarrotado. Inspirada pelo que me rodeia, procuro na minha mala o diário lilás, mas não está lá. Devo tê-lo deixado em casa. O meu coração afunda-se

quando me lembro de que, sem o meu conjunto principal de chaves, não consigo abrir o cadeado em forma de coração.

Decidida a não perder a linha de pensamento, peço uma caneta ao homem atrás do balcão e começo a fazer pequenas anotações no verso do meu exemplar de *Bluets*, anotando tudo o que vejo pela janela. A caneta na página é reconfortante. Quando saio do café, o céu está coberto de rosas e roxos e estou pronta para ir para casa.

Roach

Sobressaltada, abri os olhos para a escuridão e para o azul espesso de uma noite de inverno. Uma cama estranha. Procurei Sam, apenas para encontrar lençóis frios que cheiravam a uma marca desconhecida de detergente. Os meus dedos exploradores encontraram a lombada fria e dura do meu caderno, perdida debaixo das almofadas. Não. A cama da Laura, eu estava na cama da Laura, e tinha adormecido, e agora era tarde, e estava escuro, e eu estava à beira de ser apanhada porque o barulho que tinha perturbado o meu sono tranquilo era o som de uma chave a rodar numa fechadura.

Congelada, ouvi, cada vez mais horrorizada, a porta da frente fechar-se. O chão tremeu em resposta. Imaginei Laura no corredor, a pendurar o casaco e o *tote bag*, a descalçar os sapatos, a entrar descalça no quarto para mudar a roupa de trabalho, o seu choque ao encontrar-me, uma intrusa, enrolada na sua cama para uma sesta. Chamaria a polícia ou dar-me-ia a oportunidade de me explicar – e, se chamasse, o que é que eu poderia dizer para explicar isto?

Passos, passos pesados – não eram os passos delicados de Laura nas suas saídas de *ballet* tamanho trinta e oito, mas os passos sonoros de um vizinho desconhecido a subir as escadas para o andar de cima. Escutei atentamente para me certificar de que não estava enganada, mas a fresta por baixo da porta do quarto permaneceu escura, o corredor para além dela silencioso, e os passos passaram por cima da minha cabeça. O alívio inundou-me com uma sensação quase eufórica, e depois apercebi-me de que não era a Laura: ainda tinha as chaves dela.

Furtivamente, saí da cama dela e fechei a janela do quarto. Enquanto recolhia as minhas coisas, apercebi-me com um sobressalto de excitação de que o caderno que tinha encontrado debaixo da almofada era o diário lilás, aquele com o cadeado em forma de coração.

Aproximei-me da porta do quarto e espreitei para o corredor. Silêncio, quietude. Que se lixe. Enfieei o diário na minha mala e saí pela porta da frente como se fosse o dono da casa. O meu coração estava a martelar e comecei a correr.

Na paragem do autocarro, uma mulher idosa, com um casaco grosso *mulberry*, observava-me a recuperar o fôlego, com o olhar a refletir um ar de julgamento.

Um dilúvio de paranoia: será que deixei tudo como encontrei? A cama estava feita antes de me deitar nela? Será que deixei alguma luz acesa, fechei a janela, deixei alguma coisa para trás? As minhas sobranceiras estavam cobertas de suor. Sentia-me mal, uma imagem intrusiva de Laura a apanhar-me na sua cama, a passar repetidamente no teatro escuro da minha imaginação.

Do outro lado da rua, avisto uma mulher com uma gabardina *camel* e uma boina azul profundo a condizer com os sapatos. Laura. Tinha-me desenhado dela – ela tinha-se desenhado de mim – por minutos.

A cama ainda estaria quente. Com as suas chaves ainda no meu saco, perguntei-me se ela já saberia que tinham desaparecido. Senti-me poderosa, vendo-a caminhar sem saber em direção a uma porta da frente trancada. Será que ela tinha um conjunto de chaves suplente, perguntei-me, ou estaria trancada na rua?

Um autocarro parou na paragem e, quando olhei para cima para ver o seu destino, senti-me humilhada pela presença familiar da Lua. Sob o seu olhar branco e atento, uma catarata no manto da noite, pude finalmente respirar. A Lua mantinha-me presa; sempre senti uma verdadeira afinidade com ela. Ela era da noite, tal como eu era da noite.

Subi para o autocarro, grata por poder fugir rapidamente.

Se tivesse deixado alguma coisa no apartamento de Laura, não havia razão para que não fosse da noite anterior. Laura estava bêbeda, talvez demasiado bêbeda para se lembrar exatamente como tinha acabado a noite. Talvez me tivesse deixado entrar para usar a casa de banho. Talvez me tivesse convidado para uma bebida. Ela não se ia lembrar. Seria a palavra dela contra a minha. Ela não se lembraria. Tudo estava bem.

Verifiquei o meu telemóvel e vi uma mensagem do Sam. Ele queria encontrar-se em Camden, no Devonshire Arms. Um bar movimentado, uma cerveja gelada. Um alibi. Enviei uma mensagem rápida a dizer que ia a caminho, depois mexi nos auscultadores. A tagarelice das *Murder Girls* encheu-me os ouvidos e, enquanto ouvia a Sarah descrever a impiedade de outro assassino, os jogos psicológicos cruéis que fazia, senti uma sensação de tranquilidade tomar conta de mim.

Voltei a minha atenção para o diário lilás. O cadeado em forma de coração e a pequena chave de fada coincidiam e abri o diário para revelar várias páginas com a escrita feminina de Laura. Ela escrevia em pequenas explosões, pequenos fragmentos de recordações, frases aleatórias. *Penso no ritmo dos meus pés... onde andei de mãos dadas com a minha mãe... apesar de toda a dor, perda e tristeza... amarrada a Walthamstow... ela conhecia estas ruas, estas árvores... desapareceu faz dez anos neste verão.*

Quando o autocarro parou nuns semáforos, senti um suave fluxo de excitação no fundo do meu estômago. *Dez anos este verão* tinha-me chamado a atenção. O verão de 2009 foi o *Verão do Gelo [Frost]*. Foi o que os jornais lhe chamaram. Foi um verão de morte – tanto para mim como para a Laura,

ao que parece. Para mim, foi um verão de *tops* de alças e batom cor-de-rosa, de ir da escola para casa com a Abbi e estudar os transeuntes, aprendendo a procurar a cara de um assassino em cada esquina.

Quantas mulheres foram assassinadas em Walthamstow em 2009? Eu sabia de pelo menos cinco – não pelo nome, mas pelo assassino. Tinha de ser o Lee, tinha de ser. Sentia-o no meu sangue, na medula dos meus ossos, como uma premonição. O palpite de um detetive.

O autocarro parou na minha paragem e, num estado quase catatónico de euforia, desembarquei. Sentia comichão por todo o lado enquanto me dirigia para a estação de metro. Excitada, como se pudesse facilmente descascar a minha pele em tiras de couro cor-de-rosa. Pensava que a mãe da Laura tinha morrido às mãos de um marido ou namorado. Uma discussão conjugal tornou-se mortal, como tantas vezes acontece. Uma mulher tem mais probabilidades de ser assassinada pelo seu parceiro do que por um estranho. Isso é um facto. Mas, se os meus instintos estavam corretos, eu estava à beira de uma descoberta incrível.

Dei um pequeno abanão a mim própria. Estava a adiantar-me, precisava de fazer a minha pesquisa. Mas a rede tinha-se estreitado consideravelmente – não havia como negar. Só tinha de investigar a história de cada uma das vítimas do Estrangulador de Stow e descobrir se alguma delas tinha uma filha chamada Laura.

Quando cheguei a Camden, senti-me serena. Laura quase me tinha encontrado no seu apartamento, mas forças obscuras tinham-nos juntado por uma razão, e estavam a manter-nos separadas também por uma razão.

O *pub* ficava no fundo da Kentish Town Road, todo em madeira escura envernizada, autocolantes colados nas portas das casas de banho, um letreiro laranja de néon da Jägermeister atrás do bar. O teto era forrado com *posters* manchados de nicotina de bandas góticas, estrelas de *rock* e filmes de vampiros, colados com cola de papel de parede há vinte anos ou mais. Pensei na Jackie, a pavonear-se debaixo desses cartazes uma década antes de eu ter nascido, a fumar charutos e a mostrar as pernas numa minissaia de cabedal. Que vergonha.

Dois rapazes, de cintura fina e rabo-de-cavalo enfraquecido, com *hoodies* dos Motörhead e dos Metallica e botas Combat, ocupavam o bar. Um tipo com um *piercing* na narina e uma tatuagem ilegível por cima da sobrancelha esquerda encostou-se às torneiras da cerveja e juntou-se à conversa deles.

O Sam tinha conseguido a minha mesa preferida, a que estava debaixo do *poster* do Ville Valo, no canto mais afastado da sala. Um *pint* de sidra e um de cerveja preta, já meio acabado, estavam em cima da mesa à sua frente e ele estava a mexer no telemóvel.

– Boas – disse ele em jeito de saudação, aceitando o meu beijo com uma

bochecha eriçada. – Vou buscar uma rodada.

Levou o copo aos lábios, e a sua garganta pálida e cheia de barba por fazer contraiu-se a cada trago, enquanto ele bebia a última metade da sua cerveja. Uma gota de sidra cor-de-rosa deslizou do canto da sua boca e deixou uma mancha escura do tamanho de uma impressão digital na sua *t-shirt* dos Slayer.

Ele atravessou o bar com um porte largo. Enquanto ele nos pedia bebidas, peguei no meu telemóvel e pesquisei na Internet sobre Lee Frost. Os pormenores do caso eram-me tão familiares, mas os nomes das suas cinco vítimas confundiam-se. À primeira vista, a maioria delas parecia ter idade suficiente para ter uma filha adolescente: Meadows, Gamble e Cordovan de certeza, e Matthams também não podia ser excluída.

Sam colocou um tabuleiro com cervejas púrpura e dois copos de *shot* cor de laranja com um xarope preto em cima da mesa e deu-me um beijo na cara. Peguei num dos copos – Jägermeister, à base de ervas, como uma tintura antiga para uma dor de garganta. O cheiro doentio subiu no ar entre nós.

– *Shots* porque estamos a festejar – disse ele com um sorriso triunfante.

– O que é que estamos a celebrar? – perguntei, baixando o telemóvel.

– Aha. – Ele sorriu largamente mostrando os dentes, e estava tão bonito nessa altura, todo corado e excitado. Meteu a mão no bolso de trás e tirou um pedaço de papel dobrado. Entregou-mo, e eu comecei a desdobrá-lo, alisando os vincos sobre a mesa pegajosa. Era uma impressão de um *website*, com todos os *banners* e anúncios reproduzidos em tinta de impressora a preto e branco pixelizada. Levou os dedos aos lábios e fingiu roer as unhas.

– O que é isto? – perguntei eu, apesar de, claro como a noite, poder ver que estava escrito na página um dos meus poemas de Laura reformulados. A minha boca estava seca, a sala estava quente e barulhenta.

– O que é que te parece? – perguntou Sam. – Encontrei um *site* de poesia e enviei-lhes um dos teus poemas, eles gostaram e publicaram-no.

Vertiginosamente, a sala ficou desfocada. Um solavanco no estômago, o calor do Jägermeister a subir, queimando-me o fundo da garganta enquanto lia a primeira estrofe.

*Eram agora 5 da manhã, e já era madrugada,
um amanhecer quente e ardente,
estava lentamente a iluminar um céu triste e tranquilo.*

– Estás empolgada? – perguntou ele, pondo o braço à minha volta e encostando o nariz à minha bochecha. – Ou fiz merda? – Agora parecia inseguro, preocupado por poder ter cometido um erro.

– Estou sem palavras – disse eu, com o álcool e o pânico a correrem-me nas veias. – Absolutamente sem palavras, porra.

– Ufa – disse ele, aliviado. – Entrei em pânico por um segundo.

Não era obra da Laura, disse a mim própria. Para começar, era um *found poem*. Eu tinha acabado de o reutilizar. Era um híbrido. Era inspirado em. Era um depois. Era uma homenagem. Era uma reação, uma resposta. Era uma continuação da conversa. O trabalho da Laura levantou questões e o meu trabalho ofereceu uma nova perspectiva, um novo ângulo, uma outra forma de olhar para o assunto, de o examinar. Os poetas e os escritores estavam sempre a fazer isso, não estavam? Faziam referência uns aos outros e voltavam uns aos outros? Era assim que se criava energia, que se criava um momento, um movimento. E também não era uma grande publicação, era apenas um *website* que o meu namorado – o meu namorado! – tinha encontrado porque queria ser um bom namorado, queria mostrar-me como ser ousada, como agarrar a vida pela garganta e apertar.

Laura

Cheira-me a esturro quando chegam seis encomendas de clientes para seis livros pirosos sobre *True Crime*. Verifico a papelada com uma careta. Estes nomes parecem-me familiares; há qualquer coisa neles que me faz lembrar algo. Atkins. Fromme. Kasabian. Krenwinkel. Van Houten. Watson.

Uma dieta pobre em hidratos de carbono, uma banda de *rock* de que gostava, o ajudante de Sherlock. Não há padrão, não há ligação, mas algo me põe o estômago às voltas e, por isso, procuro no Google o nome mais invulgar – Patricia Krenwinkel – e deparo-me com uma fotografia de passaporte dos anos 60 de uma jovem simples, uma fotografia de uma mulher idosa num tribunal e uma fotografia de três raparigas de pele clara e cabelo comprido e escuro, todas com vestidos azuis claros e casacos azuis escuros a condizer, sorrindo como colegiais.

Patricia Dianne Krenwinkel é uma assassina americana e um antigo membro da «família» de Charles Manson.

Susan Atkins, Leslie Van Houten e Patricia Krenwinkel. As raparigas Manson.

Abro o armário das encomendas dos clientes e passo os olhos pelas lombadas. Sempre que encontro um título de *True Crime*, pego nele, até ter uma pilha de cerca de nove ou dez. O primeiro é um livro chamado *Twisted Tales of True Crime: Murders, Disappearances, and Serial Killers* e está reservado para uma Nannie Doss, que preferiu não deixar um número de telefone. Pesquiso o nome no Google. *Conhecida como Giggling Granny, Lonely Hearts Killer, Black Widow e Lady Blue Beard, Nannie Doss foi uma serial killer americana responsável pela morte de onze pessoas entre os anos 1920 e 1954.*

O próximo é um livro chamado *Cold Cases: SOLVED*, reservado para uma Jane Toppan. *Apelidada de Jolly Jane, Jane Toppan confessou trinta e um assassinios após a sua detenção em 1901.* E outro: Aileen Wournos. *Uma serial killer americana e trabalhadora do sexo que assassinou sete homens na Florida, em 1989 e 1990, disparando sobre eles à queima-roupa.* Lydia Sherman. Florencio Fernández. Eric Edgar Cooke. Sachiko Eto. Todos eles são nomes de um assassino.

Eli surge por trás de mim e entra na outra caixa, conversando animadamente com um cliente enquanto começa a examinar várias guias de

remessa e um par de livros de bolso de romance berrantes.

– Ler e caminhar – diz ele com uma expressão melancólica no rosto, colocando os livros num saco de plástico. – Cuidar da mente e do corpo. Vai viver para sempre!

– Era bom, era! – A cliente, uma mulher robusta de meia-idade com um colete verde acolchoado, ri-se enquanto passa o seu cartão e aceita o saco de livros da mão estendida de Eli.

Eli observa-a a sair da loja, depois vira-se para mim.

– OK, eu consigo sentir a tua energia – diz ele. – Achaste uma coisa estranha de se dizer?

– Não. Quero dizer, sim, mas não é por isso que estou aborrecida. – Coloco a pilha de *True Crime* no balcão e ele olha-a cautelosamente.

– Não gosto do rumo que isto está a tomar.

– Ela continua a encomendar a merda dos livros sem pagar por eles – sibilo eu. – Olha para estes! Cada um deles foi encomendado com um nome falso. Não consigo encontrar um único que pareça legítimo.

– Oh, por...

– Pesquisei cada um deles no Google e são todos *serial killers* condenados.

Eli desata a rir.

– Procuraste os nomes todos aqui no Google? – Ele escolhe um talão de reserva ao acaso e olha para as minhas anotações a caneta, e depois olha para mim e levanta uma sobrancelha sardónica. Acena com a cabeça para a entrada da loja. – Movimentado, não é verdade?

– Cala-te. – Tamborilo com os meus dedos no balcão, com vontade de fumar um cigarro. – Mesmo que eliminemos as reservas, eles não vão vender. Só vão ocupar espaço e vão acabar por ser devolvidos.

– Tens de admirar o engenho dela – diz ele, divertido.

– Não, não tenho.

Fico na caixa registadora, a ver as encomendas da Roach e a eliminar as reservas, uma a uma. É um trabalho monótono, mas satisfatório, e cada um deles parece catártico, como um pequeno *vai-te lixar*.

Eli e eu temos a mesma hora de almoço finalmente, por isso insisto em irmos ao café do outro lado da rua para comer sandes de salsicha, batatas fritas e canecas de chá.

Ocupamos uma mesa no canto mais afastado, debaixo de uma fotografia do letreiro em néon *art deco* do antigo hipódromo, o Estádio de Walthamstow.

– Tão *kitsch* – digo eu alegremente, pegando num frasco de *ketchup* em forma de tomate e pesando-a nas minhas mãos.

– E, no entanto, tão sério – responde ele, acomodando-se na sua cadeira. Gosto da forma como ele se contenta em ficar ali sentado a olhar à volta do

café, a estudar os outros comensais, a esperar que a conversa aconteça naturalmente. Eu mantenho-me ocupada e mexo no telemóvel.

Quando a nossa comida chega, esguicho um coração de *ketchup* no meu prato com a garrafa em forma de tomate.

– A Lydia quer muito que eu me torne totalmente vegano – diz Eli, segurando a sua sandes com as duas mãos e dando uma dentada enorme em meia-lua. – Comprou todas as coisas sem lactose, como queijo, creme de coco e iogurte de aveia.

– Que vil – digo eu. Quebro o meu coração de *ketchup* com uma batata frita.

– Eu sei. Vou ter de ter um *affair* com sandes de salsicha.

Dá outra grande dentada, e um pouco de *ketchup* escorre-lhe pelo queixo. Parece extremamente contente.

– Ela vai sentir o cheiro da carne de salsicha no teu hálito – digo eu. – Como batom no teu colarinho.

– O cheiro da gordura do *bacon* no meu cabelo, como o perfume de outra mulher.

Rimo-nos e eu tento pensar noutra para continuar a piada, mas não consigo porque nada mais se encaixa no tema das salsichas. Mensagens de texto sensuais? As cuecas sujas de outra mulher? Abano a cabeça. Mastigamos num silêncio confortável durante algum tempo. As salsichas são baratas e salgadas, daquelas que se derretem na boca.

– Olha, conheces aquela livraria independente em Leytonstone: All You Read Is Love? – Ele acena com a cabeça, com a boca cheia, e eu continuo. – No outro dia, estive a falar com um livreiro sobre *True Crime* e achei isto muito interessante: eles simplesmente não têm uma secção.

Ele engole e bebe um gole do seu chá.

– Não é assim tão surpreendente – diz ele. – É uma livraria tão pequena.

– Sim, mas é como uma posição política.

– Isso não é uma espécie de censura?

– Dificilmente – digo eu. – É censura se não tivermos Bukowski em *stock*? Ou Hemingway, ou Nabokov?

– Não, seria um suicídio comercial não ter em *stock* Bukowski, Hemingway ou Nabokov – diz ele, engolindo a última dentada da sua sandes. Pega no dispensador de guardanapos e numa mão-cheia de papel para limpar a boca e as mãos, e depois começa a comer as batatas fritas.

– Ainda assim, não é um ato de *censura*. – Uso o meu último pedaço de côdea para limpar um resto de *ketchup* do meu prato. – Somos obrigados a ter em *stock* todos os livros que já foram publicados porque, se não o fizermos, é *censura*?

Ele saca do tabaco e começa a enrolar-nos cigarros. Sinto um arrepio de irritação quando ele não morde o isco, não quer ser arrastado para outra conversa sobre *True Crime*. Em vez disso, dá-me um cigarro e coloca o outro atrás da orelha.

– O *True Crime* envolve o trauma de outras pessoas e usa-o para obter lucro. Isso não é lixado? – Tento de novo, encolhendo-me no meu casaco e pegando no meu saco, com o cigarro enrolado apertado entre os lábios.

– Não acredito que todos os fãs de *True Crime* sejam como a Roach – diz Eli, abrindo a porta do café e deixando-me sair para o vento fresco de novembro. – Há muitas razões diferentes para alguém estar a comprar e a ler *True Crime*. Razões profissionais, razões pessoais. Está a imaginar um tipo de leitor que *achas* desagradável, mas esse leitor não é necessariamente representativo de todo o público leitor.

O mercado está calmo, com muito poucas pessoas a fazer compras. Algures ao longe, o acordeonista toca uma valsa brilhante e repetitiva. Um homem de casaco manchado senta-se num banco com uma garrafa de vidro vazia nas mãos, a cabeça baixa como se estivesse a rezar.

– Não entendes – digo eu, acendendo o cigarro e exalando uma nuvem de fumo acre.

– Bem, o que é que vais fazer? – diz ele com um encolher de ombros. – Enquanto as pessoas continuarem a escrever, outros continuarão a comprar.

Chupo o meu cigarro e faço uma careta. Imagino um futuro em que escrevo um livro sobre a perda da minha mãe, em que todo o meu luto e dor em espiral são destilados numa narrativa e embalados por uma editora. Quem é que o iria ler e onde é que seria guardado? Imaginar a minha dor à venda ao lado de livros para colorir de *serial killers*, curiosidades sobre homicídios e o tipo de porcaria foleira e exploradora que Roach parece ler é impensável.

– Desculpa – diz ele, vendo a minha expressão. – Estou a ser um idiota? Não estava realmente a pensar. Eu percebo. Ou tipo, eu percebo que não percebo. Ainda somos amigos? Estás zangada comigo?

– Não estou zangada contigo – digo eu, verificando as horas no meu telemóvel. Tenho uma mensagem do meu amigo Stuart, o tipo que dirige as leituras de poesia no Nib. Abro a mensagem.

Olá, Laura. Conheces o Ambient Ambulance? Achei que devias ver isto. Talvez já saibas? Parece familiar, não? De qualquer forma, espero que estejas bem.

Seguia-se uma hiperligação para um *site*. Eli está agora absorto no seu telemóvel, fumando o seu cigarro e deslizando o polegar pelo ecrã num movimento bem praticado. Volto a prestar atenção à mensagem de Stuart e clico no seu *link*.

Ambient Ambulance parece ser uma publicação de poesia *online*, embora não seja um de que eu já tenha ouvido falar. O poema parece-me familiar, no entanto. *Eram agora 5 da manhã, e o amanhecer, um amanhecer quente e ardente, estava lentamente a iluminar um céu triste e tranquilo.*

Ele enviou-me um *link* para um dos meus poemas, lançado por uma publicação aleatória, sem a minha autorização. Respiro fundo e analiso o poema corretamente, mas não é bem o meu. O meu poema gentil e triste foi cosido com violência crua, com sangue e carnificina. Alguém pegou no meu

trabalho e mexeu nele. Uma sensação de formigueiro, uma raiva em brasa. Com a minha raiva, estou prestes a tocar na página inicial para encontrar os dados de contacto do editor, e depois vejo o cabeçalho, vejo a merda dos créditos, a negrito preto e branco:

Por Brodie Roach.

Roach

Laura e Eli estavam num almoço a dois no café do outro lado da rua. Chegaram dez minutos atrasados à loja, o que me atrasou para a minha pausa. Cada minuto era pura tortura psicológica. Estava desesperada por sair da loja, para me afastar da monotonia da conversa dos meus colegas, dos clientes e das suas perguntas estúpidas.

Quando Laura entrou finalmente na loja, parecia perturbada, como se tivesse levado uma bofetada. Eli seguia atrás dela com um ar completamente desconcertado. Perguntei-me se teriam tido uma briga, um pequeno arrufo de namorados. O que quer que fosse. Virei-me para a Sharona e acenei na direção deles.

– Posso ir? Eles voltaram.

– Podes esperar para seres rendida? – respondeu Sharona, o que significa que posso ter de esperar pelo menos mais cinco minutos agonizantes para que eles subam as escadas, deixem as suas coisas e regressem ao piso de vendas. – Não quero que nos acostumemos a maus hábitos antes do Natal.

Laura dirigiu-se para a caixa e fitou-me com um olhar furioso, com os seus olhos duros e vítreos, brilhando de ódio. Estava quase a tremer de ódio.

– Muito bem, Roach – disse ela, e saiu como um rosnado, como se estivesse possuída.

– Olé – disse eu, inquieta.

Eli aproximou-se dela e pousou uma mão no seu ombro. A proximidade dos seus corpos era íntima, e perguntei-me se ele conseguiria sentir o calor de sua raiva à medida que se elevava da sua pele, se ela estaria quente ao toque, se estava a arder com isso.

– O que é que aconteceu? – perguntou ele, olhando entre nós, com um ar de pura perplexidade.

Engoli, e voltei a engolir. As chaves da porta, presas no seu porta-chaves de quartzo rosa, e o diário lilás estavam ambos na minha mala. Provas incriminatórias. Fora estúpido da minha parte trazê-los para o trabalho, mas não me tinha lembrado de os tirar da mala.

– Vá lá – incitou ela com rispidez. – Conta-lhes. Afinal, é a tua boa notícia.

– Não sei do que estás a falar – disse eu, e estava a falar a sério. Todos os pensamentos sobre a hora que passei a rondar a sua casa e a minha sesta

parasitária na sua cama se desvaneceram. Boas notícias? A minha mente estava a correr para recuperar o atraso.

– Oh, então faço-o eu? Devo dizer a toda a gente o que fizeste?

Virou-se para Sharona e Eli, e a sua raiva era tão franca, tão nua e tão descontrolada que era quase excitante de testemunhar.

– A Roach roubou-me a merda do poema – disse Laura, e um pequeno míssil de saliva saiu-lhe da boca e aterrou na secretária entre nós.

Sharona franziu o sobrolho e abriu a boca para responder, mas Laura não estava para ser interrompida. Este era o seu momento.

– Acrescentou-lhe um monte de violência sem sentido, e depois submeteu-o a uma publicação de merda com o seu nome feio e eles *publicaram-no*.

– Mas que raio? – disse Eli, olhando de mim para ela, chocado e confuso.

– É verdade? – perguntou Sharona, com uma expressão de franco horror no rosto. Senti uma onda de medo e excitação no fundo do meu estômago. Toda a gente estava furiosa, e era por minha causa. Como um alarme a tocar, as palavras *negar, negar, negar* estavam a repetir-se na minha cabeça.

– Não! – exclamei. – Eu nunca...

Laura puxou do telemóvel e entregou-o a Sharona, cujos olhos se estreitaram e depois se arregalaram de surpresa ao processar as palavras no ecrã.

– Tu leste isto no Nib – disse Sharona, olhando para o telefone e depois para Laura, que tentava agora não chorar. O seu nariz arrebitado deixava um rasto de ranho transparente, que ela limpava na manga do seu casaco de malha vermelho-cereja.

– Fazes ideia de como isto é lixado? – disse Eli, tirando o telemóvel a Sharona para ver com os seus próprios olhos. Vi de relance os créditos. *Brodie Roach*. Foi como se uma nuvem se tivesse deslocado e um raio de sol tivesse iluminado a minha saída. Soltei uma gargalhada.

– Esse nem sequer é o meu nome, seus merdas.

Eu soube imediatamente que era demais, que tinha levado as coisas longe demais. Laura ofegou, e Eli inclinou-se e olhou por cima do ombro para a loja vazia à procura de clientes. Mas sabia bem – até era bom, na verdade – dizer algo tão grosseiro, fazê-los recuar em choque.

– Lá para cima – Sharona sibilou para mim. – Agora mesmo.

– Preciso de me ir embora – disse Laura, como se algo dentro dela tivesse rebentado. Levantou as duas mãos, mostrando as palmas de rendição. – Não posso... Na verdade, não consigo trabalhar com ela neste momento. Nem sequer consigo olhar para ela.

– Não... ouve... vai fumar um cigarro – aconselhou Eli.

Abri a boca para argumentar, mas a Sharona ergueu um dedo na minha direção. As suas bochechas estavam coradas, e havia um fogo por detrás dos seus olhos.

– Não – disse-me ela, e depois virou-se para a Laura: – Vai lá para cima recuperar o fôlego. Nós vamos sair por um segundo.

– Posso ao menos ir buscar o meu casaco? – perguntei.

– Não – disse Sharona. – Não, não podes.

Noor e Eli ficaram na loja enquanto Laura correu lá para cima, presumivelmente para fumar e chorar no terraço. Sharona levou-me a comprar uma rodada de cafés. As montras da loja de cafés já estavam a fumar, enquanto os clientes de Natal se juntavam para um café da tarde. Bebidas grandes e tolas, cobertas com espuma de canela, granulado natalício e mini bonecos de gengibre. *Frappés* em copos de plástico, montes de natas batidas regadas com xarope. Muito *normie*, muito *PSG*. Muito Laura, porra. A menina Laura Bunting que nem sequer sabia o meu nome, que pensava que o meu nome era Brodie.

Sharona pediu um Americano preto e por isso eu também pedi um Americano preto, e depois ela pediu chocolates quentes de avelã para Laura e Noor, e um *latte* de leite de aveia para Eli. Esperámos na outra ponta do balcão em silêncio, ouvindo a azáfama da cafetaria, os baristas a espumar o leite, a bater o gelo numa misturadora industrial, a fazer picos de natas, a chamar os pedidos e os nomes dos clientes. Estava sempre a olhar de relance para ela, tentando perceber o seu estado de espírito.

– Ouve – disse ela, por fim. – Não me interessa muito saber os meandros da coisa.

– Mas... – comecei eu.

– A sério? Fica calada. – Ela controlou-se e suavizou o tom de voz. – É que... é demasiado, Roach. Fazes ideia de como isto é sério?

Antes que eu pudesse responder, uma barista chamou o seu nome, e ela interrompeu para ir buscar as nossas bebidas ao balcão. Quatro foram colocadas num tabuleiro de cartão, e ela entregou-me a outra. A mais estranha. O copo de papel estava quase demasiado quente para o segurar, mas não quis pedir-lhe uma capa de cartão para proteger a minha mão. Ela estava concentrada a mexer o xarope de agave na sua bebida e parecia estar a preparar-se para dizer alguma coisa. O melhor era calar-me, deixar que aquilo me invadisse. Era uma conclusão óbvia: ela ia ficar do lado da Laura de qualquer maneira, por isso, de que valia lutar contra ela? Perguntei-me se ia ficar vermelha e percebi que não me importava com isso.

– A Laura é uma alma sensível – começou ela, caminhando em direção à porta do café e empurrando-a para a abrir. Saímos para o frio e, sem o meu casaco, preparei-me para a queda da temperatura e segui-a, de cabeça baixa, numa pantomima de humildade. Sharona fez uma pausa, com os olhos pensativos, enquanto observava uma banda de metais que se instalava debaixo da árvore de Natal. Estavam a beber chávenas de café fumegante, a ajustar os suportes de música, a afinar os seus instrumentos, todos eles elegantes e

formais nos seus sobretudos pretos a condizer com botões dourados brilhantes. Esforçados. Benfeitores.

– Só vou perguntar isto uma vez – disse Sharona por fim, voltando a concentrar-se em mim. – Foste tu que o fizeste?

– Não! Nem sequer é o meu nome – queixei-me. – Chamo-me Brogan. Ela nem se lembra do meu nome. Ela só viu o Roach e pensou o pior porque me odeia.

– Ela não te odeia – disse Sharona automaticamente, e eu pude ver um tom de impaciência a transparecer na sua expressão, de resto diplomática.

– Ela está sempre a ignorar-me, agindo como se fosse melhor do que eu.

– Olha, eu não sei o que se está a passar. Se isto é tudo um mal-entendido, então lamento, lamento mesmo. Mas tens de ver isto da perspetiva da Laura. Tens de admitir que é bastante incriminatório, certo? Nunca conheci outra Roach antes.

– Mas não fui eu – amuei. Não podia deixar que isto acontecesse, não podia deixar que este deslizasse abrisse uma brecha entre mim e a Laura.

Sharona mordeu o lábio inferior e suspirou.

– Olha: faltam quatro semanas para o Natal. Vamos fazer o nosso melhor para as ultrapassar sem mais tretas.

– Mas não compreendo – disse eu, com uma voz patética que me traía, engrossada pela ameaça das lágrimas.

– O que é que queres dizer?

– Porque é que ela tem um tratamento especial? – Saiu-me como um balido.

Sharona abanou a cabeça, confusa.

– O que queres dizer com tratamento especial?

– Porque é que toda a gente está automaticamente do lado dela? Nem sequer é o meu nome, e toda a gente está automaticamente do lado dela.

– Não se trata de tomar partido, Roach! – disse ela. – Se dizes que isto não tem nada a ver contigo, então confio em ti. Quero confiar em ti. Mas a Laura já passou por muita coisa e é sensível.

Lembrei-me da forma como Laura tinha esmagado aquele caracol, aquele animalzinho inocente, e perguntei-me se Sharona alguma vez tinha visto esse lado dela, se alguma vez tinha testemunhado a sua inclinação para o homicídio em primeira mão.

– O trabalho dela é pessoal – continuou Sharona. – Muito mais pessoal do que tu ou eu alguma vez poderíamos compreender.

– Por causa da mãe dela?

Um olhar sombrio passou pelo rosto de Sharona.

– Isso não é da nossa conta. E toda esta situação, quer estejas envolvida ou não, não deixa de ser uma violação enorme, e tens de compreender isso. – Ela fez uma pausa e depois acalmou-se. – Acho que a melhor coisa a fazer é colocar alguma distância entre as duas.

E foi aí que ela me trocou para o turno da noite. Disse que não tinha

nada a ver com a minha situação com a Laura, que me ia pedir na mesma porque eu vivia muito perto da loja.

– Vivemos todos perto da loja – interrompi, mas a Sharona ignorou o comentário.

– Só por umas semanas – disse ela, voltando para o calor da livraria. – E depois veremos como estão as coisas.

Não tinha qualquer intenção de sacrificar um único segundo da minha hora de almoço ao drama de Laura, por isso subi as escadas para a sala dos funcionários e desapareci atrás de *The Stranger Beside Me*. Eu era uma leitora lenta nos melhores momentos, mas o tipo de letra desta edição era pequeno e a impressão densa, e as palavras estavam a esbater-se na página, recusando-se a fazer sentido. A minha salada era amarga e desagradável, o café preto era forte e cruel na minha língua.

Passados alguns minutos, a porta das traseiras abriu-se e Laura apareceu, trazendo consigo ar frio e uma energia tensa e zangada. Olhou para o meu *tupperware* de salada com uma pequena careta, depois guardou o tabaco no bolso do casaco.

– Podes ver o meu telemóvel – disse eu, determinada a recuperar algum terreno. – Verifica a minha caixa de entrada. Verifica o histórico do meu *browser*. Nunca tinha *ouvido* falar desse *site* estúpido até hoje.

Ela fez uma pausa, e eu pensei por um segundo que ia discutir comigo, mas em vez disso ela apenas abanou a cabeça, com o seu cabelo loiro a brilhar à luz.

– Vai-te lixar – disse ela, batendo com a porta da sala dos colaboradores atrás de si enquanto saía da sala. Ouvi-a a caminhar no corredor, com o edifício a vibrar com o peso da sua raiva. *Deixa-a enfurecer-se durante algum tempo*, pensei. *Deixa-a arder*.

Laura

O gabinete da gerência ainda não se parece com o gabinete de Sharona, mas é claro que não vamos ficar nesta loja por muito mais tempo. Está cheia de relíquias da antiga gerente, reunidas por Sharona e empacotadas numa caixa de cartão – várias latas de laca e desodorizante, uma escova de cabelo cor-de-rosa, uma pilha de romances maltratados de fantasia negra, um casaco de malha, uma garrafa de água de metal –, mas tem um cheiro lindo a Sharona, um cheiro a terra, a ervas, perfumado com sândalo e infundido com calor. Inspiro-o, tentando acalmar-me.

– Só quero voltar para a sucursal da Bloomsbury – digo eu, enrolando os dedos no meu chocolate quente. – Não consigo trabalhar mais com ela, Sharona. Ela está a dar comigo em doida. Esta é a última gota. Estou farta.

– Olha – diz a Sharona, com os cotovelos apoiados na secretária entre nós, enquanto segura a chávena de café entre as mãos. – Estou do teu lado, mas sinceramente não consigo perceber porque é que ela escolheria um pseudónimo tão próximo do seu nome verdadeiro. Não achas que é um pouco estranho?

– É ela. Confia em mim, é ela. Já viste como ela é, a forma como tem andado por todo o lado com o meu panfleto.

Lembro-me das semanas que ela passou a folhear *their inconsequential moments were beautiful*, a forma como ela parecia tê-lo sempre consigo. A debruçar-se sobre ele na sala do pessoal, a fazer-me perguntas enfadonhas. Eu tinha interpretado mal a situação, tinha-a considerado como uma busca de atenção. Mas não, ela era uma ladra, uma sanguessuga, uma parasita. Um abutre. Espreitava os ossos do meu trabalho, roubava o que lhe apetecia, e depois regurgitava-o com a sua própria interpretação doentia.

– Ela é uma rapariga estranha – diz Sharona, acenando com a cabeça. – Acho que é um pouco solitária. Desesperada para encontrar alguém a quem se agarrar, por mais inapropriado que seja.

Olho para o teto, tento respirar através do crescente sentimento de raiva que me arde na barriga. Não percebo porque é que a Sharona não está a levar isto mais a sério. Quero sacudi-la, gritar, fazer uma cena. Quero que a Roach seja despedida e, em vez disso, estamos a bebericar as nossas bebidas e a falar dela como se fosse apenas uma menina tonta que não sabe o que é correto.

– Inapropriado? Isso é um eufemismo – digo com amargura. – Ela está a

roubar o meu trabalho, a acrescentar-lhe toda esta horrível violência misógina e a pô-lo *online*, e o pior é que nem sequer o admite.

Sharona bebe o último gole de café e depois coloca a chávena vazia no caixote do lixo.

– Bem, olha – diz ela, abrindo a gaveta da secretária. Ela remexe até encontrar um bálsamo labial de cânhamo num tubo de metal, que passa nos lábios. – Falei com a Roach e ela sabe que não está tudo bem. E, obviamente, não vos vou manter aqui sob a mira de uma arma. Se queres mesmo mudar de loja, posso falar com o Jim e ver o que podemos fazer. Mas estás a fazer um trabalho fantástico. – Ela abre um sorriso caloroso e encorajador, e coloca as duas mãos na secretária entre nós, como se estivesse a tocar-me. – Gostaria muito de te ver ultrapassar esta situação com a Roach. No Ano Novo tudo estará resolvido e isto será apenas mais uma anedota que contaremos uns aos outros no bar.

No ecrã do CCTV, vejo que a Roach está de novo na loja. Está de pé atrás da caixa, perfeitamente imóvel, com o cabelo roxo-escuro pendurado sobre a cara. Há algo de inquietante na imagem, como se ela não estivesse realmente ali.

– Certo – digo eu. Sinto-me exausta, derrotada por toda esta situação. A Roach vai safar-se, simplesmente porque se manteve firme e renunciou a sua responsabilidade. Tiro a tampa de plástico da minha chávena de chocolate quente vazia e volto a colocá-la no sítio.

– E, ei, vocês vão ter uma folga uma da outra enquanto ela estiver no turno da noite e, depois, vamos estar extremamente ocupados com o Natal. O que é que te parece? Suportável?

– Está bem – digo eu, com os olhos tristes. Abro a tampa e volto a colocá-la no sítio. Abro e fecho, abro e fecho.

– Maravilha – diz ela, consultando o relógio. – Estás no turno da abertura, certo?

– Certo.

– Bem, olha. Já são quatro horas. Vai dormir cedo, descansa e vem amanhã completamente restabelecida. Está bem?

– Sim? A sério? – Olho para cima e vejo o calor do seu sorriso sardento. – Obrigada, Sharona.

– Não há problema – diz ela, e eu forço a minha cara a devolver-lhe o sorriso. Não quero voltar a trabalhar com a Roach, nem mesmo depois de os turnos noturnos dela acabarem, mas não estou em posição de negociar. A Sharona está a fazer-me um favor – ela sabe que trazer-me para Brighton no novo ano será um bom passo na minha carreira. Preciso de mostrar as minhas capacidades, mostrar aos superiores do que sou feita, que tipo de livreira realmente sou.

Já está escuro lá fora. Um carro buzina alegremente ao passar, com um

baixo estrondoso a soar nos altifalantes potentes. Dou um salto e uma gargalhada sai pela janela. O condutor continua a tocar a buzina muito depois de ter passado por mim, ao longe, e eu tenho esta sensação familiar e inquietante de fragmentação, como se existisse apenas no contexto de outras pessoas, como se já não pertencesse a mim própria, como se fosse propriedade pública para ser consumida por outras pessoas. Sentia-me muito assim quando era adolescente, quando a história da minha mãe era tudo o que alguém queria de mim. Uma história triste, uma tragédia. Um aviso. Uma lição.

Acelero o passo, em alerta máximo, mas com a cabeça baixa. As pessoas estavam sempre a tentar descobrir o que ela tinha feito de errado. *Bem, ela não devia andar a correr sozinha, ou não devia ter ido correr àquela hora, ou não devia ter usado auscultadores, ou não devia ter tomado um atalho, ou não devia ter parado de correr.* Diferentes versões da minha mãe dançam diante dos meus olhos. Há a versão dela que correu ao longo da estrada principal e não cortou pelo Vinegar Alley. Há a versão dela que se corresse sem música e ouvisse os passos do seu agressor a aproximar-se por trás dela, teria tido instinto suficiente para reagir, para correr para longe do perigo, para correr sem parar. Há milhares de coisas que ela podia ter feito de forma diferente, mas nunca acreditei por um segundo que alguma delas tivesse feito a mínima diferença.

Se alguém te quer morto, estás feito e não há nada que possas fazer para te protegeres. É apenas sorte. Má sorte, porra.

O vento agita os ramos das árvores nuas, e um homem caminha na minha direção, de capuz levantado, rosto escondido. Apesar da minha aparente bravura, da minha treta sobre a sorte, atravesso a rua, olho por cima do ombro, e seguro as minhas chaves entre os dedos.

Quando costumava sentir-me assim, paranoica e vulnerável, como se nada do que fizéssemos tivesse importância, eu imobilizava-me com a picada de uma agulha de tatuagem ou com a dor aguda de um *piercing*. Agora, prefiro esquecer-me com o ardor do uísque ou o calor do vinho no fundo da garganta. Quando chego a casa, meto-me na cama completamente vestida e choro até ficar enjoada, com o calor corrosivo do ácido no fundo da garganta.

Sei que devia pelo menos agradecer ao Stuart por me ter alertado para o plágio, mas a ideia de desbloquear o telemóvel e escrever uma mensagem inteira parece impossível. Quando finalmente recupero o fôlego, sei que só o conforto de uma caneta a rolar contra o papel me vai acalmar a alma. Procuro o meu diário lilás, mas parece ter-se eclipsado. Não o consigo encontrar em lado nenhum.

Roach

Uma Laura a choramingar saiu mais cedo do trabalho, por isso não tive oportunidade de corrigir as coisas. Eu sabia que, se lhe pudesse mostrar o meu histórico de pesquisa, o conteúdo da minha caixa de entrada e da minha caixa de saída, poderia provar que nunca tinha enviado o meu trabalho para aquela estúpida publicação de poesia e as coisas poderiam ser facilmente resolvidas.

Os táxis desciam a rua e havia um frio no ar. Era demasiado tarde para cortar caminho pelo parque e, enquanto seguia a curva da estrada principal em direção ao apartamento de Laura, lembrei-me do estranho caminho que ela tinha feito para casa depois da sessão de poesia, na noite em que a segui e a Eli até ao seu apartamento. Enquanto caminhava ao longo da estrada principal, passei por cabeleireiros que trabalhavam até tarde da noite, por pais que empurravam carrinhos de bebé com crianças a dormir, e por turcos que se juntavam à porta dos cafés para fumar e beber café preto forte. Era movimentado e vulgar.

Os possíveis cenários passavam-me pela cabeça vezes sem conta. Mostrar-lhe-ia a minha caixa de saída, provaria que não tinha enviado o poema, que não era Brodie Roach. Ela convidar-me-ia a entrar, falaríamos. Ela chorava, a conversa passava para a mãe dela, e então eu perguntava: «Foi o Lee Frost, não foi?», e ela acenava com a cabeça. E então eu dizia todas as coisas certas e ela estendia a mão e tocava na minha.

– Percebes mesmo, não percebes? – dizia ela. Ou talvez ficasse indignada, e juntávamo-nos para pensar na injustiça de tudo isto. Eu, inocente. Ela, a vítima de um crime terrível. A situação tinha salvação, eu sentia-o. Tínhamos uma ligação obscura, e eu não estava preparada para desistir dela tão facilmente.

A porta abriu-se e Laura espreitou com um ar cansado do mundo que se transformou em ódio assim que me viu. Já nem sequer se dava ao trabalho de me fazer a sua cara de atendimento ao cliente. Ela devia estar grata: com as chaves dela na minha mala, eu podia ter entrado diretamente se quisesse, mas respeitei os seus limites.

– A Sharona disse-te para me deixares em paz – disse ela. O seu hálito cheirava a álcool, e parecia um pouco desconcentrada por trás do olhar.

– Só estou aqui para falar – assegurei.

– Em vez de quê? – interrogou, sarcasticamente com cara de putinha. –

Cocktails?

Uma rajada de vento fez-nos arrepiar a ambas. Ela tremeu, mas eu não. Algures ao longe, um homem gritou, e os olhos de Laura passaram por cima do meu ombro, examinando a rua escura.

– Se não admites que roubaste a minha poesia, não tenho nada para te dizer. Sabes como a poesia é pessoal? Compreendes ao menos o poema que roubaste? Percebes sequer?

Fiquei ali parada. Na minha cabeça, ela estava sempre mais aberta à conversa, sempre mais interessada em ouvir o que eu tinha para dizer quando o imaginava. Na minha cabeça, tinha imaginado mil cenários diferentes, mas agora que estávamos frente a frente, a minha coragem estava a falhar-me e não conseguia encontrar as palavras para fazer as coisas bem.

– Sabes ao menos o que é perder alguém? A merda da queimadura que causa? – Ela estava demasiado perto de mim agora, o seu hálito quente de *brandy* atingia a minha cara.

– Na escola, um rapaz de bicicleta foi abalroado... – comecei, dando um passo atrás.

– Então, não – disse ela, com um esgar feio. – A resposta é não, não sabes.

– Laura...

– É como sangue – disse ela, com os olhos a brilhar como vidro polido. – E tens de o carregar dentro de ti, a toda a hora. E, de repente, é como se tudo fosse feito de vidro partido. Ouves uma canção num bar ou cheiras o perfume de um estranho e isso corta-te mais fundo do que qualquer coisa que alguma vez te tenha cortado. E quando sangramos, toda a gente sabe dessa merda, toda a gente vê, e toda a gente sabe porquê.

E chora copiosamente, baba e ranho, com a cara deformada e frágil.

– Havia uma névoa estranha e ele foi atropelado por uma carrinha do Royal Mail que não o viu.

– Jesus Cristo – disse ela, levantando os punhos e pressionando-os contra as têmporas.

– Nunca consegui tirá-lo da cabeça – afirmei, persistindo, determinada a estabelecer uma ligação com ela. – Ele estava vivo e depois estava morto. Toda a gente falou disso durante anos. Ele era uma lenda.

– Ainda não é a tua história para contar – gritou, levantando as mãos no ar. – Essa *ainda* não é a tua história!

– A tua poesia – expliquei – faz sentido para mim de uma forma que nunca nada mais fez.

Pensei no meu percurso como fã de *True Crime*, de Columbine aos West Memphis Three. Sempre rodeei o assassino, sempre me imaginei na sua pele, imaginei o mundo através da sua lente. A poesia de Laura apresentou-me um novo ângulo, uma nova forma de pensar sobre o homicídio. A vítima. Foi como se, pela primeira vez, eu compreendesse a finalidade da morte. Compreendi que o poder de um assassino não reside nas suas ações, mas

naquilo que escolhe destruir.

– Estou-me nas tintas para o que a minha poesia te faz sentir. Estou-me a cagar, Roach. Estou-me a cagar. Lamento que aquele rapaz tenha morrido, mas isso não explica nada. E eu não quero saber. És uma barata de merda, uma ladra, uma mentirosa. Roubaste as minhas palavras, canibalizaste-as e usaste-as como se fossem tuas.

– Não... fui... eu!

Bateu-me com a porta na cara e a sua grinalda barata de merda caiu do gancho e saltou para a soleira da porta. Dei-lhe um pontapé, pisei-a e voltei a pisá-la, até ficar uma confusão de folhagem partida.

Caminhei ao frio, chutei latas de Coca-Cola vazias, dispersei um bando de pombos a debicar batatas fritas caídas à porta de um *takeaway*. Passou um autocarro, com as janelas embaciadas, asfixiante. Passei pelo Tesco, por todos os cabeleireiros e cafés, por todos os *pubs* acolhedores que lançavam uma luz amarela de mijo no passeio, até à mercearia barata da esquina.

Comprei uma embalagem de quatro *Dark Fruits* e um pepino para o *Bleep*, e o saco de plástico cortou-me os dedos enquanto caminhava de volta para o Mother Black Cap.

– Então, não vais sair com o teu namorado esta noite? – gritou Jackie do bar. Estava sentada com uma bebida, a ver a sua chefe de bar, Connie, a limpar as torneiras. Apenas uma ou duas mesas estavam ocupadas por clientes. Patético.

– Desaparece! – gritei eu de volta, subindo sonoramente até ao apartamento.

– Oi! – Ela perseguiu-me até ao fundo das escadas. – Não falas comigo assim à frente dos clientes!

– Não há clientes, porra! – gritei por cima do ombro.

No andar de cima, bati a porta do meu quarto com toda a força que pude, porque ela detestava que eu fizesse isso e eu estava a sentir-me amarga e rancorosa. Abri a porta e bati-a novamente. O quarto estava escuro e sombrio, para além do brilho do viveiro de *Bleep*. O seu calor suave era a única luz de que eu precisava para me acalmar. Abri uma lata quente de *Dark Fruits* e abri o YouTube. Vi um vídeo chamado «Reacting to Your True Crime Unpopular Opinions», um vídeo chamado «Chatty Get Ready with Me: Smoky Eye, Red Lips and JonBenét Ramsey», um vídeo chamado «STOP ROMANTICISING SERIAL KILLERS», um vídeo chamado «Everything WRONG with Making a Murderer» e, depois, «SOLVED: My Thoughts on the Stow Strangler».

A calma tomou conta de mim em ondas suaves enquanto eu esquecia Laura e a livraria e a poesia e o plágio e me concentrava nos crimes. Lei e ordem, crime e caos.

Quando esvaziei a última lata, sentia-me bêbada e lúcida. Tinha recebido uma mensagem do Sam – a Laura deve ter-se chibado, porque o editor tinha retirado o meu poema do *site*, enviou ao Sam um pequeno *e-mail* de mau gosto, todo inflamado e cheio de grandes sentimentos sobre a santidade da

poesia. O Sam achou tudo aquilo hilariante.

Não percebi porque é que não me disseste nada, dizia a mensagem dele.
Devias encontrar o teu próprio tema para escrever.

Abri a janela do meu quarto e acendi um cigarro. Na rua de baixo, um gato preto esgueirava-se por entre as partes inferiores escuras dos carros estacionados. O som de uns saltos nas pedras da calçada precede uma mulher que caminha rapidamente de cabeça baixa. Observei-a até ela desaparecer de vista, com o som dos seus passos a desvanecer-se na noite.

Essa ainda não é a tua história para contar.

Refleti sobre as palavras de Laura. Ela era egoísta, uma hipócrita. Estava furiosa comigo por eu ter usado versos da sua poesia, mas não era exatamente essa a natureza do seu trabalho? *Found Poetry* de uma fonte não creditada era apenas um roubo pretensioso.

Palavras do Sam. *Devias encontrar o teu próprio tema para escrever.*

Enquanto fumava, um projeto meu foi-se desenvolvendo. Acabou-se a poesia, acabou-se o plágio. Mas eu tinha uma história para contar, uma história que nos uniria irreversivelmente, de uma forma que ela nunca poderia rejeitar, reclamar ou controlar, os nossos nomes para sempre ligados com tinta preta.

Algures nas vigas, um pombo arrulhava.

Dezembro de 2019

Roach

Na noite anterior ao meu primeiro turno noturno, decidi ficar acordada até tarde, a ver *Making a Murderer* na Netflix, para redefinir o meu padrão de sono para o meu novo horário noturno. Parti do princípio de que transferir a minha energia do dia para a noite seria fácil para mim, uma vez que sempre tinha sido uma com a noite. Não tanto noturna, mas crepuscular: mais ativa ao anoitecer e ao amanhecer.

Pus o primeiro episódio às sete e comecei a beber uma lata de *Dark Fruits*. Às quatro da manhã, estava zozna, e o tema folclórico assombroso e a montagem suave do Wisconsin desolado e coberto de neve acalmaram-me para um sono suave. Sonhei que estava no corredor da morte por um assassinio que não me lembrava de ter cometido. Não foi um sonho ansioso; a situação deixou-me simplesmente curiosa sobre o que tinha feito e triste por não me conseguir lembrar.

Quando acordei, já passava da hora de almoço e o dia estava nublado. Carreguei na barra de espaços para reavivar o meu portátil inativo e voltei a ver o último episódio da primeira série, enquanto comia um pequeno-almoço de piza fria; depois abri uma lata de Monster e mudei para a segunda série. O quarto foi escurecendo à minha volta, à medida que a tarde se transformava em noite. Mantive os olhos no ecrã enquanto enfiava as calças de ganga do dia anterior e cheirava os sovacos, que tinham um cheiro herbáceo e sulfúrico.

Um pouco de óleo de rosas em sítios estratégicos era suficiente para disfarçar o cheiro a suor. Estava num pequeno frasco de vidro castanho, como uma tintura de boticário, e gostei da sensação do frasco na minha mão. Não consegui encontrar meias limpas, por isso calcei um par sujo do monte de roupa no chão e calcei as botas. Enrolei um cachecol extralongo à volta do pescoço até cobrir a maior parte da cara e pus uma boina preta sobre o meu cabelo por lavar.

A noite já estava densa e escura, e pesada: nenhuma estrela ou mesmo uma tímida réstia de lua interrompia o pesado manto de céu. Enquanto eu caminhava pela Village, protegida contra o frio amargo da noite, começou a cair granizo. A minha respiração acumulou-se nas camadas de malha dobradas do cachecol, e os meus olhos começaram a lacrimejar contra o frio. Uma humidade rasteira infiltrava-se no meu capuz, no meu chapéu. Nas minhas botas, os meus pés estavam húmidos.

As luzes da porta da livraria estavam acesas, mas eu não conseguia ver ninguém do outro lado do vidro. Já há muito que tinha dado as chaves da Barbara à Sharona, por isso estava presa cá fora ao frio, a tocar à campainha dos empregados.

Do outro lado da rua, um vendedor de árvores de Natal empilhava o seu *stock* na parte de trás de uma carrinha branca. Imaginei-o a chamar-me, a pedir-me ajuda. Como eu pareceria vulnerável do ponto de vista de um pássaro, a trotar pela rua escura, como seria fácil subir para a parte de trás da carrinha para ajudar a reposicionar uma árvore caída, e como a porta iria bater bruscamente, como seria rápido, como o cheiro a seiva de pinheiro subiria com a bílis na minha garganta, a picada metálica do medo.

A porta da loja abriu-se, e eu saltei, e o vendedor de árvores de Natal era apenas um homem outra vez, e não um Ted Bundy E17. Eli cumprimentou-me com uma expressão grave e conduziu-me para dentro da loja.

– Era suposto teres chegado às nove – disse ele, asperamente, fechando a porta atrás de mim. Já tinha um ar um pouco duro – cansado à volta dos olhos, com o seu habitual charme cintilante manchado pelo mau humor. Claro que agora eu era o diabo, não era? Não podia ter a sua preciosa Laura perturbada pela má da Roach.

– Pensei que íamos fazer das dez às seis e meia – respondi.

– Bem, sim, mas a Sharona queria fazer uma passagem de testemunho; ela ia ficar até mais tarde e nós íamos chegar cedo na primeira noite.

– Oh, olá, *Brodie* – disse Kofi, com um gesto brusco, levando um carrinho de biografias de celebridades de capa dura para a frente da loja. – Como é que isso vai?

– O meu nome não é Brodie – respondi.

Eli lançou-lhe um olhar de aviso – talvez com receio de um confronto que iria azedar ainda mais o ambiente – e pegou numa chávena de café da caixa registadora. Tinha o hábito de rodar o seu café, como se estivesse a tentar misturá-lo, fazendo o líquido escorrer de um lado para o outro. Pela rapidez e leveza dos seus movimentos, percebi que o seu café estava quase no fim.

– Podes começar no Infantil? – pediu-me Eli, passando os olhos por uma lista presa à sua prancheta. – Só um pouco de reposição enquanto acabamos de desempacotar o *stock* para os carrinhos.

– Tudo bem – disse eu.

A livraria estava iluminada contra o pano de fundo da noite que pressionava as janelas. Alguém deve ter substituído todas as lâmpadas fundidas, porque andar pela loja era como entrar num palco bem iluminado.

Na secção infantil, coloquei uma lata de Monster, um pacote de batatas fritas, um bloco de notas, uma esferográfica, o meu telemóvel e os auscultadores na prateleira dedicada a Lemony Snicket. Descalcei as botas, tirei as meias que cheiravam a água pútrida e caminhei descalça sobre a alcatifa gasta.

Laura tinha trabalhado no turno do dia, com as garras bem cravadas na secção de Martin, por isso é claro que os expositores estavam todos perfeitos, nem uma página fora do lugar. As prateleiras estavam limpas de pó e as mesas, embora repletas, formavam pirâmides perfeitas, sem espaços vazios. Sem mais nada para fazer enquanto esperava que Eli me trouxesse o meu *stock* – porque eu garantidamente não ia sair do meu caminho para me ocupar –, sentei-me no chão, de costas para as estantes, e continuei a minha pesquisa.

Três das cinco vítimas do Estrangulador de Stow eram mães, mas não havia muita informação disponível na Internet sobre os seus filhos. Elsie Meadows tinha quatro filhos, de acordo com um artigo, e cinco, de acordo com outro. Safa Gamble tinha dois. Karina Cordovan era mãe de um filho. O seu rasto documental era maior do que o de qualquer das outras vítimas, mas isso devia-se ao facto de ela ter sido a dobradiça que abriu o caso. Era uma florista, bonita e parecia bem arranjada. O meu sentido de aranha estava a formigar e pensei na tatuagem da rosa no bíceps da Laura, no ramo de lavanda na parte interior do pulso e em algo que ela tinha escrito no seu caderno lilás sobre flores.

Eli dobrou a esquina com um carrinho cheio de pilhas de livros para crianças e uma grossa cunha de autocolantes de preços. Olhou para mim, sentada no chão, descalça, a mexer no telemóvel, mas não disse nada.

Procurei um *podcast*, acabando por me decidir por um sobre o Estrangulador de Stow. Ainda não tinha a certeza se o meu palpite estava correto, mas parecia-me uma via sensata a explorar e potencialmente fácil de excluir. Sempre que os anfitriões deixavam cair uma informação sobre uma das vítimas, eu fazia uma pausa para a anotar, montando lentamente um esqueleto a partir dos ossos desordenados do caso.

Não arrumei as coisas com o cuidado que a Laura gostaria de ter. Coloquei autocolantes ao acaso, deitei pilhas em cima de mesas de todas as maneiras. Bebi a minha lata de Monster, ouvi os meus *podcasts* sobre homicídios e comi as batatas fritas *cocktail* de camarão enquanto arrumava as prateleiras, deixando impressões digitais gordurosas nas capas brilhantes. Não havia clientes para me atrapalharem, para me incomodarem, para me fazerem perguntas. De certo modo, tudo perfeito.

Richard Ramirez disse que a melhor altura para invadir a casa de um alvo era entre as duas e as quatro da manhã, porque essas eram as horas mortas em que as pessoas estavam mais provavelmente a dormir profundamente, aconchegadas nas suas camas. Isto deve-se ao facto de as mentes diurnas da maioria das pessoas terem uma afinidade natural com a luz do dia e preferirem desligar-se quando a noite está mais fechada e impenetrável.

Eli e Kofi eram *normies* e, por isso, ficavam à deriva durante as horas mortas, murchavam sem a luz do sol. Foram feitos para a luz do dia, para o

sol e o ar fresco. Apesar das frequentes piadas sobre a sua resistência para as noites, ambos pareciam esmorecer a partir das duas da manhã, talvez por não terem os estimulantes ilegais que estavam habituados a engolir e a snifar para os levar até ao amanhecer. Os seus olhos ficavam desconcentrados, os seus movimentos menos coordenados. Às duas e meia da manhã, Eli veio ter comigo e disse-me que iam fazer a sua primeira pausa, para beberem café, fumarem cigarros e comerem qualquer coisa para recuperarem as energias.

No entanto, eu não estava cansada. Eu era da noite e sentia-me energizada, como se o poder da Lua invisível, mas sempre presente, tivesse carregado as minhas baterias. Três horas da manhã era a hora do Diabo – a hora em que o véu entre o nosso mundo e o outro se abria, e todo o tipo de coisas insidiosas podia atravessá-lo. A magia negra ardia ao máximo, os fantasmas tornavam-se mais sólidos e as bruxas mais poderosas. No século xvi, a Igreja Católica proibiu as pessoas de fazerem o que quer que fosse entre as três e as quatro da manhã, numa tentativa de travar o crescente dilúvio de bruxaria. Fazia sentido que eu me sentisse mais viva quando o relógio batia as três.

Energizada, fui dar uma volta pela loja. O Barry tinha-me dito uma vez que a loja tinha sido construída no local aproximado de uma antiga estalagem, um sítio onde os viajantes cansados descansavam a caminho de Londres. Vários *pubs* reivindicavam o mesmo passado ilustre e um deles até pendurou uma ilustração emoldurada da velha estalagem no corredor à porta das casas de banho para dar credibilidade à sua história, mas Barry tinha estudado mapas históricos e tinha a certeza de que a sua afirmação era incorreta.

Sempre pensei que a hora do Diabo seria uma boa oportunidade para ver se conseguia sintonizar o mesmo canal psíquico de qualquer fantasma que permanecesse na loja. Fiquei no armazém e tentei transformar o cheiro do pó, do papel e da humidade no calor do feno, do estrume de cavalo e dos barris de carvalho de rum e cerveja, mas o cheiro do pó, do papel e da humidade prevaleceu.

Às quatro da manhã, comemos juntos na sala dos colaboradores. Não havia mais nenhum sítio para onde eu pudesse ir, nenhuma cafetaria ou café aberto onde me pudesse esconder, por isso estava presa a eles. Eli comeu húmus com palitos de cenoura, com um olhar vidrado no rosto, e uma sandes grossa de pão tigre embrulhada em papel de alumínio. Fazia pausas frequentes e solitárias para fumar no terraço, com um exemplar de bolso estragado de *The Electric Kool-Aid Acid Test*. Não via qualquer vantagem em juntar-me a ele e desperdiçar os meus cigarros de conversa, que agora tinha sempre comigo, por isso deixei-o à vontade. O Kofi comeu um *Pot Noodle* de carne de vaca e tomate, estendeu-se no sofá e ficou a olhar para o telemóvel. Não conseguia imaginar o que se passava no telemóvel dele a meio da noite, e não tinha qualquer vontade de o descobrir. Fiquei sozinha, comi *taramasalata* e

bolachas, e li *The Stranger Beside Me*. Ainda me faltavam mais de cem páginas.

Eli veio do terraço, trazendo consigo o frio e o cheiro de Londres à noite.

– Ei, o que é isto sobre uma festa? – quis saber Kofi, apontando para o quadro de avisos da equipa. Eli tirou o casaco, uma camisa de flanela forrada com uma pele de carneiro barata e de aspeto sintético, e olhou para a folha de papel para onde Kofi estava a apontar.

– Ah, a festa de Natal. Há uma todos os anos no centro de Londres. Todas as lojas vão, é uma coisa em grande.

– Não costumamos ir – disse eu. – Costumamos ir jantar ao Route 66.

Todos os anos, em dezembro, tínhamos de suportar uma refeição dos colaboradores na mesma cadeia de restaurantes com temática americana, na estrada principal. Era a minha ideia do inferno em vermelho, branco e azul. Os empregados usavam bonés de basebol e Converse, e lançavam sorrisos esquisitos sem graça, enquanto as crianças corriam entre as mesas e gritavam numa histeria coletiva induzida pelo açúcar. Serviam uma mistura desarticulada de pratos internacionais e era impossível fazer um pedido que refletisse apenas um continente: rolinhos primavera de vegetais, *jambalaya* de marisco e tiramisu, lula, *fajitas* de frango e *cheesecake* de Nova Iorque. Tínhamos de assinalar o nosso pedido para ser enviado para o restaurante com antecedência, mas não interessava o que se pedia, pois todos os pratos sabiam a pensos higiénicos cozinhados no micro-ondas e cobertos de *mozzarella* regurgitada.

– É bom? – perguntou-me Eli, com uma careta de dúvida.

– Não.

Ele riu-se e pendurou o casaco.

– Bem, isso nunca iria acontecer este ano. A ideia da Sharona de uma boa refeição é um *thali vegan* no templo Hare Krishna, no Soho. Nunca a iriam levar a um restaurante que vendesse *cheeseburgers* e batidos sem luta.

A ideia da festa da Strand não despertava alegria. Era infame: todas as livrarias do centro de Londres eram convidadas, juntamente com uma lista de convidados de literatos empertigados – escritores, agentes literários e editores que a empresa gostava de manter confidenciais. Aparentemente, Helena Bonham Carter apareceu um ano, com a sua mãe idosa agarrada ao braço, ambas vestidas com camadas e camadas de xailes rendados que lhes davam um ar de vendedoras de morangos vitorianas.

– Espero que tenhas algo elegante para vestir – disse Eli, mais para o Kofi do que para mim, que levantou os braços numa pose elegante, como se tivesse chegado ao fim de uma *passerelle*.

Pensei no que é que a Laura iria vestir. Um vestido – de veludo, de cetim, de renda? Algo discreto e glamoroso, algo que a fizesse parecer elegante e bonita, sem grande esforço.

Às seis e meia da manhã, o armazém estava vazio, sem as torres de caixas que, na noite anterior, se encontravam no chão de betão marcado.

Provavelmente, a entrega desse dia já estava a caminho de nós, uma nova cidade de caixas de plástico a serem processadas e desempacotadas.

Quando o Sol nasceu, as sombras encolheram e a minha energia afundou-se com elas, mas o meu dia ainda não tinha terminado.

Laura

Está uma manhã gelada, de deixar o nariz rosado, com um céu em tons pastel. Um brilho de alperce aquece os topos das chaminés. Quando chego à loja, não tenho um nó no estômago, não me sinto tensa ou nervosa. Sem a Roach, posso respirar, e sem o Eli, posso concentrar-me.

O ritmo na livraria aumenta sempre que o Natal se aproxima e, embora a loja esteja mais movimentada do que o habitual, sinto-me leve e com energia. Apesar de termos menos três livreiros, e de Eli, Kofi e Roach trabalharem à noite, a equipa é uma máquina bem oleada e não sofremos com a falta de pessoal. Passamos por entre as mesas e endireitamos pilhas coloridas de livros de capa dura, arrumamos pilhas de livros de bolso, montamos pirâmides de livros e tapamos buracos onde os livros foram vendidos. Encontramos títulos, respondemos a perguntas e vendemos livros extra para aumentar um pouco mais o preço médio de transação. É como uma dança, a coreografia está tão bem enraizada no meu cérebro que consigo executá-la sem sequer pensar nisso.

Barry faz o fecho de caixa, com uma *playlist jazzy* a passar na rádio digital, enquanto trabalha rapidamente com os montes de dinheiro, os montes de recibos e as longas cadeias de números. Nos dias de folga de Barry, Martin garante-nos que fica feliz por intervir, sem se deixar perturbar pelo antigo sistema informático, feliz por fazer os longos cálculos à mão, com um lápis afiado e uma folha de papel em branco, em vez de usar a calculadora do telemóvel, como toda a gente.

– Graças a Deus que as coisas estão finalmente a melhorar – murmura-me Noor, batendo com a gaveta da caixa registadora em mais uma venda. – Pensei que ia morrer de tédio.

Pessoalmente, gosto das livrarias quando estão sossegadas. Gosto das pilhas arrumadas e da alcatifa limpa, da lista de reprodução de Joni Mitchell, Fleetwood Mac, Belle and Sebastian. Gosto de ver a chuva a bater nas janelas. Mas é inegável que mais movimento é melhor. Movimento significa dinheiro na caixa registadora. Significa que os nossos empregos estão seguros, que a entrada e saída de livros na loja está a funcionar como deve ser.

– Estás a ser desperdiçada aqui – digo-lhe eu. – Devias ser transferida. A Sharona vai recomendar-te.

– Achas? – Ela pareceu surpreendida, talvez até um pouco nervosa.

– Definitivamente. Ela adora-te.

– A Sharona gosta de toda a gente – diz Noor, levantando a mão para chamar o cliente seguinte, mas di-lo com um sorriso porque não é rigorosamente verdade. A Sharona valoriza a bondade e o trabalho árduo. Ambas sabemos que ela não dá o mesmo valor a todos os livreiros.

Roach

Graxa de sapato, couro, o ruído da maquinaria. Um homem com um avental cor de vinho estava muito contente por transformar duas chaves em quatro, sem fazer perguntas. Assobiava ao som de Aerosmith enquanto trabalhava, e reparei numa tatuagem de um ás de espadas com penas por baixo do lóbulo da orelha direita.

Quando terminou, entregou-me simplesmente o novo conjunto de chaves com um sorriso despreocupado. Era espantoso pensar na confiança que havia na sociedade, pensei eu. Eu podia ser qualquer pessoa, e estas chaves podiam pertencer a qualquer fechadura.

O centro comercial estava cheio e claustrofóbico, todas as lojas a tocarem repetidamente as mesmas cinco canções de Natal e com o aquecimento central no máximo. Os clientes, agasalhados com os seus casacos de inverno e sobrecarregados com árvores de Natal de plástico e sacos de compras volumosos, limpavam o suor das sobrelhas e ficavam irritados. A minha pele estava a arrepiar-se e eu dirigi-me para a saída, passando por entre as famílias e os grupos de crianças selvagens com uma determinação grosseira.

Lá fora, estava um dia inclemente, o ar fresco ardia como uma bofetada na cara. O cansaço fazia comichão, o fraco sol de inverno esgotava-me as forças. Abri uma lata de Monster e a cafeína doce levou-me até à casa da Laura.

Quando cheguei ao parque, passava um pouco das oito. Laura estava no primeiro turno, o que significava que, segundo as minhas contas, só sairia para o trabalho daqui a meia hora. Encontrei um banco e sentei-me à luz da manhã para terminar a minha bebida. Estava frio e o parque estava morto, mas liguei um *podcast* sobre o Vampiro de Sacramento e ouvi as vozes tranquilizadoras dos apresentadores enquanto explicavam a teoria da tríade Macdonald, que associa a crueldade animal, o fogo posto e o chichi na cama a uma propensão para a psicopatia violenta.

Nunca fui muito de fazer chichi na cama, para além dos habituais acidentes de infância. Gostava demasiado de animais para estar interessado em infligir-lhes dor, e a ideia de magoar *Bleep* fazia-me sentir fisicamente doente. Fora um pouco piromaníaca quando era miúda. Estava sempre a encontrar isqueiros e caixas de fósforos perdidos no bar. Gostava mais da luz

das velas, não porque fosse mágica ou romântica, mas porque havia algo de quase satânico no ato de alimentar uma chama de fogo. Adorava apanhar pedaços de cera a pingar e alimentar a chama trêmula em forma de lágrima. Perdia-me no ato, passava jantares de família inteiros a entreter-me a escavar e a espreitar a vela, com o pingo de cera vermelha na ponta dos dedos a dar-me uma versão espessa de sangue, como num filme de terror.

Por fim, Laura aparece no caminho, a cerca de duzentos metros de distância. Usava o seu casaco *camel* e fumava um cigarro enquanto caminhava. Bastava-lhe virar a cabeça um pouco para a esquerda e ter-me-ia visto ali sentada a observá-la, mas ela estava demasiado absorvida, concentrada no seu destino, e não prestava atenção ao que a rodeava. Entendi a sua falta de consciência como um sinal de que a nossa ligação estava a enfraquecer, pois estávamos a passar menos tempo fisicamente no mesmo espaço, a respirar o mesmo ar. Por um momento, ela pareceu tão frágil, tão sozinha enquanto caminhava, que quase me senti mal. Quase, mas não totalmente. Quase, mas não exatamente.

Quando ela desapareceu de vista, esperei mais uns minutos para o caso de se ter esquecido de alguma coisa e voltar para trás. Quando tive a certeza de que ela se tinha ido embora, dirigi-me ao seu apartamento. O banco frio tinha-me entorpecido as pernas e, nos primeiros passos, cambaleei com uma rigidez *rigor mortis*, até que o sangue voltou aos meus membros e soltou os meus músculos.

Sustive a respiração enquanto metia a nova chave na porta e expirei quando o mecanismo funcionou e a chave rodou suavemente na fechadura. Portanto, ela não se tinha dado ao trabalho de mudar as fechaduras, e obviamente não estava muito preocupada com as chaves que faltavam. Afinal, ela devia ter um conjunto de reserva. Fiquei parada por um segundo no tapete de entrada, inalando o cheiro de café fresco e torradas e a acidez acentuada de um perfume recém-pulverizado.

A sala de estar já não estava tão arrumada como da última vez que lá tinha estado. O chão estava coberto de sapatos e camisolas espalhadas, e havia um copo vazio com uma mancha seca de batido de bagas na mesa junto ao sofá. Peguei numa garrafa aberta de Pinot Noir que estava na lareira, cheirei-a e tomei um gole hesitante. O vinho sabia a moedas de um cêntimo pescadas do fundo de um poço. Uma partícula minúscula ficou presa entre os meus dentes e eu apanhei-a da língua com um dedo exploratório: uma mosca de fruta, que limpei na coxa direita das minhas *leggings*.

Ela tinha comido uma manga alguns dias antes e deixou a casca, agora enrolada e seca no caroço roído, num prato no meio do chão da sala de estar. Estava ao lado de uma almofada de veludo verde e de um livro de bolso, que eu espreitei com o dedo do pé: *Julie & Julia*. Claro. Acolhedor, mas decadente. Conseguia vê-la reclinada, apoiada na almofada, com os dedos de uma mão a folhear as páginas, a outra pegajosa com sumo de manga, a chupar a polpa, a doçura a escorrer-lhe pelo queixo, enquanto sonhava com Paris,

com pratos ricos em manteiga, com duas mulheres ligadas sem saber, uma ligação que se estendia através do tempo.

Da última vez, vasculhei as suas estantes à procura de *True Crime*, procurei um álbum de recortes ou um diário, mas ela não parecia ter nada disso por perto. Desta vez, planeava sondar alguns dos cantos mais escuros da casa. Nos armários, debaixo dos móveis. Os lugares escondidos onde alguém como Laura poderia guardar os seus segredos.

O cheiro a mofo no quarto tinha-se agravado, tornando-se mais pesado e pungente. Não aguentei e tive de abrir a janela do quarto para deixar circular um pouco de ar fresco.

Por baixo do varão, havia uma prateleira com três caixas de tecido. Uma continha uma cacofonia de sapatos, todos misturados. Outra continha pijamas, e a última continha a sua roupa interior. Pequenas cuecas de renda e *collants* transparentes, como peles de cobra. Debaixo da cama, por trás de uma mala vazia e de uma ventoinha branca oscilante, encontrei uma caixa de madeira cheia de cadernos de apontamentos gastos e manchados de tinta. *Jackpot*. Com as mãos a tremer, abri um Moleskine de bolso e encontrei recortes de poesia meio acabada e listas – listas de canções, listas de palavras, listas de livros. Escolhi outro ao acaso e descobri que era um velho diário dos seus tempos de estudante. Falava longamente de um colega com quem parecia não se dar bem, de um filme de que não tinha gostado, de um encontro que falhou. Outra entrada lamentava o fracasso de uma aula em que tinha tido dificuldades, um professor que sentia que a desprezava. Deleitei-me com todas as suas profundezas ocultas de negatividade e fiquei ali sentada durante algum tempo, curvada sobre o caixote, a ler. Ela não parecia escrever sobre a mãe – não havia qualquer menção em nenhum dos cadernos em que mergulhei, mas eram demasiados para os rever todos de uma só vez. Decidi seguir em frente, planeando voltar a prestar-lhes atenção mais tarde.

Voltei a meter a mão debaixo da cama e os meus dedos tocaram numa pequena caixa de madeira. Desta vez, o conteúdo inclinava-se para o sentimental: um rabisco de criança, um batom seco, uma aliança de ouro, um pedaço irregular de ametista num cordão preto. A maior parte era lixo, fragmentos de uma vida medíocre, embora eu gostasse bastante do colar. Tinha algo quase de bruxa. No fundo da caixa, estava um envelope por fechar, com a aba enfiada dentro dele. Com um impulso de excitação, abri-o, meio à espera de encontrar recortes de jornais lá dentro, mas encontrei apenas uma seleção de fotografias desbotadas, com aspeto de anos 90. Eram todas de uma mulher glamorosa, com cabelo loiro. Parecia familiar quando olhava pela janela de um comboio, quando estava em frente de uma igreja com a espuma branca de um vestido de noiva, quando estava sentada numa praia, com os braços bronzeados à volta da barriga de uma criança risonha. E depois ali estava ela, a posar com um copo de champanhe em frente a uma loja de flores. Reconheci aquela fotografia, reconheci aquela mulher. Reconheci o edifício – ficava na rua principal, a zona da Hoe Street que Laura parecia evitar. Com

um arrepio de antecipação, peguei no telemóvel e procurei Karina Cordovan.

Cabelo loiro, olhos cor de avelã, um sorriso brilhante.

Não é Bunting, mas Cordovan.

Eu conhecia esse nome, claro. Não era de festas no jardim, nem de Wimbledon, nem de casamentos reais. Era sangue, trauma e escuridão.

As pontas dos meus dedos estavam dormentes com a adrenalina. Voltei a colocar tudo na caixa – exceto a última fotografia – e enfiei-a debaixo da cama. Um cansaço ósseo embatia na minha concentração, corroendo a minha produtividade. Precisava de dormir antes do meu próximo turno noturno, por isso voltei a colocar os cadernos espalhados na caixa de madeira e depusitei tudo debaixo da cama, devolvendo a mala vazia e a ventoinha oscilante ao seu devido lugar para que não houvesse provas da minha bisbilhotice. Fechei a janela do quarto e observei a cena. Não restava qualquer vestígio de mim.

Antes de sair pela porta da frente, enfiei o molho de chaves original da Laura entre as almofadas do sofá. Ali estava. A prova de que eu podia ser extremamente gentil, quando me convinha, e agora podia entrar e sair quando quisesse, sem me preocupar com o facto de ela se lembrar de mudar as fechaduras.

Laura

No final do meu turno, quando começo a ficar cansada e o meu sorriso brilhante se torna frágil, a Sharona mantém-me motivada, pintando uma imagem da nossa próxima loja, a trabalharmos juntas em Brighton no novo ano.

– Pensa só: *fish and chips* ao almoço – diz ela, pousando a cabeça no meu ombro. – Ar do mar nos pulmões. *Pints* na praia, depois do trabalho.

– Vamos passear pelo cais – digo eu, imaginando o cheiro do algodão-doce, a salmoura do mar a fustigar-me cabelo. – E ver o sol no horizonte.

– Uh, és uma poetisa! – Ela ri-se, empurrando-me em jeito de brincadeira.

Quando chego a casa, sirvo-me de um copo de Pinot Noir e deito-me na minha cama desfeita com o meu portátil. O ar na sala parece frio, como se tivesse deixado a porta das traseiras aberta, mas tudo está como deve estar. Visto uma camisola e vejo um *time-lapse* de uma rapariga em Yorkshire, a ler *Uma Pequena Vida*. Com a imagem acelerada, o peito dela sobe e desce em *staccato*, como as respirações nervosas e breves de um ataque de pânico. Os seus olhos piscam periodicamente para a câmara e de novo para a página, como se não conseguisse ignorar a sensação de estar a ser observada. Sinto-me ansiosa, como se a estivesse a espiar e não consigo relaxar. Uma imagem intrusiva de pegadas no solo surge na minha mente, e tenho de me levantar e verificar se coloquei a corrente na porta da frente.

Gostava de me livrar desta sensação de vulnerabilidade. Sempre existiu, mas parece que está a piorar. Um fio de medo foi cosido na minha alma no dia em que a minha mãe morreu e tenho tido medo desde então: os homens assustam-me, os polícias assustam-me, os estranhos assustam-me e a escuridão assusta-me. Viver sozinha assusta-me, mas viver com outras pessoas assusta-me ainda mais. Pelo menos, ao viver sozinha, tenho o controlo total. Ninguém entra sem a minha autorização. O vídeo da rapariga, com as bochechas coradas de lágrimas enquanto lê os últimos capítulos de *Uma Pequena Vida*, chega ao fim. A noite parece alongar-se à minha frente, um longo e solitário caminho para lado nenhum. Sinto que talvez devesse escrever alguma coisa, mas o diário lilás ainda não apareceu e, sem ele, a minha motivação para continuar de onde parei diminui. A minha solidão é ao mesmo tempo um cobertor de conforto e um peso. Envio uma mensagem ao

Eli. *Saudades tuas, 'migo.*

Escolho outro vídeo para ver, e desta vez a mesma rapariga embarca numa maratona de leitura de vinte e quatro horas. As suas atualizações de hora a hora tornam-se cada vez menos animadas, até que ela adormece à vigésima hora e o ecrã mostra um trecho da parede da sua sala de estar, salpicada por uma luz em constante mudança, mesmo por cima do sofá onde ela está deitada. Isto é calmante, e eu vejo os salpicos de luz amarela e dourada a brilhar no papel de parede até que, finalmente, ela corta a filmagem.

Quando vejo uma notificação a brilhar no meu telemóvel, espero que seja o Eli a responder à minha mensagem, mas não. É o meu pai. O meu frágil estado de espírito desvanece-se completamente e engulo o resto do meu vinho. Deve ser aquela altura do ano.

Roach

Graças à minha afinidade com a Lua, tive uma adaptação suave aos turnos noturnos. O Sam trabalhava num bar de *rock* no Soho, por isso estava mais ativo no telemóvel desde o anoitecer até ao amanhecer, chegando muitas vezes a casa por volta das quatro da manhã e dormindo até à tarde. O *Bleep* também era noturno e, embora me sentisse mal por perder as suas horas de maior convívio social, gostava de pensar em nós como criaturas da noite, perfeitamente sincronizadas.

Durante os turnos noturnos, Eli e Kofi preferiam trabalhar juntos, como crianças com medo do escuro. A sua música e os seus risos pairavam no silêncio da noite, como uma festa distante para a qual eu não era convidada. Eu não me importava – estava encantada por andar por ali sozinha.

Ouvia os meus *podcasts* sobre homicídios enquanto guardava as coisas nas prateleiras e viajava pelo mundo com *serial killers*: à medida que as horas passavam, John Wayne Gacy assassinava pelo menos trinta e três jovens rapazes, num rancho perto de Chicago, Illinois; Roshu Kha assassinava onze operários do sector do vestuário, no distrito de Chandpur, no Bangladesh, e Leonarda Cianciulli assassinava três mulheres, em Correggio, Itália, e transformava a gordura corporal delas em sabão, que dava aos vizinhos. Imaginei-me a lavar a minha pele com o sabão de mulheres, e como seria suave e escorregadio entre as minhas mãos.

Fiz muita coisa durante aquelas longas e solitárias horas na loja. Analisei minuciosamente a secção de *True Crime*, à procura de referências a Lee Frost. Não havia muito sobre ele na imprensa, mas era mencionado em alguns compêndios de *True Crime* e havia um capítulo inteiro sobre ele num livro sobre assassinos de East London, escrito por Cynthia de la Roche. Parecia ser o relato mais detalhado que eu tinha encontrado sobre o caso até então, e lê-lo de relance às duas horas da manhã não ia ser suficiente.

Sozinha na secção de *True Crime*, tomei a decisão executiva de o roubar. Embora tivesse todo o direito de ler sobre o Estrangulador de Stow se o espírito me movesse, os *normies* ficariam aborrecidos se soubessem que eu andava a bisbilhotar o passado de Laura, apesar de ser também o meu passado: Eu tinha estado lá, vivido sob a sombra da morte. Ela tinha apenas um papel mais importante a desempenhar no teatro da crueldade concebido e dirigido por Lee Frost.

Comecei a infiltrar-me de forma bastante descarada durante aquelas semanas de turnos noturnos. Guardava uma fotografia dos turnos da livraria no meu telemóvel e, quando me apetecia, ia a pé até à casa da Laura de manhã, depois do trabalho, passando pelos *normies* com as suas pastas e mochilas que se dirigiam para mais um dia sem graça no escritório. Esperava para a ver passar no parque, depois ia até à sua casa e entrava sem qualquer preocupação. Se algum dos seus vizinhos me visse, provavelmente pensaria que ela tinha contratado uma empregada de limpeza e que eu estava lá a tratar da casa, a passar o aspirador nas carpetes e a lavar os *collants*. Afinal de contas, que tipo de ladrão entra em casa às nove da manhã com uma chave?

O apartamento de Laura era uma colmeia produtiva para a minha investigação, o meu santuário pessoal, onde podia reunir os meus pensamentos, recalibrar a nossa ligação obscura. Passava os dias a ler os cadernos que encontrava. A sua caligrafia era cursiva redonda, convidativa e fácil de ler, e as palavras fluíam como vinho enquanto eu lia sobre os seus amores e arrependimentos passados, as minúcias dos seus dias de escola, a sua vida como estudante em Durham. Histórias de livreiros com quem dormiu, de livreiros com quem se zangou, de livreiros de quem gostou ou odiou secretamente. Páginas e páginas a analisar cada movimento de Eli – os seus olhares subreptícios, os seus comentários, as piadas partilhadas e os *flirts*. A atenção dele era uma fonte de grande interesse para ela, e ela anotava cada interação com o olhar clínico de um médico a seguir o progresso de uma erupção cutânea. Só mencionava a mãe de passagem. *Comprei tulipas hoje – pensei na Mamã. As folhas estão a mudar – a Mamã faz anos em breve.*

As outras quatro vítimas de Frost não estavam muito bem representadas na Internet. Elsie Meadows, 54 anos, tinha cabelo ruivo curto e crespo, grisalho nas raízes. Sem-abrigo, quatro filhos adultos, um problema com a bebida. Agata Matthams, 31 anos, magra e pálida, com *eyeliner* carregado e cabelo preto que usava rente ao couro cabeludo. Trabalhava numa casa de massagens. Safa Gamble, 39 anos, era, provavelmente, uma trabalhadora do sexo, embora a sua família o negasse, e um jornal afirmava que ela era toxicodependente, mas também o negavam. A única fotografia que havia dela era uma imagem granulada tirada das imagens de CCTV que mostrava a sua camisola cor-de-rosa com fecho e calças de ganga de cintura baixa, com vários centímetros de barriga à mostra. Lana Brown, 22 anos, era estudante e, provavelmente, trabalhadora do sexo, embora, mais uma vez, as informações fossem escassas e a sua família não forneceu informações sobre a sua vida em Londres. Não havia quase mais nada registado sobre elas.

Entre as sessões de investigação, pilhava o frigorífico da Laura à procura de restos – não apenas por fome, mas por uma curiosidade insaciável. Ela tinha um gosto caro e gravitava em torno de coisas chiques e orgânicas. Mordisquei azeitonas *kalamata* e queijo de cabra azedo, bebi um gole de

Prosecco da garrafa, afastei uma crosta de massa azeda com manteiga salgada salpicada com migalhas de torrada. Provei uma colher de cada *tupperware* do frigorífico: restos de *daal*, salada grega murcha, massa com *pesto*. O seu frigorífico passava por um ciclo de alimentos frescos que gradualmente se transformavam em podridão. Ela tinha o cuidado de guardar as sobras, mas raramente se lembrava de as comer e parecia não se importar que sacos inteiros de salada se transformassem em lodo. Era como se ela tivesse a melhor das intenções e enchesse o frigorífico de coisas bonitas, mas nunca estivesse em casa o tempo suficiente para as comer. Pensei nas minhas tentativas de fazer salada e apercebi-me de que não tinha estado assim tão longe da meta ao deixar que as minhas compras se transformassem em algas.

Ela não parecia ter uma boa noção do que já tinha, e não era invulgar encontrar um tabuleiro de plástico com tomates podres escondidos atrás de um recipiente com tomates frescos, por isso comecei a salvar pedaços mesmo antes de se transformarem e a guardá-los para mais tarde, para comer no trabalho: potes individuais de iogurte, um punhado de cenouras soltas e enrugadas, um saco de pãezinhos com os primeiros sinais de bolor.

O guarda-roupa da Laura era a minha caixa de fantasias. Experimentei os seus vestidos e sapatos como uma criança a brincar com as coisas da mãe. Passei por cabide após cabide de vestidos de estilo *vintage*, todos com etiquetas surpreendentemente aborrecidas. Topshop. Zara. H&M. Atmosphere. Não somos assim tão rainhas do *vintage*, pois não, Laura? Com base na forma exigente como se vestia para o trabalho, eu esperava um guarda-roupa caprichoso, cheio de coisas impressionantes, belos prémios ganhos ao remexer em pilhas de porcarias desbotadas em mercados *vintage*, vestidos de estilistas comprados por uma pechincha em lojas de caridade. Roupas para todas as ocasiões. Estava enganada. O seu guarda-roupa era surpreendentemente banal e não tinha o *glamour* que eu esperava. Fios de pérolas de plástico, boinas em cores de joias, broches Swarovski, sapatilhas de *ballet* com manchas de sangue no interior dos calcanhares. Nada me ficava bem, e apercebi-me de que era por causa do meu cabelo roxo desbotado. *É suposto as louras divertirem-se mais*, pensei. Talvez fosse altura de mudar.

Uma vez, até tomei um banho. Enchi a banheira dela com água quente fumegante e deitei meia garrafa de espuma com aroma a melancia debaixo do jato. Senti-me como se estivesse num *spa* termal, a tratar os meus músculos doridos com um banho terapêutico. Folheei uma coleção de Emily Dickinson enquanto me reclinava, porque me parecia o tipo de coisas que a Laura faria. Passei em revista poemas que eram todos «ar banido» e «musgo astuto» até a água ficar fria e as bolhas se transformarem numa espuma leitosa, e nenhum deles me dizia nada. Quando abri o ralo, vi a água da banheira a escorrer, manchada de cinzento-rosa com a minha tinta de cabelo que se desvanecia rapidamente, e decidi deixar o vestígio ténue de sabão, a mancha cor-de-rosa e o cheiro persistente de melancia sintética como uma mensagem subtil para ela encontrar.

As suas estantes eram a minha biblioteca pessoal, e eu tinha um enorme prazer em mudar títulos individuais para sítios aleatórios. Yaa Gyasi ao lado de Michelle Tea. Ferrante entre Emma Cline e Rachel Cusk. Fiquei maravilhada com o número de títulos, contei quantos estavam em média em cada prateleira e quantas prateleiras havia por estante e calculei um total aproximado a partir daí. Mais de mil. E não eram todos. Ela separou a sua poesia – havia uma prateleira apertada de lombadas finas, livros de bolso e panfletos no seu quarto, e os livros de culinária estavam empilhados ao longo do peitoril da janela na cozinha: bonitos Diana Henrys mate e pequenos Nigel Slaters compactos e uma mistura de livros de pastelaria chiques em cores de *gelato*. Ninguém precisa de acumular mais de mil livros, Laura. Era uma demonstração obscena de riqueza, e eu passei muito tempo a inspecioná-los cuidadosamente, tentando perceber quantos é que ela se tinha dado ao trabalho de ler – uma tarefa fácil, já que ela parecia ler os livros como se estivesse a marcar uma posição: capas dobradas, páginas dobradas, manchas e etiquetas *Post-it*, margens cheias de anotações.

Lia os livros dela como se fossem meus, grosseiramente, dobrando-os para se adaptarem à minha posição, à minha luz, à minha disposição. Lia páginas de poesia e prosa com um abandono imprudente, e deixava os livros meio lidos em sítios estranhos pelo apartamento quando me cansava deles, com os cantos dobrados e as lombadas rachadas, as capas manchadas pelos meus dedos suados e oleosos: Toni Morrison enfiada atrás de um radiador. Shirley Jackson debaixo do sofá. O *Apenas Miúdos* da Patti Smith enfiado debaixo do frigorífico.

O bolor no quarto continuava a piorar, espalhando-se pelos cantos do quarto como sombras, e os tapetes estavam sujos de migalhas, cabelos e algodão, e com a mancha ocasional da barriga de uma lesma. Um companheiro de peregrinação, apenas de passagem.

Laura

Um alarme assola a manhã e arranca-me de um sonho em que estou a preparar a loja para o dia – a colocar os tabuleiros da caixa nas gavetas, a reabastecer os sacos de compras, a imprimir um mapa de pausas e a afixá-lo atrás da caixa. Parece-me tão injusto sonhar com algo que normalmente me pagam à hora para fazer.

Começa a parecer que o despertador me acorda cada vez mais cedo, que as noites longas desaparecem num piscar de olhos, assim que a minha cabeça toca na almofada. Sinto-me pesada como chumbo, esgotada, como se não tivesse dormido nada. O jantar com o meu pai aproxima-se e uma sensação de medo constante ensombra tudo o que faço.

Muitas vezes, não tomo o pequeno-almoço, atraso-me a lavar a loiça, visto-me em piloto automático, bebo café em vez de me alimentar adequadamente. Não consigo controlar o que está no frigorífico, esqueço-me do que comi, penso sempre que tenho mais do que tenho. De um dia para o outro, os rastros prateados das minhas misteriosas lesmas continuam a aparecer no chão da casa de banho, na carpete do corredor, no soalho da cozinha e – sempre atrasada – limpo-os com o pé em vez de os lavar devidamente. Os vestígios de baba atuam como um semáforo, guiando mais lesmas para seguirem os seus caminhos pegajosos, refazendo a minha flora, um invertebrado de cada vez, mas estou demasiado exausta para fazer alguma coisa. Não tenho energia; não tenho tempo. Sonho em viver o tipo de vida em que posso ir à terapia, em que posso ir ao ginásio e cuidar de mim como deve ser, em que o Natal significa relaxar em vez de acelerar.

O Sol termina a sua ascensão suave enquanto nos preparamos para o dia e a livraria torna-se dourada com uma luz de leste que entra pelas janelas e inunda tudo de âmbar. As páginas dos livros brilham com ela, e as suas capas iluminam-se. Quando o primeiro cliente chega, o Sol já desapareceu por detrás dos antigos armazéns, e a luz volta à sua habitual cor de água da louça suja, e ninguém vê o seu suave desvanecimento do âmbar para o amarelo e para o cinzento, exceto eu.

O outono calmo não me preparou para a correria do Natal, e a livraria está movimentada desde o momento em que abrimos até ao momento em que fechamos. O comércio retalhista é assim – e mesmo as lojas destinadas ao fracasso ganham ritmo com o Natal no horizonte.

Ainda há tanto para fazer e parece impossível conseguir fazer alguma coisa: repor o *stock* esgotado, arrumar as mesas que estão em constante desordem. Temos de fazer malabarismos com as entregas dos distribuidores, eliminar do sistema as reservas expiradas, arquivá-las de novo, completar as devoluções de *stock*, encomendar artigos diversos, pedir trocos, levantar dinheiro e lidar com as visitas regulares da Rentokil, da Prestige Hygiene e dos Correios. O telefone toca todo o dia, todos os dias, um toque interminável, como um alarme, mas nunca ninguém o consegue atender, por isso toca e toca, e o som enche as minhas horas de vigília e infiltra-se nos meus sonhos.

E os clientes – oh, os clientes. Os clientes estão por todo o lado, como piolhos, a rastejar por toda a loja, a tocar em tudo, a derrubar coisas, a deixar cair lixo, a deixar rasto de destruição. E continuam a chegar, cada vez mais, todos os dias. Pedidos de clientes, reservas de clientes, encomendas de clientes, clientes perdidos, clientes em fila de espera, clientes que precisam de ser atendidos, clientes que precisam de ir à casa de banho, clientes que querem alguém com quem gritar porque as suas vidas estão a ficar fora de controlo, porque de repente estão cansados e parece que foi ontem que ainda dormiam e festejavam e não queriam saber de mais nada, e agora estão nos trinta, quarenta, cinquenta, sessenta, e tudo dói e ninguém se importa e a vida não correu como esperavam, por isso tudo o que lhes resta é o poder tonto de dar um murro no livreiro que encomendou o livro errado sobre bondade. Andam à deriva e gemem, sempre a atrapalhar, sempre a querer alguma coisa, exigindo atenção e servidão com uma impaciência ansiosa, com as suas expectativas altas e os seus pavios curtos.

Uma mulher de gabardina faz a Noor chorar porque esgotámos o livro *Orgulho e Preconceito*. Um tipo com a postura descontraída de um guitarrista perde a calma quando lhe dou a notícia de que alguém encomendou a edição errada do livro que ele queria e que agora não vai chegar a tempo do Natal. Um homem mais velho que cheira a graxa de sapato pede a alguém «com meio cérebro» para o ajudar quando escrevo mal Woolf três vezes seguidas. Estou tão cansada que nem consigo processar o meu erro óbvio e continuo a escrever «Wolf» e a carregar no *enter* vezes sem conta.

Há um desfile interminável de ameaças de ir a outro lado, de ir à Amazon, de falar com o gerente, de apresentar queixa à direção, de ir aos jornais locais, de ir às redes sociais. Ameaças de me fazer despedir, ameaças de nunca mais voltar.

E daí, penso eu consigo mesma, forçando um sorriso enquanto o meu estômago ronca. Sem o Eli, não há ninguém com quem ir beber um copo depois do trabalho, não há descanso, e dou por mim a pensar em todas as amizades que deixei azedar ao longo dos anos, e anseio pelo tipo de companhia fácil que só resulta da longevidade.

Em vez disso, tenho de me encontrar com o meu pai para jantar no Soho.

Os seus convites são esporádicos e à última da hora, uma reflexão tardia sempre que ele descobre uma página em branco na sua agenda, numa sexta-feira à noite. Não me importo. Aceito-os com uma determinação firme de manter o fogo paterno aceso. Família é família, e a sua abordagem distante à paternidade é tudo o que me resta.

Escolheu um dos nossos locais habituais, um elegante bar de tapas que só aceita pessoas sem reserva. Partilhámos aqui muitas refeições desconfortáveis, comemos muitos pratos pequenos de pimentos *padrón*, e bebericámos muitos copos de xerez espanhol seco. Detesto a longa fila e os pratos pequenos, detesto sentar-me ao balcão, a proximidade de estranhos. Mas ele gosta da azáfama cacofónica da cozinha aberta do restaurante e gosta de observar os outros comensais que se espremam à volta do bar. Dedos gordurosos e guardanapos amassados.

Conversa animada, o bater das panelas, o ocasional som do óleo a ferver e os gritos de «Lombo!» e «*Sí, chef!*», tudo a reverberar contra paredes espelhadas e janelas fumegantes debruadas com grinaldas de azevinho fresco.

Não cresci a comer em restaurantes como este, não passei a minha infância a aprender a ler ementas francesas e espanholas. A relação do meu pai com a minha mãe terminou antes de as suas ações terem subido, e o tempo que passaram juntos foi muito mais modesto do que o estilo de vida indulgente a que ele parece ter-se habituado com a Margot e os rapazes.

Encontro-o a beber um copo de *cava* e a fazer *scroll* no telemóvel, mesmo no fim da fila, que se estende pelo interior do restaurante. Deslizo entre os clientes chiques do Soho que seguram os seus casacos de inverno e bebem vinho enquanto esperam pela sua vez ao balcão. Nesta altura do ano, a fila de espera pode demorar uma hora ou mais.

– Querida – diz ele, oferecendo-me a face por barbear para beijar. Um cheiro forte e adstringente de *aftershave*. Ele dá-me um copo de *cava* e aponta para um prato de enorme azeitonas *gordal* com raspas de limão. Brindamos com os *flutes* e eu dou um gole generoso que borbulha na minha garganta; depois, pouso o meu copo no parapeito de mármore escuro que reveste o restaurante.

– Estás com bom aspeto – diz ele, desabotoando o colarinho e aliviando a gravata enquanto olha em redor do restaurante. Olho para o espelho atrás dele, e a rapariga que cruza o olhar comigo parece desgastada, desbotada. Magra, com uma pele cerosa e olheiras.

– Obrigada – digo eu, afastando-me da minha reflexão.

– E como vai o trabalho? – Ele põe uma azeitona na boca e oferece-me novamente o prato. Eu pego numa e seguro-a entre os dedos.

– Bem. Ótimo, na verdade.

Ele mastiga e engole, rodeando o inevitável.

– E ainda estás na Strand? Ou era Bloomsbury? Já nem sei.

– Não, estou na sucursal de Walthamstow, neste momento.

– Meu Deus, e eles leem muito lá em cima? – diz ele com um olhar

malicioso. Seu snobe de merda, penso eu, pegando no meu copo.

Uma rajada de vento atravessa o restaurante e ambos olhamos para a porta quando uma mulher de Louboutins e casaco de pele da cor de picles Branston avança para a noite. Lá fora, a noite está a crescer nas sombras.

– Ainda estás à procura de um emprego a sério?

Conto até dez e observo a multidão que passa através da janela, encoberta por uma camada de condensação. Cigarros, casacos caros, todos preparados contra o frio, a caminho do teatro, do jantar, das bebidas depois do trabalho.

– *Eu tenho* um emprego a sério – respondo com os dentes cerrados. – Gosto de vender livros. Gosto de livros.

– Mas tens de pensar no teu futuro, querida – diz ele, com uma falsa preocupação. Os meus pés ardem contra o chão duro, e eu passo o meu peso de um pé para o outro. O meu futuro é um banho quente com bolhas de melancia e um copo de vinho para acalmar todos os músculos doridos do meu corpo.

– E ainda estás naquele apartamentozinho terrível?

Arrepio-me e sinto as minhas bochechas a corar.

– Não é *terrível* – respondo com rispidez. Finalmente, coloco a azeitona na boca e uma salmoura de limão inunda-me a língua enquanto a esmago entre os molares.

Quando terminei a universidade, não tinha um plano. Tinha estudado Literatura Inglesa e sonhava ser professora de inglês ou bibliotecária numa escola. Tinha uma imagem saudável de *Miss Honey*, vestida com *cardigans* e *brogues*, a partilhar a magia da leitura com crianças de olhos arregalados. Na realidade, o meu último ano foi uma névoa de noites e maus hábitos, e perdi a oportunidade de me candidatar a uma pós-graduação para o ano seguinte. Regressei a Londres, encontrei um apartamento barato em Walthamstow, e candidatei-me a empregos de livreira.

– Precisas de uma carreira – diz o meu pai, mastigando outra azeitona. – Não podes andar à deriva para sempre.

Quando penso no mundo do trabalho para além do retalho, penso em ruído branco. Nunca trabalhei noutra indústria. Passei da escola para o sexto ano, para a universidade e para a venda de livros. O que é que as outras pessoas fazem? O que é que as pessoas fazem nos escritórios? Os anúncios de emprego são escritos numa língua que eu não falo. *Com iniciativa, focado em resultados, com experiência comprovada*. E os salários estão envoltos em código: *padrão da indústria, altamente competitivo*, pro rata, *por objetivos*. Como é que se escolhe uma carreira se não se sabe o que significa cada coisa? Abro a boca para responder, mas a fila volta a avançar e aproveito a interrupção para mudar de assunto.

– A Margot está a trabalhar neste momento? – pergunto eu.

– Ela está entre projetos – responde ele num tom rígido.

Quando chega a nossa vez de nos sentarmos, somos conduzidos a um

par de bancos altos mesmo ao fundo do bar reluzente. O meu pai folheia a ementa, demoradamente, cantarolando para a nossa empregada – uma rapariga da Europa de Leste com uma espessa franja castanha – para lhe pedir que repita as especialidades duas ou três vezes. Ele escolhe copos de xerez, bem gelados, com lingueirão, camarões fritos em malagueta e alho, e uma tortilha de cebola.

– Quero só as batatas bravas, por favor – digo eu, enjoada com o marisco cru exposto no balcão à nossa frente. Lulas com uma espuma hedionda de tentáculos, camarões com olhos suplicantes, amêijoas como unhas dos pés retorcidas, tudo sobre uma cama de gelo embalado que escorre para o chão numa poça leitosa.

– Bem, é tudo para partilhar – lembra-me o meu pai, desdobrando o guardanapo e colocando-o no colo. Os pratos são pequenos e vêm em intervalos aleatórios, aparecendo à nossa frente com um barulho dramático e um grito do chefe, que anuncia cada um deles em espanhol rápido.

– Na verdade, preciso de falar contigo sobre uma coisa, querida – diz ele, cortando a tortilha rica e dourada, com a forma de um disco de hóquei cor de mel. Procuo no seu rosto uma pista sobre o seu estado de espírito, mas ele parece perfeitamente calmo, embora um pouco vermelho devido ao calor do restaurante. Tem sobrancelhas fortes e uma boca virada para baixo, pelo que a sua expressão neutra é solene, séria, mesmo quando está bem-disposto. Nunca consigo ver qualquer vestígio de semelhança familiar entre nós. As minhas feições são delicadas, como as da minha mãe.

– Assumi uma nova função no trabalho – diz ele. – É uma grande oportunidade, mas significa uma pequena mudança de ares.

– Oh?

– Vamos mudar-nos para Frankfurt, no próximo ano.

Um jovem cozinheiro coloca entre nós um prato de flores de curgete recheadas, as pétalas amarelo-manteiga envoltas numa delicada teia de massa estaladiça.

– *Buen provecho!* Com os cumprimentos do chefe – diz ele.

– Ah, *gracias, gracias!* – grita o meu pai, dando-lhe uma palmada nas costas numa demonstração genial de gratidão. Ele está rosado de prazer, no seu elemento. Pego no meu copo de xerez, mas está vazio.

– Estás bem, querida? Pareces um pouco... – Ele passa os dedos à volta dos olhos e pestaneja. – Não estás chateada, pois não?

– Não – digo eu, rodando o meu copo vazio, sem sentir nada. – Claro que não.

Ele faz solilóquios sobre o trabalho, sobre Frankfurt, sobre a neve do inverno. A Margot quer arranjar um gato, os rapazes querem um cão.

– Vais visitar-nos, não vais, querida?

– Claro – respondo, com um sorriso branco e brilhante de serviço ao cliente.

– E ouve: está na altura de mudar a sério. – Bate com os nós dos dedos

no balcão de mármore para assinalar uma mudança de tom. – Está na altura de combinar o trabalho com o estilo de vida ou o estilo de vida com o trabalho.

– Estou a pensar em escrever um livro – digo eu, um turbilhão de palavras que me saem da boca numa grande pressa defensiva. Não quero ouvir o que ele pensa sobre o meu *estilo de vida*.

Ele pisca os olhos e recosta-se na cadeira, divertido.

– Um romance?

– Não, um livro de memórias. Sobre a mamã.

O meu pai abre a boca e inspira, mas as palavras morrem nos lábios quando pensa duas vezes no que ia dizer.

– Bem – diz ele, por fim, e depois deixa a palavra ficar no ar.

Quero perguntar-lhe se alguma vez pensa nela, se tem saudades dela. Quero perguntar-lhe de que é que se lembra dela, como era a vida deles juntos antes de me terem. Quero perguntar-lhe o que é que ela tinha que o fez apaixonar-se. Quero perguntar-lhe se ele se arrepende da forma como as coisas acabaram, se alguma vez se arrependeu de nos ter deixado. Quero perguntar-lhe se a morte dela foi importante para ele, se o magoou. Quero perguntar-lhe se ela alguma vez lhe apareceu nos seus sonhos como me apareceu a mim.

Pressiono o garfo na flor de curgete murcha, a massa amolece à medida que arrefece, e um pequeno verme de queijo congelado esguicha para o prato. A nossa empregada, a bonita com uma franja espessa, aparece e começa a empilhar os pratos vazios.

– Estava tudo bem com a vossa refeição? – pergunta ela, com um sorriso alegre estampado no rosto.

– Oh, *delicioso! Bien asado, muy bueno*. Cumprimentos ao chefe – diz o meu pai. – E ouve, querida, podemos pedir a conta?

Fico impressionada com o seu sexismo casual, com a sua falta de encanto, e digo-lhe um rápido obrigada nas suas costas. Enquanto esperamos pela conta, ele dá-me um saco de oferta de papel amarrotado. No interior, há dois batons MAC – brindes de um *press pack* – e um lenço de seda Karen Mabon que cheira ao perfume da Margot.

– Oh, e toma – diz ele, passando-me um saco de compras de papel das Lina Stores, a boa charcutaria italiana na Brewer Street, onde ele insiste que os empregados o conhecem pelo nome. – Só um bom azeite, *pesto* branco e *pappardelle*.

– Obrigada – digo eu, pegando no saco.

– Olha, querida, estou desesperado para ir à casa de banho. Encontramo-nos lá fora? – Ele paga a conta com um cartão de crédito e passa por mim para ir à casa de banho nas traseiras do restaurante. Quando ele se vai embora, verifico o recibo. Ele só deu cinco por cento de gorjeta, o forreta.

Enfio uma nota de vinte libras debaixo do dispensador de guardanapos e depois meto o lenço de seda e os batons no saco da Lina Stores e enfio-o debaixo do meu banco, perfeitamente colocado para parecer esquecido.

Imagino a nossa simpática empregada a encontrá-lo mais tarde, talvez a experimentar os batons depois do seu turno, na casa de banho de um bar de *cocktails* do Soho, onde bebe de graça, porque, às vezes, dorme com o mixologista. Ou talvez um dos cozinheiros, o jovem bonito de olhos verdes, o leve para casa e faça *pappardelle* com *pesto* branco para a sua namorada, enrole o lenço à volta do pescoço dela e a deixe beijá-lo com lábios perfumados de *cupcake*.

A sala está demasiado quente, cheia de gente, barulhenta, cheia de risos que se distorcem em escárnio na minha mente cansada. Pego no meu casaco e avanço pelo espaço estreito entre os bancos do bar e a fila que se estende ao longo do restaurante, em direção à porta, em direção à chuva. O meu pai segue-me logo a seguir e franze o sobrolho enquanto acendo um cigarro.

– Oh, querida, não. Tens de parar, é um hábito tão mau, mesmo horrível.

– Eu gosto – digo eu, soprando fumo diretamente para a cara dele.

– Vamos beber um copo? – Ele espreita por entre o meu fumo, e abana uma mão para o dispersar. – Groucho?

– Tenho de trabalhar amanhã – digo eu.

– Oh, vá lá, podes tomar mais uma bebida com o teu velhote.

– Não posso, tenho de fazer a abertura. Tenho de me levantar cedo.

– Olha, tens a certeza de que estás bem? Não te chatee há bocado?

– Claro que não. – Cruzo os braços contra o ar frio da noite. – Estou mesmo muito bem.

Ele inclina-se para a frente e beija-me em cada face.

– Vou falar com o Hugo na revista, para ver se há alguma coisa a surgir, se quiseres?

– Ótimo – digo eu. – Ótimo. Obrigado.

– E olha, nós vamos estar em Nova Iorque no Natal, mas talvez possamos jantar no teu aniversário? Reservar uma mesa num sítio chique, dar um último grande hurra antes de nos mudarmos de vez, na primavera?

– Parece-me perfeito.

Abraçamo-nos e eu inspiro-o, sinto a sua forma e desejo – não pela primeira vez – que a nossa relação exista para além da crítica ligeira, do dinheiro, dos jantares.

– Feliz Natal, querida.

Observo-o a dirigir-se para o Groucho, onde beberá copos de Sancerre e conviverá com todos os atores apagados e «barbies» editoras. Talvez noutra vida ele pudesse ter tido o tipo de filha que realmente quer, uma filha que encontrasse um emprego de alto nível, o tipo de rapariga que sugerisse um *cocktail* na French House, que usasse lenços de *designer* e parecesse chique, que soubesse como se movimentar pelo Soho como ele faz, evitando os turistas bêbados, as *drag queens* à procura de público, as cozinheiras de cócoras a fumar e a fazer *scroll* no telemóvel, as raparigas em vestidos de festa com os seus sacos de compras, os adolescentes a beber chá gasificado, os artistas com os seus dedos manchados e cigarros, os louros platinados com

lulus-da-pomerânia e café expresso, todos eles apenas o elenco de apoio à sua *performace* a solo.

Roach

Entre colocar nas prateleiras o *stock* dos carrinhos, continuei a folhear os livros e a tomar notas. De facto, não havia muito sobre Lee Frost na imprensa. Em termos de casos, até eu tinha de admitir que era um pouco aborrecido. Faltava-lhe mistério, faltava-lhe *glamour*. Não era um enigma tentador, nem Jack, o *Estripador*, cuja identidade era obscurecida por um manto de nevoeiro londrino, nem o Homem do Machado de Nova Orleães, cujo verdadeiro nome só era conhecido nas ruas calcetadas e nas lanternas a gás do Bairro Francês. Lee Frost foi apanhado, foi considerado culpado, foi condenado a prisão perpétua e pronto.

Passou cinco anos na prisão masculina de alta segurança de Wakefield, onde andou na sombra de Harold Shipman, antes de ser transferido para a HMP Frankland, onde terá convivido com muitos dos pesos-pesados britânicos modernos. Não havia nenhum filme de Hollywood de grande orçamento no horizonte, nem nenhum documentário da Netflix em preparação, ou nenhum *podcast* de investigação em série para despertar o interesse das pessoas. Um assassinio vulgar. Ele só foi apanhado porque passou de alvos fáceis para uma mulher com relevância aos olhos da comunidade. A única coisa que tornava o caso especial era o simples facto de os *serial killers* serem excepcionais, o que os tornava automaticamente mais interessantes do que os assassinos comuns, e o facto de se tratar de um agente da polícia, o que causou grande agitação.

Dirigi-me à caixa registadora, abri um *browser* privado para esconder o meu rasto e pesquisei-o no Google, só para ver a cara dele outra vez. Lee Frost era careca, queixo duplo e uma cara de cliente desinteressante. Ele era um homem vulgar, um homem qualquer. Podia confortavelmente imaginá-lo a comprar o último Lee Child, ou um postal de aniversário de última hora, ou a empurrar um carrinho pela Homepage, a ler o jornal de domingo, a ver o futebol, ou a comer um jantar de assado.

Havia um esboço de um tribunal, e os seus ombros descaídos e os seus olhos virados para baixo eram trazidos à vida em rabiscos a lápis de cor. Ele não era um homem de espetáculo nos tribunais, não prosperava nesse ambiente como alguns deles, todos com sorrisos arrogantes e ar de superioridade. E, sim, ali estava ele antes de ser preso: camisa branca engomada, dragonas, nariz queimado pelo sol, a espreitar contra o sol, com

um boné preto de pala com a distintiva faixa preta e branca de um chapéu de polícia. Sempre achei difícil imaginar aqueles olhos sorridentes, cheios de pés-de-galinha, como os olhos de um assassino. Faltava-lhe a estatura, o carisma das estrelas de topo – embora, pelos padrões modernos, fosse extraordinário por ter acumulado tal número de vítimas.

Atualmente, é mais difícil escapar a uma acusação de *serial killer*. Afinal, vivemos numa era da informação. Há cerca de 500 000 câmaras de videovigilância em Londres, e o cidadão médio é apanhado pelas câmaras mais de 300 vezes por dia. Todos nós temos *smartphones* que monitorizam e transmitem continuamente a nossa localização, os nossos passos, o nosso ritmo cardíaco, os nossos hábitos e comportamentos. Cada movimento que fazemos é observado, registado e recordado de uma forma ou de outra, e isto antes mesmo de pensarmos nas capacidades forenses de uma unidade de homicídios contemporânea. Antropologia forense; entomologia; linguística; tecnologia de reconhecimento facial; toxicologia; análise de padrões de manchas de sangue; análise de sémen; provas de impressões, incluindo balística, marcas de mordidelas, impressões digitais, pegadas e rastos de pneus; e vestígios, incluindo fibras, solo, vidro e caligrafia. É difícil criar um local de crime sem deixar vestígios de si próprio.

Os *serial killers* são uma espécie em vias de extinção. Não tanto porque o mundo seja um lugar mais amável ou mais seguro: somos apenas melhores a apanhar assassinos depois da sua primeira morte, e somos melhores a reconhecer os sinais que apontam para uma psicopatia perigosa em crianças e jovens adultos. Como sociedade, também somos mais cuidadosos, menos confiantes em relação aos outros: trancamos as portas, tememos os estranhos. Andar à boleia é uma prática arcaica, como a trepanação ou ir ao barbeiro para arrancar um dente podre.

Os assassinos em cadeia eram os novos *serial killers*. Um após o outro, em rápida sucessão. É assim que se faz. É preferível queimarem-se do que desaparecerem. Não, para um *serial killer* se safar, era preciso alinhar várias estrelas: vítimas de baixa qualidade, uma pitada saudável de incompetência ou corrupção da polícia e um fio de pura sorte. Se estes fatores fossem um diagrama de Venn, Lee Frost ficava mesmo no meio, onde cada círculo se sobrepunha. A sua sorte só acabou quando escolheu Karina Cordovan como alvo.

Na caixa do primeiro andar, escrevi o nome dela na barra de pesquisa. Não era uma vítima *low-profile*, não pertencia à periferia e a sua morte não foi tão facilmente ignorada pela imprensa. Uma florista com um gosto por folhagem verdejante, era um rosto familiar para qualquer pessoa em Walthamstow que planeasse um casamento ou plantasse um jardim e optasse por fazer compras localmente. Era bem conhecida, era apreciada. Tinha uma filha bonita, um negócio saudável, um bom nome, uma reputação de ser amável e de ter um espírito comunitário.

Copiei e coleí artigos de notícias de arquivos digitais num documento

Word em branco e enviei-o por correio eletrónico para mim própria. Foi-lhe legado um obituário no jornal local, e havia dezenas e dezenas de artigos que repetiam os mesmos fragmentos de informação: como era ela (bonita, pequena, loira), o que trazia vestido (uma *t-shirt* larga cor de pêssego, *leggings* pretas, ténis de corrida), onde tinha estado (a correr pela Village), para onde ia (a caminho de casa, para junto da filha adormecida), quem encontrou o corpo (um transeunte anónimo), onde foi encontrada (Vinegar Alley, Walthamstow Village, Londres).

Procurei os nomes das suas outras quatro vítimas, mas para além da sua origem, do número de filhos que tinham, da idade, das profissões e dos vícios, não havia mais quase nada sobre as suas vidas.

Laura

Enquanto a equipa de Eli se concentra nos livros, começa a surgir uma acumulação de presentes no armazém e, uma noite, a Sharona e eu ficamos até tarde para dar conta do recado. Pomos a tocar Hole, Bikini Kill e Yeah Yeah Yeahs e gritamos as letras das músicas enquanto colocamos preços em conjuntos de caligrafia, cadernos elegantes, marcadores de livros em pele e garrafas de água decoradas com flores e constelações. A gama de presentes tem pouco a ver com livros, mas tem tudo a ver com estilo de vida. A leitura é um modo de vida para alguns clientes, o tipo de clientes que compram mais do que leem, que se comportam como se o «bichinho dos livros» fosse tão inerente como o seu tipo de sangue ou o seu signo astrológico. É fácil vender-lhes porque o seu entusiasmo tolda o seu julgamento, mas também pode ser difícil. Ocupam muito tempo e muitas vezes não compreendem a relação entre um livreiro e um cliente. Pensam que a minha estratégia de vendas é uma tentativa de estabelecer uma ligação e tentam recomendar-me livros sem saberem nada sobre o meu gosto.

– Quem me dera ter vinho – suspiro, abrindo uma caixa de calendários. Calendários de parede, calendários de caixa e agendas, os mesmos desenhos todos os anos, uma estranha mistura de arte moderna e desenhos animados, cultura *pop* e humor datado. Quando penso no novo ano, ouço o grito das gaivotas e sinto o cheiro do ar fresco do mar. Os pensamentos de Brighton mantêm-me viva.

– O teu fígado vai agradecer-te se fizeres uma pausa de vez em quando – declara Sharona, maliciosamente.

Papel de embrulho. Resmas e resmas. Decorações de todas as cores e materiais: madeira macia, laços de veludo vermelho, sinos dourados. Fitas em cores de joias, bolas de fio castanho. Quando descobrimos a terceira caixa de agendas de 2020, apercebemo-nos de que não caberão todas no pequeno móvel que temos junto à caixa. São demasiadas, vão ocupar uma ilha inteira e, se queremos vender, essa ilha tem de estar numa zona de grande afluência, onde vão mais clientes.

Sharona adora analisar os números e tomar decisões comerciais com base em factos e não em sentimentos. Coloca-se em frente à caixa no primeiro andar, verifica os números das vendas, estalando a língua, imersa nos seus pensamentos.

– Se conseguirmos encontrar alguma coisa para condensar aqui – diz ela, avaliando cada secção à vez –, podíamos mudar a gama de presentes com temas do mapa do mundo para a secção de Viagens. Isso libertava um espaço lá em baixo para as agendas. – Ela bate com um dedo nos lábios. – A secção de *True Crime* parece bastante folgada.

– A Roach não vai gostar disso – contraponho, com um pequeno arrepio de prazer, atravessando a porta da loja para dar uma vista de olhos à secção. – Embora pudéssemos facilmente condensar isto em meia ilha.

– Mas precisamos de uma ilha inteira.

– Vamos dividi-la – sugiro. – Aposto que muita coisa pode ser encaixada noutras secções.

– O quê, como o Jack, o *Estripador* nas Biografias? – interroga ela, divertida. – Acho que o Barry é capaz de ter algumas opiniões fortes sobre isso.

– Bem, talvez não Biografia, mas que tal História Vitoriana? Ou Londres? Honestamente, aposto que podíamos dissolver toda a secção muito facilmente. Fica resolvido.

– Está bem. – A Sharona acena com a cabeça, com a mente bem assente. – É tarde. Vamos lá fazer isso.

– A Roach vai odiar-nos – afirmo com um sorriso nervoso.

– Ah, ela há de ultrapassar isso.

– Só não quero que ela entre em minha casa e me mate enquanto durmo – respondo, meio a brincar.

– Eu digo-lhe que a ideia foi minha. – Sharona vê as horas no seu relógio. – Sabes que mais, já é bastante tarde. Sou capaz de ficar à espera do turno da noite. Posso dar a notícia à Roach pessoalmente e falar com o Eli.

– Estou disposta a esperar contigo, com uma condição – digo, com uma sensação de vertigem ao pensar em ver Eli. – Vamos beber um copo de vinho a seguir. O meu fígado aguenta, se o teu aguentar.

Ela revira os olhos com um sorriso irónico, mas não diz que não.

Quando Eli chega, às nove e meia, estou agachada na frente da loja, a arrumar um expositor com uma nova linha de velas perfumadas com aromas da floresta. Pinho sintético, cedro e um cheiro enigmático chamado «neve recém-caída» encham o ar à minha volta.

– Muito bem, amiga! – exclama ele com um prazer evidente, afagando-me o cabelo enquanto passa. O frio agarra-se a ele, e eu lembro-me de que ele nunca respondeu à minha última mensagem de texto. Uma onda de embaraço sobe-me pelo pescoço.

– Ouviste falar da festa de Natal – pergunta ele, desenrolando um lenço castanho da sua garganta pálida.

– Não, o que se passa?

– A Sharona meteu a loja toda na festa da Strand – conta ele, com um sorriso sombrio que faz os seus olhos dançarem com um prazer diabólico. Ambos sabemos exatamente o que isso significa: bar aberto, uma mistura de

lojas diferentes, as nossas melhores roupas, o nosso pior comportamento.

– Oh – digo eu com uma neutralidade forçada. – Fixe. Pensei que este ano íamos ficar de fora.

– Como se a Sharona nos deixasse ficar mal – diz ele, espreitando para dentro do *tote* mais próximo. Tira um saco de lona que diz Bookworm num bonito tipo de letra de máquina de escrever.

– *Ugh*. A comercialização dos nossos passatempos. – Ele deixa cair o saco de volta no *tote* e abana a cabeça. – Juro que as pessoas que compram estas merdas não são propriamente leitores de livros. São apenas viciados em compras.

– Tenho exatamente o mesmo saco – digo eu, apesar de não ter.

– Claro que sim, Laura Bunting – responde ele com um sorriso de covinhas, e dirige-se para as traseiras da loja para encontrar Sharona.

Roach

A sala de estar tinha escurecido à volta de Jackie, e o brilho da televisão lançava sobre ela uma luz aguada e intermitente. Um filme de Natal escabroso estava a passar a todo o volume, com música e risos a explodir, e, no entanto, ela dormia, com a cara descaída, a cabeça inclinada para um lado. Peguei no controlo remoto e desliguei a televisão, mas a mudança no ambiente da sala – se é que se pode chamar ambiente às cores berrantes e ao som estridente – fê-la acordar na mesma.

– O que é que se passa? – quis saber ela, desorientada e a pestanejar. A sala estava escura sem a luz da televisão, e ela tateou à volta da base do candeeiro até encontrar o interruptor.

– Sou só eu – disse eu, afastando-me da luz quente. – Vou voltar a sair de seguida, só preciso de mudar de roupa.

Ela limpou a baba pendurada com as costas da mão, depois procurou no pulso um relógio que não estava lá.

– O quê?

– Sou só eu – repeti, mais alto.

– Que horas são agora?

– Nove – respondi.

– Cristo. – Ela esfregou os olhos e depois pestanejou para mim, como se me visse pela primeira vez. – E tu vais sair? Agora?

– Daqui a um minuto – disse eu. – Ainda estou a fazer noites, não estou?

– Vestida assim? – Ela inclinou a cabeça e olhou para a minha roupa. Eu estava vestida como Brodie, com uma *t-shirt* larga dos AC/DC e calças de ganga pretas com os joelhos rasgados. Tinha passado a tarde a dormir na cama do Sam, e a minha pele ainda cheirava à sua roupa de cama, ao seu suor. Adorava a sensação de levar a memória do dia comigo para a noite, mas não podia usar uma roupa da Brodie para trabalhar.

– Não, já disse que vou só mudar de roupa.

Jackie usou as suas pernas para se colocar numa posição mais direita no sofá.

– Isso faz-me lembrar – disse ela. – A filha do *Biker* Paul, Emily, diz que te viu com um gótico em Ilford, ontem à noite.

– Tretas. Nem sequer sei quem é o *Biker* Paul – disse eu, fazendo cara de má enquanto tirava as alças da mochila dos ombros.

– Tu conheces o *Biker* Paul. – Ela disse isto com autoridade confiante, pegando no comando e ligando de novo a televisão. O filme tinha terminado e os créditos estavam a passar ao som de uma canção de Natal açucarada que acendeu um fósforo de aversão irracional dentro de mim. Demorei alguns momentos para perceber que era uma das músicas da *playlist* de Natal no trabalho. – É o gajo da Louisa, o tipo com o...

– Vou chegar atrasada – informei, interrompendo-a antes que ela pudesse voltar à questão inicial.

– Podes dizer-me se tiveres um namorado, sabes? – disse ela com um ar malicioso. Puxou o cabelo frisado e tingido num carrapito rígido e prendeu-o com um elástico que mantinha à volta do pulso. A pressão do elástico tinha deixado uma marca vermelha profunda na pele delicada, como as marcas deixadas por uma ligadura. – Mas se tens um gajo, quero conhecê-lo.

– Não *tenho* a porra de um namorado – disse eu, saindo rapidamente.

Acabou-se. Ela tinha olhos em todo o lado, uma rede de clientes habituais que relatavam todos os mexericos. Se eu tinha sido vista com o Sam uma vez, era só uma questão de tempo até ser vista com ele outra vez.

No meu quarto, dei ao meu querido *Bleep* uma colher de cálcio e deitei algumas uvas na sua tigela; depois, vesti uma roupa mais parecida com a da Roach – uma *t-shirt* das *Murder Girls*, um pouco de óleo de rosas atrás de cada orelha e uma boina preta –, e usei um toalhete húmido para tirar o resto da maquilhagem da Brodie.

Laura

Noutra vida, o Mirth foi um belo cinema *art déco*, mas o edifício esteve abandonado durante pelo menos vinte anos antes de ser limpo e transformado num bar chique, de tetos altos, com pisos de mármore, escadarias dramáticas e belos espelhos emoldurados a dourado, que ainda tinham os ecos de *graffitis* gravados no vidro.

– Na verdade, podemos pedir uma garrafa? – diz Sharona ao *barman*, acenando com o cartão de crédito. – Mais vale, não é?

– É esse o espírito – digo eu, aliviada. Não vou ter de me preocupar em convencê-la a ficar para uma segunda bebida se tivermos uma garrafa inteira para beber.

A Sharona e eu nunca tínhamos tomado uma bebida juntas, a sós, e o vinho é exatamente o que precisamos para descontrair durante a noite. Mantenho o copo de Sharona cheio e a nossa conversa gira em torno da livraria e da empresa, como sempre acontece. É impossível sair do tema do trabalho, até que finalmente chegamos a Eli.

– Há quanto tempo é que vocês trabalham juntos? – pergunto eu.

– Eh, pá! – diz ela, soltando os caracóis com um suspiro dramático, com os olhos postos no teto enquanto recua na sua mente. – Vejamos... começámos os dois em 2012, acho eu? Não, no Natal de 2011.

– Ele gosta muito de ti – digo eu, improvisando um sorriso conspiratório. – Deves saber todos os seus segredos.

– O Eli não tem segredos. É um livro aberto – diz ela, com um carinho caloroso na sua voz. Ela olha para mim por um momento, com a mente a trabalhar por trás dos olhos. – A Lydia é boa para ele, acho eu.

– Sim?

Ela põe o último gole de vinho na boca e eu pego na garrafa, mas está vazia. Quero pedir outra, para manter a noite viva, mas é tarde e sei que se interromper a linha de pensamento dela agora, não voltaremos para Eli e Lydia. Agarro-me com força e espero que ela fale.

– Ele é um rapaz bonito – diz ela suavemente. – Partiu alguns corações ao longo dos anos, e acho que isso nunca o fez realmente feliz. Acho que a Lydia o mantém na linha.

– Estás a dizer que o Eli costumava ser um engatatório? – Rio-me, e ela atira a cabeça para trás e ri-se também, e quando se ri ela brilha, relaxada e

quente por causa do vinho, da música, do burburinho do bar.

– Como eu disse, alguns corações partidos – diz ela, evitando a pergunta.

– Fico contente por vê-lo resolvido.

Sharona verifica as horas no seu relógio, depois mete o telemóvel no bolso das calças de ganga e pega no tabaco, no isqueiro e na Rizla.

– Outra bebida? – digo com esperança, mostrando o meu cartão de débito, apesar de já ter entrado no meu *plafond* de descoberto e ela estar claramente a preparar-se para sair. – É a minha vez.

– Não, já é tarde – diz ela. – E acho que vão fechar em breve.

– O Victoria está aberto até às três – digo eu. – Mais uma bebida, vá lá.

Sharona levanta-se e veste o casaco, com os olhos distraídos. Já deixou o bar na sua cabeça, pensando na viagem para casa, na namorada, nos gatos e nos livros, todos à sua espera do outro lado de Londres.

– Noutra altura, sim? Tenho de regressar a Peckham.

– Bem, vamos para minha casa e ficas lá! Acho que tenho aguardente de pêssago e um pouco de *brandy*.

– Por muito tentador que isso pareça – diz ela, rindo-se –, quero voltar para a Charlie. Ela está à minha espera.

– Que seca – digo com uma ponta de escárnio, pegando no meu casaco.

Roach

– Estás atrasada – disse Eli, baixando-se para apanhar um livro de bolso caído. Devolveu-o ao seu lugar na mesa com uma palmadinha patética, quase carinhosa, que me fez sentir mal. – A Sharona queria falar contigo.

– Desculpa – pedi de forma brusca, enquanto ele fechava a porta da loja atrás de mim.

– Ouve – disse ele, afastando-se da porta para me encarar, com as mãos a mexer nas chaves que tinha nas mãos. Tinha um ar de preocupação estampado na cara, como se fosse um médico prestes a dar más notícias, e eu engoli em seco. – Olha, a Sharona acabou com a secção de *True Crime* hoje – informou ele. – Queria ser ela a contar-te, mas... bem. Seja como for. Lamento imenso, sei que era uma coisa tua.

– Ela *o quê*?

– Já não temos uma secção de *True Crime*. Foi a Sharona, ela...

– Foi a Laura – corrigi baixinho, com veneno, olhando-o bem nos olhos. A minha acusação apanhou-o de surpresa, e ele soltou um riso nervoso e coçou a nuca.

– O quê? Não, não, isto não tem nada a ver com a Laura. É apenas uma tendência em vias de extinção, e a Sharona precisava de arranjar algum espaço lá em cima e...

– Tretas – cuspi. – Não é uma maldita tendência, toda a gente gosta de *True Crime*. Como os estudantes, os médicos, as donas de casa e os polícias... todos os sectores da vida.

– Talvez em geral – disse Eli, inclinando a cabeça para um lado e estreitando os olhos. – Mas nesta filial... bem, isso não é bem verdade, pois não?

Fiquei a tremer, sem palavras. Mal registei o fraco pedido de desculpas de Eli, a sua garantia de que Sharona estava sempre *aberta a uma conversa*. Sem dizer uma palavra, dirigi-me à secção infantil para me acalmar.

O verdadeiro crime não era uma tendência. Não na livraria. *Serial e Making a Murderer* e *My Favorite Murder* e *The Staircase* e *RedHanded* e *I'll Be Gone in the Dark* e *The Last Podcast on the Left*, e o que quer que seja – aquele festival desastroso de Instagram para idiotas ricos e a falsa herdeira alemã e o vigarista de Silicon Valley –, nada disso se manifestou como uma tendência de livraria. A minha secção não era uma moda passageira, não

estava repleta de lixo popular de merda que os *normies* compravam porque toda a gente o comprava, destinado a ser comprado, e depois oferecido, e depois arquivado, e depois nunca lido, e depois eventualmente doado, e finalmente, fatalmente pulverizado.

Pensava que passar algum tempo no apartamento da Laura tinha fortalecido a nossa ligação, mas cada vez que eu dava um passo em direção a ela, ela dava um passo atrás. Ela tinha o dom de encontrar novas formas de criar uma barreira entre nós, um talento inesperado para a malevolência. Carreguei o calor da sua traição durante os meus últimos turnos noturnos.

Quando compreendi a profundidade do despeito de Laura, os atos aleatórios de destruição tornaram-se a minha poesia. Com as palavras praticamente memorizadas, queimei o diário lilás num ritual inquietante da minha autoria, mas isso não foi suficiente. Apanhei livros das suas prateleiras e usei uma lâmina de barbear para remover uma ou outra página ao acaso, e levei essas páginas para casa e fixei-as na parede do meu quarto para criar uma tapeçaria de sacrifício, de escrita feminina da moda, o tipo de merda que entusiasmava *normies* como a Laura. Deitei vinagre na terra de uma planta de casa particularmente bonita, uma *monstera* frondosa, e imaginei que as suas folhas iriam murchar e perder o brilho. Roubei todos os elásticos de cabelo que encontrei, peguei em meias estranhas, deixei cair ganchos entre as tábuas do chão, deitei champô prateado caro pelo lava-loiça abaixo, deitei brincos simples para o caixote do lixo. Mijava na casa de banho dela e não puxei a água, para que a minha urina a recebesse como uma taça de champanhe espumosa quando ela chegasse a casa do trabalho. Sonhava em encher o guarda-roupa dela com traças, ou infestar a casa com ratos, ratazanas ou baratas. Qualquer coisa vil, qualquer coisa cruel, para rebentar a sua bolha de segurança e dizer *olá Laura, sou eu, estive aqui enquanto estiveste fora e não há nada que possas fazer*.

E, no entanto, durante todo esse tempo, nunca perdi a concentração. Na cama de Laura, no seu sofá, no seu espaço, continuei a ler os seus diários e escrevi página após página de prosa. Transcrevi *podcasts* e copieei secções inteiras da Wikipédia, notícias, artigos de revistas *online*, publicações em blogs e *message boards* antigos e inativos. Eu era uma arqueóloga a desenterrar a história do Estrangulador de Stow, organizando os seus ossos por ordem cronológica.

Claro que, se eu fosse uma verdadeira jornalista de investigação, teria provavelmente alguns truques na manga. Roendo uma esferográfica, a olhar para as microfichas de uma biblioteca empoeirada, passaria horas a folhear artigos até encontrar a minha presa. Mas não tinha a certeza se a minha biblioteca local prestava esse tipo de serviço. Perguntava-me se aquelas máquinas velhas e desajeitadas só estavam disponíveis para agentes da polícia e jornalistas.

Ou talvez eu pudesse escrever para Lee Frost. Daria início à correspondência, ganharia a sua confiança, tornar-me-ia a sua confidente. Ele abrir-se-ia comigo, falar-me-ia da vida na prisão, partilharia pensamentos e ideias íntimas, acabando por revelar os pormenores dos homicídios, o que o levaria a fazê-lo, que motivação depravada o fazia vibrar. Precisava de encontrar uma forma de lhe escrever, como sabia que os fãs escreviam cartas aos seus *serial killers* preferidos no corredor da morte, mas encontrar a sua informação revelou-se mais difícil do que eu imaginava. Fiquei a saber que não podia simplesmente endereçar-lhe uma carta e enviá-la para a prisão. Também precisava do número de prisioneiro de Frost. Pesquisei em páginas do Reddit onde pessoas afirmavam ter-se correspondido com assassinos para obter dicas.

Fui amigo por correspondência de um deles durante algum tempo – falávamos sobretudo de religião...

Não te incomodes a escrever-lhe, ele só quer falar de basebol...

O meu marido escreveu a um e ele respondeu-lhe... Sinto-me violada por saber que a mão que segurava a faca era a mesma que segurava a caneta para escrever a carta.

Nas profundezas obscuras de um tópico de um fórum antigo e abandonado, encontrei alguém que afirmava ter escrito a Lee Frost. O autor da carta incluía uma digitalização da mesma e uma promessa sincera de atualizar o fórum com qualquer resposta que recebesse do grande homem. Nunca atualizaram o tópico, pelo que a carta deve ter ficado sem resposta, mas isso não importava: ali mesmo, no canto superior direito da página, estava o nome de Lee Frost, a sua morada e, escrito numa mão elegante, o seu número de prisioneiro.

Fiquei tão entusiasmada que enviei uma mensagem ao Sam para lhe contar as boas notícias.

Ia jurar que gostas mais dele do que de mim, queixou-se ele. Estava a ficar pegajoso, o seu entusiasmo pelo projeto diminuía quando se apercebia de que estava a consumir o nosso tempo juntos. Ele não compreendia o que era ser escritor, abrir a barriga de uma história e fazer uma autópsia. Eu também não tinha a certeza se podia ou não confiar-lhe a verdade sobre a forma como estava a passar o meu tempo.

Não conseguiria articular o quão essencial o acesso à casa da Laura foi para o meu processo. O trabalho ganhava vida quando eu estava no seu espaço, a ler as suas palavras, rodeada pelas suas coisas. Não podia deixar que nada pusesse em causa o meu processo.

Laura

Algo me desperta do meu sono. O meu quarto está escuro, quieto e frio, e eu deito-me e ouço o silêncio. Vivemos em bairros apertados por aqui, todas as casas geminadas convertidas em apartamentos, e não é invulgar sermos perturbados durante a noite por janelas a bater, ou brigas de bêbedos, ou vidros a partir, ou o choro distante de um bebé com os dentes a nascer.

Escuto, e a única resposta é o silêncio da noite do lado de fora da janela do meu quarto. Mas há uma mudança no ar, é a única maneira de a descrever. Com um arrepio de pavor, apercebo-me de que pode ter sido a suave mudança na pressão do ar quando uma porta fechada se abre, ou o som de um trinco forçado, ou de uma entrada forçada.

Alguém entrou no meu apartamento. Alguém entrou no meu quarto. Consigo sentir a sua presença, uma densidade, um calor invasivo que se eleva do seu corpo, transportado pela sua respiração. Não consigo respirar, e o pânico apodera-se de mim enquanto procuro o interruptor da luz.

Nada, não há nada, não está lá ninguém. Só o meu varão com as minhas roupas e o meu toucador, os meus livros e as minhas coisas. Mas a minha cama tem um cheiro estranho e o quarto parece errado, inclinado, fragmentado. Nada está onde é suposto estar, nada parece estar certo. As pegadas gravadas no solo do lado de fora da janela da minha sala de estar surgem na minha cabeça, ainda a assombrar-me meses depois.

A adrenalina elimina os últimos vestígios de sono e o meu coração bate contra o esterno. Saio da cama e vou em bicos de pés até à porta da frente para verificar se a corrente está no sítio, depois espreito para a sala de estar iluminada pela lua. Tudo está como devia estar, mas na cozinha há três lesmas a rastejar pelo linóleo, deixando rastros prateados. Faço um ruído involuntário, gutural, e esmago uma delas em ranho com uma pancada de uma sapatilha de *ballet* bem direcionada. Cheia de autoaversão, tenho a repugnante percepção de que agora tenho de limpar o puré de lesma do chão da cozinha.

Já passa das seis. O meu despertador estava programado para as sete. Ligo a chaleira e preparo uma chávena de chá de maçã com especiarias. Enquanto o chá está a ferver, uso um tubo de rolo de papel higiénico para apanhar as lesmas vivas que restam e atirá-las pela porta das traseiras, e com um punhado de rolo de cozinha limpo o seu irmão morto.

Do lado de fora da janela da cozinha, para além da minha fileira de

plantas domésticas murchas, a escuridão aperta contra o vidro, e eu forço-me a olhar e não me encolho nem me afasto do reflexo que me olha de volta. Pareço esgotada, mas cada reflexo matinal parece um pouco desgastado nas margens. Não encontro o meu pequeno frasco vaporizador, por isso, encho um frasco de compota com água da torneira e rego a minha querida *monstera*. Um cheiro estranho, como o sabor ácido de uma loja de *fish and chips*, emana das suas raízes.

Apetece-me escrever, mas o diário lilás já se foi há muito, perdido numa bebedeira, sem dúvida. Apetece-me ler, mas não consigo encontrar nenhum dos livros que me apetece. O meu exemplar de *Bluets* parece ter desaparecido no ar. Anseio por conforto, calor e criatividade, por isso, decido-me por *Apenas Miúdos*, pensando na parte em que uma jovem Patti Smith está sem emprego e com fome em Nova Iorque – «*Até Baudelaire tinha de comer*» –, mas também não consigo encontrar esse.

Apesar de uma atitude um pouco *laissez-faire* em relação ao seu estado, mantenho os meus livros organizados, de modo a poder encontrá-los sempre que me apetece, normalmente a altas horas da noite e com um copo na mão, sucumbindo a um desejo embriagado noturno pelo familiar.

Tento manter a minha vida organizada porque o estado da minha casa reflete o meu estado de espírito. Enquanto a minha casa estiver organizada, sei que a minha mente está limpa. Se uma biblioteca é uma janela para a alma, então quanto mais dispersos estiverem os meus livros, mais dispersa me sinto. Quanto mais dispersa me sinto, mais dispersos eles ficam. É um dos meus primeiros sinais externos de aviso de que não estou bem, juntamente com beber até desmaiar, saltar refeições e criar ligações obsessivas e unilaterais a homens que não posso ter.

Desisto da Patti Smith. Retiro-me com a minha caneca e enrosco-me debaixo dos cobertores ainda quentes. Apoiada em almofadas, leio *O Ano do Pensamento Mágico* e, quando o despertador toca às sete, ainda está escuro e não consigo fazê-lo, não consigo sair da cama. Leio até que o Sol nasça e limpe o quarto de sombras, e evapore os fantasmas.

Mas não são os fantasmas que me mantêm acordada à noite. Não são os fantasmas que me assustam. Os fantasmas não me podem fazer mal, não podem invadir a minha casa, não me podem roubar, não me podem violar, não me podem matar enquanto durmo. Há muito o que temer neste mundo, mas quando algo acontece na noite, não são os fantasmas que me assombram.

Não consigo pagar um terapeuta para me tratar e não consigo ir facilmente ao médico durante o mês de dezembro, quando a loja mais precisa de mim. Desde outubro que nem sequer vou ao meu grupo de apoio e estou demasiado cansada, demasiado ocupada, mal consigo passar de um dia para o outro, para pensar em ir tão cedo.

Li uma vez que as pessoas que leem *True Crime* acreditam que há uma hipótese desproporcionada de lhes acontecer algo terrível, que *serial killers* são mais comuns do que realmente são. Mas e aqueles de nós que passaram

por isso? O assassinio da minha mãe mudou a minha compreensão do mundo à minha volta. Lee Frost pode estar preso, mas qualquer que seja a sede misógina de violência que se tenha acumulado dentro dele para se tornar assassino, pode também acumular-se noutros. Não me quero tornar uma mulher que dorme com uma faca de pão debaixo da almofada, mas sei como o mundo pode ser cruel. Não posso continuar assim, a viver com uma ansiedade e uma paranoia sufocantes, um pavor constante que se abate sobre as fronteiras da minha sanidade, corroendo os meus nervos e manifestando-se como ameaças que simplesmente não existem.

Levanto-me tarde e não tenho tempo para tomar o pequeno-almoço, o que é uma sorte, porque os abacates apodreceram na tigela e parece que não me sobrou nenhum *bagel*, embora tenha a certeza de que tinha quatro no domingo. Ou foi no domingo passado? Não consigo encontrar nada. Meias desemparelhadas, brincos desaparecidos. Estou a perder o controlo, mas não há tempo para me reequilibrar. Decido-me por uma roupa *grungy* – uma *t-shirt vintage* dos Guns N’ Roses, *leggings*, meias grossas e confortáveis e botas do exército, imitações das Jeffrey Campbells. Faço um café instantâneo, que detesto, mas não há tempo para um café, não há tempo para o Starbucks. No entanto, faço uma pausa na sala de estar, apoio o queixo na mão por uns momentos e fico em frente às minhas estantes, a ver, a ver, a ver as lombadas à procura do meu exemplar desaparecido de *Apenas Miúdos*.

O som do trânsito da hora de ponta faz-se ouvir no ar rarefeito da manhã quando saio para o trabalho no último dia dos turnos noturnos da Roach, o meu último dia de liberdade.

Uma cliente aproxima-se da caixa, uma mulher que quer um livro de nomes de bebés. Usa uma maquilhagem chique e um perfume caro, e o seu cabelo castanho-chocolate está penteado de forma descontraída, como as mulheres ricas costumam fazer. Faz-me lembrar a mulher do meu pai, Margot, e sinto um arrepio de irritação. Mostro-lhe a secção e viro-me para a deixar, ansiosa por voltar à minha tarefa, mas ela mantém-me ali enquanto pega em cada livro, examina-o, volta a colocá-lo no lugar, pede a minha opinião sobre cada um deles.

São todos iguais. Impaciente, decido arriscar e pego num com um bebé gordo, nu e de olhos azuis a rir na capa.

– Este é o *bestseller* – digo eu. – É o melhor livro dos nomes dos bebés.

– Oh! – Ela tira-me o livro com interesse e folheia as páginas.

– Conheço tantas pessoas que escolheram os nomes dos seus bebés a partir deste. É para si?

– Sim – diz ela. Vou comprar um cão.

Os clientes são constantes, implacáveis, uma resma interminável de perguntas. Estão abertos? Trabalha aqui? Tem isto em *stock*? Tem mais exemplares no armazém? Há alguém na caixa? Alguém está a atender? Há

mais alguém que me possa atender? Quanto é que custa? Onde é que está o preço? Porque é que não tem o preço? Bem, porque é que não está na parte da frente? Posso ter um desconto? Este está em promoção? Posso ficar com este? Ainda estão abertos? Trabalha aqui? Pode ajudar-me? Ainda estão abertos? Está livre?

Envio uma mensagem de texto ao Eli – *Em breve encontramos, 'migo!* – e ele não responde, e apercebo-me de que provavelmente está morto para o mundo, a dormir profundamente, e todos os pensamentos sobre mim esquecidos.

Roach

O livro do ano foi *Flower Crowns of the Arctic*, como se eu me importasse alguma merda com isso. Mais um livro de bolso para o mercado de massas com um título pseudo-inteligente para os clubes de leitura cheios de Lauras se deliciarem. Era sobre a mãe falecida de uma rapariga e as alterações climáticas. A Laura tinha escrito um pequeno cartão de recomendação para ele: *um romance arrebatador sobre a forma como as coisas podem parecer danificadas e sem reparação, como as coisas podem parecer arruinadas, e como temos de sarar antes de podermos seguir em frente, Laura xox*. Tretas sentimentais.

Eli, Kofi e eu tivemos o fim de semana de folga para facilitar a nossa transição para os turnos diurnos, mas mesmo assim tínhamos de participar na reunião da equipa de Sharona, no domingo à noite, para discutir a estratégia, o que não me pareceu justo.

Na sala dos colaboradores, os livreiros estavam a beber café, desgrehados de cansaço. Eli tinha olheiras cor de nódoa negra, a pele com o tom de leite azedo de demasiados dias sem sol. Estava ao lado de Laura, que estava sentada numa das mesas da cafetaria e balançava as pernas, encantada por estar de novo sob o brilho da sua presença medíocre.

– Olá, Laura – disse eu.

Com um olhar de reprovação, ela cumprimentou-me friamente antes de voltar sua atenção para Eli. Parecia doce e pequena, uma colegial a divertir-se à brava e flirtar com um palerma atlético. Naquele momento, vi Eli como o capitão da equipa de futebol, e Laura como uma *cheerleader* a mastigar pastilha elástica. Ela não queria saber de mim. Não se importava com o trabalho que eu tinha feito na minha secção, ou com a nossa amizade, ou com o tempo que eu tinha passado no projeto que nos iria juntar. Uma maré crescente de raiva invadiu-me, e eu passei-me.

– Laura, tenho uma pergunta para ti. Porque é que a Sharona acabou com a minha secção?

As suas bochechas ficaram da cor da pele acabada de esbofetear, vermelhas, quentes com as brasas da vergonha, e ela soltou um riso oco e exasperado.

– Está a falar a sério? Como é que eu hei de saber?

– Já falámos sobre isto – disse Eli, sempre o mediador, sempre a voz da

razão, o diplomata solitário, separando um mar de histeria para chegar à conclusão mais lógica. – Não teve nada a ver com a Laura.

– Não acredito em ti – afirmei, embora estivesse a olhar para Laura. – Sempre tivemos uma secção de *True Crime*. Não faz qualquer sentido acabar com ela.

– Ninguém compra – disse Laura, tirando o tabaco da mala. – *Nem* tu compras. Encomendas os livros com nomes falsos e depois vais lê-los para a sala dos colaboradores.

Ela fez sinal com a bolsa de plástico do tabaco para Eli, e ele reconheceu o sinal universal dos fumadores para uma saída. Ele acenou com a cabeça e pegou no casaco.

– Não leves a peito – disse ele. – Não é que tenhamos deixado de vender os livros, ainda cá estão todos.

– Mas a secção era *minha* – declarei. – Há anos e anos que cuido dela.

– O que se passa – disse ele – é que nunca foi realmente *tua*, pois não?

Ele dirigiu-me um sorriso arrogante e saíram juntos para o terraço. Os meus cigarros de conversa estavam no meu saco, mas não me conseguia mexer. Enquanto os outros livreiros chegavam, eu permanecia no meu lugar, segurando *The Stranger Beside Me* com as duas mãos, mas sem conseguir abri-lo, gelada com a injustiça de tudo aquilo.

Sharona gostava de falar e, nessa reunião, falou. Ela tinha grandes expectativas em relação a *Flower Crowns of the Arctic*, e expectativas ainda maiores em relação à capacidade da sua equipa para o vender. Tinha feito um gráfico para saber quantos exemplares cada livreiro vendia por dia, e havia autocolantes com estrelas douradas, prémios patetas e todo o tipo de disparates para nos incentivar a vender, vender, vender.

– Estamos em posição de criar *bestsellers*, certo? – questionou ela. – Confiamos na direção para escolher bons títulos; os nossos clientes confiam em nós para recomendar bons livros. Devíamos poder recomendar *Flower Crowns of the Arctic* a todas as pessoas que entram por aquelas portas. Devíamos ser capazes de o fazer voar. Quero que toda a gente se concentre nele.

– E mais uma coisa, malta. – Eli inclinou-se para a frente enquanto assumia o comando da sala. – Se ainda não o fizeram, podem confirmar a presença na festa de Natal e dizer-nos se vão levar mais alguém? Os acompanhantes são muito bem-vindos, e é uma ótima oportunidade para nos conhecermos um pouco melhor.

Engoli um sorriso ao pensar na Brodie e no Sam numa festa de livreiros. Nós, com a nossa arrogância *rock 'n' roll*. O Sam, com o seu blusão de cabedal rasgado, a beber um copo de Jäger. Íamos dar-lhes cabo da cabeça.

– Bem, é tudo – disse Sharona. – Saúde, malta. Vamos lá torná-lo um sucesso.

Os outros começaram a vestir os casacos e a verificar os telemóveis, a conversar e a falar vagamente sobre ir beber um copo. Laura saiu diretamente pela porta, como uma raposa, de levezinho a deslizar entre as cercas do jardim.

– Roach, espera um segundo. Gostava de falar contigo – Sharona aproximou-se e sentou-se na mesa da cafetaria, em frente à minha poltrona. Nas semanas que se seguiram à última vez que a vi, o Natal estava a cobrar o seu preço. O seu rosto tinha rugas, os seus olhos estavam inchados e cheirava ligeiramente a cigarros e a bálsamo de tigre vermelho.

– O Eli disse-me que estás chateada por causa da secção de *True Crime* – disse ela, rodando a chávena nas mãos. – Queria ser eu a contar-te, mas, nesse dia, chegaste tarde ao trabalho. Lamento imenso que não tenhas sabido por mim.

A violência fervilhava dentro de mim e eu apertava e soltava os meus punhos.

– Estou a dar-te a oportunidade de falar sobre os teus sentimentos – disse ela. – Não queres aproveitá-la?

– Não é justo – declarei, soando chorosa e odiei-me por isso, mas também não consegui evitar. – É tudo o que tenho a dizer. Não é justo.

– Olha. Precisávamos de espaço e era a secção mais lógica para separar. E devo dizer que isto não está aberto a discussão. – A sua voz era calma, mas o olhar era severo. – Já foi feito, e ponto final. Não é algo que eu esteja interessada em visitar antes do Natal. E Roach, ouve. Não sei qual é a história entre ti e a Laura, mas acaba aqui, está bem? Ela pediu transferência, mas não vou deixar que a empurres para fora. Os turnos noturnos eram para vos dar espaço, mas se não se acalmarem, mando-te *a ti* embora e envio-te para outra loja. Entendido?

– Mas a culpa não é minha! Eu nunca lhe fiz nada, ela é que tem a mania que é contra mim. É simpática com toda a gente e olha para mim como se eu não estivesse lá.

– As mudanças na loja não têm nada a ver com a Laura, Roach. *Nada* a ver com ela. A decisão foi minha, não da Laura. Percebeste?

Olhei para ela. Estava a subestimar-me, a subestimar o meu poder.

– Sei que estás desiludida – disse ela, com a voz mais suave. – Mas não é assim que fazemos as coisas. Continuamos a ter os livros em *stock*, estamos apenas a repensar a forma como os apresentamos, o contexto em que os colocamos. Está bem? É tudo uma questão de contexto.

– Já posso ir embora? – perguntei. Ela fixou o meu olhar durante alguns segundos, e eu senti-me como um germe sob um microscópio. Perguntei-me o que estaria ela a pensar.

– Podes ir – disse ela, e havia um ligeiro traço de desilusão no seu rosto.

*

Os turnos diurnos eram um inferno depois de me ter habituado ao silêncio suave da noite. O fluxo constante de *normies* com as suas perguntas sem

sentido era como uma forma de tortura psíquica. Não conseguia pensar, não me conseguia concentrar em mais nada. Uma mulher com cuspo nos cantos da boca ameaçou mandar despedir-me quando eu lhe pedi para ter calma e me deixar pensar enquanto localizava a sua encomenda desaparecida. Um homem que cheirava a cabelo queimado tentou negociar um grande desconto num álbum caro e reagiu mal quando eu disse que não.

– A vossa loja é uma roubalheira – disse ele.

– A loja não é *minha* – respondi.

Pensei muito na morte. Não de uma forma misantrópica – não sonhava em matar clientes especificamente –, mas pensava muito na graça de Deus, por assim dizer, e confortava-me a ideia de que, um dia, todas aquelas pessoas horrendas estariam mortas e que as suas crueldades não as salvariam. Nas minhas longas e solitárias caminhadas de ida e volta para a loja, envolta em escuridão, ouvia *podcasts* sobre homicídios e sentia-me relaxar. A minha mandíbula soltava-se e a tensão nos meus ombros desaparecia. Pôr os auscultadores e passar meia hora mergulhada nas suas vozes melosas era como entrar num banho quente, e começava a trabalhar todos os dias com uma determinação fúnebre, humilde e aliviada pelos pensamentos da morte. O grande nivelador.

Se as reflexões sombrias me levavam até ao Natal, era o brilho da novidade que levava Laura. Ela estava no seu elemento. Apesar de ter um aspeto bastante rude, com o brilho manchado pelo extenuante dia de trabalho, adorava pavonear-se por entre a multidão, usando chifres de rena num dia, um chapéu de Pai Natal no dia seguinte, oferecendo uma embalagem de plástico de Quality Street, ou um prato de tartes de carne picada aos clientes. Era brilhante e doce, espremendo-se entre os clientes com uma alegre indiferença aos seus estados de espírito, desejando às pessoas um Feliz Natal, acariciando os bebés nos seus carrinhos de bebé, perguntando às crianças se tinham sido más ou boas, com o tipo de energia e entusiasmo normalmente reservados aos professores da escola primária e aos apresentadores do *Blue Peter*. Se estava a tratar de um pedido de informação de um cliente e outro tentava chamar a sua atenção, pedia-lhe que a seguisse enquanto se deslocava de uma secção para outra. Percorria a loja com uma fila de clientes atrás de si, como a Mãe Ganso, fazia-os rir e conseguia sempre acrescentar algo extra aos seus cestos: um livro a metade do preço para si, um novo *thriller* para a mãe, um presente de amigo secreto para um colega de trabalho, um telescópio de brinquedo ou estrelas que brilham no escuro para os irmãos.

Laura tinha uma maneira de ser, uma forma séria e despreocupada de se comportar de que os clientes pareciam gostar. Era de confiança. Era simpática. Ouvia o que as pessoas tinham para dizer e era capaz de corresponder ao seu estado de espírito, à sua energia. Arranjava maneira de recomendar o livro do mês a todos os clientes, como se, de entre os milhares de livros da livraria, *Flower Crowns of the Artic* fosse aquele que tinha sido escrito especialmente

para eles. O filme perfeito, o sapatinho de cristal da Cinderela.

– Nunca vi nada assim – disse Sharona quando Laura vendeu o seu décimo exemplar de *Flower Crowns of the Arctic* nesse dia.

– Ela era capaz de vender um par de botas a um homem morto – respondeu Eli, fechando a gaveta da caixa e rasgando o recibo. Uma expressão de perplexidade atravessou-lhe o rosto. – É essa a expressão correta?

Os clientes não confiavam em mim da mesma forma que confiavam na Laura. Quando eu tentava ser entusiástica, parecia insincera, e quando tentava ser eu própria, eles recuavam. Os clientes eram mais incisivos comigo, mais rudes, menos indulgentes. E quando tentava vender o livro do mês, ouviam-no com dúvidas nos olhos, como se percebessem que eu não o tinha lido e que não sabia realmente do que se tratava. Quando o recomendava, era sempre como uma reflexão tardia, do género «Quer batatas fritas com isso»?

Estava tão habituada à rejeição que, nas raras ocasiões em que a maldita coisa despertava o interesse de um cliente, era frequente voltar a colocar o livro na pilha em vez de o digitalizar.

– Não pensem que não têm de se esforçar porque a Laura está a cumprir a nossa quota de vendas – disse-nos a Sharona uma manhã, durante uma reunião de informação. – Ela está a criar o precedente. Deviam estar todos a tentar igualá-la. Se cada pessoa do turno vendesse metade do que ela vende, seríamos a loja número um da região.

Quando acabava o trabalho, estava muitas vezes demasiado cansada para ir a Ilford ver o Sam, e não estava preparada para que ele conhecesse a força total da Jackie, embora soubesse que o tempo estava a esgotar-se nessa frente. Em vez disso, quando eu chegava a casa à noite, ligava o forno e ficava no balcão em transe, cortando mecanicamente salada para *Bleep* enquanto uma piza congelada cozinhava apenas o tempo suficiente para o queijo derreter, e então eu a levava para o meu quarto, despejava os vegetais de *Bleep* na sua tigela e rastejava para a cama, em lençóis fedorentos que cheiravam a cuecas sujas e a piza do forno da noite passada, e ficava ali deitada a mastigar fatias de piza que congelavam rapidamente, ouvindo a agitação distante e as piadas do bar lá em baixo até adormecer, quando sonhava com um calor fétido de verão, um assassino à solta e mulheres fiéis a caminhar por ruas escuras e silenciosas, caminhando diretamente para a boca do lobo.

Laura

– É como uma margarita, mas ao estilo de Las Vegas – digo eu, cortando as limas em cunhas e espremendo o sumo para um jarro de plástico arranhado de Fosters que roubei da pista de corridas de cães de Walthamstow, no verão anterior ao seu encerramento.

– O que significa «estilo de Las Vegas»

– Grande e barata.

– Uma imitação pobre da coisa real, então – diz Eli, enquanto eu misturo um quarto de garrafa de *tequila* e três garrafas geladas de Corona no jarro de sumo de lima. Encho-o com Sprite e gelo.

– É bom, juro – digo eu, mexendo com um pauzinho de madeira. – Vais adorar.

Ele mexe no altifalante Bluetooth do frigorífico e põe uma *playlist* do Spotify com *grunge* dos anos 90, depois começa a enrolar um par de cigarros.

– Onde é que está a Lydia esta noite? – pergunto, leve e casualmente, verificando o meu reflexo na parte de trás de uma colher. Estou a experimentar um batom líquido antigo chamado Unicorn Horn. É o tipo de azul David Hockney de uma piscina de Los Angeles, e comprei-o quando os batons invulgares ainda eram fixes. Percebi logo que abri a porta da frente que Eli o detestava, mas não há maneira casual de recuar num lábio ousado, a não ser que se vá comer ou foder.

– Jantar com a família dela – diz ele, passando-me o cigarro enrolado e aceitando em troca um frasco de *cocktail* amarelo turvo. O *cocktail* lança bolhas de prata para o ar. Encomendei frascos Mason na Amazon, em 2014, antes de estarem em todo o lado. Agora, os meus copos estão tão fora de moda quanto o meu batom.

– Porque é que não foste?

Ele semicerra os olhos, à procura das palavras certas.

– Eu só ia atrapalhar. A irmã dela ficou noiva e... sabes como são as mulheres.

Ele acende o cigarro com um isqueiro de plástico verde e passa-mo. Apesar de ter lambido a tira de cola de mil cigarros que fumei, há algo de estranhamente íntimo na humidade do filtro quando eu dou uma passa no meu.

– Como é que são as mulheres? – pergunto, deixando o fumo sair da

minha boca durante alguns segundos antes de o expelir.

– Oh, não, não vou cair nessa. Passo tempo suficiente com a Sharona para reconhecer uma armadilha quando a vejo – responde ele, com um sorriso.

Depois de dois jarros da minha margarita ao estilo de Las Vegas, Eli pede emprestada a minha velha bicicleta e vai até ao novo bar *hipster* na rua principal para ir buscar duas doses de *hot wings* com couve-flor e *sriracha*, e molho de queijo azul vegano. Já estou embriagada o suficiente para limpar o meu batom e pintar os meus lábios com um simples, mas penetrante, rosa framboesa. Digo às pessoas que é o tom perfeito para os meus lábios, mas melhor, mas na verdade é uma combinação perfeita para os meus mamilos.

Quando Eli volta com os recipientes de cartão fumegantes, acena com a cabeça para a minha cara.

– Tiraste o batom esquisito.

– Bem, vamos comer – digo eu.

Sentamo-nos no chão da sala de estar, com as pernas dobradas, os recipientes de cartão entre nós no tapete. Eli pega num pedaço de couve-flor e mergulha-o num frasco de molho de alho. Eu inclino-me para frente e pego num pedaço, e as pontas dos nossos dedos tocam-se quando ele mergulha duas vezes a asa.

Já estou bêbeda, mas preciso destas noites longas, preciso de uma forma artificial de descontraír. Está escuro quando saio para o trabalho de manhã, e está escuro quando os meus turnos terminam. Os meus dias são preenchidos por um céu azul-marinho e um frio húmido no ar que me faz doer os joelhos. Dói-me tudo, todos os ossos e todos os músculos do meu corpo. Dói-me a cabeça por causa da desidratação, porque nunca há tempo para beber água e estou sempre de ressaca, e dói-me o estômago porque trabalho durante as pausas para almoço. Os meus braços estão doridos de carregar sacos e empurrar carrinhos, de carregar pilhas de livros, de me esticar para chegar às prateleiras de cima. As minhas pernas ardem de tanto subir e descer as escadas porque é mais rápido do que esperar pelo elevador, os meus pés pulsam de dor e, quando fecho os olhos, só consigo ouvir o refrão dos Wham!, Wizzard e Slade a tocar repetidamente dentro da minha cabeça, e o coro incessante dos clientes de «Desculpe?» e «Há aqui alguém que trabalhe?» e «Está alguém na caixa?» e «Trabalha aqui?» e «Bem, deviam arranjar mais pessoal», e assim sucessivamente.

Eli está embriagado e divaga, falando longamente sobre Charles Bukowski, e eu ouço, com a boca cheia, contente por deixar que o seu monólogo me envolva. Eu sou um pedaço de vidro, e ele é o mar, e a sua conversa suaviza as minhas arestas, torna-me suave.

– É como, tipo, ele era a porra de um bom escritor – diz ele, lambendo o molho picante das pontas dos dedos e olhando disfarçadamente para os meus seios através do fino algodão cinzento da minha *t-shirt* –, mas também era um alcoólico abusivo.

A gordura grava os frascos Mason com as voltas e espirais das nossas

impressões digitais. Giro o copo nas minhas mãos e lambo a picada de malagueta dos meus lábios.

– Não, não era – digo eu.

– Confia em mim, Lau – diz Eli, mastigando um pedaço de couve-flor pegajosa em massa de cerveja, com a boca aberta. – Ele era ignóbil. Sem dúvida nenhuma.

– Não, quero dizer que ele não era um bom escritor.

– *O quê?* Oh, vai-te foder. Só estás a dizer isso porque toda a gente o diz. Aposto que só leste o *Correios*. Tens mesmo de ler o *Factotum*. Ou mesmo alguma da sua poesia. Eu empresto-te... tenho montes deles no meu apartamento.

Na verdade, quero dizer-lhe, li praticamente tudo o que Bukowski escreveu. Até uma coleção das suas malditas cartas. Na verdade, quero dizer que me esforcei para ler tudo o que pude encontrar de Charles Bukowski, e nada disso fez diferença porque eu nunca te disse, e tu escolheste a Lydia em vez de mim, e agora é tarde demais.

– Não gosto de Bukowski – digo eu, e lembro-me da vez em que ele me leu um poema de Bukowski sobre pássaros azuis e corações e de como eu o detestei.

– Precisas de ler mais poesia dele – diz Eli com um tipo de autoridade aborrecida. – Amanhã mando vir a coleção grande para a loja.

Tiro um maço de cigarros do meu esconderijo debaixo do sofá e acendo um. Eli limpa os dedos na *t-shirt* e pega avidamente no maço, mas eu enfio-o de novo debaixo do sofá.

– O que é que se passa? Deixa-me tirar um.

– Enrola um se estás assim tão desesperado.

– Porque é que estás a ser esquisita?

– *Não* estou a ser esquisita.

– Estás a ser esquisita – diz ele, forçando a mão por baixo do sofá para ir buscar o maço de Marlboro. Põe um na boca, mas eu enfio o isqueiro verde no bolso de trás.

– Não estou a ser esquisita de forma alguma – digo, e depois inclino-me para a frente e passo a mão sobre a sua *t-shirt*, sobre o local aproximado da tatuagem do pássaro azul, e depois ele olha para mim, e eu olho para ele, e arranco-lhe o cigarro da boca e beijo-o nos lábios.

Enquanto nos beijamos, a música sobe na minha cabeça, mas são os refrões de Wham!, Wizzard e Slade que estão a ser repetidos nos altifalantes da loja. A mão dele a tocar-me o peito através da minha *t-shirt* é o coro incessante de clientes a gritar «Desculpe?» e «Trabalha aqui alguém?» e o seu ofegante «Meu Deus, não consigo evitar estar contigo» é o som de uma gaveta da caixa a bater, o telefone a tocar, a campainha das traseiras a tocar.

– Isto é só por esta noite, sim? – diz ele, e o som, o som que ele faz quando eu pressiono a beata do meu cigarro aceso na sua bochecha coberta de barba: isso é um pássaro azul, isso é poesia.

Roach

Na sexta-feira à noite, sozinha no meu quarto, bebi uma lata de *Dark Fruits* enquanto a lixívia fazia a sua magia. Estava preocupada que o cheiro forte a amoníaco de piscina fosse prejudicial ao *Bleep*, por isso abri a janela para manter o ar fresco de inverno a circular. O meu couro cabeludo formigava e ardia, o que parecia ser um mau sinal, mas às vezes temos de confiar no processo. Absorvida por um documentário amador do YouTube sobre Lee Frost, perdi a noção do tempo. Quando lavei o cabelo na torneira da cozinha, estava mais para um louro-amarelado, da cor de gelado de baunilha derretido, com manchas ainda tingidas de um rosa-claro onde a tinta roxa não tinha conseguido sair. Quando passei os dedos pelo comprimento do meu cabelo, as pontas desfiaram-se e soltaram-se nas minhas mãos.

Sem me deixar intimidar, peguei numa tesoura e cortei toda a palha, deixando-me com um cabelo loiro à altura do queixo, tal como a Laura. O loiro ficava-me bem. Tirei uma fotografia e enviei-a ao Sam. *As louras divertem-se mais?*

Pareces a Myra Hindley, disse ele, o que eu sabia ser um elogio.

A festa de Natal do trabalho é amanhã, disse eu. *Queres vir? Talvez ir ao bar depois, conhecer a minha mãe?*

A festa de Natal seria a noite em que o meu eu fraturado se tornaria inteiro de novo. A Brodie do Sam e a Roach da Spines iam juntar-se como uma só. Parecia ser uma altura tão boa como qualquer outra para trazer o meu terceiro eu, a filha de Jackie, Brogan, também para a mistura.

No cruzamento onde Brodie, Brogan e Roach se encontram, eu precisava de saber o que vestir. Nunca fui o tipo de rapariga que usasse coisas bonitas. O meu guarda-roupa era uma mistura de calças de ganga pretas, *leggings* pretas, *t-shirts* pretas e camisolas de capuz pretas, por isso, é claro que voltei o meu olhar de alfaiate para a Laura e decidi-me por invadir-lhe a casa de novo.

Virei-me para me ver ao espelho, enruguei o nariz e tentei rir como a Laura, e a rapariga no reflexo riu-se de mim, e parecia tê-lo feito a sério.

Laura

Dói-me tudo. Os meus olhos estão pegajosos, as pestanas coladas, como se tivesse estado a chorar durante o sono, mas é claro que não dormi. A língua áspera, os dentes peganhentos e com mau hálito, a garganta a picar com o fantasma do vômito. A dor na minha cabeça é quase insuportável, e a noite anterior é mais uma sensação do que uma memória.

Uma vergonha profundamente enraizada apodera-se de mim à medida que vou juntando as peças. Margaritas. Dedos gordurosos. Uma discussão com o Eli – mas será que nos beijámos? Sim, o beijo desesperado de uma noite tardia. Fragmentos de uma discussão surgem e desvanecem-se. Lembro-me de sentir um nojo absoluto e profundo, tanto dele como de mim própria. A patética previsibilidade de tudo, desde a dureza da sua pila à fome dos seus lábios, as suas mãos que me arranhavam o corpo. Enquanto nos beijávamos, o resto acontecia na minha cabeça como uma premonição: o nosso desejo a aumentar, o inevitável coito duro e rápido, um clímax apressado, depois o vazio. Qual é o objetivo de tudo isto? A luxúria transformou-se em aversão e eu viajei, perdi o controlo do carro e bati com ele.

Verifico o meu telemóvel e o meu estômago afunda-se quando vejo um e-mail do meu senhorio.

Laura, diz. Como certamente sabes... inquilina fiel... preço médio em Walthamstow... já não é arrendável... se não pudeses pagar o preço atual... aviso prévio de um mês... de certeza que compreendes...

Tudo se confunde num caleidoscópio de miséria. O irmão dele deve tê-lo avisado, fazendo-o perceber que as rendas em Walthamstow tinham aumentado. Estou demasiado ressecada para sentir algo mais do que um amargo arrependimento. Nunca devia ter falado com o meu senhorio, devia ter ignorado os passos no solo, tal como fiz com os ratos, a humidade, o bolor e as lesmas.

O amanhecer azul inunda a sala de estar e sinto-me como se estivesse a flutuar de braços numa piscina. Estou a tremer, ainda um pouco bêbada. Ouço Sufjan Stevens e vejo a luz a mudar. O teto passa de azul a rosa, e depois de rosa a dourado. Vejo as horas. Devia estar a caminho da livraria. A festa de Natal é hoje, a grande noite. Não posso faltar. Tento fazer café, deito água fria por engano sobre os grãos gastos na *cafetière*. Não há mais leite. Tento vestir-me, mas não encontro nada, não me consigo organizar – os meus *collants*

estão todos sujos, só encontro uma bota de inverno, uma luva. Apercebo-me de que tenho de levar o meu fato de noite para o trabalho e a ideia de pensar em dois fatos leva-me às lágrimas. Telefone para a livraria, mas ninguém atende. Telefone à Sharona. Não atende. Ligo para a minha mãe, fazendo de conta que ela pode atender. O telefone toca porque o número foi reatribuído há anos, e eu desligo antes que o feitiço possa ser quebrado, antes que um estranho atenda e me diga para parar de ligar.

Todos os membros da equipa vão estar de serviço hoje, um dos dias mais movimentados do ano para os retalhistas. Seremos demasiados. Será claustrofóbico, sufocante. Seremos mais numerosos do que os clientes, um fluxo compacto, mas constante que se tornará mais irritado à medida que o dia avança, exausto de longos e bem regados almoços, de tardes no *pub* e da percepção a contragosto de que ainda têm compras para fazer. Clientes com tempo para matar, passando pela livraria, atraídos pelo seu brilho, pela sua opulência sazonal. Escolhendo prendas de última hora, gastando dinheiro à toa. Olhando abertamente para o meu rabo, olhando para o meu *top*, pedindo um sorriso, dizendo as mesmas piadas gastas que todos os outros clientes dizem: «Isso quer dizer que é grátis?», quando o código de barras não é lido –, esperando que te rias, esperando, pedindo, exigindo, esquecendo que não estamos ali para se rirem, que não trabalhamos para receber gorjetas, que não trabalhamos para eles. A remoer em pensamentos misantrópicos, pareço mais a Roach do que eu própria.

Roach. A memória dela faz-me revolver o estômago e a minha pele arde. A Roach, pálida, sombria, uma vampira, uma sanguessuga, que tira tudo o que pode de mim, que se debruça sobre a minha poesia, que engole pedaços do meu passado como um abutre, que rouba tudo o que lhe apetece.

E Eli. O Eli também lá estará, com os seus caracóis despenteados, os seus olhos sonolentos e as suas covinhas, a seguir-me, a passar por mim, com as pontas dos dedos nas minhas ancas, uma mão quente nas minhas costas, o hálito na minha nuca, a tentar fingir que não está a cheirar o meu cabelo, o meu perfume, a espreitar timidamente os meus seios, tão mau como o pior dos clientes, a levar-me, a manter-me à distância, a adoçar-me com migalhas de atenção, a recuar, sempre à beira do abismo, sem nunca levar as coisas mais longe. Mas já não, apercebo-me. Isso agora também está lixado.

Lá fora, um sol pálido matutino. Nevou durante a noite, e alguns restos de algodão agarram-se às coníferas. Normalmente, isto encantar-me-ia, mas a neve de Londres nunca dura muito tempo. É passageira, suja, não foi feita para durar.

Estou na paragem do autocarro. O fumo sai de uma chaminé próxima, enchendo o ar com o cheiro a lenha queimada. Um autocarro passa e eu fico onde estou até chegar dez minutos atrasada ao trabalho. Quando estou meia hora atrasada, o meu telefone toca e vejo o nome da Sharona a brilhar no ecrã, mas não consigo. Não consigo atender. O tempo está calmo e tranquilo e os autocarros vão e vêm.

Estão espalhadas. Agata Matthams foi cremada e as suas cinzas levadas para casa, na Polónia. Saffa Gamble foi enterrada no cemitério de Ilford, e Lana Brown foi enterrada perto da casa da família, em Bristol. No entanto, Elsie Meadows e a minha mãe partilharam o mesmo destino em mais do que um aspeto.

Em vez de ir para o trabalho, compro duas estrelas-de-natal no Tesco Metro e apanho o autocarro para Lavender Hill, onde o céu é cor de leite e os corvos debicam o chão gelado. Demoro algum tempo a encontrá-la. Algumas campas têm flores, plantas ou peluches, mas não esta. Esta é dura, nua, descuidada. Coloco uma estrela-de-natal na campa de Elsie e uso a chave da porta para raspar o líquen cor de cogumelo do seu epitáfio – à nossa querida mãe – numa Copperplate áspera e gasta pelo tempo. Um pedaço de poesia vem-me então à cabeça. *Não fiques junto à minha campa a chorar, eu não estou lá, eu não durmo.* Passo a mão sobre o granito cheio de marcas e um crescendo de tristeza abate-se sobre mim com a força de uma tempestade de outono. Inclino-me para a frente e os meus joelhos pressionam a terra fria e dura, e choro por ela, por Elsie, por esta mulher que nunca conheci, que nunca conhecerei, e que sempre conheci, e choro pelas crianças de luto representadas naquele epitáfio simples e triste. Já crescidos, talvez até com os seus próprios filhos.

Recompondo-me, levo a segunda estrela-de-natal à minha mãe e sinto-me muito mais calma, como se tivesse chorado até ao fim. Fico ali sentada durante algum tempo, sem ler, sem escrever, nem sequer pensar.

Roach

Estava uma noite fria e miserável. O trânsito denso entupia a Hoe Street, e uma chuva fina e fraca salpicava as pedras do pavimento enquanto eu caminhava para o apartamento da Laura. Era suposto ela estar a trabalhar nesse dia, mas mesmo assim senti-me compelida a procurá-la na cara de todos os estranhos que passavam por mim no passeio, nas janelas cheias de vapor dos *pubs* apinhados, nos autocarros que gaguejavam no trânsito até à estação. Eu sabia que ela devia estar a trabalhar porque toda a gente devia estar a trabalhar nesse dia. Mas eu não. A Sharona tinha-me dado o dia de folga. Um benefício inesperado, talvez orquestrado para me manter separada da Laura.

Tinha prometido a mim própria que deixaria de entrar furtivamente em casa dela quando os turnos noturnos acabassem, mas era preciso. O significado da noite era triplo: eu ia à festa de Natal da Spines como Roach, e o Sam ia lá ter comigo como Brodie. Depois, regressaria à Mother Black Cap, onde eu vivia como Brogan, para se encontrar com a Jackie pela primeira vez. Isso significava que as três versões de mim própria – a livreira, a filha e a namorada – estavam a juntar-se como uma só. Perante uma noite tão importante, não consegui resistir ao chamamento de sereia do guarda-roupa de Laura, uma última vez, para me guiar.

Eu não tinha contado nada disto à Jackie. Eu estava a trabalhar na base do preciso-de-saber e a opinião dela não era necessária. Ela só se ia enervar, tirar conclusões precipitadas, contar a todos os clientes habituais, vestir algo escandaloso, causar uma cena. Era melhor apanhá-la de surpresa, forçá-la a aguentar os golpes.

Enquanto caminhava no meio da chuva, imaginei como seria se eu e a Laura nos estivéssemos a preparar para a festa de Natal juntas. Eu levava uma garrafa de vinho, ela escolhia a música, olhava para mim e ficava um pouco ofendida com a minha roupa, franzia o lábio e abanava a cabeça. Diria qualquer coisa como:

– Não, de maneira nenhuma. Não podes usar isso. – Com um copo numa mão, ela procuraria nos seus cabides e tirava algo lindo do cabide, talvez o vestido preto comprido com uma racha até à coxa, e segurava-o para mim com um sorriso contagiante. «Experimenta este», diria ela, e mesmo que eu protestasse, ela sorriria e diria: «Confia em mim.»

E eu confiaria, confiaria nela. Experimentá-lo-ia, abraçando a minha

transformação sob o seu olhar experiente. Como uma lagarta a abrir as suas asas como uma borboleta, eu virar-me-ia para um lado e para o outro, e ambas concordaríamos que eu tinha nascido para usar aquele vestido.

Parecia tão real que quase podia sentir o sabor aveludado do vinho tinto a inundar a minha língua, cheirar o seu perfume de rosas enjoativo, sentir o tecido macio do seu vestido contra a minha pele. No meio da minha fantasia, deixei-me entrar. A luz da cozinha lançava um losango dourado no corredor escuro, mas não pensei nisso. Não tinha muito tempo, por isso dirigi-me diretamente para o quarto. Aquele cheiro horrível a mofo e a podridão atingiu-me na cara como um pano de flanela húmido, e abri a janela antes de concentrar a minha atenção no varão da roupa. Comecei a folhear os floreados, as bolinhas e as riscas, tal como Laura tinha feito na minha cabeça. Imaginei que a minha mão era a dela enquanto abria cortinas de tecido, passando os dedos por rendas e seda, veludo e cetim, até encontrar o vestido preto elástico perfeito, o mais fino com gola redonda e abertura até à altura da coxa. Atirei o casaco para o lado, tirei o capuz, a *t-shirt* e as calças de ganga; depois, calcei uns *collants* e enfiei o vestido na cabeça. Virando-me para um lado e para o outro, estudei o meu reflexo no espelho, brilhando ao pensar na reação do Sam. O meu cabelo ainda me surpreendia – um choque de louro-amarelado que fazia o meu rosto parecer estranhamente cor-de-rosa.

Tinha um monte de pontos brancos no meu queixo; rebentei-os como se fossem plástico-bolha e depois limpei o sangue com as costas da mão. Passei um creme suave nas bochechas para atenuar a cor do meu rosto e esborratei um pouco de *rouge* para lhes dar vida. Era como pintar com um dedo, e diverti-me a espalhar os diferentes pós e cremes até ficar com um aspeto ligeiramente monstruoso. Coloquei um rímel com crosta nas pestanas, pintei a boca com um batom vermelho que cheirava a casa funerária. Guardei o batom no bolso do meu capuz para o retocar mais tarde.

Laura tinha uma prateleira inteira de frascos de perfume empoeirados, e eu borrifei-me com uma *eau de toilette* da cor do uísque que me fez lacrimejar. O frasco dizia Shalimar, e estava cheio de pó cinzento.

Eu sabia exatamente qual era o colar que queria. Ela mantinha-o escondido debaixo da cama, esquecido numa caixa de recordações sentimentais. Procurei a caixa de madeira e amarrei o pedaço de ametista lascado à volta da minha garganta. Sentia-o frio contra a minha pele, como se tivesse um arrepio, mas gostei do seu aspeto. Um pedaço de gelo púrpura, captando a luz.

Enquanto estava lá em baixo, dobrei as minhas roupas e escondi-as debaixo da cama, depois voltei a minha atenção para o espelho para admirar o aspeto final. Inclinando as ancas, penteei o cabelo e tentei pensar como a Laura, tentei sair de mim mesma e pensar como ela pensaria. Examinei o meu batom, passei as mãos pelo meu corpo, dos ombros às ancas, alisando o tecido. Estaria isto certo para esta noite, estaria certo para a Brodie? Não podia dizer. O tempo estava a passar e eu precisava de ir embora, mas a

indecisão fez-me demorar, fez-me voltar ao seu guarda-roupa e examinar os cabides mais uma vez.

Um minivestido de veludo cor de vinho chamou-me a atenção e eu tinha acabado de o tirar do cabide quando ouvi um som alarmante, o som de água em cascata a rolar de um membro elevado. O chão inclinou-se por baixo de mim e os meus punhos apertaram-se à volta do vestido de veludo enquanto eu me esforçava por ouvir – e então, sim, o meu pior pesadelo floresceu do silêncio: uma voz solitária inchou das entranhas do chão, uma voz que soava a poesia. Laura, era Laura, e ela cantava para si própria, inconsciente e sozinha, sozinha na santidade da sua casa de banho.

– *Jesus died for somebody's sins but not mine.*

Enfie os pés nas botas com os cordões desapertados, peguei no casaco e na mala e fechei a janela. Depois, corri sem parar, atravessando o apartamento e saindo pela porta da frente, para a noite.

Laura

A Lorde faz-me uma serenata enquanto encho a banheira com água quente. Telefonei à Sharona assim que saí do cemitério, cheia de desculpas e justificações.

Não me tinha apercebido, disse eu. *Não pus o despertador. Pensei que era o meu dia de folga. A bateria do meu telemóvel acabou. Estou a ser expulsa do meu apartamento. Estou um farrapo, desculpa, por favor perdoame.* Ela não parecia acreditar em mim e perguntei-me se Eli teria dito alguma coisa sobre a noite passada. Qualquer coisa. Tudo. Nada. Não importa. Não havia muito que ela pudesse dizer perante tanta treta, e ela não parecia disposta a verificar a veracidade das minhas desculpas.

– Falamos sobre isso amanhã – disse ela, com uma voz firme que sugeria que ainda não tinha acabado. Depois, suspirou e o seu tom suavizou-se. – Mas olha, fico contente por estares bem. Estava mesmo preocupada, não podes simplesmente não aparecer.

– Eu sei – declarei, num pequeno sussurro. – Só me estou a sentir um pouco sobrecarregada.

– Falamos amanhã – disse ela de novo. – Mas ainda vens à festa esta noite, certo? – A Sharona não é de jogar o jogo da empresa, mas gosta de ser vista rodeada pela sua equipa, toda sorrisos e bons momentos, em eventos como a festa de Natal. Ela não me ia deixar escapar.

– Claro – disse eu, com os dentes cerrados. – Claro, claro. Até logo.

Submersa em bolhas com aroma a melancia, Lorde acalma-me com o seu jeito rouco de menina triste até a água arrefecer e eu perceber que preciso de me livrar deste mal-estar autoindulgente se quiser ir à festa. Um dilúvio de água cor-de-rosa borbulhante rola dos meus membros enquanto me levanto, e troco a Lorde pela Patti Smith para repor a minha disposição. *Tudo vai correr bem*, penso eu.

Embrulhada numa toalha, atravesso a cozinha até ao meu quarto. O chão está frio outra vez, aquele frio fantasmagórico que me é familiar, como se tivesse deixado uma janela aberta. Pergunto-me se devo fazer queixa ao meu senhorio, mas depois lembro-me e volta a bater-me. Uma dor de arrependimento amargo pelo que perdi: o meu apartamento, a minha casa, o meu espaço. Foi-se. Há um cheiro ténue no ar, um perfume que se desvanece. Inspiro profundamente e apanho um traço de aroma que quase me faz lembrar

a minha mãe, mas quando volto a inspirar, já desapareceu.

Arranjar-me parece uma tarefa árdua e nada corre bem. O meu batom escarlate característico, aquele que me faz sentir invencível, não está em lado nenhum e não consigo encontrar o colar de ametista da minha mãe. Tinha planeado usá-lo com um vestido roxo justo. Nunca o tiro da caixa de madeira que está debaixo da minha cama, mas também não me consigo lembrar da última vez que o vi. Tinha-o usado no Halloween? Sim. Não. Não consigo pensar.

Só consigo encontrar um dos meus sapatos de salto alto bons, e todos os *collants* lavados que consigo encontrar são da espessura errada, da cor errada. Viro o quarto de pernas para o ar, mas as coisas estão desarrumadas e fora de controlo e o meu cérebro está frito, por isso tomo uma decisão rápida e viro-me para um minivestido de veludo cor de vinho que caiu do cabide e ficou no chão do quarto enrolado. Ele roça as minhas coxas, abraça o inchaço dos meus seios. Sirvo-me de um copo de *Prosecco*, engulo-o, sirvo-me de outro, e olho de novo para o meu reflexo. Com uma pequena dose de *Prosecco*, pareço aceitável. Encontro um par de *collants* pretos superfinos que têm uma malha mas estão limpos, e escolho um batom diferente, um vermelho profundo que combina com o meu vestido e realça o mel dos meus olhos cor de avelã. Não há nada que se possa fazer em relação ao salto alto que falta. Que se lixe. Em vez disso, calço um par de Converse pretos nos meus pés. Acho que vai ficar muito ousado. Chique, *laissez-faire*.

Olho para o espelho do corredor enquanto visto o casaco, e pareço meio acabada, meio formada, quase lá.

Roach

Na linha Central, senti-me tonta, vertiginosa, a correr pela cidade, uma rapariga loira numa aventura com um vestido preto *sexy*. Apertei a ametista à volta da minha garganta. Havia definitivamente algo de feiticeiro nela, e imaginei que o pedaço de pedra continha algum do poder de Laura.

A Strand estava desastrosa e festiva, as ruas ladeadas de gambiarras industriais que piscavam e cintilavam contra um céu índigo. Caminhei para leste, passando pelas cadeias de restaurantes e pelos teatros bem iluminados. O centro de Londres parecia um lugar estrangeiro, que pertencia a outras pessoas: turistas, sim, mas também aos londrinos ricos e endinheirados, que passeavam pela National Gallery e iam à ópera com os seus casacos de marca e lenços caros, como se fossem donos do lugar.

Quando cheguei ao sítio do evento, acendi um cigarro para me manter ocupada enquanto esperava pelo Sam. Ele estava atrasado e eu estava a apagar o meu terceiro cigarro quando o vi.

Laura também estava a fumar um cigarro e vestia um casaco de cabedal por cima do minivestido de veludo cor de vinho que eu também tinha considerado. Parando em frente à loja de chapéus ao lado, verificou o seu reflexo na montra escura e puxou a bainha do vestido. Parecia que eu o tinha escolhido para ela e, por um momento, observei-a enquanto alisava o veludo sobre a barriga, estudando – ou admirando? – a curva das suas ancas, os seus seios, inspecionando-se como se estivesse a preparar-se para entrar no palco. Ela quer dormir com alguém esta noite, pensei eu.

Incongruentemente, ela tinha Converse nos pés e as sapatilhas casuais faziam-na parecer estranhamente desleixada e menos arrumada do que eu. Desejei poder iniciar uma conversa normal com ela, dizer algo casual e falador como «Não devias usar saltos altos com um vestido desses?», mas quando ela finalmente se virou e lhe chamei a atenção, olhou-me com atenção redobrada. Os seus olhos saltaram do meu cabelo louro para o meu colar, depois para o meu vestido e depois de novo para o colar. Parecia alarmada. Peguei na pedra de forma protetora, esfreguei os seus bordos lascados entre as pontas dos meus dedos.

– Mudaste o teu cabelo – disse ela, com um tom acusatório na voz. Tinha ficado pálida; uma mancha visível de suor salpicava-lhe a testa.

– O púrpura desvanece-se muito depressa – declarei, estendendo os

dedos para tocar nas pontas secas e espigadas. – Fartei-me de ter de o estar sempre a pintar.

Deu mais uma passa no cigarro e parecia abalada, quase indisposta. Perguntei-me se teria acontecido alguma coisa. Uma briga com Eli, talvez, ou uma má notícia.

– Bonito colar – elogiou ela, e eu instintivamente deixei cair a minha mão para o cobrir.

– Foi o meu namorado que mo deu – respondi, prendendo-o ao meu coração.

– Eu tenho um igualzinho a esse. – Ela semicerrou os olhos.

– A sério?

– Sim.

Engoli, mantive os dedos à volta do cristal para a impedir de o ver bem. Tossi, clareei a garganta.

– Estás à espera de alguém?

– Estou só a acabar isto. – Ela levantou o cigarro de enrolar, queimado quase até ao fim, e depois afastou-se para dar uma última passa. Fingi que estava a vasculhar a minha mala enquanto ela deixava cair a ponta do cão e pisou a beata no pavimento.

– Vemo-nos lá dentro – disse eu, e ela afastou-se sem olhar para trás.

Laura

No interior, o átrio de mármore branco brilha como a cera de uma vela acesa. As minhas mãos tremem quando pego num copo de *Prosecco* de uma mesa envolta em branco e olho em volta à procura de um caminho de fuga. Tenho de me afastar da Roach o mais depressa possível; tenho de desaparecer da festa antes que ela se cole a mim. A sua aparência fez-me perder o fôlego. A sua terrível coloração, o cabelo frito até ficar loiro. A ametista à volta da garganta. Até a sua roupa me parece familiar, como o vestido que usei no Halloween. Mas não pode ser, não pode ser o mesmo vestido. Ela só está a gozar comigo, a fazer de propósito para me irritar.

– Há algum sítio onde possa fumar? – pergunto à empregada, uma ruiva aborrecida de camisa branca que parece indiferente ao *glamour* festivo que a rodeia.

– Terraço no telhado – diz ela, abrindo uma garrafa de *Prosecco* com um gesto bem praticado.

O espaço é labiríntico, com escadas sinuosas e cantos e recantos inesperados. Velas elétricas saltam e tremeluzem em frascos de compota equilibrados em estantes, enfiados em expositores. O ar cheira a vinho com especiarias e papel novo, pó e baunilha, suor e perfume caro. Livreiros em vestidos de *cocktail* e fatos surgem das sombras com risos exagerados, o álcool a aquecer-lhes o sangue. Engulo um bocado da minha bebida, que está à temperatura ambiente e tem um sabor desagradável.

O riso rola sobre mim, provoca-me, e embora algum livreiro ocasionalmente me estenda a mão, me toque no braço, me toque no ombro, me agarre para um abraço, eu continuo a vaguear, ansiosa e sem amarras, meio evitando Eli, meio procurando Sharona, e temendo a ideia de os enfrentar, de lidar com a sua gentil desilusão.

Roach

Fiquei exatamente onde Laura tinha parado e admirei o meu reflexo, tal como ela tinha admirado o dela. O meu corpo não se curvava como o de Laura e os meus seios não enchiam o vestido da mesma forma que os dela, mas gostei do que vi. No reflexo do vidro, as luzes de Natal quase pareciam lanternas de gás e, sob os meus pés, as pedras molhadas do pavimento estavam impressas com pegadas de botas que quase poderiam ser as de Jack, o *Estripador* ou Sweeney Todd. Havia um *frisson* sombrio no ar.

– Estás bem? Estás com bom aspeto. – O Sam apareceu atrás de mim, passando os braços à volta da minha cintura. Vestia a mesma roupa de sempre: blusão de cabedal, *t-shirt* de *death metal*, calças de ganga pretas rasgadas no joelho, botas gastas. – Quase não te reconheci – diz ele, puxando uma madeixa de cabelo louro.

– Gostas?

– Pareces a Nancy Spungen – disse ele. – Nunca te vi tão bem vestida.

– É uma grande noite – respondi com um pequeno encolher de ombros da Brodie.

Entrámos no espaço e fomos recebidos por um livreiro que estava à porta com uma prancheta. Era o tipo de pateta elegante que usava calças de ganga, ficava atrás da caixa o dia todo e recomendava *Moby Dick* a todos os clientes. Um *normie* com uma educação privada, a venda de livros era apenas uma paragem antes de um emprego na área editorial.

– Olá, querida, como te chamas?

Foda-se.

– Roach – respondi eu por entre dentes cerrados. – É... hum. É Brodie Roach.

O seu sorriso fácil desvaneceu-se numa carranca de concentração enquanto ele examinava a lista de nomes.

– Brodie, Brodie... Peço desculpa, é livreira da Spines? Em que filial?

– Walthamstow – disse eu.

– Ah, deixaram-te sair para a noite, não foi? – gracejou, passando um dedo gordo pela página, passando para a seguinte com um floreado.

– Ah – fiz eu, em vez de me rir. O suor escorria-me pela testa e olhei para o Sam. Com as mãos enfiadas nos bolsos das calças de ganga, ele tinha entrado no átrio, com o rosto virado para a grande escadaria de mármore, com

um ar de curiosidade educada, enquanto estudava uma árvore de três metros que brilhava com luzes douradas, com os ramos atados com laços de veludo vermelho.

– Procura Brogan – sussurrei. – Chamam-me Brodie, mas é Brogan.

– Aha! – disse ele, com uma atuação vazia de triunfo. – Bem, então é isso. – Voltou à primeira página e recomeçou todo o processo. Atrás de mim, formou-se uma fila. – Brogan... Brogan... Brogan...

O Sam vinha na nossa direção, com a confusão estampada no rosto. Eu desejei que o finório anormal parasse de repetir o meu nome.

– Qual é o problema? – perguntou Sam.

– Bro... aha! Aqui estás tu. Mais um. – Ele assinalou o meu nome, o meu nome verdadeiro, na sua lista. – Podem entrar, sintam-se à vontade para dar uma volta e divertirem-se. *Cocktails* no terraço, canapés na galeria, e o bar tem vinho, cerveja e refrigerantes.

– Fabuloso – afirmei, com uma voz clara e fria, na voz de Laura, e agarrei na lapela do casaco de cabedal de Sam e arrastei-o em direção à escadaria de mármore.

– Ah, deixaram-te sair esta noite, não foi? – Ouvi o livreiro cantarolar para a rapariga na fila atrás de mim.

Laura

Sinto-me mais calma ao colocar alguma distância entre mim e a Roach. O terraço do último piso é banhado por um brilho de mel, devido aos fios de luzes do mercado. Um dos segredos mais bem guardados de Londres, está repleto de livreiros e o ambiente é decadente, alcoólico e descontraído. Ao longo dos anos, participei aqui em muitas festas de Natal, fumei muitos cigarros e bebi muitos *cocktails* gratuitos. Beije mais do que um livreiro, envolta no anonimato das sombras.

Abro caminho entre os convidados e as iúcas espinhosas em vasos quadrados, em direção ao bar. Aquecedores aquecem o ar frio da noite e as mulheres em vestidos de noite usam casacos de homem sobre os ombros nus. Rostos familiares surgem no meio da multidão e embora troque cumprimentos esporádicos com algum livreiro que reconheço de outras lojas, não deixo que ninguém me detenha.

O bar está alinhado com filas de *Prosecco* previamente servido e garrafas de cerveja, mas também há um quadro a anunciar os *cocktails* disponíveis. Passo os olhos pela ementa e não consigo decidir o que quero. Algo forte.

– O que é isso? – pergunto ao estranho ao meu lado, um homem de cabelo escuro com as bochechas rosadas de um colegial crescido demais. Ele segura um copo de uísque âmbar contra a luz. Brilha como uma lanterna, pontuada por um caracol de casca de laranja, e no fundo do copo há um monte de açúcar por misturar.

– *Old Fashioned* – diz ele, num barítono rico. Os seus olhos passam para o meu decote enquanto se afasta.

Peço um *Old Fashioned* ao *barman* e o copo parece sólido e pesado na minha mão. *As pequenas taças de champanhe são para raparigas, penso eu. Esta noite, vou beber uísque.*

O som do meu nome atravessa o ruído ambiente da festa e enche-me de nervos, mas é apenas Noor. Ela vai passando por entre a multidão na minha direção, com um pequeno vestido preto e demasiado iluminador dourado, um longo pedaço de fio de couro preto enrolado várias vezes à volta da garganta.

– Laura! – Atira os braços à volta do meu pescoço num abraço frouxo que sugere mais do que uma visita ao bar aberto. – Não pensei que viesses! O que é que te aconteceu hoje?

– Oh, sim... houve uma confusão. – Engulo um bocado da minha bebida com um estremecimento.

– Oh, não – diz ela, tapando a boca com as duas mãos. Ela parece mortificada por minha causa. – Pois, a Sharona estava *mesmo* chateada. Passámos o dia a ligar-te.

– O meu telemóvel está avariado – digo eu. A mentira surge naturalmente. – Não te preocupes, foi um erro inocente. Está tudo bem, ela sabe que estou aqui.

Noor pega num *Prosecco* do bar, agarra na minha mão e leva-me por entre a multidão para encontrar o resto da nossa equipa. A minha barriga está cheia de ansiedade e eu mato-a com um gole de uísque.

– Olha para ti, estás linda – diz Sharona a Noor, e depois olha para mim e o calor por trás dos seus olhos esmorece, só um bocadinho. – Laura... bem, tu também estás linda. – Eu devo parecer aterrorizada, porque ela aproxima-se e aperta-me o braço. – Não olhes para mim assim. Só estou contente por estares bem.

– Roach! – Noor grita. – O teu cabelo!

Voltamo-nos e a fedelha está mesmo atrás de mim. Uma chama de raiva arde-me na barriga. Ela segura uma *flute* de champanhe vazia, e está de mãos dadas com um homem de aspeto rude, com um casaco de *motard* de pele. A ametista à volta do pescoço dela capta a luz, e eu pestanejo ao ver os fragmentos e as fendas que me são familiares. É tão parecida com a minha, com a da minha mãe. Será que o levei para o trabalho? Será que o usei um dia e o perdi? Não. Nunca o usaria no trabalho. Por outro lado, podemos comprar ametista em bruto como esta em qualquer lado. Todas as lojas de cristais vendem colares como este. A Sharona tem um em citrino.

É estranho, no entanto, estranho. Quero perguntar-lhe outra vez, para ver se ela mantém a história em frente ao namorado, mas o olhar de desapontamento na cara da Sharona quando me viu pela primeira vez é suficiente para me manter mansa, e não consigo suportar a ideia de causar uma cena. No entanto, estou demasiado embriagada para deixar passar a situação.

– Então, é o teu namorado? – digo, inclinando a cabeça para o estranho ao lado dela.

– Sim, este é o Sam – diz ela, e ele diz olá e todos dizem olá também e eu semicerro os olhos.

– Tens bom gosto – digo-lhe eu, e refiro-me ao colar, mas ele sorri, e a Roach brilha e é a merda do colar da minha mãe, tenho a certeza. Uma imagem arrepiante da Roach no meu espaço, Roach a mexer nas minhas coisas, nos meus livros, nas minhas roupas, a servir-se do meu colar. Impossível, mas sinto que a festa se está a fechar em mim e uma sensação de pânico cresce no meu peito.

– Vocês já conhecem a Charlie? – pergunta Sharona, e apercebo-me de que a mulher ao seu lado, com óculos de armação preta e um corte *pixie* azul-

escuro, não é uma livreira de outra loja, mas sim a sua namorada, e o homem com um bigode de guiador cinzento-metálico a rir-se com Martin deve ser o seu marido, e isso significa que – levanto o pescoço, e sim, lá estão eles, Eli e Lydia.

Alerta vermelho.

É pequena e bonita, com um nariz arrebitado e um rosto que se abre num sorriso fácil e genuíno. Veste um blusão de cabedal de aspeto exuberante, um vestido longo boémio e botas grossas. Uma delicada corrente de ouro brilha-lhe ao pescoço. Elegante e fresca, com caracóis aclarados pelo sol da praia, aceita um copo de *Prosecco* da mão estendida de Eli. É estranho vê-la finalmente em carne e osso e lembro-me dos meus polegares bêbados e desastrados a carregar no botão «Gosto» numa das suas antigas fotografias do Instagram. Pergunto-me se ela terá reparado. Ela põe-se em bicos de pés para dar um beijo de agradecimento e eu vejo a bolha zangada de uma queimadura na bochecha branca e pálida de Eli. Uma nova onda de vergonha apodera-se de mim.

– Vou até ao bar, está bem? – diz Sharona a Charlie.

Bebo a minha bebida de um só trago para me preparar. Eli vira-se quando Sharona passa por ele e repara no meu olhar. Parece que me vai ignorar, mas depois pensa melhor. Em vez disso, encaminha Lydia até mim.

– Lydia, esta é a Laura – diz ele, envolvendo um braço confortável... protetor? possessivo?... à volta da cintura dela. – Laura, esta é...

– Lydia – digo eu.

– Prazer em conhecer-te. – Ela levanta o copo na minha direção, uma saudação rápida e elegante acompanhada de um sorriso educado, como se não fizesse ideia de quem eu sou. Cheira a limpo e a citrinos, e a sua maquilhagem é quase inexistente e perfeita. Não consigo respirar.

Sharona e Charlie reaparecem com um monte de bebidas agarradas precariamente nas mãos. Sharona passa dois copos de *Prosecco* a Roach e Sam, e eu estendo a minha mão com expectativa, mas ela vira-se para perguntar a Lydia sobre a sua coleção de contos. Elas conversam com facilidade, como velhas amigas, e eu fico ali a sentir-me tola com o meu copo vazio, o grão grosso de açúcar a prender-se entre os meus dentes. Eli evita cuidadosamente o meu olhar.

– Estás bem? – pergunto-lhe, mas as palavras soam rígidas, pontiagudas e más.

– Sim – responde ele, com o maxilar apertado. – Estás bem?

A Roach e o seu namorado assustador ficam ali parados, emanando um silêncio pesado e estranho, ouvindo, mas nunca dizendo nada, nunca contribuindo. A presença dela é como uma pedra à volta do meu pescoço, como a merda da ametista à volta do dela, e ressinto-me cada vez mais quanto mais tempo ela fica ali, até que finalmente não consigo aguentar mais.

– Vem comigo até ao bar – digo a Eli. Não é uma pergunta e eu não espero pela resposta dele, apenas abro um caminho através da festa e encontro

um lugar calmo do outro lado do terraço. Estou a procurar um cigarro no meu saco quando ele aparece atrás de mim. – Podemos falar?

– O que é que ainda há para dizer? – responde com uma despreocupação forçada, aceitando um dos meus cigarros. Pega numa vela de uma mesa próxima para o acender, e o cabelo cai-lhe sobre os olhos quando inclina a cabeça para mergulhar a ponta na chama.

– Olha, não tenho bem a certeza do que aconteceu ontem à noite – começo eu.

– Para variar – diz ele, com uma expressão fria no rosto, voltando a colocar a vela na mesa sem me oferecer lume.

– Mas tu beijaste-me – digo eu, pestanejando contra as lágrimas.

– *Tu* é que *me* beijaste – diz ele, quase sibilando, como se não conseguisse conter uma súbita onda de raiva. – Eu só te beijei de volta. E depois atacaste-me; lembras-te ao menos disso?

Eu lembro-me disso. A violência do facto oprime-me. Levanto a mão como se fosse tocar-lhe na face, mas penso melhor. Gostava que não estivéssemos aqui. Quem me dera que estivéssemos em qualquer lado menos aqui.

– Lamento.

– Não percebo, miúda – diz ele.

– *Miúda*. Não me chames *miúda*.

Ele sopra um longo jato de fumo para o céu e passa a mão livre pelo cabelo, despenteando os caracóis.

– Vamos pôr um ponto final nisto tudo – diz ele, com os olhos a varrerem a festa, as caras da multidão, como se receasse que estivéssemos a ser observados. – Ambos nos arrependemos, ambos pedimos desculpa. Vamos esquecer isto.

– Não quero *esquecer isto*, quero falar sobre o assunto.

– O quê, como fizemos da última vez? – diz ele com uma gargalhada oca, apagando o cigarro na terra de uma iúca próxima.

Ele está a referir-se àquele primeiro e horrível beijo, à forma como eu o deixei para trás, ignorei as suas mensagens, mudei de loja para o evitar. A vergonha floresce dentro de mim, e eu toco nos cantos dos meus olhos com as pontas dos dedos para me impedir de chorar.

– Também não me lembro muito bem disso – admito.

Uma expressão de dor atravessa-lhe o rosto e a sua maçã de Adão estremece enquanto engole.

– Certo – diz ele. – Bem. São *notícias antigas*, não é? *O tempo de ontem*.

Lembro-me de lhe ter dito isso, tudo com tretas e bravatas, em outubro, quando voltávamos do Nib para casa. Parece que foi há uma eternidade. Pestanejo para evitar as lágrimas.

– Eu não queria dizer isso – digo, e a minha voz fica distorcida.

– Estou com a Lydia e amo-a. Amo-a mesmo. Acho que eu e tu... só precisamos de dar um passo atrás, acalmar-nos. Está bem? – Algo se suaviza

no seu rosto. – A bebida não ajuda – diz ele, com a leveza de alguém que sabe que está a transmitir uma mensagem de peso significativo.

– Peço imensa desculpa, está bem? – As lágrimas quentes escorrem-me pelas faces e eu tapo a cara com as mãos. Não sei o que estou a fazer.

– Laura – diz ele, e aproxima-se.

– Preciso de um minuto – suspiro, e cambaleio um pouco ao empurrar por entre a multidão de livreiros e publicitários, editores e escritores, todos com gargalhadas e dedos gordurosos agarrados a guardanapos pretos de *vol-au-vents* de beringela com *miso* e *arancini* trufado. Pego noutra bebida e engulo-a, depois deslizo por entre a multidão, de olhos desviados, para a casa de banho. Fechada numa cabine, pressiono o rolo de papel higiénico nos cantos dos olhos para afastar as lágrimas e impedi-las de cair a sério. Com a cabeça encostada à parede fria de azulejos de metro, penso em quantas vezes já dei por mim aqui numa saída à noite, sozinho numa casa de banho, a chorar ou a vomitar, ou a ambos.

É demasiado cedo para uma saída à francesa ser chique? Fiz uma aparição, tive uma discussão e chorei em público. Não é suficiente? Verifico o preço de um Uber a partir daqui – muito caro, demasiado caro – e penso em ir buscar outra bebida, ou encontrar outra pessoa com quem falar, mas toda a gente aqui me odeia, e já estou demasiado embriagada para fazer uma escolha sensata, por isso saio, lavo as mãos e volto diretamente para o inferno que eu própria criei.

De volta ao terraço, o ar frio bate-me e o álcool arde-me no sangue. Roach está no meu lugar, ao lado de Eli, e ele sorri para ela, o seu rosto é uma máscara de terno encorajamento enquanto ela fala. O vestido dela faz-me mesmo lembrar o velho vestido de gola redonda de Elvira que usei no Dia das Bruxas, embora ela não tenha as curvas para vestir o dela como eu vesti o meu. É o meu vestido? Eu sei que não pode ser, mas um ódio irracional está a borbulhar nas minhas veias. A minha visão desfoca-se e a imagem dela transforma-se num tríptico monstruoso, três caras, como o cão de três cabeças que guarda a entrada do Hades.

Quando volto a juntar-me ao grupo, vejo um olhar de preocupação a passar pelo rosto de Sharona. A Lydia está a falar e todos se viram para ela, com os rostos em forma de pétala orientados para o sol.

– Tenho andado a fazer muita pesquisa sombria para o meu romance – diz ela. – Sou a rapariga da festa que toda a gente diz, oh meu Deus, não falem com ela, só quer falar de casos arquivados e autópsias.

Ela ri-se com uma gargalhada bonita, e Roach fica a olhar com atenção, e Eli sorri, com o rosto a irradiar amor.

– Oh, por amor de Deus – digo eu, e sai demasiado alto e demasiado beligerante para ser outra coisa que não uma careta.

Lydia pisca os olhos. Ela olha para Eli através de pestanas perfeitas, a linha do maxilar bem definida e os lábios carnudos, a pele a brilhar com um brilho natural perolado. Parece fresca e doce e tão tranquila, tão intocada, tão

livre do peso do mundo, que uma rajada de raiva, reforçada pela bebida, surge em mim e eu tenho de a arrasar.

– A minha mãe foi assassinada por um *serial killer* – digo eu, num turbilhão de palavras indistintas. – Como é que achas que me sinto ao ver-te aí a brincar com as autópsias? Ela foi estrangulada até à morte e mijou-se toda enquanto morria. É esse o tipo de coisa que gostas de ouvir? Como é que isso te faz sentir, sua cabra de merda estúpida?

Um silêncio de choque dos festivos em redor. Um zumbido nos meus ouvidos.

– Laura – diz Sharona, com os olhos arregalados.

– Vão-se foder todos – digo eu, e a minha língua é grossa e as minhas palavras enrolam-se na boca enquanto me viro e abro caminho por entre a multidão, e o meu coração bate forte e o suor me escorre pelas costas, e depois aparece-me outra bebida na mão. Engulo-a e o mundo está fora de controlo, a girar, a girar, a girar e toda a noite é uma enorme confusão.

Eu entro e saio do momento enquanto as coisas entram em foco e depois diminuem. Eli faz uma careta, com o braço à volta de Lydia, o hálito quente contra a bochecha dela, o cheiro do suor dele e do perfume dela misturando-se no ar. Apago, luzes acesas, e Sharona, carrancuda enquanto tenta dar-me água que eu recuso, lábios apertados contra o seu copo insistente. Um homem de sobranceiras grossas e peludas fala-me de Proust, e eu arroto abruptamente na cara dele, entornando *Prosecco* em mim mesma, surpreendida por ver que não estou a usar o vestido que pensava estar a usar – não vesti o preto comprido, o apertado de Elvira, o que tinha uma racha? O meu batom está bom? A impressão no vidro é da cor errada, um vermelho-escuro suave em vez de um escarlate arrojado. Pego na minha garganta e o meu colar de ametista desapareceu.

Alguém me pede para repetir, para me assegurar de que estou bem, vagueando pela noite, ainda agarrada ao meu copo de *Prosecco*. Alguém chama um táxi e entramos juntos, e eu continuo a tagarelar sobre a meia garrafa de *Prosecco* que tenho no frigorífico, e depois adormeço no banco de trás, com as luzes de Londres a deslizarem sobre a minha cara, enquanto me sento fora de mim, a ver esta rapariga, a dormir de boca aberta, com a cara lisa e feia, e completamente sozinha, sozinha, sozinha, e ao seu lado está

está

está

Roach.

Roach

O Sam e eu vimos a Laura a cambalear pela festa, cada vez mais bêbeda e a fazer figura de parva, a entornar bebidas, a ser desagradável com as pessoas, a partilhar pormenores estranhos e íntimos sobre a morte da mãe, pormenores que eu não tinha visto em mais lado nenhum. Detalhes que eu podia usar. Era como se ela tivesse rodado um caleidoscópio e os fragmentos da nossa experiência partilhada se tivessem transformado e separado. Eu já não estava a pensar no que tínhamos em comum, mas sim no que nos separava. O que eu poderia aprender com ela, se ao menos ela me deixasse entrar.

– Ela está mesmo espatifada – murmurou Sam sob a sua respiração, divertido com todo o espetáculo.

Sharona também estava a observar, mas a sua expressão era de desânimo. Já tinha tentado convencê-la a sentar-se, a beber água, a chamar um táxi, mas a menina Laura Bunting não estava com disposição para seguir instruções.

– Vou ter de a levar para casa – disse Sharona, por fim, bebendo o último gole do seu *Prosecco*.

– Mas ela não vive perto da livraria? – disse Charlie, com a cara contraída numa careta. – Isso é a quilómetros de distância, Shaz. Não há ninguém que viva um pouco mais perto e que a possa levar?

Eli olhou para Lydia com os olhos reprovadores de um cão que levou um coice, e ela devolveu-lhe o olhar com um olhar duro e vítreo. Ele baixou o rosto e não disse nada.

– Mete-a num táxi, então – disse Charlie. – Ela é adulta, vai ficar bem.

Charlie e Lydia pareciam ver através do verniz de Poliana de Laura, o que eu achei curioso. A sua verdadeira natureza – a sua insinceridade, o seu alcoolismo, a sua vaidade, a sua procura de atenção – estava realmente a vir ao de cima. De facto, a verdadeira natureza de Laura estava a brilhar tão intensamente que Kofi e Noor tinham desaparecido no meio da multidão, lavando as mãos dela, e Martin e Barry e os seus respetivos companheiros também tinham desaparecido.

– Não – disse Sharona, com as sobrancelhas franzidas. – Alguém tem de se certificar de que ela chega bem a casa.

– Eu posso ficar com ela – disse eu. – Vivo em Walthamstow. Não é

nada de especial.

Sharona parecia insegura, mas o silêncio da sua indecisão foi quebrado pelo estrondo de um vidro a partir-se. Laura chocou com um empregado e atirou um tabuleiro inteiro de *flutes* de champanhe para o chão de cimento. Os vidros partidos e as bolhas efervesceram à volta dos seus pés.

– *Ups* – disse ela, com uma careta beligerante, balançando-se no local.

Sam sentou-se à frente e ligou os auscultadores, contente por ter uma desculpa para sair mais cedo da festa. Laura sentou-se no banco de trás, atrás do condutor, tirou a boina e penteou o cabelo desgrenhado. O *eyeliner* marcava-lhe as órbitas dos olhos. Desatou os atacadores das suas Converse molhadas e encharcadas de *Prosecco* e descalçou-os, e eu fui recebida por um breve e forte cheiro a pés antes de ela abrir a janela e fechar os olhos.

Enquanto conduzíamos por Londres, as luzes de Natal iluminavam o seu rosto em dourado, verde e cor-de-rosa, enquanto ela entrava e saía de consciência.

– Veja lá se ela está maldisposta – disse o condutor, olhando-a pelo espelho retrovisor.

– Ela não vai vomitar – disse eu, mal-educada. Eu sabia que a situação exigia que eu a distraísse do estado em que ela se encontrava, mas infelizmente o carisma nunca foi o meu ponto forte.

– Se ela vomitar, não posso trabalhar. Se ela vomitar, tenho de conduzir até casa para limpar o carro.

– Ela está bem – disse eu.

Senti-me menos confiante em relação a isso quando nos dirigimos para norte. O rosto de Laura tinha-se tornado pálido e amargo, a sua boca tinha uma mancha de batom que deixava um fino rasto de baba no seu vestido de veludo. Tinha um ar de merda. Parecia meio morta.

O condutor travou num inesperado sinal vermelho e ela acordou.

– Onde é que eu estou? – grasnou ela, limpando a boca com as costas da mão e olhando atordoada para o interior do carro.

– Quase a chegar a casa – disse eu numa voz cantada.

– Onde?

– Quase a chegar a casa – repeti. Apesar de ter estado a beber o meu *Prosecco* toda a noite, senti um prazer vertiginoso, uma sensação de embriaguez em segunda mão. A conversa de Lydia sobre autópsias na festa era o lubrificante social perfeito para uma situação como esta. Laura baixaria certamente a guarda e aproveitaria a oportunidade para dizer o que pensava, com as suas inibições anuladas pelos *cocktails* de uísque. Eu diria qualquer coisa como «A Lydia é apenas uma daquelas fãs do *True Crime*. Para ela, tudo não passa de uma fantasia, não é? Ela não consegue lidar com isso quando é real», e Laura olhava para mim, de olhos arregalados, e diria «Meu Deus, tens toda a razão.»

Pensei que talvez tivesse a oportunidade de lhe falar do meu projeto. Estava convencida de que seria capaz de a conquistar com o argumento certo. Havia uma fome insaciável de conteúdos frescos sobre *True Crime* e alguém acabaria por abordar o Estrangulador de Stow com mais pormenor. Ela não preferia fazer parte da narrativa?

Quando parámos em frente ao apartamento da Laura, apercebi-me de que tinha estado tão concentrada em trazê-la inteira que me tinha esquecido completamente de tratar do Sam. Ele abriu a porta do lado do passageiro, distraído enquanto tirava o cinto de segurança.

– Não, não, devias apanhar o táxi para casa – disse eu em pânico, empurrando-o de volta para o carro.

– O quê? Porquê?

– Esta é a minha oportunidade – disse eu num lamento apressado e sussurrado. – Por favor, preciso de a apanhar sozinha, perguntar-lhe sobre tu sabes-o-quê. Ela não se vai abrir contigo lá.

– Mas ela mal está consciente – retorquiu ele, com os olhos a olhar para onde estava Laura, encostada ao muro do jardim com a cabeça baixa. – E eu que pensava que era suposto voltar para a tua casa... para conhecer a tua mãe e tudo isso?

– Mando-te uma mensagem mais tarde – disse eu, beijando-o no queixo e empurrando a porta do carro para a fechar, obrigando-o a deslizar para o banco do passageiro. A expressão no seu rosto estava nublada de confusão, mas eu não tinha tempo para me sentir culpada. Tinha ficado entusiasmada por o mostrar aos outros livreiros, mas o objetivo da noite tinha mudado, a minha atenção tinha-se desviado. Não lhe dirigi um segundo olhar quando bati a porta do táxi e fui a correr para a porta da frente de Laura.

Pus-lhe um braço à volta dos ombros e guiei-a pelo caminho fendido do jardim, enquanto o carro se afastava. Quando nos aproximámos do degrau da frente, uma raposa saiu das sombras e, num movimento rápido, passou por cima do muro e entrou no jardim do vizinho. Eu arquejei de surpresa e, com a mente ainda a tremer com o choque, peguei na chave para entrar.

Foi só quando a chave estava na fechadura e a porta se tinha aberto que me apercebi do meu erro. Laura estava a olhar para os pés – tínhamos deixado as suas Converse e a boina na parte de trás do táxi – e depois, lentamente, levantou a mão e abriu-a para revelar um conjunto de chaves presas a um porta-chaves em forma de olho de tigre.

– Como é que fizeste isso? – perguntou ela, pestanejando, confusa, com o cérebro bêbado a tentar perceber o que tinha acabado de acontecer.

– Com... com a tua chave – gaguejei, apontando para as chaves dela. – Foste tu.

Levantou a cabeça como se fosse um grande peso preso ao pescoço e olhou para mim. Estava de queixo caído e perplexa, lutando para se manter presente no momento.

– Tu... – disse ela, e havia uma nota crescente de pânico na sua voz. –

Tens uma chave? Tens a chave da minha casa?

– Laura...

– Tens *a merda da tua própria chave*?

Senti-me como se todo o meu corpo tivesse sido mergulhado em água fria.

– Estás apenas bêbada – disse eu, com a mente a correr. Não podia acabar aqui, assim, por causa de um erro parvo. Este era suposto ser o nosso final feliz, a nossa reconciliação. Ela estava instável, a balançar no local, a entrar e a sair do momento. Eu tinha a certeza de que esta situação era recuperável. – Estás apenas bêbada – repeti. – E estás a ver coisas e estás a culpar-me... como sempre.

– O que é que tens na mão, então? – Lágrimas vivas brilharam nos seus olhos raiados de sangue, e uma gota de ranho rastejou em direção ao seu lábio superior.

– Nada – disse eu outra vez, apertando as chaves suplentes até o metal me beliscar a pele. – Só as minhas chaves, são minhas.

– Estás a mentir – afirmou ela com os dentes cerrados, e algo pareceu partir-se dentro dela. As suas bochechas estavam a ficar vermelhas e a sua expressão de medo transformou-se num olhar de raiva. – És sempre tu, não és, Roach? Sempre tu, a rastejar por aí, a escutar; porquê? O que é que eu tenho que tu achas tão fascinante? O quê?

Uma brisa suave ganhou força e, de seguida, uma forte rajada de vento chicoteou primeiro o cabelo dela e depois o meu e, por um breve segundo, tudo o que consegui ver foi loiro. Uma amargura brotou dentro de mim e pensei em todo o cuidado que tinha tido na minha pesquisa, em toda a bondade que lhe tinha demonstrado. Comprar-lhe uma água com gás de cereja, oferecer-me para ficar para mais uma bebida, devolver-lhe as chaves no seu porta-chaves de quartzo rosa. Ela era egoísta e ingrata. Sem salvação.

– Eu só fui boa para ti – disse eu. – Mas és tão convencida, e arrogante como a merda. Esta é a segunda vez que te trago a casa depois de teres bebido demais, mas alguma vez te ocorreu dizer *obrigada*?

– Vai-te foder – disse ela. Estava a chorar agora, com lágrimas grossas inundadas de máscara a atravessar a base nas suas bochechas. – Vai-te foder. Não fazes ideia... *não fazes ideia*. E tu não és uma vítima... tu não és uma vítima, Roach! Não és uma vítima, e eu não te devo *nada*.

– Eu não quero nada – respondi. – Não preciso de ti, tenho tudo o que preciso. Tenho um namorado, tenho um emprego e tenho o Lee, não preciso de *nada* de ti.

Passei por ela. Tinha acabado, estava feito, mas ela não estava pronta para quebrar a nossa ligação. Agarrou no meu braço com dedos afiados e maus.

– O que é que disste? – inquiriu ela, e a sua voz era baixa e perigosa. – Quem é o Lee? O que queres dizer com *tens o Lee*?

– Não interessa – afirmei rapidamente, tentando afastá-la. – Vou-me

embora. Que se lixe isto.

– *Como assim, tens o Lee?* – sibilou ela, apertando o meu bíceps com mais força.

– Isso dói – disse eu, torcendo o braço numa tentativa inútil de me soltar. – Não preciso da tua autorização. Posso escrever a quem quiser. Não preciso da tua autorização, não preciso da tua bênção e não preciso da tua ajuda. Não é só a *tua* história para contar.

O choque parece ter-lhe dado um momento de sobriedade. A sua boca abriu-se e ela pestanejou, quase demasiado atordoada para falar.

– Estás a... estás a escrever ao Lee Frost? – O rosto dela contorceu-se de nojo, de horror. – Estás... em *contacto* com ele?

– O que é que isso te interessa? – disse eu. Ela ergueu a mão para trás e deu-me uma bofetada com toda a força que tinha. A palma da mão bateu na minha bochecha com um estalido agudo, e a ferroada inesperada fez-me ofegar e deixei cair o conjunto de chaves suplentes.

Não perdeu um único momento. Laura atirou-se às chaves que estavam na soleira da porta e agarrou-as, e depois correu para o apartamento, rápida como uma raposa. Bateu-me com a porta na cara. Seguiu-se o som de metal a raspar contra metal enquanto ela colocava uma corrente no sítio, e depois abriu a porta um pouco para dar um golpe final.

– Vou chamar a polícia – disse ela. – E vou telefonar à Sharona, e vou mandar prender-te e vou fazer com que te despeçam, sua *aberração* de merda.

– Não é crime ter uma chave suplente – chamei-a através da fresta estreita, com uma mão protetora encostada à minha bochecha inflamada. – Não podes provar nada.

Bateu com a porta pela segunda vez e eu bati-lhe com força com a palma da mão, depois virei-me para a rua escura. Uma luz acendeu-se por cima da estrada e a silhueta de um vizinho curioso iluminou o caixilho da janela. Deixa-os ver, pensei. O que é que isso interessa?

Toda esta troca de palavras deixou-me sem fôlego. Precisava de reunir os meus pensamentos e refletir sobre as coisas. Eu estava no precipício de algo grande, isso era certo. Era demasiado tarde para salvar a situação com Laura, mas talvez ela tivesse servido o seu propósito. Ela era a ponte que me ligava a Lee – talvez fosse apenas isso que ela estava destinada a fazer por mim. Mas eu não podia ir-me embora agora. Tinha de reiniciar a narrativa antes de poder continuar com a história.

Com a cara ainda a doer do seu ataque cruel e não provocado, parti em direção ao parque.

Laura

A Roach a vasculhar o meu passado, a Roach a contactar o Lee Frost. Tinham falado? Eram amigos? Ela conhecia-o, ele tinha-lhe contado coisas? Sinto-me mal do estômago. Roach, a escrever a Lee Frost, Roach, a tocar nas minhas coisas, nos meus livros, nas minhas roupas, nas minhas joias, na minha maquilhagem. Posso mudar as fechaduras, posso mudar as fechaduras, mas não há exorcismo suficientemente forte, não há exorcismo suficientemente forte para branquear a Roach das paredes, do chão, dos móveis, da alma deste espaço.

Ela infiltrou-o. Infiltrou-o, infestou-o, infetou-o, manchou-o com o seu toque indesejável. Tudo o que significa alguma coisa para mim foi manchado pela Roach, pelo seu cabelo oleoso e pelo cheiro a suor, pelas suas roupas sujas e unhas partidas, pelos seus dentes por escovar e pela sua pele pálida. A minha escrita, as minhas palavras, o meu trabalho, as minhas memórias, a minha mãe, e agora até a minha casa. Telefone à Sharona, mas ela não atende, e telefone ao Eli, mas ele não atende e eles ignoram-me, suponho, por causa de todo o drama. Chamo a polícia, mas estou demasiado bêbeda e não consigo contar a história, e a mulher do outro lado da linha é paciente e é paciente até deixar de o ser.

– Uma barata tem a chave da sua porta da frente? Está intoxicada, menina? Costuma tomar medicamentos?

Desligo e tento ligar ao Eli outra vez, mas ele não atende, claro que não atende. A adrenalina da luta já está diluída, os pormenores estão a desaparecer. Sirvo-me de um copo de *bourbon*, um copo grande que me faz arder os lábios, e deito-me no sofá. As perguntas fervilham na minha cabeça: ele respondeu-lhe? estão em contacto regular? ele abriu-se com ela? falaram da minha mãe?

A Roach sabe mais do que eu sobre a morte da minha mãe?

Fecho os olhos, esmagada e exausta, e ligo outra vez para Eli, e mais uma vez vai para o *voicemail*, e eu...

Não posso continuar assim...

Não posso continuar...

Não posso...

Roach

O ar fresco cheirava a fumo de madeira, e eu quase podia acreditar que era o cheiro do meu próprio cabelo a arder, a chamuscar sob a chama da minha raiva reprimida. Para além de tudo o resto, havia demasiadas provas incriminatórias da minha intrusão para que eu deixasse as coisas como estavam – ela tinha o meu molho de chaves, e eu tinha escondido as minhas roupas debaixo da cama dela, mais cedo nessa noite. Também havia provas incriminatórias contra mim – o colar de ametista, o batom, o vestido. Se eu pudesse devolver as coisas dela e reclamar as minhas, não haveria provas. Seria a palavra dela contra a minha, e quem é que ia acreditar nela depois da forma como se tinha comportado?

Saltei a vedação e caminhei rapidamente pela escuridão molhada do Lloyd Park. Os ramos nus balançavam com o vento tempestuoso, e tive de puxar o capuz para cima para impedir que a brisa arrastasse o meu cabelo para os meus olhos. O parque estava vazio – não havia malucos do *fitness* no ginásio cinético, nem adolescentes a beber nas rampas de *skate*, nem reformados a jogar *bowling* no pavilhão, nem cães a passear pela relva.

Quando cheguei à lagoa, um fosso pouco profundo que rodeava uma pequena ilha de patos no meio do parque, usei o meu telemóvel como lanterna. A luz tremeluzia nas minhas mãos trémulas enquanto eu percorria o rebordo de gravilha que delimitava a água até encontrar o que procurava. Uma pedra grande, do tamanho de metade de um tijolo de uma casa. Peguei nela e pesei-a nas minhas mãos. Era lisa de um lado e irregular do outro, com um bico escarpado que me fez lembrar o pedaço de ametista atado ao meu pescoço. Era suficientemente pesada para partir uma janela, para rachar um crânio.

Com uma respiração profunda, contei até três. O som da pedra a esmagar-me o osso da testa foi o som de uma maçã a bater no cimento. Ofeguei um palavrão e a dor brotou do ponto de impacto. Quando toquei na testa, as pontas dos meus dedos estavam cobertas por uma mancha escura de sangue. Espalhei o máximo que pude pela cara, mas o sangue seca rapidamente e não era suficiente. Inspirei e bati-me uma e outra vez, até que finalmente o sangue escorreu livremente.

Havia uma luz acesa, um brilho dourado que atravessava os estores venezianos. A casa parecia-se com a de Laura, o mesmo caminho de jardim, as mesmas janelas salientes. Quando toquei à campainha, imaginei um grupo de estudantes despreocupados a embebedarem-se até tarde, ou um empregado de bar com os olhos esbugalhados acabado de chegar do trabalho, mas quando a porta se abriu um pouco, uma ruiva de aspeto cansado espreitou pela fresta.

– Meu Deus – sussurrou ela, reparando no sangue. Abriu a porta até ao fim para revelar um pequeno bebé embalado num braço. A criança estava a dormir, com os olhos arregalados contra a mão babosa enfiado na boca, com as pestanas molhadas de lágrimas recém-caídas.

– Peço desculpa por incomodar – disse eu, e ela encostou um dedo aos lábios enquanto embalava o bebé adormecido. Baixei a minha voz para um sussurro. – Chamo-me Laura, vivo aqui ao lado.

Ela observou o meu cabelo louro, a minha cara ensanguentada.

– Claro, acho que já te vi por aí – declarou ela. – Estás bem? O que é que aconteceu?

– Fui assaltada e não consigo ir para casa – respondi, na minha melhor voz de Laura, uma Poliana em pânico. – Levaram o meu telemóvel, as minhas chaves... tudo.

Um vento frio agitou o cabelo frisado solto que emoldurava o rosto da mulher. Ela estremeceu, e o bebé nos seus braços emitiu um gemido fino, uma crista de tristeza a subir na sua pequena garganta.

– *Shh, shh, shh* – sussurrou ela, sacudindo suavemente o bebé na anca. – Olha, precisas de ir às Urgências? Posso chamar-te um táxi?

– Não, não... na verdade, acho que deixei a janela do meu quarto aberta. Estava a pensar que talvez pudesse trepar a vedação do jardim e entrar por aí.

Com um ar de ligeira preocupação, tirou o telemóvel do bolso do casaco.

– Bem, pelo menos deixa-me chamar a polícia?

– Não, sinceramente...

– Mas tu não tens telefone – disse ela, com um ar preocupado. – Se lhes ligarmos agora, talvez ainda consigam apanhar quem te fez isto.

O vento soprava e o bebé estava a ficar com frio, mas ela mantinha-se firme, bloqueando o meu caminho como um porteiro. Eu já tinha perdido tanto tempo. Laura já podia ter chamado a polícia, ou Sharona, ou Eli, e um sentido de urgência estava a ultrapassar a minha racionalidade. Esta cabra não me ia deixar entrar em sua casa a não ser que tivesse interferido de alguma forma na minha situação, isso era claro. Uma intrometida de mão-cheia. No entanto, um assalto não era uma emergência e uma noite de sábado em dezembro, com muito barulho, ia manter a polícia ocupada. Corri um risco calculado.

– Tem razão – disse eu, forçando um sorriso de serviço ao cliente na minha cara dorida. – Emprста-me o seu telemóvel?

Desbloqueou um iPhone com o ecrã partido, entregou-mo e depois, para meu grande alívio, afastou-se para me deixar entrar. A casa estava quente, as

luzes baixas. Marquei o número seis-seis-seis. O telemóvel fez um clique e fui atendida por uma mensagem automática.

O número que marcou não está atribuído.

– Polícia, por favor – disse eu.

Por favor, desligue e tente novamente.

Segui a mulher até uma cozinha que espelhava a de Laura. Uma pequena mesa com uma refeição por acabar – um prato de torradas com manteiga, uma chávena de café frio com uma película leitosa a flutuar na superfície – e os detritos associados a um bebé pequeno: um pacote de toalhitas para bebé, um cobertor branco fino e um pequeno brinquedo de roer, como algo que se daria a um cão.

– Só queria participar um assalto – disse para o telefone. – Dois tipos assaltaram-me na Cazenove Road.

O cheiro da casa dos outros dá-me sempre a volta ao estômago. Cozinha desconhecida, uma marca diferente de detergente, a pele e o cabelo de um estranho. Engoli.

O número que marcou não está atribuído.

– Queres uma chávena de chá? – sussurrou. Abanei a cabeça em sinal negativo.

Fornei à voz robótica as informações de Laura e uma descrição breve e genérica dos meus assaltantes fantasma – calças de ganga, capuzes, bonés de baseball baixos, não, não consegui ver-lhes a cara.

Por favor, desligue e tente novamente.

– Isso é ótimo, obrigada – disse eu, e depois desliguei a chamada.

A vizinha caminhava em pequenos oitos, embalando o bebé nos braços com um ritmo quase mecânico. O resto da cozinha era uma confusão de pratos com restos de comida seca, e os caixotes do lixo estavam empilhados com excesso de reciclagem.

– Tudo o que ele faz é chorar – disse ela, dando-lhe uma palmadinha nas costas. – Se o ponho no chão, mesmo que seja por um segundo, ele chora. Se eu adormeço, ele chora. Ele alguma vez te acorda?

– A polícia está a caminho – informei.

Ela olhou para mim, estudando a minha cara. *Isto foi uma má ideia*, pensei eu.

– Há ali toalhitas de bebé, queres limpar-te um pouco?

– Só quero ir para casa – disse eu, e saiu-me como um lamento.

– Fica um minuto. Recupera o fôlego.

A minha boca estava seca e engoli. Ela beijou a cabeça do bebé, a fazer lembrar a penugem de um pêssago.

– Queres ser mãe, Laura?

– Não – respondi. – Nunca quis ter filhos. A minha mãe foi assassinada quando eu era adolescente. Não consigo suportar a ideia de trazer uma criança para um mundo tão cruel. Não se recupera de uma coisa destas.

Uma sombra atravessou-lhe o rosto, e ela parou o seu balanço mecânico,

com os olhos fixos nos meus. Apertou com mais força o bebê nos braços.

– Não – disse ela suavemente, dando um pequeno passo para trás. – Acho que não.

– Gostava de me ir embora agora – disse eu.

O jardim consistia numa plataforma suja que tresandava a mijo de raposa e dava lugar a uma selva de ervas daninhas crescidas. Arrastei uma mesa de jardim de madeira para junto da vedação e agarrei na bainha do meu vestido com uma mão.

– Vais ficar bem? – perguntou ela, iluminada pela luz forte da cozinha.

Fiz-lhe um sinal de polegar levantado, com medo de que a minha voz chegasse aos ouvidos delicados de Laura e a alertasse para a minha presença. Levantei-me para cima do muro e passei para o outro lado, aterrando pesadamente no pátio de Laura. Quando os meus olhos se adaptaram à escuridão, deparei-me com folhas podres, um monte de tijolos, um grelhador partido e vários vasos de barro vazios, verdes de algas.

Tive de me sentar durante um minuto e esperar que alguma da adrenalina saísse do meu sistema antes de poder confiar nas minhas pernas para suportar o meu peso. Imaginei toda esta situação a ser contada num *podcast*. As *Murder Girls* achariam a história arrepiante e divertida em igual medida. Esse pensamento deu-me forças para continuar.

As cortinas do quarto estavam abertas e eu podia ver através do vidro que a cama estava vazia. A janela estava rígida e encostada ao caixilho quando a abri, centímetro a centímetro, procurando sons de movimento na sala escura. Quando estava aberta a meio, entrei no quarto dela e fiquei na escuridão, a ouvir o silêncio pesado, com o meu coração a bater, bater, bater.

O apartamento tinha toda a tranquilidade e silêncio da livraria depois do expediente. Não havia barulho na cozinha, nem música, nem *podcast*, nem televisão para lhe fazer companhia. Teria ela saído? Tive a imagem mental, em pânico, dela a chamar um Uber e a acelerar durante a noite até à casa de uma amiga, um lugar seguro, onde ela contaria a sua história confusa e eu não estaria lá para reiniciar a narrativa. Por outro lado, se ela estivesse fora, eu poderia terminar a minha limpeza em paz. Mas isso parecia improvável. Ela estava demasiado bêbeda, demasiado desarranjada, demasiado tudo. Para onde é que ela iria? A porta do quarto estava fechada, mas por baixo dela, uma luz ténue brilhava. Ela deve estar na sala de estar, pensei eu.

Rastejei até à porta, abri-a um pouco e espreitei para o corredor. A minha concentração estava dispersa. Tinha receado um confronto imediato, mas agora que estava aqui, o silêncio e a escuridão eram enervantes. Imagens violentas passavam-me pela cabeça. Vi-a esparramada, com as embalagens de comprimidos vazias espalhadas pela carpete. Vi-a nua, a flutuar na banheira, a água a arrefecer rapidamente manchada de sangue, os pulsos abertos pelo corte de uma lâmina de barbear. Vi-a enforcada, com uma corda atada como uma fita ao pescoço. Vi-a cair, vi-a afogar-se, vi-a morrer mil vezes, cada uma mais horrível do que a outra, mas deixaria um cadáver tão belo. Loira, olhos

cor de avelã, a imagem perfeita da tragédia.

O mais depressa e silenciosamente que pude, tirei a minha roupa do esconderijo debaixo da cama, descalcei as sabrinas e vesti as calças de ganga. Quando puxei o vestido por cima da cabeça, com cuidado para evitar a minha cara ensanguentada, cheirava ao meu suor intenso e a perfume doce. Seria isto incriminatório, ou Laura reconheceria o cheiro da *eau de toilette* cor de uísque como sendo o seu? Não havia tempo para decidir – deixei cair o vestido sobre o turbilhão de tecido no chão e vesti a *t-shirt* e o capuz.

O colar de ametista estava bem apertado, e os meus dedos estavam desajeitados e dormentes enquanto eu lutava para soltar o nó. Esforçava-me por ouvir sinais de vida para lá da porta do quarto, com o coração a martelar. Quando finalmente o nó se soltou, atirei o colar para dentro de uma bota de cabedal perdida e enfiei-a debaixo da cama. Que ela a encontrasse num dia de neve, quando precisasse da bota castanha perfeita para combinar com a sua mochila Cambridge. Devolvi o batom ao seu lugar de direito, no meio da sua coleção de tubos e loções. Estava na altura de ir embora, mas com um sentimento de afundamento percebi que estava encurralada. Não podia voltar pelo caminho por onde tinha vindo – como é que eu poderia explicar à vizinha outra aparição? Só havia uma saída. Fui em bicos de pés até à porta do quarto e escutei o silêncio à procura de pistas, que não surgiram. Abri a porta e entrei no corredor. À minha direita, entre mim e a porta de entrada, havia um brilho suave e intermitente na sala de estar. Uma vela, ou talvez uma televisão sem som. Mesmo que eu conseguisse passar pela porta da sala sem que Laura me ouvisse, ela iria certamente ouvir o som da corrente a raspar no seu trilho de metal, ouvir o estalar do trinco, ouvir a porta a abrir-se e a fechar-se. Era demasiado arriscado, não podia fazer isso. Fiquei a pensar.

À minha esquerda, a cozinha e a casa de banho estavam ambas envoltas em sombras, pelo que me arrastei em direção à escuridão. O luar era espesso e brilhante no chão da cozinha e iluminava o rasto retorcido de uma lesma magra e amarela que se arrastava pelo soalho. Um companheiro intruso. Um bom presságio. No corredor escuro, ouvi o som alarmante da voz arrastada de Laura a descer o corredor. Parecia que estava ao telefone. Tive uma fração de segundo para decidir o meu próximo passo. Como uma barata a fugir da luz, segui o rasto de muco de lesma até à casa de banho e entrei na banheira. Havia uma cortina de duche, mas só estava meio aberta, e não me atrevi a tocar-lhe, para o caso de as argolas da cortina chocalharem contra o varão. Era um esconderijo terrível, a jogada de um novato.

Mas a sorte sorriu-me: quando Laura abriu a porta da casa de banho, esta abriu-se para dentro e tapou-me completamente. Ela acendeu a luz.

– Não sei porque não atendes – dizia ela, com as palavras carregadas de álcool. – Mas vai-te foder também.

Ela terminou a chamada, e eu sustive a respiração enquanto a ouvia mijar. Puxou o autoclismo, depois assoou o nariz e lavou as mãos. Pensei que me ia safar, que podia simplesmente esperar que ela adormecesse e sair pela

porta da frente como se nunca tivesse estado lá, mas depois, enquanto ouvia o som da escovagem dos dentes, ela empurrou suavemente a porta da casa de banho e o meu esconderijo ficou exposto.

Olhámo-nos no espelho e vi a sua expressão inclinar-se ao reconhecer o meu rosto ensanguentado, não como uma sombra ou um truque da luz, mas como uma presença humana na sua banheira. Imaginei-me a aparecer da escuridão como uma fotografia a revelar-se. Um olhar de horror, um suspiro estrangulado, e o telemóvel caiu-lhe da mão para o lavatório.

– Não grites – disse eu.

Ela abriu a boca manchada de batom, espumou com a espuma da pasta de dentes e encheu os pulmões de ar, uma respiração profunda pronta a rebentar. Sem alternativa, saltei da banheira e agarrei-a pela garganta.

– Não podes gritar – sussurrei, apertando. – Alguém vai ouvir-te.

Ela bateu-me na cara, e a escova de dentes de plástico que tinha na mão afundou-se na ferida sangrenta da minha testa. Um guincho involuntário e gutural escapou-me dos lábios, e eu agarrei-lhe o pulso fino e bati com ele contra o lavatório uma, duas, três vezes, até ela deixar cair a escova de dentes e esta fazer um baque no chão. Com um movimento inteligente das ancas, aprendido nalguma aula de autodefesa feminista, sem dúvida, ela afastou-se de mim e cambaleou para a cozinha. Sem saber ao certo para onde se dirigia – a porta da frente, para fugir? uma faca de cozinha, para atacar? –, atirei-me a ela e o impulso fez-nos tombar. Ouvi um estalido surdo quando a sua têmpora embateu no canto do balcão da cozinha, e depois ela caiu contra o linóleo e depois ficou imóvel.

– Laura? – disse o seu nome, suavemente, um encantamento.

Deitei-a de costas, e ela era pesada, mas obediente. Um peso morto. O maxilar estava solto, a boca frouxa, e a testa pálida ostentava um corte profundo e sangrento. Um grosso fio de sangue escorria-lhe pela têmpora até ao cabelo louro. Estava branca e imóvel, esculpida em mármore. Cheguei ao seu pescoço para lhe sentir o pulso, mas a ideia de voltar a tocar-lhe revoltou-me e retirei a mão. Era uma perda de tempo. Passei por cima dela e dirigi-me para a casa de banho.

No espelho, o branco dos meus olhos destacava-se contra a páatina ensanguentada que me cobria o rosto. Tudo parecia hiper-real, como se eu tivesse acabado de sair de um cinema escuro e estivesse a experimentar a realidade tridimensional pela primeira vez em muito tempo. O telemóvel da Laura ainda estava no lavatório e eu decidi pegar nele, com meia intenção de verificar se ela tinha chamado a polícia e se tinha ou não enviado alguma mensagem incriminatória sobre a nossa discussão à porta de casa.

As minhas mãos tremiam enquanto eu lavava o sangue. A água cor-de-rosa circulava pelo ralo. A minha ferida ainda estava fresca e a sangrar, mas pelo menos já não parecia que tinha acabado de ser assassinada. Assassinada. Apaguei a luz da casa de banho e depois passei por cima do corpo de Laura. Ela não se tinha mexido.

Na sala de estar, encontrei um quadro das suas últimas horas: um cobertor posto de lado, um copo de uísque e dois molhos de chaves de porta. As chaves que eu tinha mandado fazer estavam presas a uma argola simples de aço inoxidável, mas as dela estavam presas a um porta-chaves de olho de tigre que eu nunca tinha visto antes. Olho de tigre. Nessa altura, ocorreu-me algo e empurrei a minha mão entre as almofadas do sofá. Os meus dedos fecharam-se à volta da borda áspera de um pedaço de quartzo rosa, e eu extraí as chaves que tinha roubado, copiado e devolvido todas aquelas semanas atrás. Ela nunca as tinha encontrado, mas isso não importava agora.

Coloquei as chaves de quartzo rosa e as chaves de olho de tigre lado a lado na mesa, bebi um gole de uísque e guardei no bolso o terceiro conjunto de chaves. O meu conjunto. Agora, se ela tivesse falado com alguém – Sharona, Eli, a polícia – sobre chaves sobressalentes, eles iriam de facto encontrar dois conjuntos, e ambos lhe pertenciam.

Estava tudo acabado. Voltei para a cozinha e parei à entrada, com a mão no interruptor da luz, e olhei mais uma vez para ela. Até àquele momento, acho que nunca tinha percebido a profundidade que o veludo dava à cor. O quão escuro o azul da meia-noite, ou a ametista, ou o verde-floresta, ou o borgonha, podem parecer nas dobras de um vestido de veludo. Quase impenetrável, com uma pitada, o mais pequeno vestígio de cor. Apaguei a luz da cozinha, e o veludo do seu vestido desvaneceu-se em preto.

Já passava da meia-noite e o bar estava a fechar. Uma empregada de balcão – acho que se chamava Helena, mas elas iam e vinham – estava do outro lado do bar, a falar com um cliente com uma intimidade que indicava que eram amigos ou amantes. Ninguém se virou para me olhar, ninguém reparou em mim. Eu era um fantasma, uma sombra. De cabeça baixa para esconder o corte na testa, subi as escadas.

Jackie estava no seu quarto, com o zumbido suave da televisão a passar por baixo da porta fechada. A sua noite tinha sido normal. Não tinha conhecido o Sam e não tinha visto Brodie, Brogan e Roach fundirem-se num só sob a influência de Laura. O seu mundo normal permaneceu inalterado, por enquanto. Será que ela ainda me amaria, como assassina? Acreditaria em mim, se eu dissesse que não o tinha feito? Apoiar-me-ia, se eu fosse considerado culpada?

Na cozinha, peguei numa garrafa de rum com especiarias cor de mel, mas a *pin-up* no rótulo do Sailor Jerry's fez-me pensar nas tatuagens desbotadas da Laura, e depois pensei no sangue escuro e xaroposo que escorria da sua pele aberta. A minha boca encheu-se de saliva e eu engoli a vontade de vomitar. Em vez disso, escolhi uma garrafa de Jack Daniel's.

A salvo, atrás da porta do meu quarto, abri a garrafa de *bourbon* e dei um trago quente e doce para abafar a sensação de pânico. Se Laura estivesse morta, se estivesse mesmo morta, isso faria de mim uma assassina, ou seria

classificado como homicídio involuntário? O homicídio involuntário era muito menos glamoroso.

Os meus lábios estavam dormentes, os meus dentes batiam como se tivesse passado a noite toda ao frio, como se tivesse visto um fantasma. Sempre me imaginei com uma constituição mais forte. Todas aquelas horas passadas a ouvir relatos angustiantes de violência, a ler sobre assassinios brutais e a ver fotografias de cenas de crime gráficas, não me tinham preparado para a simples realidade do sangue derramado, de um corpo.

O *Bleep* estava a mexer-se contra o vidro do seu tanque, e eu peguei nele e coloquei-o na minha clavícula. O músculo forte do seu corpo, quase como uma língua, acalmou o meu coração enquanto ele deslizava para o meu ombro esquerdo. Enviei uma mensagem ao Sam. *Não consigo dormir.*

Ele respondeu de imediato. *Pois bem.*

A culpa é da Laura, disse eu.

Devíamos tê-la matado quando tivemos oportunidade, disse ele.

A sala ficou desfocada. Isso era incriminatório? Apaguei a mensagem. Bebi um gole de *bourbon*, limpei o álcool do meu queixo antes que algum pudesse pingar para o *Bleep*. *Desculpa*, disse eu, mas ele não respondeu.

O meu despertador degolou as entranhas da manhã. Uma dor lancinante emanava da minha testa, e toquei-lhe com cuidado. A ferida parecia carne crua. *Laura*. Memórias fragmentadas invadiram o meu sono, e eu contorci-me sob o peso delas enquanto piscava os olhos para acordar. *Laura*. Peguei no meu telemóvel e silencieei o alarme, depois virei-me de costas. *Laura*. Um oceano de náuseas batia contra a minha costa interna, uma maré crescente de ácido. *Laura*.

Os cobertores estavam emaranhados à volta dos meus membros suados e cheiravam ao doce perfume floral de Laura. Álcool, suor rançoso e o cheiro doentio das rosas. Sentei-me e vi o meu reflexo no espelho: uma aparição de uma loira com um ferimento sangrento na testa. *Laura*. Uma súbita picada de enjoo no fundo da minha garganta. Torci-me para a frente enquanto o vômito quente se espalhava sobre os livros e os pratos no chão ao lado da minha cama. Um fio de muco amargo pendia dos meus lábios enquanto tentava recuperar o fôlego, depois caí nas profundezas de um sono negro.

Um zumbido repetitivo, como o zumbido de uma cigarra à volta de um cadáver. Laura, no seu vestido cor de vinho. Laura, fazendo rodar um Old Fashioned, o seu terceiro ou quarto. Laura, uma coluna de fumo de cigarro a sair-lhe dos lábios. Laura, o seu batom cor de vinho esborratado. Laura, com a boca aberta, um fio de sangue a rolar-lhe pela têmpora.

Quando voltei a mim, a luz era cinzenta e o meu quarto cheirava a podre. Tateei à volta da cama até encontrar o meu telemóvel. Eram nove horas e eu tinha quatro chamadas perdidas da Spines Walthamstow. Liguei para a livraria, a tremer com a adrenalina de um passo em falso.

– Olá, Spines. – Era o sotaque mancomunado do Kofi.

– Olá, é a Roach – disse eu.

– Tudo bem? – disse ele, indiferente ao tom da minha voz.

– Alguém me telefonou?

– Oh, sim. A Laura voltou a não aparecer no trabalho hoje. A Sharona está furiosa.

Laura estava morta. A verdade sobreveio-me como uma maré. Procurei as palavras que uma pessoa normal poderia dizer nesta situação. O importante era lembrar-me de me referir a ela no presente do indicativo.

– Ela não apareceu? – guinchei.

– Desaparecida, presumivelmente enforcada – respondeu.

– *O quê?*

– Enforcada. Desaparecida, presumivelmente a dormir de uma enorme ressaca. A Sharona queria que chegasses mais cedo para a substituíres, mas agora não vale a pena.

– Estou bem – menti. – Estou a ir.

Arrastei-me para fora da cama e a Laura estava morta. O vômito acre do *bourbon* teria de esperar. Vesti uma *t-shirt* dos AC/DC e um par de *leggings* por cima das cuecas de ontem, calcei os pés descalços com umas sapatilhas húmidas e fechei o capuz dos System of a Down. Um iPhone caiu do bolso e caiu no chão do meu quarto. O telemóvel da Laura. O ecrã de bloqueio era uma fotografia da Taylor Swift, com lábios vermelhos brilhantes e cabelo louro ondulado e solto. Eu não sabia o código de acesso. Porque é que o trouxe? Era inútil, um tijolo. Podiam localizar o telemóvel, encontrá-lo aqui? Queria atirá-lo para qualquer lado, mas não estava a pensar com clareza. Cobri a cara com as mãos.

Laura. Tinham passado cerca de oito horas desde que eu deixara o apartamento de Laura. Por esta altura, o seu corpo já teria arrefecido até à temperatura ambiente e um rubor malva estaria a marcar os locais onde o seu sangue sem vida se tinha depositado.

O meu instinto era ir a correr para casa dela e ver com os meus próprios olhos, mas um criminoso regressa sempre ao local do crime. O pânico agitou-se no fundo do meu estômago e não consegui recuperar o fôlego. Devia ter telefonado a dizer que estava doente, devia ter telefonado a dizer que estava morta – morta, morta, Laura estava morta –, mas sabia o suficiente para saber que tinha de manter a calma, agir como se tudo estivesse normal, como se nada tivesse mudado. Tinha tido uma noite longa, tinha levado uma colega bêbeda da festa a casa, tinha escorregado no gelo e batido com a cabeça, fiquei com um arranhão feio. Foi só isso. Estava de ressaca e parecia que tinha sofrido um acidente de viação, mas tudo estava como devia estar. Tudo no

meu mundo estava bem. Nada tinha mudado.

Estava frio lá fora, e o céu nublado estava escuro e cheio de nuvens com a ameaça de neve. Tentei correr, mas derrapei e escorreguei num pavimento que brilhava com a geada da manhã e tive de abrandar o ritmo para me manter estável. As minhas sapatilhas roçavam nos meus pés descalços e os meus dedos ficaram cor-de-rosa.

A livraria estava movimentada, cheia de clientes que se debruçavam sobre o *stock*, agarravam e arrebatavam, e metiam-se no caminho uns dos outros. Abri caminho por entre a multidão de compradores de Natal até à santidade tranquila do elevador.

Na sala dos colaboradores, alguém tinha posto um prato com bonecos de gengibre. Deixei o meu capuz e o meu *tote* no meu cacifo e vesti o meu uniforme Aertex por cima da minha *t-shirt* dos AC/DC. Debaixo do lavatório, encontrei o estojo verde de primeiros socorros e levei-o comigo para a casa de banho. Trancada em segurança atrás da porta da casa de banho, abri as duas torneiras no máximo. Um novo espasmo de náusea passou por mim, e regurgitei um jorro de bÍlis amarela e mordaz para o lavatório. Enquanto via a bÍlis a escorrer pelo ralo, perguntei-me se Laura já teria vomitado neste lavatório. Embrulhei o telemóvel da Laura e o batom vermelho com geleia num rolo de papel higiénico e enfiéi-os no caixote do lixo dos pensos higiénicos. Lavei as mãos, limpei a cara e abri o estojo de primeiros socorros. Coloquei um penso quadrado grande sobre a porcaria da minha testa e depois lavei a sanita.

Na sala dos colaboradores, Eli estava junto ao lava-loiça da cozinha, com a garganta apertada enquanto bebia um copo de água. Tinha um ar rude, com a cara por barbear e o cabelo por lavar. Quando terminou o último gole da bebida, baixou o copo e viu-me ali.

– Cristo, estás bem? – Ele tocou na sobrancelha e acenou com a cabeça para a minha. – O que é que aconteceu?

Os seus olhos estavam sujos e ensanguentados, e aquela curiosa crosta circular na bochecha parecia fresca, como se ele a tivesse arrancado.

– Nada – disse eu, espelhando os seus movimentos e tocando no gesso da minha testa. Virei a cabeça para o lado enquanto falava, perguntando-me se ele conseguiria sentir o cheiro adocicado do *bourbon* no meu hálito. – Escorreguei ontem à noite. No gelo. Não é tão mau como parece.

– Parece muito mau. Tens a certeza de que estás em condições de trabalhar?

– Estou bem – disse eu, passando por ele em direção à porta.

Ele estendeu a mão e tocou-me no braço para me fazer parar.

– Ei... Queria perguntar-te... levaste a Laura a casa bem ontem à noite?

– Sim – disse eu, sentindo o sangue fugir-me da cara.

– Ela pareceu-te bem? Não estava aborrecida nem nada?

– Ela estava bem. Convidou-me para tomar uma bebida.

Ele pestanejou para mim durante alguns segundos, surpreendido.

– A sério?

– Sentámo-nos na sala de estar dela, bebemos um copo de *bourbon* e ela falou-me da mãe. Mas não estava triste; parecia feliz. Feliz por estar a partilhar uma memória.

Eli passou as mãos pelo cabelo, franzindo a testa e pensando, pensando e franzindo a testa. Eu precisava de me controlar, mas não conseguia evitar. O pânico tinha tomado conta de mim.

– Ela queria sair e comprar outra garrafa – disse eu. – Mas eu disse que era melhor não. Eu já tinha bebido o suficiente, claramente! – Voltei a tocar no gesso e forcei uma gargalhada estridente e desumana. Ecoou pela sala vazia e ele estremeceu com o som.

– Está bem, obrigado – disse ele, embora parecesse duvidoso, e eu perguntei-me se teria falado demais.

À hora do almoço, apanhei a Noor e o Kofi a encherem garrafas de água com gás vazias com *gin* tónico de supermercado. Não que eu me importasse com isso. Passaram o resto da tarde a sorrir e a brincar com o facto de terem uma sede insaciável, enquanto iam dando goles entre os clientes. O hálito deles cheirava a acetona e a lima e, de cada vez que passavam por mim, sentia uma nova onda de enjoo no fundo da garganta.

Fiquei atrás da caixa do primeiro andar e lutei contra as contrações nauseabundas da ansiedade. Lá em cima não havia muito movimento e eu podia deixar a minha mente vaguear por caminhos obscuros. Imaginei o que Laura faria se estivesse a trabalhar hoje. Desfilaria por entre a multidão, provavelmente com uma roupa que chamasse a atenção, como o seu minivestido verde-floresta e os *collants* de elfo às riscas vermelhas e brancas, contando piadas e fazendo rir os clientes.

No entanto, com a saída de Laura, havia uma hipótese de recuperar a minha secção de *True Crime*. Depois disso, endireitei-me um pouco e, quando uma mulher de rosto vermelho com uma lista escrita no verso de um envelope se aproximou da caixa registadora, um sorriso de plástico surgiu facilmente.

– Olá – disse eu, com uma voz brilhante e frágil. – Em que posso ajudar?

Eli estava no armazém, a carregar um carrinho com braçadas de livros de capa dura para repor as mesas da frente da loja.

– A Laura já telefonou? – perguntei.

– Não – disse ele, com o maxilar cerrado. Usou a parte de trás do antebraço para limpar a testa, depois pegou numa garrafa de água de plástico e esvaziou-a, com a maçã de Adão a balançar a cada trago. Perguntei-me se ele também estaria a beber *gin*.

– A Sharona disse que os turnos de hoje não eram negociáveis.
– Não sei o que queres que diga, Roach.
– Ela virá para a reunião de pessoal?
– Sinceramente, não sei – disse ele. – Não sei onde é que ela está. Vou a casa dela daqui a um minuto e vou bater-lhe à porta.

Se ela não abrisse a porta, ele iria embora ou tentaria forçar a entrada? Será que ele pensaria no pior cenário possível – um acidente, um suicídio –, ou seria só eu? Teria ele um molho de chaves? Quantas chaves de reserva é que ela tinha? Chamaria a polícia se ela não abrisse a porta? Interrogavam-me? Revistariam as minhas coisas?

– Mas é véspera de Natal – disse eu, e a minha voz estremeceu. – Ela não vai estar com a família?

– Nós somos a família dela – respondeu ele, dirigindo-se para a porta do armazém.

Enquanto os últimos clientes se dirigiam da caixa para a rua principal, senti-me tonta, como se tivesse acabado de fumar o meu primeiro cigarro. Mas o dia ainda não estava terminado. As portas ainda tinham de ser fechadas, os caixotes do lixo esvaziados, os relatórios impressos, os tabuleiros da caixa levados para o cofre. Eu não conseguia encarar isso. Entrei no elevador com meia vontade de me esconder na casa de banho e deixar que os outros fizessem o fecho sem mim. No segundo andar, Eli estava à porta do gabinete do gerente, a falar com Sharona. Eu não estava particularmente interessada em escutar, até que ouvi o meu nome.

– E a Roach? – interrogou Sharona.

Rastejei em direção à porta aberta para ouvir.

– Ela disse que estiveram juntas um pouco, tomaram uma bebida – disse Eli.

– Isso surpreende-me.

– Estou muito preocupado, Shaz. Ela deixou-me algumas mensagens de voz bastante loucas e pareceu-me... não estar bem.

– Olha, o Jim acabou de chegar. Vamos acabar com isto e depois vamos juntos até ao apartamento dela, está bem?

– Sim, está bem – disse ele, passando as mãos pelos caracóis. Virou-se então para o corredor e viu-me ali parada, demasiado fora de mim para disfarçar a minha óbvia vigilância. – Estás bem, Roach?

– Sinto-me muito mal – respondi, o que era a verdade. A ideia de Sharona e Eli a irem ao apartamento de Laura fez com que uma onda de pânico cego se abatesse sobre mim. – Tenho de me ir embora. Posso ir-me embora?

– Um minuto – pediu Sharona, saindo do escritório com uma expressão sombria, como um carrasco a aproximar-se da força. – Só preciso de toda a gente na sala dos colaboradores. Agora mesmo.

Jim, o gerente de zona, tinha um corte de cabelo moderno e uma barba ruiva indisciplinada. Avançou diretamente para Eli e deu-lhe uma forte palmada de camaradagem no ombro.

– Tudo bem, amigo? – perguntou ele.

Um sopro de *aftershave* caro queimou-me o fundo da garganta. Perguntei-me se alguém teria morrido. Outra pessoa, quero eu dizer. A nossa antiga gerente Barbara, talvez. Talvez o Natal em Loughton a tivesse matado. Engoli um desejo maníaco de rir. Precisava de me acalmar, respirar fundo. Estava a perder a cabeça, a comportar-me de forma estranha.

Martin e Barry sentaram-se em mesas separadas da cantina. Eu afundei-me no meu cadeirão e peguei em *The Stranger Beside Me* por hábito. Segurei-o no colo como um talismã, passando o polegar sobre as páginas macias e amanteigadas.

– Bem, obrigado a todos por terem ficado até tarde. Não vou estar com rodeios – disse Jim, empoleirando-se numa das mesas do refeitório. – Receio ter más notícias para partilhar convosco hoje.

O ambiente na sala mudou, como o Sol a desaparecer por detrás de uma nuvem.

– Apesar dos nossos melhores esforços, estamos a enfrentar um período incrivelmente difícil como empresa. A rua principal está em dificuldades e esta sucursal está encalhada no fim de uma longa fila de lojas fechadas. A conversão foi incrível neste Natal, graças a todo o vosso trabalho árduo, mas a afluência de clientes simplesmente não existe. Não é suficiente para uma loja desta dimensão sobreviver, e não conseguimos atingir os nossos objetivos anuais por muito pouco.

– Mas tem estado tão movimentado – disse Martin, desolado. – Temos andado a correr.

– Não é suficiente para compensar o resto do ano – explicou Sharona, com uma nota suave de pesar.

– E olhem – disse Jim. – Só quero assegurar a todos os presentes que ainda não estamos a falar de despedimentos.

– Ainda? – disse Barry, com os olhos brilhantes de raiva.

– Espera, estás a dizer que a loja *vai fechar*?

– Receio que o Boxing Day^[5] seja o nosso último dia de atividade – informou Sharona, e Jim acenou com a cabeça, e Eli baixou a cabeça, e eu não senti nada.

– E estás a dizer-nos isto na véspera de Natal? – perguntou Barry. A sua cara estava a ficar muito vermelha e ele parecia incrédulo.

– Não foi uma decisão fácil para a direção, que fez tudo o que estava ao seu alcance...

– É Natal, por amor de Deus! – exclamou Martin.

– Eu sei que é uma notícia dececionante – disse Sharona, numa voz

calma e gentil. – E sei que a livreria foi a casa de muitos de vós durante vários anos. Vocês são uma mais-valia para a Spines, são mesmo. O encerramento de lojas é sempre a última coisa que queremos ver acontecer. Não só para os nossos livreiros, mas também para as comunidades que servimos.

Já tinha ouvido o suficiente. Fechei os olhos, abracei a escuridão.

Noor e Kofi dirigiram-se para um dos *pubs* da rua principal, uma dupla heterogénea que ia festejar o fim da época e lamentar o fim da loja. Eram jovens. Iam simplesmente seguir em frente. O Kofi era um estudante temporário e a Noor tinha em vista um bilhete de ida para a Tailândia. Não lhes importava muito. Martin e Barry caminharam na direção oposta, talvez para tomarem uma bebida de consolação. Afinal, a miséria adora companhia.

Fiquei à porta da loja, a olhar a meia distância, para a rua deserta, para as bancas vazias do mercado, para as lojas fechadas, para os letreiros ausentes, para os cartazes de saldos descascados, para as montras ensaboadas.

– Não vais ao bar, Roach? – perguntou Eli, abrindo as portas um pouco para espreitar.

– Não – respondi.

– Bem, não têm de esperar por nós. Vão para casa, se quiserem.

Desejei uma forma de parar o tempo, de o impedir de ir até à casa de Laura. Desejei que houvesse um recado urgente para o mandar fazer, uma perseguição que me fizesse ganhar uma hora, que impedisse o inevitável. O pânico agitou-se no meu peito, mas não havia nada que eu pudesse dizer ou fazer para mudar os seus planos. Ele e a Sharona iam fechar a loja, e iam a pé até à casa da Laura, e ela não ia abrir a porta da frente. Era tão inevitável como o tempo a passar. Não havia nada que eu pudesse fazer.

– Sei que deve ser um choque – disse ele, interpretando mal a expressão do meu rosto. – Mas não vais perder o teu emprego, está bem? A Sharona toma conta de vocês e arranja-vos um sítio novo, talvez um sítio com uma grande secção de *True Crime*, sim?

Um floco de neve caiu entre nós e olhámos os dois para o céu. Outro floco caiu na minha bochecha, e Eli inclinou a cabeça para observar a estática errática da neve caindo. Ele parecia tão comum naquele momento. Eu não conseguia perceber o que Laura via nele.

Se isto fosse um romance, e se eu fosse a Laura, ele estenderia a mão para a frente e afastaria um floco de neve com as pontas dos dedos, passaria as mãos pelo meu cabelo louro. Tinha uma imagem louca e ridícula de nós a derretermo-nos nos braços um do outro. Os nossos lábios podiam encontrar-se; podíamos sair da loja juntos.

Mas isto não era um romance, e eu não era a Laura. Era um crime verdadeiro, e eu era Brogan Roach.

– Até à vista – disse eu, afastando-me da loja e caminhando em direção ao Mother Black Cap.

– Feliz Natal – gritou ele. – Vemo-nos no Boxing Day para o último hurrah!

Enquanto caminhava pelo mercado, apercebi-me de que não tinha qualquer intenção de voltar à loja. Estava acabada. Não haveria uma nova secção de True Crime, nem uma nova sala de colaboradores, nem novos códigos de porta, nem novos clientes habituais, nem novos colegas para mim. Estava farta de vender livros. Que fechassem as portas de vez, que espalhassem os livreiros pelas outras sucursais de Londres. O que é que isso importava?

Peguei no meu telemóvel e enviei uma mensagem.

No Rose and Crown, um velhote com cabelo comprido e oleoso e um bigode imperial desgrenhado apoiava-se no bar com uma caneca de *bitter*. Tinha aquele olhar perscrutador de um cliente que tenta chamar a atenção de alguém e eu desejei que ele me deixasse em paz, que encontrasse outra pessoa para incomodar com a sua conversa normal sobre o tempo, ou o Natal, ou o discurso infernal da Rainha. Mantive a cabeça baixa e ignorei-o enquanto pedia dois *pints* de *Dark Fruits* e dois *shots* de sambuca, e depois virei-me para procurar lugares junto à janela.

Lá fora, estava a nevar a sério, um manto espesso a cobrir os carros que se arrastavam pela estrada principal, com os faróis fracos a lutar contra o nevão. O calor era sugado da sala de cada vez que as portas se abriam e, de cada vez que olhava para cima e via um estranho a entrar no bar, de bochechas rosadas e sorrisos, sentia um sabor amargo de desilusão. Talvez fosse demasiado tarde. Talvez ele não estivesse a chegar.

Pensamentos intrusivos sobre Laura iam e vinham. Imaginei a batida hesitante de Sharona, a forma como Eli esperaria ao fundo do caminho do jardim, com as mãos nos bolsos, a respiração ofegante pelo frio. Talvez ambos se virassem ao som de um bêbado a cantar uma canção de Natal ao longe, talvez pensassem no calor que os esperava em casa. Podem sair sem voltar a bater à porta, satisfeitos por terem feito o suficiente para acalmar a sua ansiedade.

Ou será que as suas mentes iriam diretamente para o modo de pânico? Será que iriam soar o alarme, causar uma cena? Eli iria querer arrombar a porta, Sharona iria chamar a polícia? Talvez Laura já o tivesse feito, ontem à noite. Talvez a polícia estivesse a caminho durante o nosso último encontro. Talvez a sua casa – o local do crime – já estivesse cheia de polícias e peritos. Talvez Eli e Sharona se deparassem com fita azul e branca da polícia atada à sua porta como um laço de embrulho. Um polícia de aspeto grave à porta recusar-se-ia a dar-lhes qualquer informação, mas eles saberiam que as notícias eram más.

De qualquer forma, ninguém se lembraria de me telefonar. Ninguém se importaria de me dizer.

– Deves-me mais do que a porra de um *shot* – brincou Sam, sentando-se à mesa. Uma ligeira camada de neve já estava a derreter no seu cabelo, salpicando os ombros do seu casaco de cabedal gasto. Os seus olhos arregalaram-se de surpresa quando viu o penso na minha testa. – Jesus Cristo, o que é que te aconteceu à cara?

– Escorreguei a caminho do trabalho esta manhã – disse eu, tocando com dedos hesitantes.

– Mas... Cristo, Brodie, isso está horrível. Porque não me disseste?

– Não sei – disse eu, e algo dentro de mim acabou por se soltar e as lágrimas escorreram-me pelas faces. – Pensei que estavas zangado comigo.

– Eiii... Não fiques assim. – Ele sentou-se ao meu lado, pegou no meu rosto com a palma das mãos e beijou-me a ponta do nariz. Tinha acabado de tomar banho e o seu cabelo comprido cheirava a limpo, a champô de eucalipto e caspa.

– Acho que fiz mesmo asneira – afirmei.

– Não – disse ele, pondo-me o cabelo atrás da orelha. – Não, está tudo bem. Eu estava muito zangado, mas estávamos todos bêbados. Não te preocupes com isso.

Apercebi-me então de que o amava, que o amava mesmo, e que não lhe ia contar a verdade. Algumas fantasias ficam melhor guardadas no domínio da imaginação. Agora já sabia isso. Bebi um grande gole da minha bebida. O copo estava quase vazio.

– Estava tudo bem com a não-sei-das-quantas? – perguntou. – Conseguiste o que querias?

– Não – respondi. – Ela estava demasiado bêbeda.

– Que merda.

Bebeu um longo trago de sidra, um terço do *pint* de uma só vez.

– Desculpa – pedi, rodando o copo nas mãos.

– Nunca mais me faças ir a uma dessas festas de merda, está bem?

– Não me parece provável – disse eu, e falei-lhe do fecho da loja.

– Que se lixe – afirmou ele, inclinando-se e dando-me um dos *shots* de sambuca. – Que se lixe a loja, que se lixem os livros, que se lixe tudo. Não importa. E que se lixe aquela cabra, seja lá qual for o nome dela.

– Laura – disse eu.

– Que se lixe a Laura. Não importa. Ela está morta para nós, querida. Morta.

Ele levantou o seu copo de *shot* e eu levantei o meu num brinde. Engolimos a sambuca e ele beijou-me as lágrimas com lábios suaves e húmidos que cheiravam a anis doce.

– Que se lixe a Laura – sussurrei, e finalmente senti que podia respirar.

Quando o serão se prolongou pela noite dentro, já estávamos bêbados e diabólicos, a meter moedas na *jukebox* digital e a fazer explodir o bar, que de outra forma seria calmo, com a energia crua e frenética de AC/DC antigo. Quando o dono avisou sobre os últimos pedidos, saímos para a noite.

– Conheço um bar que está aberto até tarde – disse eu, e seguimos o nosso caminho até ao Mother Black Cap, cantámos *St Anger* a plenos pulmões enquanto passávamos pelos *normies* que comiam *kebabs* na Hoe Street. O bar estava cheio, e a Jackie estava no meio de tudo, a contar piadas e histórias, com um *top* brilhante e as suas melhores calças de ganga, enquanto *Fairytale of New York* tocava nos altifalantes. Ela quase não me reconheceu quando me viu, mas os seus olhos passaram diretamente do meu cabelo loiro para o penso.

– O que é isto, *o que aconteceu?*

– Escorreguei – disse eu. – No gelo.

– E quando é que fizeste isto? – perguntou ela, pegando numa madeixa do meu cabelo e admirando o louro amarelo-manteiga.

– Na outra noite – respondi, deixando-a sentir a textura dele entre os dedos. A Jackie tinha perfume a mais, laca a mais, batom a mais, mas este *cocktail* de Obsession e Smirnoff, Elnett e Revlon, cheirava a casa. Senti uma estranha onda de afeição por ela.

– Pareces uma jovem Debbie Harry – disse ela, e depois fez uma pausa, parecendo aperceber-se de que o Sam, que estava ao meu lado, não era apenas um cliente que passava à socapa. Ele estava comigo.

– Então, quem é este? – interrogou ela, levando a palhinha à boca enquanto acenava com a cabeça para ele.

– É o meu namorado – disse eu, e ele sorriu. – Sam, esta é a minha mãe, Jackie.

– Então, ela aparece à meia-noite, com a cara toda rebentada, cabelo novo e um gajo novo... será que é mesmo minha filha?

Não, pensei eu. Eu já não era a filha que ela conhecia. Eu era uma pessoa diferente – já não era uma livreira, já não era virgem, já não era apenas uma fã de *True Crime*. Era uma participante ativa. Eu era uma assassina, uma criminosa. Eu era diabólica.

A Jackie revirava os olhos com um ligeiro sorriso, e depois estava a tagarelar outra vez, com a boca a mexer-se mais depressa do que eu conseguia acompanhar.

– Sam, pareces-te com um *roadie* que conheci chamado Pringle. Matty Pringle. Fez digressões com os Maiden. Não, Zeppelin. Zeppelin, e depois Sabbath. Ele era muito engraçado, o Pringle. Já morreu. Digo-vos uma coisa, ele conseguia arranjar-vos acesso ao *backstage* em qualquer lado, de Liverpool a Londres, por uma garrafa de Bacardi e um...

– Vamos buscar bebidas – disse eu, cortando a história dela antes que tivesse hipótese de se alongar. O Sam deu-me a mão enquanto nos espremiámos por entre a multidão em direção ao balcão, mas não sem antes me inclinar para a frente e tocar no ombro da minha mãe. Ela olhou para mim e olhámo-nos por um momento, e depois alguém chamou o seu nome e ela desapareceu.

O Sam e eu encontrámos uma mesa no canto do bar. Quando a minha

mãe fez os últimos pedidos, fechou as portas e fechou as cortinas e continuámos, só nós e os clientes habituais. O Sam e eu abrimos uma garrafa de Jack Daniel's e ele tomou conta da *jukebox*, impressionando a minha mãe com a sua predileção pelo *metal* dos anos 80. À medida que a noite se transformava em manhã, gritávamos ao som de «Shout at the Devil» com um hálito doce e azedo, mas eu sentia que o diabo estava mesmo ali comigo, ao meu lado.

No dia de Ano Novo, a rua de Laura ainda parecia um postal de Natal: janelas douradas e brilhantes, portas de entrada com grinaldas de azevinho, cada uma decorada com pinhas, fatias de laranja secas e fitas de veludo vermelho. Pedacos de coisas recolhidas, porque as coisas recolhidas estavam mais na moda do que o lixo de plástico foleiro que se podia comprar no supermercado. As árvores de Natal enchiam as janelas, com as suas luzes cintilantes em tons de joias de embalagens da Quality Street.

Regressar ao local do crime era uma atitude de principiante, mas já tinha passado uma semana – uma semana de espera, uma semana a analisar as notícias e a pesquisar nas redes sociais e a ouvir o som das sirenes que se aproximavam. Eu era uma assassina, e era inevitável que fosse apanhada.

Havia algo de quase sobrenatural nos *serial killers* quando andavam à solta: a sua estranha capacidade de passarem despercebidos, de se esconderem à vista de todos, de desaparecerem sem deixar rasto. E, no entanto, eram muitas vezes coisas banais e comuns que levavam à sua captura. Um bilhete de estacionamento. Um teste de ADN de antepassados. Um cano entupido. Artigos de papelaria com monogramas. Uma disquete.

Eu tinha retirado as provas mais incriminatórias do apartamento de Laura nessa noite – o conjunto de chaves suplentes, as minhas roupas –, mas só estava a pensar em esconder a minha intrusão. O apartamento da Laura ia ficar infestado com o meu ADN – fios do meu cabelo, vestígios da minha saliva no copo de uísque e nos gargalos das garrafas e latas de cerveja no seu caixote de reciclagem, fibras da minha roupa, impressões digitais como *confetti*, espalhadas por tudo. Até na casa de banho havia vestígios de urina, matéria fecal e sangue. Eu não tinha tido cuidado, porque não tinha intenção de cometer um homicídio, e isto estava a matar-me. Tinha de, pelo menos, verificar o corpo. Tinha de ter a certeza.

Não havia luzes acesas na casa de Laura. As cortinas estavam meio fechadas e a sala de estar para além delas parecia cinzenta. Não havia fita de cena de crime à volta da porta da frente, nem nenhum agente da polícia de guarda. Parecia normal. Subi o caminho do jardim e bati à porta. Fiz barulho na caixa do correio e virei-me de costas para que, se alguém abrisse a porta, fosse recebido pela minha fria indiferença. O meu hálito soprava contra o manto da noite.

Tentei imaginar a Laura viva, algures no calor, num lugar acolhedor,

rodeada pela família, a beber vinho quente com especiarias e a comer empadas de carne picada, a rir, a discutir, um grande grupo de irmãs March a partilhar piadas e a gozar umas com as outras. Mas não – claro que não. Ela não tinha irmãos, nem pais que eu conhecesse. Ela estava sozinha, dentro do apartamento. As cinco fases de decomposição passavam-me pela cabeça, um rosário. A putrefação teria dado à sua pele um tom verde-claro, como o brilho de uma Granny Smith, ou um granizado de lima. Os microrganismos do intestino corroeriam os tecidos moles, segregando líquidos molecularmente semelhantes aos químicos que dão às framboesas o seu aroma forte e doce. Durante a decomposição ativa, as moscas varejeiras punham ovos na boca, nas narinas, nos orifícios dos ouvidos e nas órbitas dos olhos, que se transformavam em poços de larvas que se contorciam.

O apartamento estava em silêncio. Não apareceu ninguém. Preparada para o cheiro doce de um corpo deixado a apodrecer, abri a porta, mas parecia normal. Um pouco a mofo, um pouco a cigarros velhos. Chamei-a pelo nome enquanto percorria o corredor escuro em direção à cozinha, ao seu lugar de repouso final. Estava vazia e limpa, com as superfícies a brilhar. A confusão à volta do lava-loiça tinha desaparecido, os armários estavam vazios. O frigorífico estava desligado, a porta entreaberta.

A porta do seu quarto estava aberta, a sua cama despida. O chão estava limpo de roupa: a confusão de vestidos e saltos altos descartados, os batons perdidos, o emaranhado de lenços de pescoço, as pilhas desordenadas de livros e copos de vinho, os postais, os cadernos, a poesia – tudo tinha desaparecido.

Espreitei para a sala de estar. Os candeeiros de chá empoeirados, as pilhas de livros, as chávenas de café velhas, as garrafas de vinho vazias. Desapareceram. Apenas o sofá descaído e as estantes de livros limpas e vazias. Havia um estranho confete cor-de-rosa, lilás e branco espalhado sobre o sofá. Passei a mão pelas pétalas de papel, apanhei uma mão-cheia e deixei-as cair sobre as almofadas, um suave nevão de papel.

Eram vários exemplares do seu livro, o livro que tinha significado tanto para mim, que eu tinha amado tanto, rasgado em pedaços minúsculos, reduzido a reciclagem. *os seus momentos inconsequentes eram lindos*. Mais ninguém teria feito algo assim.

Era uma mensagem. Ela estava viva e tinha-se ido embora.

Quando regresssei ao Mother Black Cap, o bar estava escuro e sossegado, com as luzes apagadas e um brilho suave. Jackie estava a ver *EastEnders* com as legendas ligadas, como de costume. Ela usava a sua ressaca com uma dignidade tranquila, mas o líquido no copo à sua frente tinha a cor laranja elétrica reveladora do Lucozade.

– Oh, chegou uma carta para ti – disse ela, entregando-me um envelope.
– Acho que chegou há algum tempo. Encontrei-a atrás do balcão.

O endereço estava escrito com uma esferográfica grossa. Rasguei o envelope e tirei várias páginas escritas à mão. *Cara Brogan*, começou. *Obrigado pela tua carta. Podes chamar-me Lee.*

[5] Feriado inglês celebrado no dia 26 de dezembro. (*N.* do *T.*)

Epílogo: Parte 1

Agosto de 2022

Uma brisa de verão transporta o cheiro rico e fumado de um churrasco, agitando as folhas por cima de mim. As persianas da loja chiam quando as fecho e a chave permanece na fechadura quando me inclino para trancar a porta.

Uma noite calma, acho eu. Ontem à noite, só queríamos beber uma, mas os velhos hábitos custam a desaparecer, acho eu. Começámos com uma doce garrafa de rosé num *beer garden*. A tarde depressa se transformou em fim de tarde, o fim de tarde em noite, e a Gemma convenceu-me a ir com ela para casa da Jessie. Sentámo-nos à volta da fogueira no jardim da Jessie, a beber mais rosé. Bons amigos e vinho fresco, uma guitarra e o suave crepitar das chamas. Calor, amor e riso, sem nenhum sítio melhor para estar.

Demorei muito tempo a encontrar o meu caminho para aqui, para um lugar seguro. Há muito tempo que me sentia fraturada, paranoica e fora de controlo.

Penso na noite da festa de Natal da Spines como «a noite perdida». Os fragmentos que consegui juntar ainda não formam uma imagem completa. Não tenho nada, nenhuma recordação duradoura da festa, apenas uma vaga sensação de me sentir solta, ameaçada. Com um ardor doentio de vergonha, lembro-me de me ter passado com a Lydia, de ter dito algo horrível para a chocar e envergonhar. Os olhos feridos de Eli, toda aquela suavidade e mágoa expostas. A raiva óbvia da Sharona. E depois a Roach. Roach, com o seu vestido barato, o seu cabelo mal pintado e a sua maquilhagem desarrumada, Roach sempre ali, sempre a observar. Roach, usando um colar tão parecido com o da minha mãe – mas não, eu tinha-o encontrado na desarrumação do meu quarto. Ela não mo tinha roubado. Ela nem sequer sabia que ele existia. Ela levou-me para casa quando mais ninguém o fez, e... bem, o resto é uma cena desaparecida, uma tela em branco, um buraco negro.

Eli ajudou-me a preencher algumas das lacunas quando tive alta do hospital, mas a sua versão dos acontecimentos também não fazia muito sentido. Preparei uma cafeteira de café e sentámo-nos à mesa azul da minha cozinha, como já tínhamos feito tantas vezes.

– Quando voltaste a não aparecer no trabalho, a Sharon ficou furiosa – contou ele, segurando a caneca com as duas mãos. – Mas eu sabia que algo não estava bem. Sabia-o simplesmente. Tu tinhas-me enviado todas aquelas mensagens de voz, a chorar e zangada comigo por não atender o telefone, mas eu só as tinha ouvido de manhã. Fomos ao teu apartamento depois do trabalho para ver se estavas bem, e foi aí que conhecemos a tua vizinha, a Amber? A que tem o bebé?

Abanei a cabeça.

– Acho que nunca a conheci.

– Bem, ela conhecia-te. Disse que tinhas sido atacada na noite anterior. Que lhe foste bater à porta a pedir ajuda, coberta de sangue.

– O quê? – disse eu, atónita. – Atacada?

A minha mente foi diretamente para a Roach. Tinha uma vaga e chocante memória de uma luta. Uma briga à porta de casa – ou ainda estávamos no táxi? Eu estava confusa, estava a pensar na luta que tinha tido com – mal conseguia pensar nisso. Forcei-me a olhar a memória nos olhos. Lydia, eu tinha dito algo horrível a Lydia. Estaria eu a pensar nisso? Memórias incómodas e desagradáveis pululavam como moscas, zumbindo dentro e fora de foco.

– Ela disse que não parecias particularmente bêbeda, apenas que estavas... – Ele procurou a palavra certa. – ... no limite.

– No limite?

– Trepaste a cerca do jardim dela e entraste no teu apartamento pela janela do teu quarto. Não te lembras mesmo disso?

Abanei a cabeça, tentando não chorar. Era como se outra pessoa tivesse tomado o controlo de mim, obrigando-me a fazer coisas que nunca faria. Sentia-me mal.

– Ela ficou muito preocupada quando dissemos que não tinhas ido trabalhar. Tipo, mesmo *muito* preocupada. Disse que tinhas sofrido um traumatismo craniano e todos concordámos que era uma potencial emergência médica.

Toquei na ferida da minha testa, os fragmentos de uma crosta acabada de formar. Não me lembro de nada disso.

– Ligámos para a polícia e pedimos para ir verem se estavas bem. E... – As suas lágrimas brilhavam e ele passou uma mão pela cara. – Quando te vi caída no chão da cozinha, pensei que estavas morta, Lau. Se não tivesses batido à porta da tua vizinha na noite anterior, talvez nunca te tivéssemos encontrado a tempo. Foi um milagre.

Um milagre. Não me pareceu um milagre. Parecia um pesadelo. Tentei imaginar a versão de mim própria que faria estas escolhas absurdas e ilógicas: bater à porta de um desconhecido com uma máscara de sobriedade colada à cara, trepar uma vedação de jardim... mas não batia certo. Nunca deixaria a janela do meu quarto destrancada. Embora o meu telemóvel tivesse desaparecido, as minhas chaves e a minha carteira estavam no sofá. Tinha-me

servido de uma bebida, acendido um candeeiro. Mas o que é que tinha acontecido? O que é que tinha mudado entre o momento em que a Roach se foi embora e o momento em que eu bati à porta da minha vizinha? Não fazia sentido.

Sentia-me assombrada pelo que poderia ter sido, assombrada pelas memórias que me faltavam e pelas possibilidades elaboradas que surgiam na minha mente a altas horas da noite. O espaço estava contaminado, e a minha capacidade de conhecer a paz em Walthamstow tinha-se tornado azeda, rançosa. Estava na altura de me ir embora. De qualquer forma, tinha de sair do meu apartamento, o meu senhorio tinha-se encarregado disso. Mas era mais do que isso. Tinha de deixar Walthamstow, e tinha de deixar a Spines. Tinha de me afastar de Roach.

Roach, a peça que faltava no *puzzle*. Tinha pensado em enviar-lhe uma mensagem, perguntando-lhe se ela sabia o que me tinha acontecido naquela noite, mas algo me impediu. Quando pensava em Roach, sentia-me sem fôlego, sentia o pânico crescente de um ataque de ansiedade a apertar-me o peito. No final, o meu desejo de me distanciar dela superou o meu desejo de descobrir o que aconteceu e, no fundo, eu sabia que nunca confiaria numa palavra que saísse da boca dela de qualquer maneira. Eli engoliu o último gole do seu café e levantou-se.

– Desculpa pela tua cara – afirmei, acenando com a cabeça para a crosta redonda que lhe marcava a bochecha. Ele respondeu com um sorriso irónico e puxou-me para um abraço. Uma mão quente encontrou a minha omoplata, exatamente onde estaria a asa se eu fosse um anjo, e, com um ímpeto vertiginoso, ele disse:

– Lamento, lamento mesmo muito que as coisas tenham acabado como acabaram.

– Eu também – respondi, pensando nos dois agora, e depois naquele primeiro beijo embriagado, naquela primeira cena que faltava.

– Vamos sair em breve – disse ele, e eu acenei. Comecei a fazer as malas nessa noite.

Entreguei o meu aviso prévio. A Sharona pressionou os RH a deixarem-me tirar uma licença para não ter de trabalhar no período de pré-aviso e pronto. Estava livre. Comecei a procurar trabalho fora de Londres e foi assim que dei por mim aqui: a trabalhar numa bela livraria independente numa encantadora cidade à beira-mar.

A Sharona visitou-nos no ano passado. Tinha cortado os caracóis de um lado da cabeça e deixado os outros crescerem selvagens, com riscas cinzentas. Gostou da vibração suave do sítio, admirou a pequena livraria a que eu chamava casa.

– É mesmo à tua medida – disse ela, absorvendo tudo. Eu sabia exatamente a que é que ela se referia: os sacos de papel às riscas cor-de-rosa e brancas, os paus de pedra coloridos junto à caixa, o cheiro a *donuts* fritos em óleo quente que vinha do cais, a vista para o mar infinito e cintilante. –

É muito mais pitoresca do que Brighton – acrescentou. – Mudámo-nos para lá, já te disse? Apaixonámo-nos pela loja, apaixonámo-nos pelo ambiente.

– Como é que correu a reforma? – perguntei-lhe levemente, mas ambas sabíamos o que eu estava realmente a perguntar.

– Tudo bem – disse ela, com os olhos a franzirem-se num sorriso simpático. – Ele pediu a Lydia em casamento.

– Que nojo – declarei eu, desviando o olhar. Ela riu-se.

Caminhámos até um bar à beira-mar para beber *pints* de *lager* em copos de plástico. As gaivotas circulavam por cima das nossas cabeças, com as suas largas asas brancas esticadas contra o vento.

– Mas estás feliz, não estás? – disse ela, tocando-me na mão.

– Estou feliz – confirmei. – Só gostava de ter encontrado o meu caminho até aqui sem ter deitado gasolina sobre toda a minha vida e a ter incendiado.

– Tinhas de ir ao fundo – respondeu ela –, para ganhares forças para nadar até à superfície.

Eu gostava disso. Tinha de descansar no fundo do mar rochoso para reunir forças para nadar de volta à superfície da minha vida. Não me tinha apercebido de quanto tempo tinha estado a sustentar a respiração, a afogar-me sob o peso da minha dor. A dor não tem solução, não tem um final feliz. É um relógio que nunca para de funcionar, um dia que nunca acaba. A minha mãe foi-se embora. É apenas uma daquelas coisas, e depois é tudo ao mesmo tempo. E apesar de sofrer por ela – sempre sofrerei –, precisava de espaço para respirar, espaço para sarar.

Quando saí de Walthamstow, descobri que podia voltar a escrever. Escrevi sobre a minha mãe e homenageei as outras quatro mulheres que perderam a vida nesse verão: Elsie, Agata, Safa, Lana.

Redescobri a alegria nas coisas simples. Ver velhos amigos e fazer novos. Sentir o sol no meu rosto, a areia debaixo dos pés. Encontrar vidro do mar na praia, com as pontas afiadas suavizadas pelas ondas. Alegria em partilhar de novo a minha casa, alegria em ouvir os espanta-espíritos tocarem a sua música melodiosa, alegria em encontrar uma tigela fresca de tomates perfumados deixados por um vizinho amável.

Alegria por regressar a casa e saber que estou em segurança.

Epílogo: Parte 2

Agosto de 2022

Um sino de igreja distante dá as onze horas. Dou uma última passa no meu cigarro de enrolar e atiro a beata gasta para as pedras da calçada, onde ela se agarra ao ar salgado do mar e cai na sarjeta. Ondas preguiçosas batem contra a costa de seixos enquanto eu sigo a curva suave da rua e paro em frente a uma pequena casa com um caminho em frente como degraus. Acima, uma gaiivota grita e as notas melódicas de um espanta-espíritos de madeira pendurado nas vigas do alpendre respondem.

Uma manhã calma e tranquila. É lindo aqui, tranquilo.

No parapeito da janela, junto à porta de entrada, há um cesto de tomates disformes que prendem uma nota que a brisa faz voar.

Pego num tomate quente ao sol, sinto o peso dele na minha mão, e leio o bilhete, rabiscado a lápis rápido:

L & G,

Passei para ver se vocês queriam alguns destes tomates.

Temos MONTES deles. Vêm tomar uma bebida em breve?

Com amor J + M xx

Os vizinhos conhecem-se todos uns aos outros. Uma verdadeira comunidade. Partilham o que têm quando há abundância: ruibarbo, curgetes, tomates. Bebem nos jardins uns dos outros, passeiam os cães uns dos outros. De vez em quando, até deixam as portas destrancadas.

Entro, e a casa é simples e acolhedora, nada parecida com as portas com fechadura dupla, as janelas foscas e os estores impenetráveis de Londres. A casa cheira a fresco e a limpo, um toque floral por baixo do cheiro penetrante a limpa-móveis. Uma prateleira de sapatos contém um par de Doc Martens bem engraxados com pespontos amarelos, vários pares de Converse gastas e uma coleção de sabrinas em verde floresta, arando, azul profundo.

A sala de estar está repleta de estantes, com um *poster* emoldurado de

Frances Ha no parapeito da chaminé, por cima de uma lareira. O sofá é de um rico veludo verde. Passo a mão sobre ele como se estivesse a acariciar um gato, e a cor muda de sálvia para o verde profundo da folhagem de inverno. A profundidade que o veludo confere à cor.

Dirijo-me às estantes e folheio as lombadas até encontrar o que procuro: um livro de memórias literárias sombrio chamado *Their Inconsequential Moments Were Beautiful*. Sorrio com a familiaridade do título, viro o livro nas mãos, sinto o seu peso, acaricio a capa dura e mate, folheio as páginas e sinto o cheiro a tinta acabada de imprimir no papel.

Laura.

Laura, com a sua poesia.

Laura, com a sua tragédia.

Não era Laura Bunting, mas Laura Cordovan. Não o nome do seu pai, mas o nome da sua mãe. Claro que ela não tinha publicado sob o nome Bunting. Bunting era as festas no jardim, Wimbledon e casamentos reais. Cordovan era sangue. Trauma e escuridão. Eram as ruas solitárias de Londres envoltas em chuva, um assassino, um assassino de mulheres, à solta durante um verão miserável.

Não me tinha enganado: Laura Bunting tinha morrido no chão da cozinha. Eu tinha-a matado, mas não havia cadáver, nem autópsia, nem funeral, nem sepultura. Laura Bunting tinha morrido, mas Laura Cordovan tinha-se erguido das cinzas e tomado o seu lugar.

Quando me apercebi que não era uma assassina no sentido tradicional, passei muito tempo à procura de Laura Bunting, mas nunca a encontrei porque ela não existia. Fui a leituras de poesia no Nib e procurei o seu cabelo loiro como uma garrafa na multidão. Procurei-a nos bares e *pubs* locais, meio à espera de a ver com uma bebida na mão, um sorriso vermelho vivo estampado no rosto. Procurei a sua gabardina *camel* no mercado. Procurei-a nas livrarias, espreitei pelas montras *indies* da moda e das grandes sucursais da Spines, mas ela nunca lá estava.

Imaginei-a a mudar-se para Brighton, imaginei-a a deixar a venda de livros, imaginei-a a gerir a sua própria loja. Imaginei-a a ela e a Eli a apaixonarem-se; imaginei-os a separarem-se e a nunca mais se falarem. Todas as possibilidades se espalharam como um baralho de tarô, e não havia como saber quais as cartas que estavam corretas. As suas contas nas redes sociais tinham desaparecido e não havia qualquer rasto digital que ligasse o nosso passado comum ao seu presente.

Por fim, foi Sam quem o viu – um novo livro de capa dura, um livro de memórias sobre um assassínio, de uma escritora estreante chamada Laura Cordovan.

Cordovan.

Eu conhecia esta história. Conhecia-a bem. Procurei-a e lá estava ela. Ela tinha estado sempre lá, escondida à vista de todos: as suas contas nas redes sociais, o seu *website*, o seu agente, uma longa leitura para o *The*

Guardian, um artigo no *The Bookseller*. Estava tudo ali, os últimos três anos da sua vida a abrirem-se, uma página de cada vez. A sua vida *online* é sol e morangos, gaivotas e praias de cascalho, cabanas brancas pintadas com cores de *marshmallow*. Ela parece feliz. Compra flores e livros em segunda mão e cafés em copos de papel, e lê poesia e escreve todos os dias. Procuo vestígios de com quem partilha a sua vida, um namorado ou um amante que se demore no limite da moldura, mas não há pistas. Talvez apenas um companheiro, talvez ela tenha finalmente cedido e deixado entrar outra pessoa.

Voltei a ler a sinopse. *Memórias profundamente pessoais... mãe assassinada às mãos de... análise poética do trauma... crítica ao True Crime contemporâneo... lírico, cru e resoluto...*

Típico, tão típico da Laura dar-me tão pouco. Mas isso não importa. As coisas agora são diferentes. Já não sou a noite para o dia dela. Já não sou uma assassina – se é que posso reivindicar um título tão auspicioso.

Não. Somos iguais, pares. Deslizo o livro dela de volta para a prateleira e do meu *tote bag* tiro uma cópia de prova do meu próprio livro. Cuidadosamente, com marcador – nada de esferográficas para a Sra. Laura Cordovan –, escrevo uma dedicatória personalizada na primeira página do meu livro, o projeto que iniciei naqueles solitários turnos noturnos de dezembro, mais tarde reforçado pela minha correspondência com Lee Frost.

*Querida Laura,
Espero que estejas tão entusiasmada por ler o meu,
como eu estou por ler o teu.
Tua amiga e fã,
BROGAN ROACH xxx*

Encosto-o ao meu coração por um momento. Quando a Laura ler o meu livro, verá o cuidado e o amor que pus em contar a nossa história, o tempo que passei a conhecer o Lee Frost, as cartas que trocámos, a amizade que floresceu, os pormenores que só ele me podia dar. Ela compreenderá que, afinal, não somos assim tão diferentes. Cada uma de nós tem a sua história para contar.

Guardo o exemplar de *Summer of Frost: Walking in the Shadow of the Stow Strangler*, de Brogan Roach, ao lado de *Their Inconsequential Moments Were Beautiful*, de Laura Cordovan. Os nossos livros ficam bem juntos, lado a lado.

Pela primeira vez em anos, a nossa ligação obscura acende-se. O ar do mar agita os espanta-espíritos, e a porta da frente abre-se. Quando ela entra no *hall*, respiro fundo e sinto o cheiro das rosas.

Agradecimentos

É um pouco avassalador pensar em quantas pessoas brilhantes ajudaram a tornar este pequeno livro horrível acontecer. Em primeiro lugar, um enorme obrigada à minha agente, Zoe Ross, e à minha incrível editora, Bethany Wickington, por terem dado uma oportunidade a uma aberração como eu, e obrigada à Olivia Davies por ter tomado o lugar da Zoe quando foi necessário.

Muito obrigada às maravilhosas equipas da Hodder e da United Agents, incluindo Steven Cooper, Drew Hunt, Kerri Logan e Callie Robertson (especialmente a vossa propensão para os caracóis). Ellie Wheeldon, pelos seus conhecimentos de áudio, e a Emma Noakes e Victoria Blunt por darem vida a Roach e Laura. Sharona Selby, obrigada pelas suas capacidades de revisão de texto, e obrigada a Lewis Csizmazia por ter criado a nossa capa tão brilhante e apelativa. Obrigada à minha editora americana Luiza Smith e à equipa da Scarlet, e também à Caroline Eisenmann.

Gostaria de agradecer a Andrew Cowan, Henry Sutton e Giles Foden da UEA, e a Robert Graham da MMU, por toda a sabedoria que continuo a praticar na minha escrita. Também gostaria de agradecer aos meus colegas do *big group* por facilitarem a escrita deste romance, dando-me graciosamente a dádiva do tempo, e por todo o apoio e entusiasmo contínuos. Vemo-nos no Pig & Whistle.

Eternos agradecimentos a Julia Armfield, Eliza Clark, Will Dean, Catherine Ryan Howard, Erin Kelly e Catriona Ward pelas vossas amáveis palavras e generoso apoio inicial. Isso significa muito. Da mesma forma, muito obrigado aos livreiros e aos primeiros leitores por aplaudirem *Morte de Uma Livreira* com tanta paixão – é surreal e maravilhoso e não tenho palavras para vos agradecer.

Muito amor e gratidão a Anna Wood, Andy Morwood e Cat por mais de uma década de amor, apoio, *feedback* e encorajamento – e um agradecimento especial a Eugene Noone, cuja luz brilha em cada palavra. Amor e carinho para a minha linda Emily Hatzar, por ser a minha primeira e mais querida leitora, e obrigada a Kishani Widyaratna pela sua sabedoria quando mais precisei dela. Agradecimentos infinitos a Kirsty Logan e Heather Parry por todas as conversas estimulantes, e a Jordan Taylor-Jones por todas as notas de voz. Amor e doces recados para os meus amigos próximos e distantes, particularmente para Bethany Rutter, Beth John-Bernier, Bret Boyer, Dominic

Noble, Jenny Tighe, Nisha Ranshi e Sian Granville. *Emoji* de coração preto, *emoji hang loose*.

Muito amor e obrigada de todo o coração à minha querida família por acreditar sempre em mim como escritora. Um agradecimento especial à Gina e ao Pete por tudo, e ao Henry, à Angela, ao Steve e à Jane por tudo o resto.

E, finalmente, obrigada ao meu doce e brilhante marido Alex Clements, com amor e simpatia mútua. Não o teria conseguido sem ti.

Contents

1. Ficha Técnica
2. Prólogo
3. Setembro de 2019
 1. Roach
 2. Laura
 3. Roach
 4. Laura
 5. Roach
 6. Laura
 7. Roach
 8. Laura
 9. Roach
 10. Laura
 11. Roach
 12. Laura
 13. Roach
 14. Laura
4. Outubro de 2019
 1. Roach
 2. Laura
 3. Roach
 4. Laura
 5. Roach
 6. Laura
 7. Roach
 8. Laura
 9. Roach
 10. Laura
 11. Roach
5. Novembro de 2019
 1. Laura
 2. Roach
 3. Laura
 4. Roach
 5. Laura
 6. Roach
 7. Laura
 8. Roach
 9. Laura
 10. Roach

11. [Laura](#)
12. [Roach](#)
13. [Laura](#)
14. [Roach](#)
6. [Dezembro de 2019](#)
 1. [Roach](#)
 2. [Laura](#)
 3. [Roach](#)
 4. [Laura](#)
 5. [Roach](#)
 6. [Laura](#)
 7. [Roach](#)
 8. [Laura](#)
 9. [Roach](#)
 10. [Laura](#)
 11. [Roach](#)
 12. [Laura](#)
 13. [Roach](#)
 14. [Laura](#)
 15. [Roach](#)
 16. [Laura](#)
 17. [Roach](#)
 18. [Laura](#)
 19. [Roach](#)
 20. [Laura](#)
 21. [Roach](#)
 22. [Laura](#)
 23. [Roach](#)
 24. [Laura](#)
 25. [Roach](#)
7. [Epílogo: Parte 1](#)
8. [Epílogo: Parte 2](#)
9. [Agradecimentos](#)

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title-Page](#)
3. [Table of Contents](#)
4. [Preface](#)
5. [Acknowledgments](#)